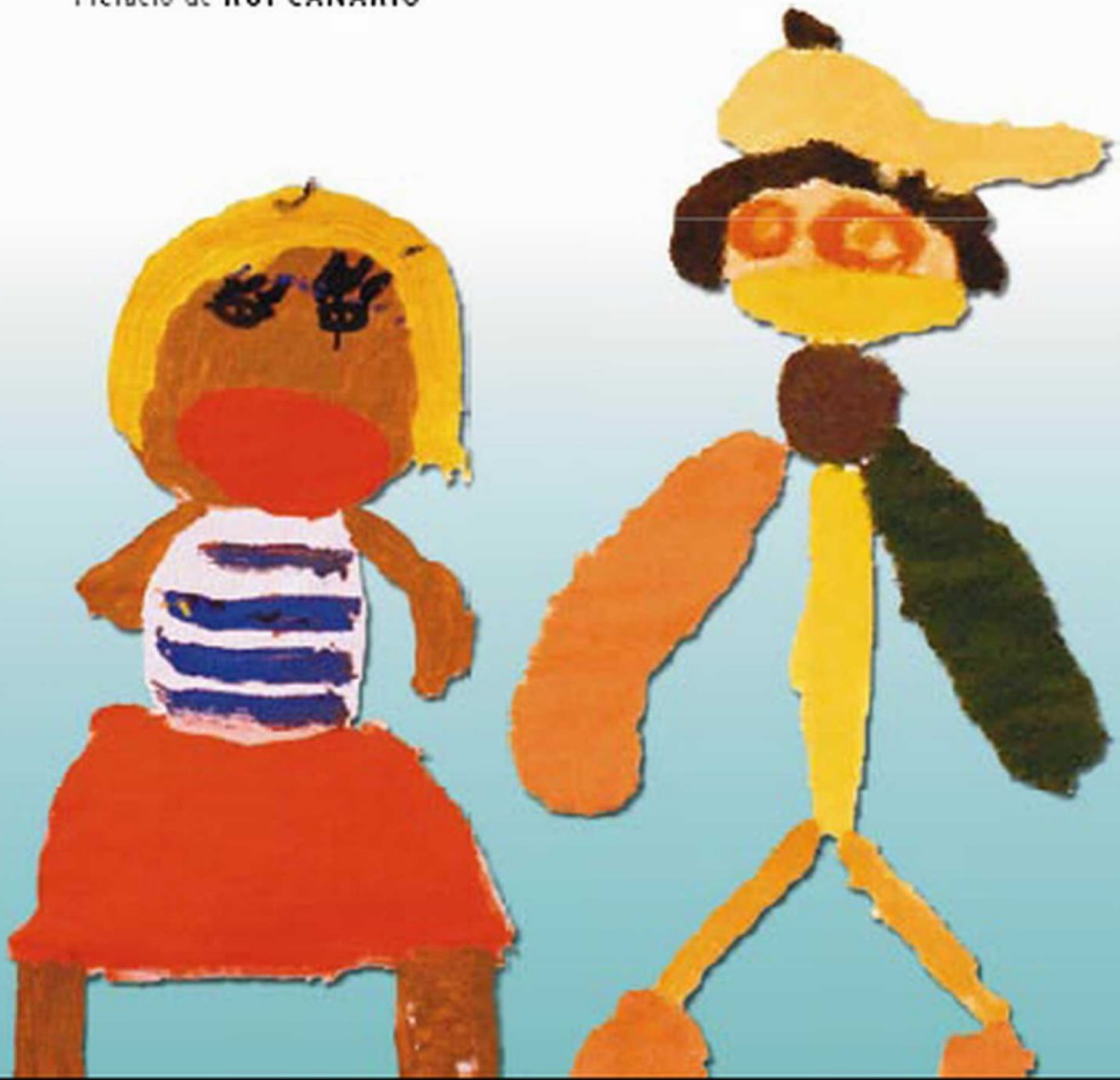
PASCAL PAULUS

A ESCOLA FAZ-SE COM PESSOAS

Undi N ta Bai?

Prefácio de **RUI CANÁRIO**



Ficha técnica da versão impressa de 2006
Título: A escola faz-se com pessoas. Undi N ta Bai
Autor: Pascal Paulus
Edição: PROFEDIÇÕES lda / Jornal a Página
Capa: SerSilito com base em desenhos de Gisela Simões e Hugo Pereira
Tiragem: 1000 exemplares
Deposito legal: 243352/06 ISBN: 972-8562-24-1

Profedições Lda / Jornal a Página da Educação
livros@profedicoes.pt http:// www.apagina.pt

Versão electrónico revista em 2026 gratuitamente disponibilizado pelo autor sob licença da creative commons CC BY-NC-ND 4.0

Pascal Paulus

A escola faz-se com pessoas

Undi N ta Bai?

Com prefácio de Rui Canário

(Revisão 2026 em e-book)

Às meninas e aos meninos
a quem se nega a democracia
e os direitos de cidadania,
dentro e fora da escola

Nota de abertura nesta revisão

Esta revisão, agora, porquê?

A minha amiga Marta Comparada anunciou-me há pouco tempo ter aceite uma colocação numa turma que em muito lembrava a turma na qual vivi as minhas aventuras na escola da Outurela-Portela e que entretanto mudou de nome.

Achei estranho. O livro foi escrito há quase vinte anos e relata um ano de trabalho de há mais de quarto de século. A escola continuava a promover a divisão em castas que na altura encontrei?

Pelo que a minha amiga me contava, parecia-me que ela tinha feito um salto para trás no tempo e ficou em 1999.

Depois, claro, lembrei-me. Fernand Oury dizia: "somos os Cro-Magnon da pedagogia, lascamos os nossos utensílios". Para logo a seguir avisar que nas coisas da educação temos que contar por séculos, não por anos. Ou seja, meio século são talvez só alguns utensílios lascados pelos poucos Cro-Magnon da educação que trabalham lá onde são mais precisos. Ainda não se vislumbra o Homo Habilis de *Uma outra educação é possível.*

Mas naquele local cada vez mais, e não cada vez menos, ao serviço da segregação para separar quem vai mandar numa sociedade ultra-liberal de quem vai ser nela mandado, alguns continuam obstinadamente a fazer diferente. Querem pôr estes

utensílios a disposição de quem aprende a descobrir que também é humano e portanto também consegue tomar a palavra em vez de ser rotulado de animalesco pelos bem-pensantes que vivem longe de uma realidade que recusam de ver.

A minha amiga dizia que estava a reler este livro e que queria conversar comigo. Pensei que talvez seria bom relê-lo eu também para ver se não seria melhor de a aconselhar algo mais recente.

A minha consternação foi aumentando a medida que me aproximava de *Modi ke djudam*. O que pondero no fim de *Grandi i Pikinote* e tudo que vem a seguir está ainda aquém do enorme distanciamento de programas e formação de professores e das crianças escolarizadas de quem fala a minha amiga. E isto a pesar de algumas tentativas de quem realmente se debruça sobre os focos de pobreza e das conceptualizações frequentemente pouco humanistas da palavra cidadania.

A hipótese de ver dividida uma nação entre os que têm que aprender a obedecer e os que tem que aprender a se fazer obedecer é hoje mais visível do que há vinte anos. A taylorização da escola parece estar mais presente hoje. Só falta automatizar mais o controlo sobre quem só tem que aprender o essencial como dizia Lasalle, aprender a ser um bom e humilde trabalhador, aprender a ser um pobre feliz como advogava Pestalozzi.

Entristece-me saber que a minha aventura na Outurela e Portela seja um apoio para quem está numa escola público hoje.

Alegra-me saber haver obstinados Cro-Magnon a aceitar o desafio

para hoje continuar a colocar o seu saber-fazer ao serviço das crianças com quem poucos querem trabalhar. A escola convivial de que Illich sonhava é mais do nunca necessário. Precisamos dum espaço institucional assim. De Sélys e Hirtt diziam em 1998, portanto ontem: *"Já conseguiram isolar as pessoas nos seus carros. Encarcerá-las nas suas habitações frente aos seus televisores. Desmantelaram as grandes fábricas. Um dos últimos bastiões onde as pessoas ainda se podem encontrar, falar, unir-se, é a escola*".

Para conseguir a tal escola convivial é melhor não fugir para nebulosas fantasias. Illich não fala de uma sociedade sem escolas, mas da desescolarização da sociedade. É algo bem diferente. Um espaço-tempo formal, onde as crianças têm que estar é um bom sitio para em conjunto começar a instituir as instituições que ajudam. O Conselho, o espaço onde o mundo de fora se consegue misturar com o mundo de dentro, os projetos de intervenção dentro e fora ajudam os aprendentes no grupo, ou seja, as crianças e os adultos envolvidos, para se encontrar pouco a pouco.

E assim, ao reler o texto e ouvir a minha amiga, percebi que dum livro que pensava ser obsoleto, talvez ainda algumas passagens ajudam para a reflexão de quem está hoje na prática.

De passagem aproveitei para corrigir algumas gralhas e atentados ao português que só comecei a praticar há quarenta anos. Certamente ficaram outras gralhas e imperfeições para outra revisão. Quem sabe tenho que voltar a folhar o livro de aqui vinte anos.

Alqueva, 10 de maio de 2026

Prefácio

"Sem projeto não há questionamento,
sem questionamento não há projeto"

O livro agora publicado pelo Pascal Paulus, cujo processo de produção pude acompanhar e que tenho o privilégio de prefaciar, é a explicitação de um *projeto* (o percurso profissional do autor) e de um *questionamento* (a interrogação permanente, a curiosidade, a pesquisa sobre o exercício profissional). É o percurso invulgarmente rico de um professor do primeiro ciclo do ensino básico que se iniciou na profissão há mais de um quarto de século. Exerceu-a em diferentes países e contextos, participou de movimentos pedagógicos (Pedagogia Institucional, Movimento da Escola Moderna) e privou com figuras marcantes da pedagogia contemporânea (Fernand Oury, Sérgio Niza). Trabalhou alternadamente com públicos muito diversos (crianças e adultos). Conheceu diferentes instituições (a escola pública, associações e cooperativas). Foi educador na escola e no campo da formação profissional. É esse percurso que, num exercício de balanço retrospectivo, este livro nos devolve, combinando um registo autobiográfico com uma explicitação de práticas profissionais.

Neste texto, que visa incitar os professores e todos os que se interessam pela educação a ler e a aprender com este livro, procurarei mostrar por que razões ele é *importante*, *oportuno* e *necessário*.

Diz a sabedoria popular que "quem está dentro do convento é que sabe o que vai lá dentro". Muitos escrevem e se pronunciam sobre a escola sem que para tal tenham qualquer conhecimento ou competência. Os professores falam e escrevem pouco. Este livro é um contributo importante para conhecer a nossa realidade escolar e compreender o que pode ser o exercício competente e rigoroso do ofício de professor. O testemunho do Pascal é muito importante porque ele fala daquilo que sabe e sabe daquilo que diz, porque escreve a partir da explicitação e da reflexão sérias sobre o que faz. É um testemunho sólido e rigoroso produzido do "interior" da escola. A experiência que mais longa e minuciosamente nos é relatada diz respeito a uma escola do 1º ciclo, situada na periferia urbana de Lisboa, em que habitam os modernos "condenados da terra". As condições do bairro, a origem social e étnica dos seus habitantes, a relação dos alunos e das famílias com a realidade escolar, definem um contexto particularmente difícil que convida ao desânimo e justifica o insucesso. Mas não é isso que acontece: a descrição das actividades escolares devolve-nos a imagem de um professor que gosta do que faz e de alunos que aprendem a gostar da escola e realizam as aprendizagens que ao ensino público cabe

proporcionar. A leitura da narrativa do Pascal permite compreender o "milagre" (que não é, felizmente, caso único).

A escola que nos é apresentada é literalmente "invadida" pelos problemas sociais que correspondem à dura realidade do bairro. No "Contar, ler e mostrar": "O Luís anuncia que a mãe está grávida. A Cláudia pergunta logo se é do marido"; "o pai da Mafalda ficou bêbado"; "O José conta que tiraram o fio de ouro à mãe, o Luís pergunta se eram pretos, a Guida conta que roubaram um anel à mãe e o carro do tio"; "A Cláudia anunciou que o primo saiu da prisão e que estava muito contente". Como explica o Pascal o que se falou neste espaço ("os tios e os primos presos, por assaltos, ou por ter a cor errada no lugar errado") teve consequências muito importantes. A atitude de escuta não moralista tornou possível criar a confiança mútua e fazer da experiência dos alunos material de estudo. Daqui nasceram muitos momentos de pesquisa. Esta postura pedagógica só é compreensível à luz da imersão e da empatia criada pelo professor com o bairro e as famílias. Conta o Pascal: "A padaria era, no primeiro ano de trabalho, um bom local para começar reuniões de pais. Consegui muitas vezes aí, ou na mercearia ao lado, falar com os encarregados de educação. Pouco a pouco a padaria tornou-se um sítio onde me eram dados recados".

Esta "abertura" ao contexto social da escola é uma condição necessária para criar situações pertinentes de trabalho dentro da escola e da sala de aula, sem as quais as aprendizagens não se

verificam. E em que consiste esse trabalho? Numa relação entre pessoas que aprendem a gostar e a dar sentido àquilo que fazem, numa relação nem sempre fácil. Há problemas de indisciplina e desinteresse. O professor anota no seu diário: "Estamos em crise. Há dois dias que não há "Contar, ler e mostrar" por causa do barulho." Há conflitos, o professor é além de profissional uma pessoa e tem, portanto, "angústias e alegrias", "chateia-se", "irrita-se" e apaixona-se por aquilo que faz. Estudioso e competente do ponto de vista didáctico, o professor utiliza o material "cuisenaire" no ensino da Matemática, propicia às crianças o uso do Logo e a prática da programação. Faz da produção escrita um aspecto central e estruturante do trabalho escolar:

> *"Quando as crianças perceberam que a palavra escrita as pôs em comunicação com outros, vivendo nalguns casos realidades bem diferentes das deles, a publicação tornou-se uma obsessão: além do jornal da turma com publicação regular mensal, foi a correspondência com outros alunos e muitos adultos, o correio electrónico, os jornais especiais, a escrita de duas peças de teatro e, em meados do 2º ano de trabalho, o lançamento do Sítio da turma na Rede"*

O trabalho, dos alunos e dos professores não tem é que ser necessariamente penoso e desprovido de sentido. O professor, explica o Pascal, não é um operário especializado que molda os alunos como se eles fossem matéria-prima, nem a escola uma linha de montagem taylorista. Há quase um século também um professor universitário chamou "maluco" a António Sérgio por ele

defender a liberdade e a educação pela autonomia. Para o crítico (hoje ignorado), educar equivaleria a "fabricar um pote". O mestre-escola seria o "oleiro" e o educando a "matéria prima". Hoje o mesmo crítico chamaria ao Pascal "filho de Rousseau" ou "romântico" (sempre é mais meiguinho..!). A verdade é que a eficácia e o rigor didácticos revelados no relato das práticas pedagógicas do Pascal acompanham uma permanente preocupação com a promoção da autonomia de quem aprende, conferindo ao professor um papel facilitador decisivo: "Comprei um pequeno caderno, tipo agenda de bolso, para cada um dos alunos, para construírem um mini dicionário personalizado, em que vou escrevendo as palavras que me pedem para os textos livres deles".

A preocupação e o sucesso com as aprendizagens "básicas" dos alunos não se inscrevem numa prática que reduz a educação básica a aprender a ler escrever e contar. Os alunos, que para este professor, são primeiro que tudo e sempre, *pessoas*, aprendem na escola a praticar a democracia e a fazer valer os seus direitos. Aprendem a fazer política, intervindo nos problemas do bairro ou publicando um caderno especial sobre as mulheres que no Afeganistão se opõem aos Taliban. Relata o Pascal: "Em mais do que uma ocasião as crianças aprenderam, sem aulas de cidadania com horário marcado". Foi na acção que "crianças de quem se dizia precisarem de apoios, de intervenções, de especialistas em bairros complicados, se tornaram *políticos*".

Comecei por sublinhar a importância deste livro. Importa agora evidenciar a sua *oportunidade*. Vivemos um tempo em que, como cogumelos, proliferam os que opinam sobre a educação num registo que o António Nóvoa chamou o "grau zero" do pensamento sobre a escola e que a Angelina Carvalho, numa feliz inspiração classificou de "treinadores de bancada" (às vezes também acertam, tal como os relógios parados estão certos duas vezes por dia). De uma forma clara e densa, Pascal Paulus devolve-nos a complexidade profunda do processo de ensino-aprendizagem na escola pública dos nossos dias. Sem simplismos, nem dicotomias redutoras. A educação não é reduzida à escola nem o trabalho escolar se esgota na didáctica. Com a humildade intelectual que é apanágio de quem produz algo, mais do que respostas, o Pascal interroga-se e interroga-nos. Mais do que certezas, tem dúvidas e perguntas. Como qualquer educador competente e sério, o Pascal não é proprietário das "chaves da aprendizagem". As respostas que vai construindo são provisórias e sempre sujeitas ao crivo do exame crítico. É essa humildade que lhe permite reconhecer e estar disponível para aprender com as crianças e com as famílias com quem trabalha. Todos são pessoas e, nos seus diferentes papéis e na assimetria das suas posições, todos têm a aprender e a ensinar. Citando uma frase atribuída a Einstein, Pascal afirma que o único lugar onde o "*sucesso*" precede o "*trabalho*" é ... no dicionário. Mas, evocando de novo a sabedoria popular, todos sabemos que trabalhar por gosto não cansa. Por

que não tentar?

A oportunidade desta obra é particularmente evidente num momento em que muitos interesses se movem contra a escola pública. O testemunho do Pascal é um exemplo motivador para os que se batem por uma escola pública para todos e com "as qualidades" que lhe permitam (e já não é pouco) aumentar os níveis de intolerância às injustiças, às desigualdades e às variadas formas de dominação.

Esta obra é importante, é oportuna e é, ainda, *necessária*. Vivemos um tempo difícil para os professores, transformados no bode expiatório de todos os males que afectam os sistemas escolares. A classe docente é hoje, de forma persistente e continuada, humilhada e ofendida. É preciso e é urgente que os professores tomem a palavra. Como o fez o Pascal com a autoridade que retira das suas práticas e do património de ideias que o inspira (Oury, Freinet, Illich, Freire e tantos outros).

Obrigado Pascal.

Rui Canário
Lisboa, 20 de Abril de 2006

O que encontrará... ou talvez não

> *É importante afirmar que os que negam a mim pedagogicidade, afogada e anulada, segundo eles, no político, são tão políticos como eu. Só, obviamente, que em opção diferente da minha.*
>
> *Paulo Freire*

O crioulo no título deste trabalho deriva do simples facto que as crianças de Outurela e Portela e os seus familiares me "obrigaram" à escrita de um diário. Provocaram em mim a inquietude que originou o texto que segue. Devo-lhes o agradecimento, expresso através de uma simbólica referência à língua e cultura de muitos entre eles.

"*Schrijven is schrappen*" dizia o escritor neerlandês Godfried Bomans. "Escrever é riscar". Apercebi-me agora do doloroso desta afirmação. Depois de 6 versões, 5 reduções e 2 rescritas, eis um documento... demasiado comprido.

Agradeço a todos que me corrigiram e apoiaram a cortar e rescrever e invoco a paciência de quem lê. Estou disponível para continuar a aprender como dizer o mesmo com menos palavras.

Uma narrativa retrospetiva, duas histórias a partir dum diário de bordo e alguns comentários, é a proposta em 4 andamentos:

Undi N ta bai? Para onde vou caminhando?

Tento centrar o problema. A pergunta que se coloca é como me tornei consciente do isomorfismo que existe na actividade de formador de crianças ou de adultos, quando se centra o trabalho na aprendizagem da pessoa.

Undi N ta bai? *N ta deslokadu.* Para onde vou caminhando? Estarei mesmo deslocado?

Kristiaan Magnus mencionava, como provocação, 100 razões para não mudar nada[1]. Era fatal, tinha que me encontrar com ele, como me fui encontrando com muitas pessoas que, mesmo assim, optaram por mudar coisas. Em grupo mudámos algumas: criámos uma escola, alfabetizámos pessoas num país que pretendia não ter analfabetas dentro das suas fronteiras, juntámos adolescentes e reformados no mesmo espaço a interagir, procurámos obstinadamente trabalhar com crianças e adultos na escola pública, investimos nas mulheres para reatar o tecido social rasgado, nas zonas onde elas ainda moram, quando eles estão à procura de trabalho longe da terra. Uma reflexão, "Confesso que vivo...".

Grandi i Pikinote. Grandes e pequenos...

Na minha aventura formativa, a passagem pela escola de bairro foi muito importante. Qualquer momento de formação é uma síntese de todos os momentos anteriores. Quando, em finais de 2002,

---

[1] Magnus, Kristiaan (1983: 148) Gosto particularmente da razão 47: "Vamos ter que encarregar um grupo de trabalho para estudar o assunto".

acabávamos de ler a história de uma gaivota e do gato que a ensinou a voar[2], senti que não só todas as Ditosas da turma cresceram, mas também o próprio Zorbas: se elas aprenderam a voar, ele reforçou a rede, depois de se ter encontrado "à beira de um ataque de nervos". A reflexão baseia-se no diário de bordo "Cativado entre Outurela e Portela", como se se tratasse de um "close-up" pormenorizado dez meses dum percurso profissional que começou em 1977.

O léxico, incluído no fim do livro, explicita alguns termos que, no contexto da sala, têm um sentido específico.

Modi ke djudam. Como é que me ajudaram.

Ajudaram-me de facto, os grandes e os pequenos de Outurela, depois de outros grandes e pequenos, introduzindo novos grandes e pequenos. Reforçaram algumas das minhas ideias. Modificaram outras. Abriram pistas para novas experiências. Retiro algumas conclusões, ciente que a aprendizagem passa por "*um conjunto de propostas assentes na perspectiva de que a mudança mais consistente de métodos e de atitudes decorre da experiência profissional em curso e construí-se por reflexão crítica sobre problemas reais e em negociação cooperadas dos interventores e formadores.*"[3]

Termino com três breves notas em *"Uma outra educação é possível"*.

---

[2] Sepúlveda, Luís (1997).

[3] Niza, Sérgio (1997: 81).

Undi N ta bai

> *Os limites da Utopia são um cerco chamado realidade e nós poderemos ficar a saber que esta nossa prática tem um longínquo horizonte. Não se pode afirmar que o revolucionário seja utópico. O que sucede, isso sim, é que o utópico acaba por ser revolucionário.*
> *É necessária essa revolução, porque a pedagogia estagnou em fórmulas obsoletas, em práticas antiquadas, em princípios arcaicos.*
>
> *Miguel Ángel Santos Guerra*

O adulto, formador em formação

Trabalho desde 1977 na formação, com públicos de idades variadas entre os 6 e os 83 anos. Trabalhei em contextos extremamente variados, dos mais informais aos mais formais, como a escola pública, com todas as suas normas e regras. Há já algum tempo, penso que, em termos metodológicos, provocar processos de aprendizagem entre adultos ou entre crianças, se rege pelos mesmos mecanismos. Convenci-me que um formador é[1]:

a) um promotor da organização, desencadeada e prosseguida pelos formandos com apoio discreto e eficaz do formador;

b) um emancipador dos formandos pela maneira como estimula a

[1] Como afirma Sérgio Niza (1997: 35)

autonomização e explicita a responsabilização nas acções em que se envolvem e onde progridem;

c) *um dinamizador do processo negocial de cooperação;*
d) *um animador cívico do grupo de formação, reforçando os acordos, sublinhando os esforços coordenados, articulando ideias e propostas, facilitando a construção de regras de âmbito operacional e moral;*
e) *um auditor activo de cada formando e do grupo de formação de modo a estimular, propiciar ou libertar a fala e o exercício do pensamento divergente, da atitude crítica, do procedimento negocial para a busca de convergências na tomada de decisões democraticamente fundadas.*

Parece-me que os contextos formais, em que o espaço e o tempo de formação se inserem, não têm influência proibitiva, ainda que possam condicionar decisivamente o rumo dos acontecimentos. Como formador é-se certamente condicionado pela sua própria história de vida, profissional e pessoal e pela maneira como se encaixa esta história no seu percurso de trabalho com os aprendentes, crianças ou adultos.

A relação entre o próprio educador ou professor, os aprendentes adultos ou as crianças e a formação ou o ensino-aprendizagem é caracterizado por 6 elementos[2]:

1. *O Adulto é portador de uma história de vida.*
2. *A Formação é sempre um processo de transformação individual.*

---

[2] Canário, Rui (1999: 21).

3. *A Formação é sempre uma mudança institucional.*
4. *A Formação é trabalhar colectivamente em torno da resolução de problemas.*
5. *A Formação deve mobilizar conhecimentos transversais.*
6. *Como afirma Sartre: o homem caracteriza-se por ultrapassar as situações."*

E é à volta destes tópicos que colegas e pessoas que com quem trabalho me interpelam com questões e provocações do género:

– No ensino público as regras são diferentes, não dá para trabalhar como no privado.
– Não tens tido com certeza a mesma liberdade de acção nas escolas privadas onde trabalhaste.
– Trabalhar como formador de adultos é uma coisa muito diferente de ser professor, com excepção da alfabetização….
– Na Bélgica está bem, mas aqui em Portugal é diferente.
– Deves ter mais facilidades aqui do que num país como a Bélgica, não?
– Vais ver que a ideia de ser a mesma coisa trabalhar com adultos ou crianças desaparece quando trabalhares num "daqueles bairros" muito complicados.
– Um trabalho de construção de cidadania, nas zonas suburbanas? Achas que é possível?
– Trabalhar com os pais, a partir da escola não é formação. É "encarcerar" os pais numa visão fechada de formação escolástica.

– O trabalho emancipatório faz-se fora da escola.

São óptimos pontos de partida para novos desafios. Mais recentemente, ao trabalhar em simultâneo como sócio na SEIES[3] e no MEM[4], a ideia de isomorfismo na intervenção formativa tornou-se mais consistente em mim.

Perguntas e observações, como as atrás referidas, levaram-me a escolher a escola de Outurela e Portela para uma nova incursão no trabalho com crianças e posteriormente com adultos, depois de 4 anos de formação exclusivamente dirigida a adultos.

Por já saber que não é difícil "ocupar" um grupo ensinando-o, recusei-me, como o fiz anteriormente, optar por esta solução. Queria, como em situações anteriores, descobrir as vontades das pessoas, para facilitar o processo de aprendizagem deles.

Acontece que as vontades dos grupos de pessoas em contextos formais são estranhas. Deparei-me com um grupo de crianças que afirmava ter vontade em "ser ensinado" apresentando uma visão distorcida do processo de aprendizagem, reproduzindo os modelos comumente em vigor, para agudizar a situação de

---

[3] Sociedade de Estudos e Intervenção em Engenharia Social, Crl. Cooperativa criada nos anos 80 com o objectivo de intervir com as pessoas no seu meio, reinventando interacções, projetos, actividades e intervenções.

[4] Movimento da Escola Moderna. Associação de profissionais da educação, activa desde 1966, que apresenta um modelo de ensino-aprendizagem sócio-centrado, aperfeiçoado constantemente através de grupos de trabalho isomórficos aos organizados na prática, promovendo auto-formação cooperada.

conflito.

No início foi muito duro e houve momentos em que não sabia se ia conseguir implementar a linha de trabalho que sempre pensei ser possível desenvolver com qualquer grupo. Comecei a escrever o meu diário de bordo, como estratégia de sobrevivência. Quatro anos mais tarde, parecia-me que este grupo de alunos me tinha ajudado a dar um salto qualitativo como formador e professor, reforçando a ideia de abrangência da metodologia que optei utilizar.

A agitação inicial e atual

De forma provocatória, Fernand Oury e Aida Vasquez observam que a ordem é *não mudar nada antes de mudar tudo*, quando se trata de trabalhar a mudança institucional, seja ela na escola, numa outra instituição ou na sociedade em geral. E continuam dizendo que "os *professores primários não têm de se mexer: os defensores da escola detestam a desordem; o ministro detesta as experiências 'anárquicas e mal coordenadas...' que os revolucionários condenam em nome do marxismo. Estas tentativas nas escolas, são desordem, ilusão reformista, desculpa"*[5].

Ao longo da apresentação do seu trabalho, contrapõem esta posição quase fatalista, de imobilismo imposto.

A agitação inicial que senti como aluno, ainda que não questionando abertamente, mas procurando perceber o conforto

---

[5] Oury, Fernand & Vasquez, Aida (1977: I 34)

e o desconforto que a escola produzia em mim, fez-me estar atento a observações e intervenções acerca da escola, quando atingi a idade de escolher a minha profissão. Nesta altura, já tinha alguma experiência informal de trabalho com outros adolescentes, acabando por nos formar mutuamente, ainda que de vez em quando tivéssemos o enquadramento de professores especializados na matéria em estudo. A forma indirecta como contactei com a pedagogia institucional, através do meu pai, e pelo encontro com o grupo de Paris, que escrevia e publicava monografias, sob o lema de só contar o que se tinha feito, teve um efeito importante no sentido de me provar que aquela agitação toda que sentia em mim, não me era exclusivo e que escrever uma monografia não só fixava uma história, como ajudava o próprio de perceber como se evoluiu para uma determinada situação.

Continuo a ter dificuldade em admitir a existência de uma 'Ciência da Educação' elaborada, abrangente, terminada. "*Neste domínio, vale mais confessar que estamos na pré-história. Deste modo, reivindicativos, obstinados, agressivos, grosseiros, intoleráveis, inadaptáveis, recusando a bonita linguagem e o floreado filosófico dos nossos mestres, Cro-Magnon da pedagogia, talhamos incansavelmente os nossos sílex, os utensílios que poderão servir a outros*"[6].

Todas as instituições por onde passei tinham as suas

[6] *Idem*, (1977: I 65)

contradições.

A Escola Normal, onde um grupo de professores tentava abrir-nos horizontes apontando caminhos de investigação-acção em pedagogia e na didáctica de algumas disciplinas, mas que ao mesmo tempo salvaguardava todo o contexto normativo que obriga a relações hierárquicas muito rígidas entre directores, inspectores e professores, provocava um constante vai e vem entre propostas de inovação e manutenção de rituais.

Depois do curto tempo na escola pública belga, comecei a trabalhar numa escola particular, criada por pais (e posteriormente reconhecida e integrado na rede de escolas laicas públicas do estado), onde me confrontei com outra contradição: tinha que normalizar relações entre crianças que tinham passado por uma experiência de total ausência de poder instituído, o que fez com que os mais despachados se instituíram, com as suas regras arbitrárias, no poder. Este período faz-me conhecer, primeiro, realidades de escolas urbanas na Holanda, mais tarde na Itália, e ainda mais tarde, em Portugal, sobretudo na área de Lisboa.

O trabalho numa outra escola semi-privada fez-me ver outra limitação importante na agitação para a mudança: comecei a perceber que só se mudam práticas pedagógicas com as pessoas e nunca para as pessoas. As tentativas para formar equipas pedagógicas que discutem e reflectem acerca do seu trabalho não tiveram grande resultado. Aliás, as motivações de quem

encomendava o trabalho também não iam muito longe.

Mas, com alguns companheiros do MEM somos capazes, noutros contextos, na escola pública, de voltar a mostrar que é possível trabalhar. "*Em 5 anos, foi feita uma demonstração: A 'Nova pedagogia popular', nascida 30 anos mais cedo, não está, por essência, reservada aos filhos dos camponeses. Ela aí está, disponível. Que não me venham dizer: 'Estes métodos Freinet, ah sim! Está muito bem... no campo...', que eu seria capaz de perguntar inocentemente: 'Porquê?', sabendo muito bem o que iriam pôr em questão*"[7].

Uma outra agitação que tem constantemente estado presente na forma como actuo[8], passa pela mudança de trabalho: já no período belga, passei, como mais adiante relato, da escola para a formação de adultos. A necessidade de experimentar a formação em contextos diferentes, fez com que fosse trabalhar no desenvolvimento local, depois de ter estado 4 anos na escola. A criação de uma associação de professores, para, com os grupos da pedagogia institucional como referência, promover momentos de auto-formação apoiada na prática de outros – o que mais a frente irei conhecer como auto-formação cooperada, quando me ligar ao MEM – fez-me interessar também pelo trabalho com adultos, havendo os grupos de alfabetização como primeira entrada.

---

[7] *Ibidem,* (1977: I 134)

[8] Escrevi isso em 2005, Desde 2024 estou reformado, mas continuo a achar que é proveitoso diversificar a ação profissional.

A vinda para Portugal manteve-me neste vai e vem entre a profissão de professor de 1º ciclo e de formador no contexto do desenvolvimento local. Passei novamente 5 anos na escola, depois dos quais trabalhei 3 anos numa cooperativa. A ligação com o MEM fez-me optar por trabalhar no centro de recursos desta organização durante 2 anos, depois voltei à escola. No capítulo "Grandi i Pikinote" conto o primeiro ano de trabalho completo na escola pública em Portugal, base de análise para perceber em que medida os alunos me ajudaram na minha auto-formação.

Com 29 anos de profissão, sensivelmente metade com crianças e metade com adultos, normalmente em contexto de desenvolvimento local, procurei relacionar a escrita de monografias como as que encontrei na pedagogia institucional com a minha escrita dentro do Movimento, fazendo relatos de prática que pensava serem úteis para a formação cooperada. Quero integrar melhor a minha percepção do desenvolvimento local, apoiado em registos de amigos meus[9]. Esta necessidade de integração acontece numa altura em que a escola é alvo de muitas críticas vindas de todas as frentes políticas. As teorias que relacionam a formação com o trabalho e com o emprego têm cada uma contribuído para esta crítica à escola como instituição.

Como educador enquanto formador ou professor não me conformo. Continuo a acreditar que um modelo de trabalho

[9] Com especial destaque para o livro de José Hipólito dos Santos (2003)

isomórfico e não dependente da idade dos aprendentes, que os propõe tornarem-se instituintes da sua própria aprendizagem[10] possibilita a mudança.

À procura de um modelo isomórfico de trabalho educativo

Trabalhar com adultos e crianças: hipóteses de interferências

Utilizo um dispositivo de educação que se centra sobre a pessoa aprendente do qual quero ilustrar o isomorfismo.
Primeiro revejo e comento a minha experiência como pessoa, como formador e professor também, até começar a trabalhar na escola da Outurela, para documentar que: "*o ponto de ancoragem ou a matriz geradora das aprendizagens e do desenvolvimento é, naturalmente, a experiência "o passado do sistema", a anamnese cognitiva, uma história. É assim que avançamos no conhecimento, a partir do conhecimento anterior, do já vivenciado ou das práticas passadas e através de pausas críticas (Habermas, 1987), tomadas de consciência, metacognição ou avaliação*"[11].
A partir daí folheio o meu diário, retomando o percurso que fiz com os meus alunos alguns com 6, outros com 7 anos na altura. Foi um percurso de difícil relacionamento a partir de visões diferentes sobre a escola, a partir de uma vontade da minha parte de voltar a mobilizar um grupo de crianças para a sua

[10]Meignant (1999) refere esta instituição no trabalho com adultos.

[11] Niza, Sérgio (1997: 22).

aprendizagem, num contexto humanista. Analiso o confronto que notei no início do trabalho com este grupo, procurando aferir estratégias para chegar ao grupo primeiro, ao seu meio depois.

Contributos de um grupo de crianças: hipóteses na relação pedagógica.

A relação pedagógica que conto quando falo do trabalho com os alunos da Outurela, está baseada no conceito de formação cooperada. Para os alunos pode não ser claro, à partida, que se trata de um processo que valoriza a auto-formação, inclusive do professor. Implica portanto um processo de familiarização:

> *"Os grupos em formação cooperada e que fazem dessa matriz o primeiro centro de auto-formação grupal precisam de uma instância ou dispositivo de agregação das experiências, que constitua uma plataforma de inter-regulação das ações. Essa instância coletiva de coordenação transforma-se a curto prazo em instrumento multiplicador das ideias e regulador dos processos internos e externos, avaliador da qualidade das realizações propostas, e autocontrole das decisões partilhadas. A esse centro de tomada de decisões democraticamente negociadas chama-se, na escola moderna, o Conselho"*[12].

Justifica-se portanto ter focado, no diário de bordo, todas as referências aos instrumentos de regulação, pondo em destaque o Conselho nos seus vários momentos, interligado aos momentos

---

[12] Niza, Sérgio (1997: 31).

de *Contar, ler e mostrar* e alguns mais específicos relacionados com o «controle» das aprendizagens escolares.

Esta escolha permite uma leitura do processo de construção da relação pedagógica entre os alunos e entre os alunos e o professor. Evidencia a necessidade de estar em permanente escuta e autocrítica para procurar adequar as estratégias de intervenção da minha parte às reações das crianças. O percurso que relato não pode ser interpretado como o melhor possível neste contexto, muito menos como um modelo. Apeteceu-me antes descrever esta experiência que vivi, guardando o conselho "*Não dizer nada que não tenhamos feito*"[13] como linha condutora.

[13]Oury, Fernand & Vasquez, Aida(1977: I 35).

Undi N ta bai? N ta deslokadu

> *Se de meu projeto de acção política, por exemplo, excluo a ação educativa porque só depois da transformação é que posso me preocupar com a educação, inviabilizo o projeto. Se, por outro lado, enfatizo apenas a educação com programas de natureza técnica e / ou espiritual e moral não mobilizo e organizo forças políticas indispensáveis à mudança, o projeto se perde em bla-bla-blá ou vira puro assistencialismo.*
>
> *Paulo Freire*

Reflexões de um educador permanentemente deslocado.

Há uma certa ironia ao citar neste momento uma frase de Marie-Christine Josso, pronunciada num contexto de certificação e formação contínua: "*O ensino concebido a partir da lógica de uma disciplina parece-se muito com um tiro de canhão extremamente preciso, mas disparado sobre um objectivo não identificado. Se o docente foi convincente, eu digo para mim próprio: 'arrumamos isto no sótão, pode algum dia vir a servir*"[1]. De facto, tenho ultimamente rearrumado bastante o meu próprio sótão, e, nas caixas guardadas que comecei a abrir e espreitar, encontrei o material para construir o texto que segue, que será, espero eu, base de

[1] Josso, Marie Christine (2002: 99).

nova reflexão.

Confesso que vivo...

... com um piscar de olhos ao Pablo Neruda, que me entrou na vida, de rompante, pelos amigos refugiados chilenos, depois com o Mikis Teodorakis e o Canto General, no Casino de Oostende, e ainda com o carteiro, num cinema de Lisboa.

Com ele, aprendi como é bom ser levado pelas nossas paixões. A mim, as paixões traçaram-me o rumo da minha intervenção na vida. Sempre tive conversas apaixonadas: com os meus avos, com as minhas amigas, com os dois ou três amigos que me conquistaram, com as duas ou três pessoas que me influenciaram definitivamente, com pessoas com quem me cruzei por mais ou menos tempo. Estas conversas quase sempre me fizeram repensar o meu trajeto profissional, no sentido de me pôr novamente no caminho do questionamento, quando os quadros normalizadores puxam demais. Muitas das minhas ações resultam do afeto. O afeto com que encontrei a Pedagogia Institucional, com pessoas que me marcaram muito. Foi com outros afetos que me envolvi no desenvolvimento local. Foi com grande afeto que me entreguei à construção de um projeto escolar em Lovaina. Foi o afeto paternal pela Inês e a Sara que me mantive em luta contra uma escola normalizadora e desinteressante para as crianças, num país onde vim parar por acaso, por paixão e afeto, e não por considerar o país particularmente interessante, muito menos na sua expressão

cultural e educativa. Mas foi exatamente neste país que encontrei outras pessoas maravilhosas, que, com o mesmo empenho, investem na mudança, e assim se tornaram interlocutores que me reconfortam, pelo ouvido que me dão, pela palavra que me oferecem.

Outros interlocutores oferecem-me a palavra escrita. Estando eles afastados no tempo ou no espaço, são interlocutores incompletos. Oferecem-me a sua palavra e o prazer que tiro delas.

As minhas ideias, a minha forma de ser, que condicionam o modo como quero intervir, como educador de adultos ou de crianças, são fruto da alternância de momentos de construção de círculos, e por isso mesmo de grande agitação, com momentos de águas mais calmas.

Há quebras, recomeços. Mas reconheço uma certa consistência nas minhas intervenções profissionais consecutivas: um momento apaixonante de apropriação da situação, de questionamento, de discussão, um momento de estruturação da ação, e um momento de retirada. E agora, pela lógica do sentido do tempo, juntou-se um novo momento: um de retrospecção sobre intervenções anteriores e o que elas provocaram em termos formativas. Pouco a pouco, o passado volta ao presente, tornando-se assim outro interveniente para moldar o futuro.

A escrita transformou-se, ainda que hesitante, de cronológica para temática, mantendo uma entrada cronológica para o início de cada descrição. Articula depois com a descrição do período de

Outurela e Portela, no próximo capítulo.

O período belga

Velhas conversas lembradas de novo...

I

Lembro-me dos meus dois avós: o Lucien, que vivia em Oostende, perto de mim e que morreu quando tinha 11 anos. Morreu em Maio de 68. E fez com que não me lembre de Maio 68. Lembro-me de outras coisas. Lembro-me de o ver chorar com a crise de Cuba, mal tinha 6 anos. Lembro-me de andarmos na neve, de empurrar o carro dele, um grande velho Ford americano. Lembro-me de ele me levar ao cemitério alemão, da primeira guerra, onde estão as estátuas de Kate Kollwitz, dos pais que choram o filho morto. Lembro-me de me mostrar a pequena placa de identificação, mesmo por baixo das estátuas de granito. Depois levava-me para a vila de Ieper, para me mostrar os nomes dos soldados desaparecidos e mortos em combate. Muitos deles tinham sido companheiros dele, quando esteve nas trincheiras.

Muito mais tarde, depois da minha avó morrer em 1995, e quando estava a ajudar a minha mãe a tirar as coisas da casa deles, encontrei uma fotografia dele, de alguns meses antes da primeira guerra mundial: um jovem 'bohemien', frequentador dos locais intelectuais e culturais de Oostende, onde também passavam pessoas como James Ensor. Uma imagem sua que nunca me tinha mostrado, que até era desconhecida da minha

mãe.

Depois de desmobilizar a seguir à primeira guerra com 25 anos, foi-lhe mais ou menos dado o certificado escolar que nunca teve por via académico. Aprendeu na prática. Porque, depois de 4 anos de trincheiras, não era possível voltar a escola. Estava demasiado marcado. Disto falava-me a minha mãe, depois de ele ter morrido. Percebi melhor quando organizámos os documentos dele, depois da minha avó também ter morrido.

Foi então que me lembrei de ele me contar como, na 2ª guerra mundial, tinha mantido a pequena fábrica de tijolos, até que os ingleses bombardearem tudo. Era uma questão de manter o emprego para os trabalhadores dele. Mas ao mesmo tempo, tinha consciência que não podia trabalhar para o ocupante alemão. Não podia, porque, como percebi mais tarde, era oficial da primeira guerra, belga, socialista, desacreditando que alguma coisa de bom podia vir daquela máquina de guerra, que se vinha vingar da derrota de 1918.

Então, falsificava o barro dos tijolos, para que tivessem defeitos de cozedura. E documentava tudo, para o pós-guerra. Vir-se-ia provar que tinha tido razão de o fazer, porque depois da guerra, foi chamado pelo tribunal, para averiguar se tinha colaborado com o "inimigo".

II

O outro avô, Louis, era mais novo 11 anos. Tinha 10 anos, quando Lucien estava nas trincheiras. Era órfão. Tinha 3 irmãos e 3 irmãs.

As irmãs ficaram com a família, os irmãos estavam no orfanato. Ele contava histórias que inventava a mim e a minha irmã, quando íamos lá passar férias em Gent. As histórias tinham sempre um menino e uma menina que viviam em casa do avô.
Vivia numa casa enorme, era diretor de serviços da Escola Normal de Gent. Nos fim-de-semanas levava-nos a um parque infantil, um pouco fora de Gent, de transporte público. Para nós era uma festa: os nossos pais deslocavam-se connosco de carro. Ele não. Acompanhava-nos no último banco do autocarro e exagerávamos os saltos de cada vez que o autocarro passava um obstáculo.
Com ele, fiz inúmeras viagens a pé de um lado do parque de Gent para o outro, quando ele se reformou e teve que desocupar a casa de serviço da escola. Arrendou uma casa do outro lado do parque, e mudámos todo o pequeno material em sacos de plástico e de pano. Eu tinha na altura uns 15 anos, e falámos muito sobre ciências, sobre matemática, sobre as pessoas, sobre a escola.
Ele lembrava-me que 9 anos antes, sentado ao colo dele, tinha aprendido a ler as histórias de "Pol, Pet en Pingo"[2], com o livro n.º 2 da série no qual encontram uma baleia. O meu avô tinha que tratar das réplicas da baleia, porque estavam em maiúsculas e eu ainda não as conseguia ler. Era no natal do ano em que entrei na escola primária, em que aprendi a ler com histórias divertidas,

[2] Em português "As aventuras de Petzi".

mas de outros tempos[3]. Mais tarde, percebi que era um método global baseado em palavras tipo, método oficial na Flandres. Utilizei-o ainda durante dois anos, porque era o método obrigatório na escola pública laica, quando comecei a trabalhar. Mas a escola é outra história.

III

Numa outra escola, comecei a aprender a quarta língua, obrigatória no currículo. Não podia escolher o alemão, a minha mãe não deixava, ainda por causa de uma guerra em que os meus pais eram crianças mais novas que o adolescente que agora eu era. Portanto, fiquei no curso de espanhol, única alternativa real — russo e italiano eram só opções em papel — com um professor que nos fazia ler poesia castelhana, entre outros de Garcia Lorca e de Pablo Neruda. Depois, numa língua que elas não percebiam, declamava eu os poucos poemas que aprendi às raparigas com que me cruzava: na escola, mas sobretudo no grupo de juventude *Belgische Jeugdbond voor Natuurstudie* (BJN), com o qual fazia grandes temporadas de bicicleta, durante todos os períodos de férias, para observar aves, pássaros, fazer levantamentos da flora em áreas protegidas na Flandres e nos Países Baixos. Foi o grupo onde aprendi a tocar acordos na viola, onde aprendi a cantar baladas e canções de intervenção de tal forma marcantes que continuam a constituir o meu único

[3] Het leesplankje – Hoogeveen.

repertório.
Tinha sempre grande vontade em cantar, conversar e, sobretudo, passar o tempo com elas. Achava a conversa delas mais interessante do que a deles.
Quando numa manhã de Setembro, a minha mãe irrompeu no meu quarto para dizer que tinham acontecido coisas muito graves na pátria do Pablo Neruda, fiquei muito abalado. Um mês depois estava a traduzir burocracias para os primeiros refugiados políticos que conheci: um grupo de chilenos que estava num lar de acolhimento perto de Oostende. Uma das famílias vinha de Valparaiso. Ele, Marcos, dramaturgo, amigo pessoal do poeta entretanto falecido. Mas também amigo de pessoas desaparecidas e mortas, como o próprio Salvador Allende, e de pessoas brutalmente mal tratadas,
A filha e o filho de Marcos contaram-me, depois de vermos "Estado de Sítio" de Costa-Gravas relatando outro golpe de estado e filmado no Chile, como também eles foram maltratados pelos militares. Contaram-me cenas de tortura, mas ao mesmo tempo riam-se da estupidez dos que os tinham brutalizado.
Entretanto, o meu novo amigo afirmava que a ditadura chilena seria coisa para 20 anos, uma geração, para fazer esquecer o que começou a brotar, no Chile. Um pouco mais, um pouco menos, conforme o que aconteceria em outros países da América Latina, conforme quem seria então presidente dos Estados Unidos da América. "E depois", disse, "vão precisar de chilenos jovens para

reconstruir o país e não de dramaturgos velhos, contando sonhos. Voltarei ao meu país, mas como turista. Não terei a oportunidade de voltar para ajudar na construção dele." Contava-me isto, para logo de seguida maravilhar-se com a Ursa Maior e a Ursa Menor, que não conhecia, lá no Chile, no hemisfério Sul.

Voltou a ver o Chile, como turista, nos anos noventa.

Foi com ele também que conheci o trabalho de Paulo Freire, de quem li alguns artigos que me trazia em castelhano. Fiquei encantado com a aparente simplicidade com que se punha pessoas a ler: procurar as palavras com significado, dando significado à sua representação escrita. Foi mais ou menos o que pensei que era. Só depois de entrar na Escola Normal me apercebi que ele era Brasileiro, também ele durante muitos anos expulso do seu país, que era pedagogo, que tinha desenvolvido uma metodologia de trabalho com adultos, muito parecida com o que ia conhecendo e praticando com a Pedagogia Institucional.

Entretanto, ouvia falar o meu pai com os amigos chilenos. Em francês, o que para os chilenos não era sempre fácil. Ele falava do trabalho dele, com os alunos com contratos de aprendizagem. Às vezes tinha que traduzir. Havia coisas estranhas, como aquela vez em que disse ironicamente: "Parece que só há dinheiro para trabalhar com eles porque desde a guerra, a câmara de gás é proibida". Foi a primeira vez que me apercebi que nem a escola nem a sociedade servia a todos, na terra prometida chamada Bélgica.

IV

Quando estava a acabar o 12º ano, um auxiliar de ação educativa propôs uma viagem de 5 dias a Praga, durante as férias da Páscoa. Um dos amigos chilenos, que já tinha estado em Berlim, em Praga e em Budapeste, aconselhou-me abrir bem os olhos e observar.

Foi então que encontrei Marie. Tinha mais dois ou três anos do que nós, era a nossa intérprete oficial, francês-checo. Depois de uma visita a uma escola profissional, onde fiz muitas perguntas, para mim e para os outros que tinham vergonha de falar francês — a minha mãe era professora de francês na nossa escola, o que lhes fazia associar automaticamente que eu então não devia ter vergonha — ganhei coragem para propor a Marie passar connosco a noite, no hotel, para conversarmos mais. Ela não apareceu. Mas, no dia seguinte, eu estava cheio de borbulhas: do hotel chamaram um médico e a Marie. Tinha varicela, tinha que ficar de quarentena. Como no hotel ninguém falava uma língua que eu também falava, tive direito a interprete durante algum tempo para mim sozinho, cada dia.

Conversámos muito. Em francês. Ela contava-me que tinha aprendido o francês em Bruxelas, onde o pai dela tinha sido adido na embaixada checa. Agora estava em casa. Mas ele já se reformou, perguntei. A resposta foi “mais ou menos”. Depois de 1968, muita coisa mudou.

Pouco a pouco percebi uma parte de uma história que nunca me

foi muito bem contada. Uma história de repressão, na altura em que me recompunha da morte do meu avô. Percebi agora uma discussão nocturna em casa, entre o meu pai e o amigo do auxiliar, presidente local do partido comunista. Ele a insistir que o meu pai era “dos nossos”. E o meu pai, que não precisava muito para se exaltar e que respondia: “não posso ser de ninguém e não posso pertencer a nenhum grupo que acha que tem o direito de pensar pelos outros.” E lembro-me do estranho olhar que acompanhou o “achas?” à réplica “Mas nós sabemos como o povo deve ser educado e estamos a tratar disso”.
Abri os olhos sem sair do hotel, alguns anos depois deste diálogo, estando noutro diálogo...

Oostende, sair e voltar: dois lados de um espelho

I

A próxima parte da história começa em 1975, num fim de noite, também num café. Parece-me que foi aí que de maneira informal o professor Leo Michielsen deu um rumo à minha escolha profissional. Foi a seguir a uma palestra proferida por este eminente histórico acerca da resistência na segunda guerra mundial. Bebíamos um copo, o orador tinha se transformado em ouvinte, e deixava-me falar sobre um artigo do meu pai, que tinha

visitado, com colegas, uns professores do ensino primário[4] franceses que exerciam a sua profissão nas turmas especiais em escolas do subúrbio parisiense. Com as certezas dos meus 17 anos, cheio de vontade de mudar o mundo todo, aborrecido com os meus próprios professores do ensino secundário, devo ter feito uma crítica caustica ao sistema de ensino...

A certa altura, o professor Michielsen interrompeu-me e perguntou o que ia fazer depois de acabar o 12º ano. Respondi: "Algo relacionado com pedagogia, na faculdade de pedagogia ou então na Escola Normal." Ele não respondeu logo, mas olhou-me longamente e disse: "Parece-me que a sua energia será mais bem aproveitada na Escola Normal do que na universidade."

A frase saltou-me à memória, alguns meses depois, exactamente na altura em que o Estado Belga me ajudava na escolha profissional pela mão do seu funcionário do centro de orientação profissional da escola[5]. Este psicólogo de serviço perguntou-me "E o Sr. Paulus já sabe que estudos quer começar?" Parecia-me ouvir a voz do meu interlocutor de 3 meses antes, e automaticamente

---

[4] Em francês "instituteur", em flamengo "onderwijzer", diferente, também em significado do genérico "professor" português. (2026: aprendi entretanto que *onderwijzer* é derivado do verbo onderwijzen, por sua vez constituído das palavras onder — suporte inferior — e wijzen —indicar o caminho para a sabedoria. *Onderwijzen* portanto, significa suportar quem procura saber, função do onderwijzer).

[5] PMS – centrum: Centro psico-médico-social. Um serviço pelo qual todos tínhamos que passar obrigatoriamente no fim do 12º ano.

respondi: “professor do ensino primário”. “Muito bem,” respondeu o funcionário, “portanto, Blankenberge”[6]. Penso que foi por isso que me matriculei em Gent.

Uma vez em Gent, entrei rapidamente em contacto com outros “cheios de vontade de mudar o mundo todo”. Levei os artigos que tinha sobre aquele “clube” de professores franceses, e começou a desenhar-se um plano na minha cabeça. Na próxima visita do meu pai e dos professores dos alunos com contrato de aprendizagem a Paris, tinha que fazer parte do grupo. O feliz acaso da Arlette, minha professora de pedagogia ter como professor-mentor, ele próprio também professor na Escola Normal, um velho conhecido do meu pai, ajudou na execução do plano, dando à visita um carácter de estágio, que relato mais à frente[7].

Arlette era vegetariana, como eu na altura. Eu por princípio, por causa da minha militância no grupo defensor da natureza, ela, porque tinha o estômago fraco. Era recém-formada e vivia

---

[6] Em Flandres, o onderwijzer (professor de ensino primário) trabalha em mono-docência nos 6 anos da escola primária (a primeira escola). Na altura formava-se na Escola Normal (normaalschool), depois de acabar o 12º ano. Hoje forma-se no equivalente a Escola Superior de Educação.

Blankenberge fica perto de Oostende. Gent já possibilitava a argumentar ser necessário ter um quarto de estudante e assim ganhar independência dos pais.

[7] Ver infra. Ver também Dekeyser (1982), que descreve o primeiro encontro deste grupo com Fernand Oury, em 1970, o que eu desconhecia.

sozinha, como eu. Só que ela tinha alugado uma antiga pequena casa de operário enquanto eu vivia num quarto de uma casa de estudantes. Como além disso, a casa dela ficava aproximadamente a meio caminho entre o nosso café preferido e o meu quarto, passávamos noites inteiras a resolver os problemas do mundo, entre velas e vinho, e ela fez me ler textos que nunca teria lido se ela mo tivesse pedido na qualidade de professora de pedagogia. Discutíamos Rousseau, Descartes, discutíamos os sofistas, discutíamos as reformas de 1936 na Bélgica e as influências da Escola Nova.

II

Cúmplice era o meu avô, já reformado da Escola Normal, a quem contava estas histórias. O meu avô paterno, entretanto viúvo, continuava a viver na casa que tinha ajudado a mobilar alguns anos antes. Passava muito tempo com ele. Pouco a pouco conheci uma nova faceta do meu avô. Ele nunca me tinha dito que antes de ser diretor de serviços, também tinha sido professor do ensino primário. Só sabia que tinha começado a sua carreira em Tienen, de onde era, mas como lá também havia uma Escola Normal, pensei que tivesse trabalhado aí. Um dia, em que falei de uma aula com o professor de matemática Omer Mogensen que me tinha encantado com o material Cuisenaire, ele foi buscar umas caixas no sótão. Disse-me: "Olha, quando trabalhei com os miúdos, em Tienen, fiz este material, para os ajudar a fazer as contas". Um pouco como Cuisenaire. O material que o meu avô tinha fabricado em 1925 era

muito parecido com o que chamamos o material MAB.

III

Felizmente, na Escola Normal nem tudo era completamente normal. Um professor de pedagogia, uma professora de pedagogia, um professor do ensino primário da escola anexa, um estudante e alguns amigos propõem organizar um estágio de pedagogia institucional; durante o intervalo de Outono, e longe de Gent, claro. Fernand Oury[8] concorda com a ideia de estágio, mas na condição de ser em francês. Isto complica muito o trabalho para alguns colegas neerlandeses que convidámos.

Durante o estágio há discussões muito acesas entre os colegas neerlandeses e os professores belgas. Foi a razão pela qual o estágio levou a uma proposta: traduzir *De la classe coopérative à la pédagogie institutionnelle* em neerlandês. Fernand Oury está logo de acordo: "O livro foi escrito para ser lido. Trata-se de uma tradução militante, portanto falarei com a Vasquez e os outros. Nada de direitos de autor." Começámos um trabalho que durará 6 anos, só conseguido com um investimento considerável do editor para as duas primeiras partes, enquanto o Movimento Freinet Neerlandês (FBN) encarregou-se da impressão da terceira parte. Estávamos em fins de 1976.

IV

Retomo o rumo da história em Setembro de 1982, quando, depois

---

[8] Conto o meu primeiro encontro com Fernand Oury mais tarde.

de vários anos de trabalho na escola[9], decido experimentar coisas novas.

Vou para Brugge, atrás de uma proposta de trabalho mal parada, e fico no desemprego pela segunda vez. Mas por pouco tempo: em Janeiro de 1983, estou a trabalhar em Oostende, a minha terra natal. Encontro um grupo de pessoas ligados ao movimento operário cristão, leio artigos de Leonardo Boff e de outros sobre a teologia de libertação. Encontro um pequeno grupo de pessoas que estão a ensaiar atividades de alfabetização. Lemos Illich e relemos Freire. A Flandres não é o Brasil ou o Chile, mas os contactos com os refugiados chilenos, ajudam a contextualizar situações: montamos grupos de trabalho à volta de temas pesquisados: para os pescadores, para as avós de jovens pescadores, para jovens que abandonaram a escola porque existe obrigatoriedade de educação mas não de escola até ao 12º ano e trabalham na construção civil. Há pessoas mais velhas com filhos emigrados na América, Austrália, Ásia: querem conhecer melhor estes países e ganhar prática de escrita, porque o telefone é muito caro e ainda estamos longe das ferramentas hoje fomentadas pelas redes sociais. Pouco depois, começamos também grupos de neerlandês para imigrantes e outros estrangeiros.

Ao mesmo tempo, trabalhamos com um grupo de jovens, incentivando-os a organizar um espaço onde podem juntar as suas bandas de heavy metal. O mesmo espaço servirá com o

---

[9] Conto 1976 até 1982 em *Entre escolas, crianças e professores – parte 1*.

apoio dos jovens de espaço de encontro para idosos, uma vez por semana.

É nesta altura que o Oury me escreve: "Há muito que escolhemos trabalhar dentro das contradições existentes. Mantém as tuas obrigações em dia. De resto, terás que lascar as tuas próprias pedras para fazer utensílios. A pré-história não é privilégio da escola primária. Há algumas sugestões no fim do CCPI"[10].

Esta carta tem a ver com outra notícia que mandei para Créteil, onde ela morava. Comecei a trabalhar com um grupo de jovens com contrato de aprendizagem. Eles vão duas vezes por semana ao centro de formação, onde dou as disciplinas gerais. Como testemunhei[11], havia situações bem conflituosas. Leio partes da pedagogia institucional, mas também releio a Pedagogia do Oprimido. Lembro-me também de leituras mais antigas. O meu trabalho de alfabetização e com os jovens esclarece-me como a escola exclui. A escola — da qual todos os professores são agente e refém — tem formas muito subtis para transformar aprendizagem em objetivos e — apoiada em manuais — tornar todo o ensino-aprendizagem um assunto longe da vida. Esta escola está sedenta de crenças: normas de classificação, fundamentalismo didático, a afirmação de que há alunos fracos e alunos fortes, a afirmação da culpa do meio. Assim consegue afastar de si própria o olhar crítico que precisa para analisar o

---

[10] Oury, Fernand & Vasquez, Aida (1977: V 36-74).

[11] Paulus, Pascal (1987).

crescente desinteresse escolar acoplado ao insucesso escolar. A afirmação de illich, e faço a paráfrase, que "quem nunca foi à escola pode saber muita coisa, mas não sabe o que é insucesso escolar" faz todo o sentido. Infelizmente abre também campo para a escola ser atacada à direita e à esquerda, até ao ponto de os mais radicais proporem a sua abolição...

Mas, como já disse, o trabalho com os jovens é às vezes bem duro. Além disso, há algumas confrontações com outros professores, que trabalham com o mesmo, ou com outros grupos. Como conto mais à frente, tínhamos lançado uma associação de professores que se reconhece na Pedagogia Institucional. As idas aos encontros internacionais no quadro da *Fédération Internationale des Mouvements de l'École Moderne* (FIMEM) resultantes da filiação neste organismo internacional, teve em 1982 um senão: ficámos institucionalmente e pessoalmente apanhados num jogo de poder, por causa da liderança da FIMEM pelo movimento francês, desde há muito contestado por algumas associações alemãs, italianas, espanholas e também pela associação belga francófona. Na sequência deste jogo de bastidores, fomos de repente apanhados na organização da *Rencontres Internationales des Éducateurs Freinet* (RIDEF) em Leuven, onde apresento um atelier ao longo de 9 manhãs acerca do meu trabalho com os grupos de alfabetização.

Depois da RIDEF Leuven de 1984 vou de férias para os Alpes franceses, com o casal amigo que pôs fim aos meus 12 anos de

ementas vegetarianas, aliciando-me com todos os patês e enchidos regionais que íamos encontrando no caminho. Tínhamos mais ou menos combinado que podíamos instalar uma tenda no jardim da casinha que Fernand Oury tem nesta zona. A minha visita aos Alpes torna-se um pouco particular: "Tens muito que fazer? Apetece-te ler as provas de Miloud?"[12] Catherine e Oury falam de professores de ensino primário que fazem o que não lhes é pedido: recuperar crianças. Há especialistas para fazer este trabalho. Oury diz que a única coisa que ainda faz é acompanhar professores angustiados. Como se fosse uma terapia. Catherine conta-me coisas da sala dela. No meio da conversa, Oury pergunta-me de repente: "Então e a RIDEF? Achas que ainda serve para alguma coisa? Um pouco enferrujada, não?"

Verdade seja dita, ando com uma grande ressaca daquela RIDEF. Ateliers que são rituais repetindo encontros anteriores, com pouca ligação à prática, mas também com pouca teorização. Alguns representantes oficiais de movimentos oficiais, que lembram as histórias da Marie, alguns simpáticos velhos valores e um grupo de jovem admiradores de Freinet. Os 'golden sixties' com sabor a escola, reunidos em Leuven. No meio, conheci o trabalho de duas colegas portuguesas, a Manuela e a Clarisse, que apresentavam documentos sobre a gestão da sala, o diário de turma (ou jornal de parede, como elas diziam naquela altura) e sobre o Conselho de turma (ao qual se referem como assembleia de turma). Estou

---

12 Pochet, Catherine e Oury, Fernand (1992).

apaixonado. E fico com a sensação de ter encontrado "almas gémeas", no meio de muito falar acerca de nada e onde não se aprecia muito falar da pedagogia institucional.
A vontade para voltar à escola cresce. A vontade de mudar de país também, o que acontecerá 2 anos mais tarde.

Histórias de um menino na escola

Voltar à escola. Mas como é que eu me senti na escola, como aluno? A professora de ensino primário do 1º ano foi a minha primeira paixão. Compensava a educadora do pré-escolar que detestava e a quem dizia sistematicamente, conforme me contou o meu pai, "Para mim, não, obrigado" de cada vez que ela distribuía material para uma atividade. Gostava imenso de trabalhar para aquela nova professora, e fazia tudo com uma colega de carteira, o que fez com que passei gradualmente a minha paixão pela professora para a colega. Decidi declarar-me à colega, quando a professora anunciou que não vinha durante uma semana, porque se ia casar. A colega mudou de escola pouco depois. A minha felicidade na escola desapareceu depressa, não só porque a escola não gosta de paixões, como também por outras razões.
Com o professor do 3º ano entendi-me durante algum tempo para a leitura das histórias. Ele punha alguém a ler o livro de leitura seguida, no sábado de manhã, enquanto corrigia os trabalhos da semana. Os meus colegas apontavam-me como leitor preferido. Líamos as aventuras de *Pinkeltje*, um pequeno anão que vivia, com

os ratinhos, numa casa senhorial de Amesterdão e onde aconteciam coisas que connosco nunca aconteciam. Para isso, o autor Dick Laan era demasiado neerlandês. Como tudo era novo, tinha que se acelerar a leitura. E como de todos, era eu quem lia mais depressa em voz alta, despachava o livro num terço do tempo que o professor levava. Aliás, depois de acabar um livro, ele já não me deixava ler. Mais tarde percebi que devia ter as páginas contadas para encher o ano escolar. E eu estragava-lhe o esquema. De resto, não sempre me entendia com ele. Um dia estávamos sentados no chão à volta dele no pátio. Ele ficava numa cadeira para nos falar de terramotos. Disse-nos duas coisas com que sonhei vários anos: que um terramoto era imprevisível, e que, no caso de haver um, ele podia muito bem desaparecer com cadeira e tudo nas entranhas da terra, enquanto nós podíamos não sofrer nada: a terra podia-se abrir em rachas locais. Tantas vezes desejei que isto pudesse acontecer, com ele, e com outros professores, mais tarde. Mas a terra nunca me ajudou...

Com o professor do 5º ano as coisas pioraram, depois dum 4º ano com uma professora de quem gostei muito. Em Maio, a desgraça foi total: tínhamos que trazer informação sobre uma ave, o cuco, e eu trouxe um pequeno poema. Ele envergonhou-me em frente da turma, dizendo que não tinha procurado nada, mesmo tendo estado uma semana em casa, durante a qual o meu pai, a minha mãe ou os meus avós podiam certamente ter-me dado informações. Ora, acontece que tinha estado uma semana em

casa, quase sempre no quarto do meu avô que tinha falecido, a maior parte do tempo segurando-lhe a mão. Fiquei desfeito em lágrimas e nunca mais o perdoei. Muito menos mais tarde, quando percebi que os papelinhos que levava para a escola depois de faltar, explicavam exactamente a razão da ausência: ele nem sequer lia o que a família mandava!

Para acabar a parte sobre o período da escola primária, ainda tenho que falar do professor do 6º ano. A minha mãe tinha decidido mudar-me para a escola *grande*, onde ia depois continuar o secundário. Foi muito violento. De repente estava na escola homossexual[13], onde tinha um professor de escola primária que queria ter sido professor da escola secundária. Privado da proximidade de amigas comecei a ter muitos problemas com a vida aos quais se juntavam os problemas de matemática. Nunca percebia o porquê das coisas. Enquanto os outros tinham classificações razoáveis, eu tinha sempre 3 e 4 numa escala de 10. Um dia, numa devolução de provas, adivinhei mais um desastre: o professor dizia que desta vez havia muitas provas muito fracas, só havendo um 10. Preparando-me para o pior, não acreditava que o 10 afinal era meu. Mas não tive muito tempo para me alegrar. O professor fez um gesto: havendo tantas negativas, não considerou a nota. Deixei de acreditar em professores e em matemática durante muito tempo. Deixei de acreditar para sempre em notas e classificações.

---

[13]A expressão é do Fernand Oury (1977: I-39).

Felizmente, no ano seguinte, a escola abriu as portas para as meninas. Voltei a estar numa turma mista e a ter amigas com quem me entreter com outros assuntos que não desporto e carros. Pela mão das amigas Anne e Veerle e de um professor de moral não confessional, entrei numa associação de jovens[14] que fazia excursões e acampamentos de trabalho em reservas naturais e zonas protegidas, tudo em autogestão. Só eram admitidos raparigas e rapazes dos 12 até aos 25 anos. O momento alto em termos de observação da natureza acontecia nos meses de Julho e Agosto, sobretudo nos fins de Agosto, quando íamos contar as aves migratórias na foz do Escalda, nas ilhas de Zeeuws-Vlaanderen.

Entre escolas, crianças e professores – parte 1

I

Como referi anteriormente, um pedagogo amigo proporcionou-me o enquadramento legal para eu poder estagiar numa turma de pedagogia institucional fora do país durante a minha formação inicial como professor. Em Maio de 1976, estava eu a observar e a participar nas atividades com os alunos da professora Marie Jeanne Azuara. Daquela semana, lembro-me como crianças organizavam com maior facilidade o seu trabalho, enquanto presidiam elas mesmas uma reunião de pais muito animada. Fizeram um trabalho sobre a Bélgica, já que havia a possibilidade de inquirir o visitante.

[14] BJN, ver supra.

Lembro-me de discussões com a Marie Jeanne e com o marido dela, também professor, até altas horas da madrugada, acerca da organização do trabalho.

E no sábado, encontrámo-nos todos, grupo de estagiários e professores, num apartamento em Créteil. O anfitrião era uma figura alta, cabelo cinzento, que me cumprimentou com: "Ah! Fumas cachimbo. Trouxeste Semois[15]?" Não tinha. Tinha fumado toda a semana um tipo de tabaco de mistura para cachimbo e cigarro, o único que consegui comprar no sítio onde estivemos. "Falta de organização! Falta de preparação! Não és estudante da Escola Normal? Toma o meu tabaco, é melhor que o veneno que tens aí." Tinha acabado de conhecer o Fernand Oury.

"Passaram uma semana numa classe cooperativa. E então?" Ouvia a conversa acerca das leis da turma que os alunos nos tinham apresentado. Eles sabiam do que se tratava, sabiam como estas leis os protegiam. Isto era o que todos tinham achado tão bonito. Tal como toda aquela organização. Tudo encaixava às mil maravilhas.

"Sim! Mas as coisas não acontecem espontaneamente. Precisas de muito tempo para pôr a turma a funcionar. Desescolarizar. Tirar o medo (também o do professor). Dar-lhes a palavra. Alguns nunca a tiveram. A imprensa não foi inventada pelo Freinet. Foi Gutenberg que a introduziu na Europa. Para que as pessoas pudessem ler a bíblia com os seus próprios olhos, em vez de a ler

[15]Famosa marca belga de tabaco.

através dos olhos dos padres."

Mais tarde, quando alguém falava da "ideologia subjacente", Oury exaltou-se: "Publicámos '*Vers une pédagogie institutionnelle*' em 1967. Antes de Maio '68, portanto". Só mais tarde, penso ter percebido uma das razões porque respondia assim[16]. No fim rematou ironicamente: "Fui inconsciente! Em vez de mudar **de** profissão, tentámos mudar **a** profissão".

II

Depois de mais meia semana na escola parisiense, voltei à Escola Normal. É uma palavra estranha, aquela que define a escola de formação de professores. Escola Normal; onde se normaliza; para ser capaz de normalizar também os outros?

Entretanto, lembro-me do meu sofrimento, quando devia preparar as lições. O exercício prévio tendia para o ridículo: tanto para uma leitura de texto, como para a explicação da tabuada com o material Cuisenaire, como para uma observação da natureza, uma aula de geografia ou de história, a encomenda era sempre a mesma: prever todas as intervenções que se ia fazer.

Uma vez feito este trabalho doloroso, a preparação ficava nas mãos do professor titular que a passava para o professor de didática se ele viesse de visita. Utilizava-a como um guião, como se tratasse de uma leitura acompanhada. O que me fazia transpirar bastante, porque alguns cortavam logo a lição se me

---

16 Oury explica-o muito bem num dos seus livros. Oury, Fernand & Vasquez, Aida (1977: I 34)

desviava da minha preparação.
E se deixávamos momentos para os alunos fazerem perguntas, para tornar a aula mais participativa, tínhamos que prever não só as perguntas, como as próprias respostas. Porquê? Para te responder melhor, meu filho! Respostas normalizadas, bem entendido.

III

Em Setembro de 1977 sou considerado professor do ensino primário. Aguardo algum tempo uma colocação. Estou desempregado pela primeira vez e tenho tempo suficiente para montar um bar com um grupo de amigos, no qual fui introduzido dois anos mais cedo, pela Vera, jovem professora de Latim e portanto desempregada crónica. Encontrei-a nas festas da cidade de Gent. Tratava-se de um bar cultural, um projeto ambicioso dum grupo ativista local, que iria à falência pouco depois do grupo se tornar partido político. Naquele período, participei por duas vezes em grupos de discussão com a presença do Ernest Mandel. Compreendi finalmente o relatório do Clube de Roma, como também compreendi as contradições do então Mercado Comum. Estarei vacinado, quando aparecem os documentos aparentemente generosos acerca da cultura, da educação e da formação.
Entretanto, no bar e em casa, aproveito para aprender um pouco de latim e um pouco de etimologia, com a Vera.
Acabei por ser colocado, para uma substituição, numa turma de

5º e 6º ano, com 37 alunos. Fiquei em pânico e telefonei ao professor Ivan da escola anexa da Escola Normal, com quem estava a traduzir o livro de Oury.

Ele veio beber um copo comigo e começámos a organizar a minha turma. Ele pôs-me novamente em contacto com um colega, Fons, que vive em Antuérpia. Iniciámos uma correspondência entre turmas. Fons também veio beber um copo comigo. Entretanto, na escola, o professor com quem partilho o pavilhão, entrava de vez em quanto na minha sala, de rompante, para restabelecer a ordem. Não me sentia muito feliz com o rumo dos acontecimentos. Ivan e Fons fizeram-me insistir na organização cooperativa do trabalho.

IV

No início de Janeiro de 1979, começo o meu serviço civil, substituindo assim o serviço militar obrigatório. São 20 meses, porque optei por não fazê-lo na caserna da proteção civil, mas numa associação com fins humanitários. Em Maio do mesmo ano, recebo a visita de Jo Boey, de Leuven (Lovaina), pai de duas crianças em idade escolar. Explica que, com outros pais, ex-estudantes da Universidade de Leuven e saudosos de Maio '68, sonharam uma experiência escolar copiando a ideia de Summerhill. Mas estão em apuros. A experiência, sem professor, mas com um serviço rotativo de pais e uma mãe-educadora, tornou-se um autêntico pesadelo: as crianças não aprendem nada do que os pais querem, não apreciam a liberdade, e a colocação

de uma professora no corrente ano não melhorou a situação: a escola parece o pior clássico exemplo da sua própria negação e muitos dos alunos com 2 ou 3 anos de escola não sabem ler. Os pais estão muito preocupados e procuraram resolver o problema recorrendo às escolas normais. Encontraram o meu professor de pedagogia, que mostrou o meu trabalho de fim de curso (um livrinho mal escrito sobre a minha ida à Paris). Jo propõem-me continuar o meu serviço civil naquela escola com um colega na mesma situação e de quem me informam ele ter feito o seu trabalho de fim de curso sobre a vida de Freinet.[17]

No verão daquele ano deixo Gent. O meu novo colega, Ronni, já conhece a escola e tem as maiores dúvidas. Discutimos o insólito. Temos uma escola com pais interessados. Temos todo o apoio dos pais para programar visitas de estudo, para sair fora das paredes da escola, temos total liberdade para organizar o currículo[18]. Mas entretanto decidimos obrigar os pais a afastar-se da escola durante pelo menos dois meses. Os amigos da tradução riem-se da situação: "andaste a pensar como desescolarizar a escola e agora vais-te lançar na construção de uma classe cooperativa, escolarizando crianças!". Admito que também não

---

[17] Dekeyser (1982) contextualiza um pouco a nossa aventura, considerando o início deste projeto como uma marca da presença definitiva da Pedagogia Freinet – pedagogia institucional na parte flamenga do país depois de duas tentativas anteriores.

[18] Oficialmente, os alunos estão inscritos em regime de ensino particular em casa, o que torna a situação legal para fins de inspecção.

sabia muito bem o que tinha entre mãos. Começámos a montar um cenário pedagógico no Appeltuin[19]. A única mãe que está por dentro é uma outra Vera, ao mesmo tempo educadora de serviço, sem curso, mas com uma visão muito abrangente da educação e do trabalho com os meninos. Tem uma criatividade que parece não ter limites. Pouco a pouco ela conta-me o trabalho que faz com as mulheres prostitutas, que visita todas as semanas na prisão de Leuven e na casa-abrigo para mulheres maltratadas. Torno-me informante, para pôr mulheres em contacto com ela e com o café de mulheres, um café só para mulheres, sem nunca ter sabido onde fica a casa de abrigo.

Entretanto, Oury não está muito longe. A 15 de Novembro de 1980, lançámos o primeiro volume da tradução do seu livro, em Antuérpia. Como o editor lhe pagou a viagem, ele estava presente para falar com a imprensa. Nós aproveitámos para levá-lo até a nossa experiência. Como bons discípulos, fizemos exactamente o que o mestre nos tinha preconizado: só aceitamos visitas em situações muito excepcionais, depois de falar com as crianças no Conselho de turma. As visitas perturbam, etc. etc. Quando ele entrou, os responsáveis do dia apresentaram as leis da sala e perguntaram ao Oury se ele as aceitava. Segundo o diário da turma, ele respondeu: "Là, vous m'avez eu!"

Não tínhamos previsto nada de especial naquele dia. A turma, 19

---

[19]Literalmente: o Jardim das maçãs, devido às árvores de fruto no jardim do primeiro edifício que utilizaram e que servia de espaço de recreio.

crianças e dois professores — uma situação de luxo absoluto — estava a funcionar: trabalho livre organizado pelo plano individual de trabalho, a apresentação dum trabalho sobre os ouriços, tipografia para o jornal da turma. À hora do almoço, comendo o nosso pão no café local, Oury mostra-se muito crítico: "Falam-me das crianças que ainda não lêem. Vocês não têm dificuldades! Estes alunos podem conseguir tudo. Não critico o vosso trabalho, digo-o pelo sítio onde estão. Mas vão ouvir esta crítica! Muitas vezes. Não estão na periferia! Parece mais rural que o próprio Freinet, com todo o conforto da cidade. Entretanto, cuidado! Não construam modelos, que façam dizer outros: 'Naturalmente, nesta escola, isto é possível'. A pedagogia institucional é outra coisa. Têm um estaleiro? Muito bem. Pode ser útil para a vossa formação. Talvez alguma coisa possa ser útil para um colega que tenha um director e um inspector que o chateie. Mas tudo que fazem pode tornar-se uma ilha. O não reconhecimento de que a pedagogia institucional seja uma opção válida."

Quando voltamos, diz o nosso diário, há problemas. Duas crianças desapareceram no campo. Ninguém sabe deles. Oury ocupa-se da turma – em francês – e nós percorremos toda a região, à procura deles. Uma hora e meia depois, voltamos, sem os ter encontrado. Oury propõe levar o carro da educadora até à cidade: "Os garotos têm uma casa, não é? Vamos ver." Encontrámos as duas crianças perto da casa de um deles, a 8 km da escola. Levámo-los para a escola, onde temos um Conselho de turma, em

que Oury não quer estar presente. “Não têm que lavar a roupa suja em público, mas têm que intervir agora, já!”

Ao fim do dia, depois de todos terem saído, ele fala com os aprendizes de feiticeiro: “Estão a ver? Tudo corre bem. Pensei, os tipos combinaram tudo para mostrar à visita as coisas como deve ser. Mas depois, a vida intervém. Não houve nada de especial. Um quer mostrar o brinquedo novo ao outro, ou a coleção de imagens, ou sei lá o quê. Mas, pronto, há a transgressão da lei. Uma lei que eles não escreveram. Uma lei não votada por eles. Onde está aquela lei? O grupo institui regras e cumpre-as. Não é sujo fazer isso. O problema é que nem todas as regras são instituídas pelo grupo. Há as regras do mundo exterior. Regras sobre assuntos que não têm nada a ver com o que acontece dentro da sala, regras da companhia de seguros, do ministério de educação, da direcção da escola. Os limites têm de ser esclarecidos. A escola não é democrática? Pronto. Mas não se torna mais democrática se as crianças puderem fazer tudo. Democracia não é deixar fazer tudo. As instituições externas existem. Dentro da sala, sou o mestre. Aqui posso negociar com os meus alunos... o contexto de trabalho. Negociar o trabalho e o modo como ele está organizado.”

Alguns dias depois, recebo uma carta, com a proposta para um estágio. No meio da proposta, uma observação: “espero que vocês tenham discutido a fundo a lei e a autoridade. Pode ser uma ajuda para não ficarem numa ilha.”

Na escola, um grupo de pais, que procura obter o reconhecimento oficial da escola, para assegurar os vencimentos dos professores, quer saber mais sobre o que se passa na sala, quer perceber os porquês.

Com a Riet, mãe solteira de dois dos meus alunos e com quem me entendo bem, passo muito tempo a discutir formas de intervenção com as crianças. Uma noite, depois de muitas outras conversas, ela conta que, tendo estado desde o início com a experiência da escola, estava muito preocupada com o rumo dos acontecimentos. Mas ao mesmo tempo não gostava muito das soluções de escolarização propostas pelo Jo. Queria mostrar o seu desagrado com a maneira como ele tentou resolver o problema sem falar com ninguém, apresentando o novo "corpo docente". Sendo amiga íntima da Vera, tinha medo que o Jo estivesse a procurar uma maneira para a afastar. Ela contou-me que a conquistei, por uma observação muito simples, em resposta a uma pergunta sobre a organização das regras e a forma como os mais velhos se portavam perante as regras. Respondi qualquer coisa como: "Não percebo a dificuldade. O mais velho, de qualquer forma, sou eu, adulto". Hoje teria dito "adulto responsável".

Pensando nestas conversas e com mais uma parte do livro já traduzido, aceitamos organizar grupos de discussão, um pouco à

luz do trabalho na FSV[20]. Mas as discussões tornam-se rapidamente conversas de surdos. Quando me queixo, Oury responde, muito ao seu estilo: "Pois claro! O que tinhas pensado? Aliás agora mudaste para missionário? Queres espalhar a boa nova? E depois sentes-te todo murcho e cansado... discute com os teus pares. Aos outros conta o que fizeste – e só o que fizeste."
Percebo. Começo a pensar que deve ser possível construir grupos de aprendizagem noutros contextos, grupos que também elaboram regras e que se apropriam do seu próprio processo de aprendizagem. Sinto vontade em trabalhar fora do contexto da primeira escola. Para ver o que é possível, e para ter uma visão exterior sobre esta mesma escola. Aproveitarei o anúncio que o reconhecimento oficial do Appeltuin está para breve para me demitir. Riet encoraja-me na decisão. Embora rindo com a resposta de Oury, ela concorda que deve ser possível fazer trabalho de "formação institucional" fora da escola. Vou para Bruges, onde fico desempregado, depois, vou trabalhar em Oostende[21]. Foi um círculo que se fechou.

E o trabalho com as crianças?

Tenho recordações diversas apoiadas por escritos e fotografias

[20]A associação que tínhamos acabado de criar, com o pomposo título de Freinet Stichting Vlaanderen (FSV), literalmente Fundação Freinet de Flandres... Erro de "adolescentes"...

[21] Ver supra, página 20 e seguintes.

deste período. Senti-me, como se pode perceber pela descrição acima, muito empolgado e influenciado pelas pessoas da pedagogia institucional. Penso que isto se revela claramente no texto que encontrei, traduzido em 1986, mas escrito em 1982, portanto dois anos depois de ter deixado "De Appeltuin", entretanto reconhecida como escola. Penso que revela bem a marca de Oury e da minha leitura das monografias publicadas pelo grupo da pedagogia institucional.
Ao mesmo tempo ilustra a minha visão imatura do trabalho em sala.

Ivo, o lâmio vermelho[22] e a vaca.

1. Começa um novo ano.

Começo a trabalhar numa escola nova, numa cidade nova. São 19 alunos, dos quais oito vêm da mesma turma "anti-autoritária" e um colega com quem faço equipa. Entre os alunos, o Ivo, 9 anos, analfabeto. Quando me vê pela primeira vez, põe-se na minha frente e pergunta-me:

- És um bom ou um mau?
- ...
- Espero que sejas bom.
- Porquê?

[22] Lamium purpureüm L. Flor de Março até Maio. É vulgar ainda ter flor no Natal, mesmo sob a neve. Bastante comum nas ribeiras de prados e bosques – Bélgica, Holanda, Alemanha, Norte da França.

- Porque eu não sei nada!

Explico os códigos das cores e dos ficheiros. Combino com os alunos um período de duas semanas para cada um descobrir os níveis em que se situa. O Ivo vem ter comigo:

- Estes ficheiros são para toda a gente?
- Sim.
- Mas só há uma ficha de cada exercício!
- Certo. Quando acabares a ficha vais pô-la no mesmo lugar de onde a tiraste.

E Jonathan, um colega de turma do ano passado:

- Ó! Pascal, com estas fichas, cada um de nós faz coisas diferentes.
- Sim.
- Mas então, quem é que sabe mais?
- Eu.
- Mas o Pascal dá fichas mais simples aos que sabem menos?
- Não. São vocês que escolhem as fichas que acham que são capazes de fazer. Quando descobrirem as vossas cores, cada um pode escolher e trabalhar as fichas que correspondem às cores.

Diz a Lieve (Também colega do Ivo na escola anterior)

- É preciso fazer fichas especiais para o Ivo.

- Porquê?
- Não sei, mas a professora do ano passado fazia isso. Ela dizia sempre que o Ivo não sabia fazer o que nós fazíamos.

2. A reunião da manhã

Estamos na terceira semana do ano escolar. Benoit, um dos mais velhos, preside pela primeira vez. No fim da reunião vem ter comigo:

- Os mais novos ainda não participam muito na reunião de manhã...
- Deixa... eles logo se habituam.

Um dia, Ivo dá-nos uma notícia:

- A minha mãe já tem trabalho.
- Estava desempregada?
- Estava em casa.
- E agora, onde é que ela trabalha?
- Não sei.

Um texto do irmão que tem menos três anos explica um pouco melhor: a mãe trabalha num restaurante e o pai está desempregado.

Numa reunião da manhã nos fins de Setembro:

Ivo: Ontem fui jogar à bola com o meu irmão.

Os colegas começam a rir, com ar de troça.

Lieve: Mentira! Mentira! Tu não sabes jogar à bola!

Jonathan: Ele nem sabe dar um pontapé... parece

um macaco.
Os outros alunos começam outra vez a rir. O Ivo, muito zangado, levanta-se.
O Walter grita de modo a fazer ouvir-se por todos. “E a regra? A regra que diz ‘Não nos rimos dos outros’, vocês esqueceram-se? Precisam de um castigo!”.
O Walter! O Walter é mais ou menos rejeitado pelo grupo. Problemas de integração. Não consegue defender-se a si próprio e toma a defesa do Ivo. No Conselho seguinte, os outros irão pedir desculpas ao Ivo e ficarão avisados de que se voltarem a rir-se de um companheiro serão reprimidos pelo responsável do dia*. O Ivo parece não estar nem ouvir.

3. A vida da turma organiza-se... e o Ivo?
O Ivo não fala durante os Conselhos. Não perturba, mas também não participa. Quando fazemos a distribuição de tarefas, não quer fazer nada. (Não terá percebido?) Quando distribuímos os cinturões de cor, o Ivo é amarelo: “Procura trabalhar, não perturba, tenta respeitar as regras, não aceita responsabilidades”.
O Ivo não participa em nenhum projeto; quase não trabalha no ficheiro, pois depressa esgotou o interesse que manifestou no princípio do ano. Tem

cinturão branco em tudo – o que aqui significa nível de ingresso.
Não escreve textos livres. Diz que não sabe escrever. Não lê. Anda na sala, observa os companheiros, os placares. Pega num livro da biblioteca, mas desiste quando Bart, o responsável, lhe explica que depois de ler o livro tem que preencher uma ficha. Observa com atenção o Benoit que arruma e organiza a mesa de exposição, de que é responsável.
Às vezes pergunta se pode ajudar e o Benoit aceita a ajuda. Ivo tem uma tarefa, de vez em quando...
Chegam as férias do Outono (de 1 a 7 de Novembro) e não tenho um desenho, um texto ou uma história do Ivo. Os únicos escritos dele são duas fichas mal copiadas no caderno, a assinatura nas cartas coletivas para os correspondentes e duas críticas a seu respeito no diário de turma (sem efeito, por causa do cinturão amarelo: ele tenta respeitar as regras e, por consequência, está protegido pelo nível em que se encontra).
Estou preocupado. Bastante.

4. Conversas

As férias escolares libertam-nos da presença física dos alunos, e temos tempo para pensar neles com mais calma... e recolher informações.

Não possuía qualquer relatório do Ivo, nem sabia muito bem porque é que ele tinha ido parar à escola "anti-autoritária". Só sabia que ele estava na minha turma porque eu estava agora lá na escola.

Os pais de Ivo.

Como os pais tinham pouco tempo para falar comigo depois das aulas, combinei visitá-los em casa, durante as férias.

O pai, de 38 anos, desempregado, teve 13 profissões e 15 ocupações. O bilhete de identidade diz que é empregado de balcão. Recebe um subsídio de desemprego de 22.000 francos. A mãe ganha 17.000 francos a lavar pratos num restaurante onde trabalha três dias por semana.

Incluindo o abono de família, o rendimento mensal é de 45.000 francos. Pagam 10.000 francos de renda de casa. Vivem numa casa de campo, uma vivenda bonita, mas muito húmida e isolada. Gastam uma fortuna em aquecimento.

Por exigência da Segurança Social, o pai de Ivo frequenta um curso de reconversão profissional.

A família tem problemas económicos por falta de organização dos recursos. Quando há dinheiro, gasta-se, quando não há, as crianças dormem muitas vezes em casa de amigos o que resolve o

problema do jantar e do pequeno-almoço do dia seguinte. Ninguém se preocupa muito.
Cheguei numa altura em que havia dinheiro... era o princípio do mês. Fui recebido como um rei. Um óptimo jantar. O pai fala, a mãe concorda... o ambiente é agradável.

O Ivo foi sempre muito esperto... um pouco difícil, mas esperto. Foi para o pré-escolar quando nasceu o irmão. Não houve problemas. O Ivo gostava e continua a gostar muito do irmão. Na primeira classe também não houve problemas... aprendia bem e gostava de ir à escola.
Nesse ano nasceu uma irmã. Os pais ficaram muito contentes. A rapariga é muito mimada pelo pai que sempre desejou uma filha.
O Ivo transita para o segundo ano, ao que parece sem problemas. Primeiro boletim deste ano: tudo negativo. Os pais ficam inquietos e procuram o professor. Ele diz que o Ivo não sabe nada: não sabe ler, nem escrever e em contas é fraco. Segundo o professor, o Ivo decorou o livro do primeiro ano enganando assim a professora. Acrescenta que isto não era motivo para preocupação, já que muitos fazem o mesmo que o Ivo. O boletim era só uma chamada de atenção para os pais, pois o Ivo parecia

inteligente e iria com certeza recuperar.
Só que isso não aconteceu. No fim do ano, o professor informava "Está muito atrasado relativamente à média da turma." E aconselhava a Secção do Ensino Especial da escola. Os pais não querem.

Entretanto abriu, no bairro onde moravam naquela altura, uma escola anti-autoritária. Resolveram matricular o Ivo, convencidos que, num ambiente menos repressivo, ele iria retomar o interesse pelas coisas da escola. A professora[23] gostava do Ivo – dizia o pai –, mas mesmo assim o Ivo não gostava da escola. Muitas vezes chegava a casa a chorar.
No fim do ano, a escola anti-autoritário muda de professores. O pai do Ivo tinha muitas dúvidas, mas como ele não podia voltar para a escola onde esteve, senão para a secção do Ensino Especial, o Ivo acaba por ir para na minha turma.

A professora do ano anterior.
Consegui falar com a antiga professora do Ivo alguns dias antes de ela mudar de casa e de região. Lembrava-se muito bem do Ivo que para ela foi

[23]... que trabalhava a meio tempo, sendo o outro meio tempo assegurado por um conjunto de pais.

sempre uma criancinha com mais problemazinhos.
Nos poucos momentos em que ele estava na sala tentou pô-lo a trabalhar. Enquanto os outros iam lá fazer os seus trabalhinhos, ela preparava umas fichas especiais para o Ivozinho. Também tinha a impressão que os outros não gostavam muito dele. Às vezes eram bastante agressivos com ele.
Finalmente, a colega pediu a uma amiga psicóloga que observasse o rapazito.
A observação não revelou nada em especial... a amiga pensava contudo que existia um forte bloqueio comunicacional entre o Ivo e a turma.
Não, durante todo o ano, o Ivo não escreveu nenhum textozinho. No teatro do fim do ano, fez o papel de palhacinho muito engraçado porque a professora insistiu muito com ele.

O colega correspondente.
Falo de tudo isto com o meu colega com quem estabelecemos a correspondência escolar, e que tem muitos anos de experiência.

- Pois, o teu garoto já tem uma história muito longa.
- Sim, mas o que me preocupa é que continua a desinteressar-se constantemente...
- Há quanto tempo é que ele está na tua sala?

- Eu sei... 2 meses...
- Com um passado destes, aposto que ainda se vai desinteressar durante algum tempo. Deixa. Não te preocupes, não o constranjas. A tua sala parece funcionar. Deixa o miúdo. Ele já contou coisas nas reuniões da manhã, lembras-te?
- Mas eu gostava que ele funcionasse minimamente.
- Não podes consertar-se num dia o que se estragou ao longo de tantos anos. Vais ver que um dia ele começa a funcionar. Deixa o miúdo em paz se ele não te perguntar nada, preocupem-se, tu e o teu colega, com o ambiente da sala e os outros 18.

5. O crânio

O Benoit está doente e o Ivo, no seu passeio diário pela sala, demorou um bom bocado em frente da mesa de exposição para reorganizar o material. Na reunião de fim de tarde, a Katrien perguntou onde estava o crânio de cabra que expusera na mesa já há algum tempo.

Responsável do dia (R.D.) : Alguém sabe do crânio da Katrien?

...

R. D.: O Benoit está doente, se não

perguntávamos a ele.

Anne: O Ivo esteve a arrumar a mesa.

Ivo: Sim.

Pascal: Então e não sabes do crânio de cabra?

Ivo: O crânio da Katrien? Sei. Está ali.

Aponta para uma caixa debaixo da mesa, levanta-se e retira o crânio que vai dar à Katrien.

6. Um projeto decisivo.

Estamos na última semana de Novembro. No Conselho, propomos novos projetos. O Benoit propõe um projeto sobre flores de Outono.

Pascal: Acho mal fazer agora um projeto sobre flores! Os projetos só devem começar na semana que vem, e nesta altura já não há flores!

Benoit: Ainda ontem vi flores no bosque.

Pascal: Devem ser muito poucas. Acho melhor escolheres outro projeto.

Presidente: Quem é que quer trabalhar as flores.

Cinco dedos se levantam.

Benoit: Temos este projeto no frigorífico[24] já há

[24]A lista onde inscrevemos assuntos para tratar, chama-se frigorífico: mantemos os assuntos bem guardados, ao fresco. Se ficarem demasiado tempo no frigorífico, provavelmente é porque afinal, não estávamos muito interessados neles.

quinze dias. Não temos culpa que os outros projetos só acabaram agora!

Pascal: Bom, vamos lá ver... Mas eu tenho o direito de suspender o projeto se houver falta de material.

Na reunião seguinte, quando estávamos a fazer os contratos, o Frederick disse que a sua mãe podia ajudar. Telefonámos-lhe e a Ria confirma que está disponível para acompanhar o grupo ao bosque, para colher algumas flores.

Depois do intervalo, o Ivo vem ter comigo:

- Também quero fazer aquilo das flores.
- Pergunta ao Benoit. Por mim tudo bem, ele é o responsável do grupo.
- O grupo já disse que posso.
- Então acrescenta o teu nome no contrato.

Na 3ª feira seguinte, os 6 alunos implicados no projeto, foram procurar flores, com a Ria. Voltaram no momento em que acabávamos de nos sentar em círculo para fazer o balanço do dia. O Ivo chega, encharcado, com um "lâmio vermelho" na mão:

- Tenho uma flor, tenho uma flor!

O Ivo tinha caído na ribeira quando colheu a flor.

No dia seguinte, quando começa o tempo destinado ao trabalho de projeto, o Ivo anuncia: "Vou desenhar a minha flor". Pouco depois vejo-o sentado, no

colchão do cantinho da leitura, com ar muito aborrecido.

- Então, já desenhaste a tua flor?
- Não, não sei.
- Não sabes? Então porquê?
- Deixa-me. Tu sabes que sou estúpido.
- Mostra-me o que já fizeste.

O Ivo foi-me buscar o desenho. Não conseguia desenhar as florzinhas agrupadas à volta do caule. Ajudo-o a fazer círculos. O resultado é um desenho aceitável da flor. No dia seguinte, traz-me um papelinho.

- Olha, escrevi um texto. Posso lê-lo?
- Claro.

O texto em tradução seria aproximadamente assim:
"*É uma flor e preciza de agua. ela vive no bosque ela vive no bosque. ele vive muito tempo e a abelja vem para esta flor*"

- É bonito, o teu texto.
- Posso colá-lo com o meu desenho para o projeto?
- Claro, combina com Benoit.

No dia da apresentação do projeto, o Benoit mostra o desenho e o texto do Ivo, que tem vergonha e não quer falar.

7. Uma excursão e um texto livre.

No mês de Janeiro, não aconteceu nada ao Ivo. Parece que ele se esqueceu que participou num projeto. No fim de Janeiro, surgiu uma ideia a partir de um projeto sobre os pássaros: porque não organizar uma excursão ao Zwin, uma reserva natural na costa belga. Com uma pequena intervenção da nossa caixa cooperativa, conseguimos ir, cada um só pagando 150 francos. Algumas mães participaram na excursão e no piquenique. Assim, na última semana de Fevereiro, num bonito dia de sol, estávamos na costa para observar aves. No regresso, os alunos já estavam a criar textos livres...

Uma semana depois, escolhemos textos para o nosso jornal. Havia muitos textos que falavam da nossa excursão e um texto do Ivo:

"Fomos ao Zwin. A Ria acompanhou-nos. Perdemos o comboio e chegámos muito tarde a casa. Os nossos pais estavam à nossa espera na estação."

Este texto foi escolhido para o jornal pela turma inteira. Havia textos muito mais descritivos que foram integrados no projeto posteriormente enviado aos correspondentes. O texto do Ivo foi trabalhado e publicado no jornal:

"Fomos ao Zwin na última semana de Fevereiro.

A Ria, a Greet e a Rita acompanharam-nos. Vimos muitos pássaros e escrevemos textos acerca deles.

Fomos passear à beira-mar.
No regresso, perdemos o comboio e chegámos atrasados. Os pais da maior parte de nós estavam na estação à espera para nos levarem para casa."

(Ivo, 9 anos)

O Ivo escreveu à máquina uma parte do texto e ilustrou-o.

8. O último período.

Durante o último período, o Ivo "descobre" o ficheiro. Passa a laranja para +/- e a amarelo para x/:, enquanto arranca, desta vez a sério, com a leitura de livros da biblioteca, preenchendo fichas com o apoio do responsável.

No fim do ano progrediu, mais na leitura do que na matemática. Terá o Ivo acordado definitivamente?

9. Para terminar.

No ano seguinte, o Ivo não ficou comigo... as turmas foram organizadas de modo diferente. Trabalho só com alunos de 5º e 6º ano. Às vezes, oiço notícias dele, outras vezes vem-nos visitar na nossa sala.

- Então, Ivo, tudo bem?
- Sim. Tenho pressa. Estamos a fazer um projeto sobre cogumelos. Tens lápis de cor? Na nossa sala, perdemos o vermelho.

- Vai ver com a Gwen que é responsável por esse tipo de material.

Mais um ano, e o Ivo está de volta na minha turma. Parece contente. O primeiro texto eleito é dele:

A Vaca que voa.

Era uma vez uma vaca que morava numa quinta, que dormia muito bem todas as noites e que de manhã voava sempre para o prado. Um dia a vaca comeu o prado todo.

Chegou o camponês e quando viu isso, desmaiou, ele viu a vaca no céu.

Ela voava muito alto, nas nuvens.

Ela ia para a lua. Mas então voltou para baixo, entrou na loja da lua e o dono da loja quase desmaiou.

A vaca disse: "Dá-me um fato de lua, quanto é?" "3.000.000.000 de francos", disse o Senhor e ela voou outra vez para o céu. Chegou à lua. Foi dar uma volta; primeiro encontrou uma gruta. Ela foi ver lá dentro: era uma gruta bonita.

Assim decidiu: " É aqui que vou morar." Nessa noite teve sonhos bonitos. Sonhou com Marte. De manhã levantou-se e foi para Marte. Ao fim de duas noites chegou lá.

Foi conhecer os arredores: encontrou um precipício. Decidiu descer o precipício. Quando chegou ao fundo, foi reconhecer os arredores outra vez. Encontrou então

um precipício ainda mais profundo. Continuou o passeio, depois de umas duas horas encontrou um precipício ainda mais profundo, decidiu dormir. Levantou-se, continuou e umas horas depois encontrou a própria quinta.

Tenho uma vaga ideia de que o texto era ainda seguido de um comentário dando algumas pistas de explicação, que utilizei num encontro sobre metodologias de trabalho na alfabetização. Não encontrei mais este comentário que deve ter desaparecido na mudança de país. De qualquer maneira, se o comentário tinha as mesmas características do texto, só podia confirmar uma escrita ingénua, apresentando o trabalho de sala como algo de natural, quase sem a presença do professor.

Correspondência

Foi também com esta turma que tive a minha primeira experiência de correspondência internacional, incluindo uma visita de intercâmbio. Estávamos em 1981. A escola tinha sido reorganizada e fiquei com os alunos do grupo de 4º, 5º e 6º ano. Tínhamos começado uma correspondência internacional com uma turma nos Países Baixos, em Delft. A ideia surgiu quando, em 1980, criámos uma associação de professores[25], em consonância com o Freinetbeweging Nederland, com os colegas do grupo

[25]Ver supra, Freinet Stichting Vlaanderen (FSV).

AKO[26] e com alguns professores que se tornaram visitantes assíduos da escola De Appeltuin.

Por convite do movimento neerlandês, ligámo-nos ao movimento internacional das escolas modernas (FIMEM). Na Páscoa de 1981 estávamos numa reunião de trabalho da FIMEM, em Delft e conheci o Ton, jovem professor como eu, com quem me entendia bem. Logo surge a ideia de entusiasmar as nossas turmas para trocarem correspondência, avançando também com a hipótese de realizar um encontro.

A viagem realizou-se já no ano letivo seguinte, com uma turma só de 5º e 6º ano. Era Dezembro e estava a nevar. As crianças passaram toda a viagem a cantar o repertório que tínhamos aprendido no ano anterior e no início deste ano, conversaram com quem iam encontrando no comboio e aperceberam-se que nos íamos afastando de casa, com a mudança de sotaques e dialetos.

Depois de passar Antuérpia, ficaram todos aborrecidos porque a neve não deixava ver onde estava a fronteira. Não percebi de imediato a relação, mas algumas perguntas fizeram-me perceber que parte das crianças estava convencido que a fronteira estava pintada no chão, com traços e cruzes, como aparece nos mapas do atlas. Não os consegui convencer que não é assim. No regresso, havia locais onde a neve tinha desaparecido e onde foi

---

[26] Aktiegroep Kritisch Onderwijs, grupo de professores ativos divulgadores da pedagogia institucional entre 1972 e 2002 em Flandres.

possível verificar que de facto não havia nada pintado no chão, perto de Roosendael, o que os nossos colegas holandeses nos confirmaram, quando nos visitaram a seguir às férias da Páscoa.

Depois da primeira estação nos Países Baixos, já ninguém tinha dúvidas que estávamos noutro país. "Eles falam a mesma língua mas dizem as palavras de maneira diferente. E dizem 'bonito' para 'giro', por exemplo", resumia uma das alunas, num texto livre.

Os correspondentes estavam à nossa espera na estação. Fomos a pé para a escola que era muito perto. Como era quarta-feira, dia em que as escolas estão fechadas à tarde, mobilizámos os pais para que todos se sintam bem em casa do seu correspondente. Algumas famílias juntaram-se e proporcionaram uma tarde divertida aos convidados, questão de contornar possíveis problemas de saudades com a casa.

Os dois dias seguintes eram de trabalho e projeto em conjunto, em que os correspondentes nos mostraram a cidade de Delft. A noite, conheci ainda melhor como se deslocar de bicicleta na cidade, indo de casa para casa, porque havia beijinhos de boa noite para dar.

Sábado à tarde, na viagem de regresso, começou-se a fazer a lista de coisas que nos esquecemos, a ver se os correspondentes as traziam em Maio, quando vinham para a visita de retribuição.

Esta primeira experiência de correspondência interescolar e internacional, muito ao estilo dos relatos de colegas do grupo da pedagogia institucional, encantou-me. Terá influência, mais tarde,

para, estando em Portugal, organizei por duas vezes um encontro resultante da correspondência internacional interescolar.

O período português

Entre escolas, crianças e professores – parte 2

I

No Outono de 1984 vejo o Oury pela última vez, num encontro para promover o FSV, em Gent: "Dizem que sou antiquado, porque continuo a andar com a tipografia debaixo do braço. Mas a tipografia não é a mesma coisa que a fotocopiadora."
Dois anos mais tarde, depois de ter estado no Congresso do MEM, na escola Paula Vicente em Lisboa, mudo-me para Portugal com a Clarisse. Viemos de carrinha Volkswagen, cheia de Inês (que tinha 8 meses), coisas da Inês, livros e uma estante. Entre muitas outras pessoas, conheço Sérgio Niza. Procuro perceber melhor os pontos de contacto entre o Fernand e o Sérgio, entre o trabalho em grupos cooperativos do MEM e o trabalho dos grupos cooperativos no seio da corrente da pedagogia institucional. Entretanto, começo a aperceber-me rapidamente das circunstâncias em que se trabalha na escola pública portuguesa, em nada comparáveis às de Flandres. Começo a trabalhar como coordenador pedagógico numa escola semi-privada. Conheço outra mulher interessante, a Guida, que me levou para aquela escola particular e que me deslumbrou com o trabalho de texto e

de estudo que ela fazia com os alunos dela. Gostava também de ver como ela levava os alunos a avaliar uma situação, problematizá-la para depois intervir nela. Conto ao Oury as minhas aventuras.

Ele responde: “Parece que tudo vai bem. Eu acabo de fazer uma descoberta triste. Os livros também morrem. VPI[27] está esgotado e ninguém parece interessado em reeditá-lo. Mas vês que é possível lascar pedra. Claro, tem de ser em grupo.”

Dois anos mais tarde, estou outra vez numa turma, com crianças portuguesas desta vez, no ensino semi-privado. Conheço o trabalho de João dos Santos, conheço também o trabalho da escola de A-da-Beja, onde a Clarisse se insere numa equipa de trabalho e inicia o seu trabalhar com crianças e adultos surdos profundos. Ela conta-me algumas histórias que lhe conta o monitor surdo com quem trabalha e que lhe ensina a língua gestual. Ela mostra-me com mais clareza a realidade da exclusão. Esta exclusão pelo simples facto de desviar de uma norma. No mundo que me rodeia, a relação entre pessoas parece passar pelas normas e a normalização, não pela diferença e a vontade de conhecer a outra pessoa, de se envolver com ela.

Entretanto, o computador entra na sala. Aprendo a trabalhar com ele, e tenho a impressão que se a fotocopiadora não, o processamento de texto, sim, é um bom substituto para a tipografia, também em termos conceptuais. O trabalho de equipa

---

[27]Oury, Fernand & Vasquez, Aida (1967).

na construção da escrita está presente e facilitada. Escrevo isso ao Oury, que não me responde directamente. Recebo um postal na caixa do correio, para levantar um embrulho nos correios. Um pequeno presente: o livro *"Pédagogie Institutionnelle"*, publicado pela editora Matrice. Com um pedido para fazer publicidade ao livro e o anúncio de que VPI será reeditado. Reencontro algumas monografias no recém-publicado livro, entre outros *"Histoire de Claude: fermer pour ouvrir."*

O trabalho com o computador não pára, e com uma pequena equipa tenho novas aventuras com as crianças com quem trabalhamos na escola: construímos objectos em Logo e programamo-los.[28] Há uma nova ronda de conversas de fim-de-semana que se prolongam pela noite dentro, durante os encontros organizados pelo projeto Minerva. Pouco a pouco vamos percebendo os papéis diferentes das crianças e dos adultos-professores perante a introdução de problemas que à partida são desconhecidos dos professores e das crianças.

II

Ocupo parte dos anos de 1989 e 1990 com a correspondência internacional entre a minha turma e uma turma belga, do Appeltuin. Esta correspondência envolverá uma ida do grupo português para se encontrar com a turma belga e conhecer cidades como Bruges, Bruxelas, Lovaina e a praia do Mar do Norte. No ano

[28]Ver Nunes, Fernando & Paulus, Pascal (1990).

letivo seguinte, será a vez dos colegas belgas visitarem a turma portuguesa, aproveitando para conhecer Lisboa, Cascais e Sintra, além de visitar as praias do Oceano Atlântico. Desta troca de correspondência, em que participaram activamente todas as famílias, ficaram algumas amizades entre adultos e entre crianças, provocando outras viagens e reencontros[29].

III

Em 1998, quando me chega a notícia da morte de Oury, acabo de entrar no ensino público mas trabalho no Centro de Recursos do MEM. Preparo a minha ida para a escola de Outurela e Portela[30].
Entretanto, lancei-me alguns anos antes, numa nova atividade, de formador de professores na área da didática da matemática, muito a convite de duas amigas que gerem o Centro de Formação do Instituto Irene Lisboa. Isso obriga-me a ler e reler o que existe sobre a didática experimental da matemática. Uma escala de 4 horas no aeroporto de Paris, numa viagem à Córsega e uma amiga que insiste em tomar o pequeno-almoço no Boulevard Saint Michel, faz me conhecer o trabalho do Vergnaud, ao entrar na livraria Gibert Jeune, mesmo em frente à tão conhecida fonte desde 1968. Quando, alguns anos mais tarde, num outro voo,

---

[29] Em 2026 descobri que Maya, uma das professoras do Appeltuin para onde levei umas colegas portugueses, se lembrava perfeitamente da Dora Agostinho. Era o primeiro ano de trabalho na escola onde eu trabalhava, e Maya era uma das alunas belgas que nos visitava...

[30] Ver capítulo 3: *Grandi i Pikinote*.

desta vez em direção aos Açores, mantenho uma longa conversa com Leonor Filipe, descubro também Brun e Glaeser. É uma daquelas ocasiões em que uma pessoa gostava muito que os Açores ficassem algures do outro lado do planeta, só para aumentar o tempo de voo. Só falei uma vez com a Leonor, mas parece que passei muito mais tempo com ela.
As oficinas de formação e os círculos de estudo que inicio a partir daí terão muitas influências desta didática experimental da matemática.
Mesmo antes de sair do Centro de Recursos para iniciar a nova aventura com crianças de Outurela e Portela, chega-me às mãos o livro de Jean Houssaye, em que António Nóvoa descreve o trabalho de Sérgio Niza e de Paulo Freire, enquanto Fernand Oury é descrito por dois professores belgas, Pourtois e Desmet. Vejo com algum prazer que com dois trabalhei e trabalho há muito, e que um outro foi muito importante para mim, a primeira vez que saí da escola primária. Deu me vontade de conhecer também os outros.

Novamente num outro lado dum qualquer espelho

Antes de descrever as minhas aventuras na Outurela, ainda refiro que, em 1993, já algum tempo em Portugal, deixei novamente a escola que aqui já não primeira escola ou escola do ensino primário, mas 1º ciclo do ensino básico. Foi um acto um pouco espontâneo, não muito refletido, no fim do trabalho com uma turma de primeiro ano de que fazia parte a minha filha Inês. Ela

própria decidiu chamar-me Pascal, como os outros meninos na sala, mudando para "pai", logo que saímos da escola, numa clara manifestação de separar bem os papéis.

Resolvi pegar no caderno *Emprego* do jornal *Expresso* e responder a vários anúncios em que se recrutavam formadores, só para saber o que dava. O primeiro quadro comunitário estava em funcionamento, o segundo começava a esboçar-se, havia muito dinheiro para a formação.

Encontrei, desta forma, um grupo de pessoas na cooperativa SEIES, à qual me associei rapidamente. O trabalho de formação encantava: estava inserido numa equipa para trabalhar com mulheres que queriam esboçar novos projetos de vida, nuns casos para testar a viabilidade da sua ideia de atividades por conta própria, noutras para com elas intervir e investir no meio. Mais tarde, experimentarei também o trabalho de formação de formadores sem serem professores de profissão.

O ponto de contacto era a pedagogia institucional e a análise institucional. Percebi rapidamente que a análise institucional não estava reservada aos formadores. Apercebi-me que as nossas aprendentes se transmitiam informação preciosa acerca das funcionárias de várias instituições e como ou quando contactá-las para obter bens ou reconduções. Esta análise até permitia a montagem de estratégias, às vezes de sobrevivência, às vezes de aproveitamento. Sentia também claramente a raiva delas contra a escola que as deixou cair.

Escrevo a Créteil e recebo uma resposta: "Olá, parece que tomas prazer na vida. Aqui as coisas não vão assim tão bem. Praticamente já não saio de casa. São interessantes as tuas histórias. Cuidado com a análise institucional e com a teoria, Lobrot e outros. Continua a contar o que fizeste, e só o que fizeste."

Será a última vez que oiço algo do "*urso das casernas*"[31], prático que teorizou, que me pôs no caminho da teorização, mas que ao mesmo tempo desconfiava tanto "dos teóricos", que provocou há muito uma separação no seio do grupo da pedagogia institucional.

Não terá de se preocupar muito acerca dos perigos da teoria desnudada da prática. Na SEIES conheço o José Hipólito[32], conhecedor de realidades, contador de histórias, analisador de situações, sempre muito crítico. São horas de trabalho com ele mais horas de conversas sobre o nosso trabalho com as mulheres, sobre a escola, sobre utopias em que as pessoas ocupam um lugar central.

Trabalho 4 anos na cooperativa SEIES. É um momento muito rico em formação, em que começo a ver como fazer uma síntese: deve ser possível fazer passar pelo mesmo caminho a provocação de adultos ou de crianças, para promover a sua aprendizagem.

---

[31]Que era como Oury era designado entre colegas, combinando o título de um dos seus livros "*Chronique de l'école caserne*" com o seu físico imponente.

[32]Ver Santos, José Hipólito dos (2003).

Construindo um cenário pedagógico, um *Espaço Cultural Intermédio*, como me foi dado a conhecer pelo Patrice Lorrot, gerindo este espaço ou este cenário entre aprendentes, com algumas regras, uma das quais é de não desvanecer como formador tendo a responsabilidade formal sobre a ação. Monta-se um lugar e um tempo de encontro em que a transformação se opera. E logo que alguns elementos do grupo começam a sua reflexão, basta provocar, questionar e ajudar a sintetizar para que o contexto se encha o suficiente para que cada pessoa do grupo aprenda.

Conversas velhas que levam a novas conversas

Já lá vai o tempo das conversas com Leo Michielsen e com Fernand Oury.
Junto às conversas no MEM e na SEIES outras conversas, nas quais sou ouvinte, ou, melhor, leitor-ouvinte.
Desde que deixei a Bélgica, com a Inês bebé, não tinha tido muito tempo, para atualizar a biblioteca.
Na SEIES, com alguns momentos de pouco trabalho para clientes, aguardando o arranque de dois projetos importantes, podia-me pagar o luxo de pegar de novo em Struik, Assimov e outros clássicos da divulgação científica, como Hawkins e Sagan. Mas conheço também outros autores, pelo tempo que passo na livraria do Instituto Irene Lisboa, aguardando a chegada dos formandos nos primeiros cursos de matemática em que sou formador. Encontro John Allen Paulos, Stella Baruk, ...

Depois, de repente, abre-se novo círculo com Albert Jacquard. Ele leva-me aos livros dele, mas também aos livros de Charpak. Encontro Bento Jesus Caraça e depois o filho dele no *Grupo de Lisboa*, através de um artigo de Ricardo Petrella. Entretanto oiço Guita-Pasternak e Feyerabend abalando Descartes e Rousseau. Na cooperativa, cruzo-me com Jean-Marie Barbier, Bertrand Schwartz e René Dumont através dos livros deles.

Ajudam-me a fazer uma nova síntese acerca da formação e da intervenção social.

A vontade de intervir é clara e bem visível para a Inês, entretanto com 13 anos de idade. Vendo-me pegar nos materiais de organização do trabalho de sala para começar a trabalhar na Outurela, pergunta-me: "Ó pai, vais trabalhar com os teus alunos, como trabalhavas connosco?".

Ao que respondo: "Ó, Inês, só sei trabalhar daquela maneira."

Ela olhou-me com alguma preocupação: "Ó, pai, é que a escola não é o que tu pensas..."

A filha mais nova, Sara, teve uma educadora de infância espectacular, a Ana Amália, que convidava os pais e as mães para visitar a sala e fazer algo com os meninos. Uma vez fui fazer crepes, outra vez levei a viola e fui cantar cantigas com eles. A Sara estava radiante, obviamente. Vi os vídeos com os outros meninos tão radiantes como a Sara quando o seu pai ou a sua mãe foram lá. Quando a Sara entrou no 1º ano de escolaridade, escrevia e lia.

Só que a professora não acreditava[33]. A Sara desabafou, durante uma sessão de odiosos trabalhos de casa: "Ai, a professora nunca mais aprende o r." "Porquê, Sara?" "Para eu escrever carro, em vez de popó." A Sara percebeu o que muitos professores não percebem. Voltei a ser pai visitante, quando a Sara estava no quarto ano de escolaridade, numa escola de confiança, tendo uma velha amiga de outros tempos como professora. Ela convidou-me para trabalhar problemas matemáticos com a turma dela. Deste trabalho, ficou um caderno[34].

Acerca deste percurso até 1999

Fui-me apropriando, com a experiência acumulada, da corrente formativa em que o aprendente é instituinte do seu próprio processo de aprendizagem, em grupo, negociando e discutindo. Recuso-me desenvolver um qualquer modelo de trabalho em que a interação com o grupo não ocupa um lugar importante. Penso que trabalhar com crianças ou com adultos, significa trabalhar da mesma forma quando é para que se possam apropriar melhor do mundo das ideias e dos saberes, para poderem entrar nele e enriquecê-lo com as suas próprias ideias e os seus próprios saberes. E conduzir aprendentes neste processo de interiorização

---

[33]Como se fosse uma questão de fé em vez de observação, a percepção de o que crianças sabem...

[34]Na íntegra na https://sites.google.com/view/pepepascal/more-writing/nonfiction.

Documento em PDF

e de exteriorização, parece-me ser o meu papel como educador. A escola certamente adulterou este papel. "E-ducere (elevar fora de si próprio) degradou-se para educare (alimentar)"[35]. Na escola, "*enquanto Cro-Magnon da pedagogia, talhamos os nossos sílex incansavelmente, os utensílios que poderão servir a outros*"[36] .

Tinha, em 1999, alguma esperança de ter passado do estádio de *Cro-Magnon* para *Homo Sapiens Habilis*: alguns dos utensílios podiam ser utilizados para formar quem poderá utilizá-los como formador-educador. Mas talvez iludia-me: enquanto educador passava muito pouco tempo com as pessoas que por acaso ou por escolha própria (em contextos menos institucionais) se tornaram momentaneamente aprendentes comigo. Eles, tal como eu, formar-se-ão certamente a partir de outras influências, igualmente importantes, muitas vezes sem poder indicar claramente estes momentos formativos, por serem não formais ou informais. Mas todos estão aptos para fazer periodicamente um balanço, construindo recordações-referências (Josso, 2002).

Momentos que marcam

Para concluir o "pré-Outurela", fixo o que são, na minha opinião, as recordações-referências que me fizeram escolher a escola de Outurela para iniciar uma nova etapa.

---

[35]Jacquard, Albert (1991: 179).

[36] Oury, Fernand & Vasquez, Aida (1977: 65).

Em relação ao isomorfismo

Entre os momentos referidos como momentos de aprendizagem e de modificação, há os que relacionam o que se passa na sala de aula e nos grupos de formação com o que se passa na minha própria formação como professor.
Parecem ser momentos chave na tomada de consciência do isomorfismo.

Em relação à formação centrada sobre a pessoa

Ainda que a família apareça como importante, até na escolha da profissão, existe de facto uma grande autonomização que apoiará toda a posterior formação e também a reflexão sobre como a formação da pessoa se processa: cruzam-se os encontros em movimentos sociais como o BJN, o projeto da casa cultural, o FSV e o MEM, grupos informais, como o grupo de tradução do livro de Oury e ainda em grupos como a SEIES que relaciona a intervenção social com a actividade empresarial.

Em relação a própria aprendizagem

Realço o destaque dado ao Fernand Oury.
Percebe-se um reconhecimento da figura do mestre, numa pessoa muitas vezes nada fácil, para quem a intervenção é o mais importante. Faz-se o elo de ligação com Paulo Freire.
Assim também percebe-se o desencanto com o movimento internacional de movimentos de escola moderna. Em 1984 ponho

um ponto final numa relação com um organismo que me parecia tender para o afastamento do trabalho de consciencialização[37].

Porém, é exactamente na altura em que esta ligação parece não ter grande futuro, que há um outro momento relatado que é sem dúvida um dos momentos charneira muito importante. Vai implicar mudança de atividade profissional, novo olhar sobre a atividade de educador, novo país e nova família, novos amigos e parceiros na profissão.

Em vários trechos tento pôr em evidência como a afetividade e o amor pelas pessoas é motor de intervenção e dá rumo à actividade profissional.

Paulo Freire lembra esta frase de Ernesto Che Guevara: "*Déjeme decirle a riesgo de parecer ridículo que el verdadero revolucionario es animado por fuertes sentimientos de amor. Es imposible pensar un revolucionario autentico, sin esta cualidad*"[38].

Não considero que a minha narrativa seja dum revolucionário, mas fica pelo menos um piscar de olhos.

Formar formando-se. Um momento de balanço...

Há, neste capítulo, claras referências a momentos que foram

---

[37] Algumas coisas mudaram talvez com a evolução do relacionamento entre movimentos que constituem a FIMEM e organizam as RIDEF. Fui demasiado impaciente? Inclui hoje algumas sugestões em https://sites.google.com/view/pepepascal/interaction/learning-communities

[38] Freire, Paulo (1987: 80).

significativos na formação da minha consciência profissional, desde muito cedo, em que algumas experiências que poderemos considerar negativas, se tornaram extremamente significativas no meu próprio relacionamento com os educandos com os quais trabalho. É caso para dizer "*mesmo nos casos de aprendizagens coincidentemente investidas, estas aprendizagens efectuam-se "sem o sabermos" e é ver toda a dificuldade que há em conceber situações educativas que não sejam parasitadas por qualquer outra coisa que não seja o que se pretende desenvolver. Isso levanta o problema da identificação das "desaprendizagens" a efectuar e da determinação do que foi realmente aprendido em situação de formação instituída, factos com que a avaliação final geralmente não se preocupa."* [39]

Envolvi-me em grupos de jovens, grupos políticos ou movimentos sociais e referencio a percepção de atividades e intervenções políticos desde muito cedo.

Contudo, a procura de desafios diferentes a nível profissional, manteve-me em movimento e desperto para outros desafios. Paradoxalmente porque "*os aprendentes adultos só concebem o reconhecimento dos saberes adquiridos sob a forma que lhes é conhecida, as equivalências, e desejam que o assunto seja logo resolvido para o arrumarem de uma vez por todas. Enfim, os seus hábitos de fazer, os seus referenciais de pensar, tornam-nos pouco disponíveis, refractários ou desarmados para as novas maneiras de fazer, para trabalharem com outras referências conceptuais, para*

[39]Josso, Marie-Christine (2002: 180).

acolher ideias novas."[40]

Pensava eu que estava mesmo preparado para o regresso à turma...

[40]*Idem.*

Grandi i Pikinote

> *Gostava de te apresentar a escola ideal, que de momento só existe na minha cabeça.*
>
> *Nesta escola o aluno pode interessar-se por todo o tipo de coisas, muito diferentes umas das outras. Tem todo o tempo até ter de escolher, ele próprio, uma formação profissional. De momento pode continuar a «crescer mentalmente». Porque lhe ensinam não só a matemática ou gramática, mas também a liberdade, a curiosidade, a justiça, a camaradagem. Estas qualidades não se ensinam com palavras. É preciso experimentá-las nas aulas.*
>
> *Albert Jacquard.*

Cativado entre Outurela e Portela

O diário de bordo, que escrevi durante o primeiro ano de trabalho na Outurela e Portela, possibilitou focar de várias maneiras a história construída pelo grupo, entre crianças e adulto. São dois olhares, duas histórias.

Uma primeira, extensa, relata o nem sempre fácil relacionamento entre professor e crianças, nesta procura de construção.

A segunda, curta foca sobre o currículo e as aprendizagens curriculares, relata o que a abordagem pedagógico sócio-centrado permite na manutenção de um espaço cultural.

No fim do capítulo faço algumas considerações pessoais.

Esta história manteve propositadamente a sua forma original de diário, do qual apenas tirei os registos mais burocráticos relacionados com as aprendizagens escolares. Ficaram algumas referências que ajudam a contextualizar a relação descrita. Por razões óbvias, alterei os nomes das crianças e alguns contextos mais específicos.

O léxico no fim do livro explica os termos mais específicos aqui utilizados. Cada uma destas palavras é assinalada por um * na primeira aparição. Por ser uma referência recorrente, apresento aqui também a grelha que organiza os cinturões de cor. Ela é apresentada às crianças tal como os cinturões do Judo ou do Karaté, relevando o fundamental: quem ganha um cinturão, nunca o perde[1].

Os critérios para os cinturões de comportamento foram discutidos em conjunto e sofreram pequenas alterações ao longo do tempo em que trabalhámos juntos. Os que têm a ver com aprendizagens escolares foram definidos por mim. Obviamente, os cinturões são independentes uns dos outros.

[1] Não tem nenhuma relação com o muito comum sistema de "código de semáforo", de uso recorrente em turmas de 1º ciclo, para avaliar comportamentos sem passar por uma discussão aprofundada do seu significado.

Cores	leitura	escrita	problemas	comportamento	ficheiros +\-, x, ÷
branco	Lê algumas palavras.	Copia o modelo.	Participa às vezes na discussão de um problema.	Obriga o Pascal a levantar a voz. Perturba o trabalho dos colegas; provoca os colegas.	Teste
amarelo	Lê sílabas e textos da sala.	Escreve frases com apoio de alguém.	Participa nos momentos de "problema".	Obedece às vezes à equipa do dia ou ao Pascal. Respeita as decisões do Conselho. É capaz de ouvir nos momentos colectivos.	
vermelho	Lê uma ficha ou um pequeno texto.	Escreve pequenos textos e faz fichas de ortografia.	Resolve fichas do ficheiro de problemas ou do caderno.	Pede a palavra nos momentos colectivos. Respeita o material dos outros e da sala. Respeita o sinal para sair da sala.	
verde	Lê um texto e / ou um livro e faz a ficha de interpretação.	Escreve textos utilizando listas de palavras e fichas.	Sabe utilizar material para resolver um problema mais difícil.	Utiliza sempre o jornal para resolver um conflito. Trabalha e circula na sala sem perturbar.	
azul	Lê para a turma.	Escreve textos e faz fichas de língua.	Sabe e explica como resolve (parte de) um problema.	Trata das suas tarefas e responsabilidades na sala. Trabalha em pequenos grupos sem conflitos.	
castanho	Lê histórias na hora de conta.	Toma nota do "Contar, ler e mostrar" e das decisões de concelho. Tira apontamentos numa visita de estudo.	Inventa situações problemáticas e resolve-as.	Organiza um grupo de trabalho. Tem o seu trabalho em dia e ajuda espontaneamente os outros.	
preto	Lê como um adulto.	Escreve como um adulto.	Explica e apoia colegas na resolução de problemas.	É considerado adulto na sala.	

Primeiro período: um difícil arranque

Logo no primeiro dia, depois da sexta-feira das apresentações, 9 crianças quiseram contar novidades*: 'contar a sua frase', como eles disseram.

Pelos vistos foram treinados a dizer a frase a ditar, quase não dá para ter uma conversa normal.
Trabalhámos "a frase" da Soraia, nesse mesmo dia. Foi o pontapé de saída para o jornal*. Eles disseram logo: 'Com a professora do ano passado, íamos fazer, mas depois não tivemos tempo. Fizemos um livro'.
O trabalho correu assim-assim.
No dia 21, o *canto dos livros* foi invadido pela maioria dos alunos, para jogar jogos* de tabuleiro, que não são muito respeitados; isso fez-me exaltar à tarde, e perdi o controle.
A partir do dia 22, comecei a propor alguma rotina: trabalho de texto* de manhã, depois das novidades e da organização. Depois tempo para o plano individual de trabalho (ou plano)* até a hora do almoço. Dei-lhes uma proposta de plano, logo na primeira semana, que preencheram sem critério, mas que guardam religiosamente numa bolsa de plástico identificada com o nome, e desde a semana passada, com o número de ordem interno. Depois do almoço, vario um pouco, mas ainda não consegui encontrar a forma certa. Os alunos não aguentam demasiado trabalho maioritariamente ainda individual, mas demasiado trabalho colectivo também não.
No geral, são muito pouco autónomos. Pensei que seria diferente, depois do investimento do ano passado, em que acompanhava a distância enquanto formador várias turmas da escola, mas de facto nota-se que eles estão habituados a pedir tudo ao adulto e a

fazer tudo para o adulto. Daí que também seja muito divertido furar a organização do adulto? Pelos vistos sim, mas só um pouco: os espaços de trabalho estão razoavelmente bem tratados e, tirando os lápis, perde-se pouco material; os cadernos e dossiês aguentam.

O dia 23 (depois de três dias de aulas) correu razoavelmente bem... tirando a Indira e a Cláudia que andam à luta por tudo e por nada, o Isaías e o Fábio que desestabilizam, as coisas vão-se fazendo. Tento perceber onde estão as dificuldades: Soraia, Adelino, Isaías são muito fracos. Rodrigo e Sandro estão em branco. A escrita manuscrita do ano anterior não facilitou as coisas. Eu voltei à letra de imprensa, para ver quem me segue.

Dominam o material Cuisenaire*, dominam-se menos a si próprio. Cada deslocação na sala pode resultar num pontapé e iniciar uma autêntica batalha campal.

Aguentaram-se na primeira reunião de Conselho* durante perto de 20 minutos, e estavam bastante contente depois. Tive que aliviar com uma actividade coletiva de desenho. É interessante: naquele dia estava a chover torrencialmente, mas não houve muito distúrbio por causa disso.

Segunda semana: de 27 de Setembro a 1 de Outubro

Não foi possível aos alunos fazerem a avaliação do plano individual de trabalho. Não sei se tem a ver comigo ou com eles. Eu entreguei os planos organizados e agrafados.

Esta semana começou a «loucura» dos livrinhos: agrafam duas folhas brancas com uma folha de cor em formato A5 e «escrevem» uma «história». Primeiro para a professora do ano passado, depois também para a sala.

Insisti muito no texto e no desenho, o que tem resultados variados: Sátia, Jessica, José, Cíntia, Rodrigo e mais alguns têm algum trabalho realizado.

Algumas crianças começaram a funcionar com os ficheiros*: Cíntia, Jessica, Isaías, Mafalda — desenha pássaros lindíssimos — perceberam, mas ainda esquecem-se de marcar o que fizeram.

Na quarta-feira as coisas deram para o torto: não foi possível ler uma história, era uma gritaria pegada na sala e a arrumação foi uma catástrofe. No meio de toda esta confusão, o Luís, a Cíntia os Rodrigos, o Sandro e a Jessica trabalharam bem.

A Indira chama imenso pelo negativo, e é talvez a única que não é de confiar em termos de tirar, destruir ou esconder material. Hoje consegui trabalhar um pouco com o Sandro, embora me pareça que é «chover no molhado»: depois ele pode muito bem desaparecer durante uma semana (foi o que aconteceu a seguir: casamento de um familiar… uma semana).

Na quinta, estava contente: o dia correu muito bem. Como disse a Sátia: hoje o Pascal não se chateou muito.

Pois não: é este o meu maior problema e a minha maior inquietação neste momento: eles não conseguem ouvir nada, nem de mim, nem dos outros: nas «novidades» é um martírio

evitar que falem dois a dois ou em pequenos grupos. Não ligam manifestamente a nada, estão habituados que alguém os ajude ou explique novamente.
Conseguimos fazer um gráfico com a previsão do resultado eleitoral das eleições legislativas.
No fim do dia, entrego em mão a nossa primeira correspondência, na escola da Voz do Operário na Ajuda, com os respectivos comentários.
Na sexta-feira, segunda reunião de Conselho: aceitam a reunião e é a segunda vez que os vejo atentos uns aos outros durante um curto tempo (20, 25 minutos).
Há bastante trabalho realizado, mas é tudo tirado a ferros: livrinhos, ficheiros, desenho, é o que há de visível.
Vários desistiram a meio de um puzzle matemático (LOCO), demasiado complicado na sua estrutura. Só Aida continuou porque eu estava a apoiá-la. A seguir à reunião fizeram desenhos e jogos, não correu muito mal.

A semana de 6, 7 e ½ de 8 de Outubro

A terceira semana não é semana: dois dias e meio, por causa do 5 de Outubro e da requisição da sala como secção de voto.
Quarta-feira começou bem e acabou mal: a Guida é instável, o Isaías ainda mais. O Fábio passa momentos difíceis, a Sátia é uma pequena peste de vez em quando. Desviam o trabalho para construções, geoplanos cheios de elásticos sem desenho,

enquanto que surgem um ou dois livros com alguma qualidade. É uma situação preocupante porque é provocatória, o facto de eles negarem qualquer bom trabalho. Um produto final bonito alcançado por um, é gozado e rebaixado pelos outros. Será quem sabe têm medo de mostrar que sabe trabalhar?

Ainda não consegui pôr a funcionar a observação do tempo, bem como a distribuição de tarefas. As equipas* têm mini-tarefas. Sou eu que não me quero lançar muito?

A quinta-feira correu às mil maravilhas. A presidente do Conselho Executivo e a avó da Indira estavam espantadas quando viram todo o grupo (só faltava a Andreia) a trabalhar nos seus locais de trabalho, sozinhos ou em pequenos grupos. Introduzi lugares de trabalho fixos, para tentar controlar minimamente a organização da sala. Agora vou pensar em discutir com eles responsáveis por cada mesa.

Trabalha-se manifestamente mais neste momento. Mas também ainda há, sobretudo da parte de alguns rapazes, uma fuga para os jogos, sem seguirem muito as regras dos jogos. Tenho grandes dúvidas se hei de recorrer aos cinturões de cor ou não.

Na sexta-feira, passámos a maior parte do tempo no recreio (substituição de quadros). Observei-os a brincar. Depois de 30 minutos de muito barulho e de muita perturbação organizaram-se: a Sátia, a Jessica e depois a Guida foram para a sala, enquanto que os outros brincaram sem grandes confrontos, a Cláudia e o Luís assumem-se como líderes e são reconhecidos pelos outros.

Foi interessante registar o desenvolvimento das reações ao longo do dia: durante o recreio houve vários que quiseram ficar na sala a trabalhar. Depois do recreio, quando propus continuar a trabalhar até meia hora antes do fim do dia, primeiro ficaram com ar aborrecido. Logo a seguir alguns erguerem os braços quando lhes lembrei da necessidade de fazermos a reunião do Conselho ainda da parte da manhã.
E a reunião correu bem até aproximadamente 5 minutos antes do fim.
O Bernardo dirige uma crítica muito forte para a Indira. 'Deu-me um pontapé na pi..a', disse. O 'Ó!' generalizado não tem a ver com a palavra utilizada mas com o sítio do pontapé: aí não se dão pontapés.
Tive pouca paciência com a Sátia e o Luís.
Resumindo: entre 21 alunos, Indira, Cláudia, Sátia, Luís e Fábio são os mais difíceis.

A semana do 11 de Outubro

A semana começou com meio-dia de folga para os alunos por causa das «limpezas» necessárias, depois do domingo eleitoral. À tarde tive muitos ausentes, o que complicou a organização do trabalho, com consequências para a semana toda.
A tarde preencheu-se sobretudo com trabalho de plano e correu de forma exemplar.
Terça-feira de manhã foi o desastre antes do recreio. O trabalho

coletivo (trabalho do texto da Indira) foi um castigo. Gritos e empurrões. À medida que alguns iam acabando, outros iam fazendo, e quando chegou a hora do recreio as coisas estavam mais ou menos compostas.

Luís e Edmar pegam-se violentamente, também o Fábio e o Isaías. Às vezes também o Luís e a Sátia não funcionam.

Pensava no início da semana conseguir que fossem eles a arrumar o trabalho feito no plano na sexta-feira, mas não. Paciência.

De modo geral, mais individual o trabalho é, mais sossegados eles trabalham. Não conseguem trabalhar em conjunto, a dois ou a três, muito menos ouvirem todos o que um tem para contar.

Estimulei o desenho em folhas grandes a dois ou a três, para ver: dividem a folha em partes, e cada um fica com a sua parte.

Tenho duas meninas bem organizadas: Mafalda (portuguesa, branca) e Cíntia (portuguesa de origem cabo-verdiana, mulata). Cíntia ficou responsável pelo ficheiro, Mafalda pela biblioteca.

Na sequência destas propostas feitas no Conselho, algumas crianças pediram uma tarefa também para si, e outras, uma responsabilidade*. Disse-lhes para escreverem propostas no diário*. Veremos.

Para o que tem a ver com os conteúdos de língua e matemática, vamos pouco a pouco. Consegui já trabalhar com o Rodrigo, o Sandro, a Soraia (que não se consegue concentrar) e com o José. Tenho curtos momentos com os alunos mais avançados na escrita, curtos momentos também com os que escrevem histórias

e livrinhos.
O trabalho no computador* passa sempre por mim. O *Windows*® é muito complicado para os alunos de 2º ano. Torna-se contraproducente ter que olhar constantemente para o canto da informática...
Quarta- e quinta-feira correram bem nos momentos de plano. O momento de música na quarta de manhã também teve algum êxito.
Quinta-feira, a reunião com os pais foi agradável. Não fizeram muitas perguntas, mas tivemos algum diálogo à volta do apoio (sobretudo para o Adelino, o Fábio, a Andreia). Penso que os pais perceberam bastante bem a razão de não haver trabalhos de casa. Todos os 14 (de 21) que estavam, aderiram bem a uma proposta de ida ao teatro.
Saiu o nosso primeiro jornal.
Grande alegria na sexta-feira. A leitura do jornal foi bem sucedida, o problema é que a seguir mais nada se fez de colectivo, a não ser a reunião de Conselho. E esta semana a reunião não correu bem. A Sátia, a Cláudia, o José e o Luís resolveram pôr-se na oposição e isso não facilitou. Tive pena do Edmar e do Bernardo que bem tentaram ficar atentos.
O José manda gritos, não só quando quer fazer calar as pessoas, mas sobretudo quando ele se quer controlar fisicamente: ou é o grito ou é a corrida e o pontapé.
A venda do jornal criou algumas confusões. Será necessário fazer

um controlo de dinheiro e de jornais que sobram. O Fábio pensou que o dinheiro da venda era para ele, a Cláudia ficou convencida que o Fábio ficou com o dinheiro. Mas ganharam força para trabalharem para o próximo, pelo menos tenho esta impressão.
A leitura dos planos e dos cadernos mostra quem trabalha muito. Esta semana há algumas surpresas: muito trabalho da Indira (será que encontrou quem a ajudar?), do Fábio também, e menos de outros que costumam fazer mais (as miúdas estão na ressaca...). O momento de matemática sobre o jornal foi bom e o trabalho sobre os políticos (resultados) deu uma leitura de grelha interessante.
Ainda não temos resposta dos partidos à nossa carta[2].
Decidi voltar aos cinturões de cor. A última vez que os utilizei, foi numa turma difícil (pensava eu então...) de 3º ano. Preciso de algum instrumento para eles perceberem mais depressa onde é que estão em relação às aprendizagens. Neste momento é de mais fácil leitura do que uma grande lista de verificação.
Tenho que encontrar formas para quebrar os hábitos de gritaria e de conversa em voz alta e tenho também que encontrar formas para pôr o plano individual de trabalho "nos carris".

A semana do 18 ao 22 de Outubro

A segunda-feira correu muito mal. Grandes chantagens de parte a parte, para conseguir que trabalhassem.

---

[2] Ver infra.

Algumas zangas no meio, e umas aulas nada convincentes.
A Cláudia e a Sátia estiveram manifestamente na provocação, enquanto que a Indira não consegue atrair a atenção pela positiva. Anda sempre a implicar com os outros e não percebe ou não está interessada em perceber que perturba logo que se levanta da cadeira.
O Isaías e o Fábio têm um trabalho muito irregular, e muitas vezes não trabalham mesmo.
Há outras pequenas provocações do tipo '*esta escola já não presta*', '*temos que trabalhar demais*' e '*isto não faço*'. Destroem o próprio trabalho, quando o quero valorizar.
A ida à Quinta de Sales* correu razoavelmente bem, menos com a Indira e o Isaías, também em franca oposição lá fora. Gostaram da história do papiro e do pergaminho, mas tudo o que demora mais do que 3 minutos a contar não mantém a atenção deles.
As vendas do jornal renderam pouco mais de 2000 escudos. O próximo está pago. Também já tem 6 textos.
São individualistas mas não querem fazer trabalhos diferentes. Querem todos fazer a mesma coisa, para poderem comparar, mandar bocas e provocar uns aos outros. José, Cláudia, Iolanda, Aida, Luís são os especialistas.
Os individualistas (e aqui são mesmo todos) não estão nada interessados nas descobertas dos outros, nem os conseguem ouvir. Pedir para ouvir, é logo receber uns olhares ameaçadores, uns rabos que se levantam e uma gritaria na sala. Têm um tempo

de tolerância extremamente reduzido.
É anunciada a auto-avaliação. Será outra luta.
Tenho a impressão que há produção, mas ela desaparece entre as desorganizações e desestabilizações constantes.
Na sexta-feira apareceu a carrinha da escola da Voz do Operário com uma delegação da turma dos correspondentes para lhes entregar as cartas. Os valentes com "grande boca" andavam atrás das minhas costas, cheios de vergonha.
Mostraram a sala, entre a correria do Fábio e do Isaías. Apresentaram-se, trocaram algumas (poucas) palavras, e a delegação foi-se embora.
Durante todo o dia foi uma azáfama de escrita e desenho para os correspondentes. De tal forma, que foi totalmente impossível fazer a reunião de Conselho. A desorganização não o permitiu.
Não insisti muito nas cores, mas houve alguns olhares atentos. Também aqui a "escola tradicional" deixou marcas. Conhecem as bolinhas verdes e vermelhas. Portanto, tenho que ter cautela.
Estão mesmo muito zangados comigo, porque não fotocopio fichas para eles fazerem. Como diz o Luís: '*Estamos fartos da escola velha do Pascal, queremos a escola moderna*'. Estamos na fase da revolta... e dói muitas vezes.
Depois do entusiasmo inicial para a ida ao teatro, os pais abrandaram um pouco. Será preciso reforçar o pedido. Provavelmente através das crianças, que me vão fazendo perguntas de como é que é ir ao teatro: se vão ser mascarados, se

podem levar lanche, se vão dançar.
Os momentos de música não correram mal esta semana. Não fomos muito além do cantar, mas são momentos em que há mais alguma atenção colectiva.

Segunda-feira, 25 de Outubro

O dia começa bem. As «novidades» não são muito institucionais. Vão contando coisas, umas a mim, outras aos amigos. Mas funcionam assim. Aprendo que o Guineense Isaías não gosta do professor do irmão da Cláudia: "Ele é preto!" E responde: "Aqui não há!" quando eu refiro que há muitos professores negros no mundo.
O plano do dia está nas mãos das equipas. Durante toda a semana não haverá falhas. Começámos também a nossa segunda semana de registo do tempo.
Continua a ser muito difícil combinar coisas em conjunto. Também é quase impossível trabalhar um texto ou uma história com a turma. Estou consciente que ando a procurar alianças com os/as líderes, concedendo pequenos favores que nem sempre passam despercebidos aos outros.
O trabalho individual não corre mal. Ainda há pouca inter-ajuda, mas a Cláudia e a Mafalda prontificam-se várias vezes.
À tarde elaboramos o calendário de aniversário, o que correu muito melhor do que tinha previsto. Os negros desenham-se brancos, dois brancos desenham-se negros. O Isaías assume-se negro.

Terça-feira, 26 de Outubro

Conversa de manhã, antes das aulas, sobre Nelson Mandela, por causa de um colega que se chama Nelson. O Fábio, a Cláudia, a Jessica e a Sátia, que estão a ouvir, ficam bastante impressionados com o sistema de Apartheid.

O dia começa pior. A Indira tem uma das suas crises.

Trabalhamos com as réguas Cuisenaire. Algumas crianças põem resistências grandes em trabalhar a partir de uma proposta no quadro.

Depois do recreio começamos a ler a grelha «já sou capaz de»*. A linguagem continua demasiado difícil para eles. Este ano vou ter que continuar com estas grelhas, mas para no próximo ano tenho que ter mais cuidado com as cópias que fiz das grelhas de colegas que trabalham em contextos bem diferentes.

À tarde, não consigo um trabalho organizado em conjunto. O dia acaba um pouco perturbado.

Quarta-feira, 27 de Outubro

Quero finalizar a correspondência. Proponho o trabalho de texto sobre o texto da Sátia, seguido de trabalho de correspondência. Um bocadinho de lã que trouxe para a Sátia, para fazer um pequeno quadro para a correspondente, faz com que de repente todos querem fazer quadros. Resultado: nada de avaliação, está toda a gente muito ocupada.

Entretanto, as «novidades» de ontem provocaram o embrião para

uns projetos*: o Luís sobre carros e o Bernardo sobre o Benfica.
O Adelino traz um bichinho de conta para a sala. Mais um pequeno projeto.
Com as fichas que uma colega me deu, e com as propostas sobre ilusões ópticas da Nesquick®, construo um pequeno ficheiro de actividades que introduzo na sala.
A Indira desestabiliza muito e foge da escola na hora do almoço.
Trabalha-se muito. Fica combinado que a avaliação de língua se fará quinta de manhã, logo a seguir às «novidades».
À tarde começam a "ensaiar". Contas, músicas (pimba) e danças. Até meio da tarde. Depois todos vão ao trabalho de plano.

Quinta-feira, 28 de Outubro...

... a avaliação de língua é pacífica. Durante o recreio há um problema de saída da escola que discuto com eles logo a seguir. O Luís mostra-se muito interessado pelo computador, e vai escrever no diário da turma que quer ficar responsável por ele. Começo a treiná-lo para tal.
O trabalho com as réguas Cuisenaire é algo confuso. No tempo de estudo autónomo*, as coisas recompõem-se. Consigo fazer um levantamento bastante pormenorizado das tarefas que há para fazer, e conseguimos cumprir bastante bem. A Cláudia ajuda o Adelino durante grande parte do dia, a Sátia empenha-se no computador a ajudar colegas.
A tarde tem um cenário muito parecido com a tarde de ontem.

Na sexta-feira, 29 de Outubro…

… o dia começa também mais calmo. Há a possibilidade de propor um pequeno trabalho mais diversificado que pode ser incluído no plano, e, depois do intervalo, introduzir a avaliação de plano. Parecem ter aderido bastante bem. (A Lurdes Pequito disse-me há pouco que nas turmas dela a avaliação de plano normalmente corria bastante melhor do que a própria "assembleia" como se costumava denominar numa determinada altura a reunião semanal a seguir ao balanço a organização, no seio do MEM).

Ouvem-se e discutem o valor do trabalho.

Na reunião de Conselho, embora estejam bastante atentos, eles «metralham-se» com os marcadores. Uma troca de gestos entre Luís e Cláudia faz com que esta saia porta fora, de «trombas». Logo a seguir é o caso da Sátia. A Jessica também esteve algum tempo lá fora, para se recompor, acompanhada por uma das auxiliares de acção educativa.

Depois do Conselho, a tarde é livre. Por isso, brincam… à escola!! A Cláudia passa fichas (talvez para me mostrar o que para eles é a escola).

O trabalho de projeto do Luís avançou um pouco, o do Bernardo também, e o do Adelino está concluído.

O Luís aprende mais coisas no computador.

A Indira tem uma grande crise, agride violentamente a Iolanda, que, de seguida, lhe pinta a mochila com giz. Resultado: grandes

berros da Indira que perduram até às 15.20.
O balanço da semana não é mau. Fizeram bastante trabalho, avaliaram bastante bem. Continuam extremamente agressivos uns com os outros, e continuam a desestabilizar, assim que se apercebem que vai haver atividades coletivas. A Cláudia canta em voz alta, a Jessica não se vai sentar, o Isaías e o Fábio põem-se debaixo da mesa, um lápis voa, seguido de outro, enfim, muitas coisas divertidas acontecem.
No fim, a Sátia vem dizer que vai ter saudades minhas durante a semana que vem. Provocação ou início de uma aposta ganha?
Esta semana, recebemos também uma resposta às nossas cartas aos partidos políticos. A resposta é do PCP, que as crianças foram logo identificar no gráfico de intenção de voto: é o que pintámos em amarelo. "Um partido pequeno," disse um. "O partido do Carvalhas," disse outro. A resposta é carinhosa, mas tem que ser trabalhada para os alunos, para se tornar mais perceptível. Um trabalho para fazer.
Um problema grande é o facto de eles não se identificarem com o seu grupo de trabalho ou com o seu lugar. Andam sempre de um lado para o outro, destruindo qualquer organização. Foi decidido no Conselho que a partir desta semana passa a haver material coletivo por grupo, mas não sei se vai resultar. Tenho as minhas dúvidas, devido aos «lápis voadores».
Para o projeto do Luís, fui buscar alguma documentação ao Senhor Boaventura, da oficina perto da escola. Disse que me dava

tudo com muito gosto, sugerindo, entre risos, que bastava trabalharmos acerca dos carros da marca que representa.
Está confirmada a nossa visita ao teatro para o dia 17 de Novembro.

Segunda-feira, 8 de Novembro

Voltamos a ver-nos depois da interrupção de Outono. As «novidades», com a minha primeira tentativa de as transformar em *Ler, Contar, ler e mostrar**, correm mal. Sentados nos seus lugares, ninguém ouve ninguém, como de costume. Interrompo as tentativas de contar no meio do processo, o que provoca logo uma reacção violenta, da Iolanda e da Cláudia. Parece que escolhi uma má estratégia.
Depois de uma conversa minha com a Isabel, responsável pela biblioteca, Luís e o Adelino desapareçam para a biblioteca, para trabalharem lá, no sossego. Será assim todas as tardes desta semana com óbvios resultados: o projeto dos carros avança. A investigação está quase pronta, e têm um novo sonho: construir um carro.
Os outros resolvem brincar... à escola. A brincadeira envolve uns 15 da turma, alguns preferem trabalhar sem ser a brincar. Mas é divertido ver como pouco a pouco as duas «professoras», Sátia e Cláudia, introduzem propostas de trabalho como eu costumo fazer. Será que já não estão tanto na oposição? O trabalho corre muito bem e os «alunos» fazem as coisas mais diversas. Tenho

muito tempo para trabalhar com a Cíntia e com o Edmar que se afastam muitas vezes deste tipo de atividades.
Na arrumação ninguém se zanga. Um belo dia de trabalho.

Terça-feira, 9 de Novembro

Introduzo os cadernos de matemática da Raiz editora, da Rosalina e da Júlia. É o sucesso de costume, no início. Como sempre, precisam preencher 40 coisas ao mesmo tempo, sem fazerem nada de especial. A Sátia está contentíssima, a Cíntia também. Muitos pegam no caderno. Adeus «novidades».
O dia corre mal. Não há hipóteses de trabalharmos todos em conjunto, nem para corrigir um texto coletivamente. A segunda tentativa de brincar à escola sai mal (como muitas vezes quando há repetições) e a Cláudia zanga-se com a Sátia. Isto provoca um conflito que só se resolve no fim do dia, mas com uma troca de palavras violentas entre mim e a Sátia.
Faço perceber que a Cláudia e o José poderão mudar de cinturão de comportamento, o que faz com que os outros prestem mais atenção a alguns cartazes na sala, nomeadamente os da organização.
Li o texto da lenda de São Martinho com a Cláudia e o Bernardo, para depois fazer um ensaio para um «tableau vivant». O ensaio ficou agendado para quarta-feira.
Ao fim do dia vou entregar o 2º pacote de correspondência na Voz do Operário. A professora Julieta da turma dos correspondentes

afirma que alguns dos seus alunos estavam um pouco assustados com o que viram na nossa escola, quando foram entregar a sua primeira resposta.

Quarta-feira, 10 de Novembro

O dia começou com uma reconciliação entre Sátia e mim.
Tenho 11 teatros pagos. Corrigimos um texto da Soraia a correr, exijo algum trabalho sobre o texto (resposta à perguntas) que muito dificilmente se faz. Antes do recreio, alguns pegaram no seu plano de trabalho, arrancando estudo autónomo, outros estão a fazer tempo.
Depois do recreio, tentamos ensaiar a lenda. O Bernardo e a Cláudia escolhem o Adelino e o Luís como mendigo e cavaleiro, a Iolanda como Sol e a Sátia quer ser anjo. A Cláudia fica com o papel de Deus.
Duas vezes corre bem, à terceira já temos problemas.
Depois de andarmos para a frente e para trás, resolvemos voltar para a sala, e logo se verá o que acontece.
À tarde, trabalham de uma forma mais organizada, o caderno ainda está na moda, a pintura chama, o Adelino e o Luís estão a construir o carro deles na biblioteca e só vêm desestabilizar ao fim do dia, enquanto outros se organizam para projetos de trabalho: seis meninas com as Barbies, uma com a sua boneca cozinheira, o Rodrigo com os animais, o José com aviões e a Aida com as plantas.

Quinta-feira, 11 de Novembro

Festa de São Martinho para toda a escola. Representamos a lenda, com os mesmos nos mesmos papéis, salvo o Adelino que tem vergonha e é substituído pela Soraia, que nem sabe o que está a fazer e portanto também não tem vergonha.
O «anjo» Sátia nem aparece.
O resto do dia passa-se a brincar, comer castanhas, pintar, entrar e sair da sala.
À tarde há uma pega com o Isaías: ele resolveu atirar pedras aos homens da manutenção. Grande alvoroço.
Obviamente é difícil mandar arrumar.

Sexta-feira, 12 de Novembro

Há um momento de *ler, mostrar e contar*, onde a Cláudia vai ler em voz alta uma história que ela escreveu. Os outros estão calados enquanto ela fala. Não sei se isto significa que estão a ouvir. Há mais duas crianças que apresentam alguma coisa.
Na planificação, a Cláudia lembra logo que há reunião à tarde.
Depois da organização do dia, consigo trabalhar 20 minutos com eles com o prédio dos números*.
Depois do intervalo, há uma curta continuação do trabalho em estudo autónomo, organização das folhas e avaliação do plano individual de trabalho. Têm dificuldades para começar, mas depois de algum tempo está toda a gente empenhada. O José, que não estava da última vez, está um pouco perdido, alguns

brincam, a Indira que ainda não tinha sido muito desagradável até agora, resolve pôr o seu grupo num pandemónio.
Na avaliação o Fábio, o Isaías e o Adelino assumem que trabalharam mal. A Guida, a Cláudia(?) e a Sátia (que se fartaram de trabalhar) consideram que só trabalharam assim-assim — o que talvez quer dizer que não percebi muito bem o que estavam a fazer, quando eu pensei que estavam a trabalhar — e os outros estão muito satisfeitos com o trabalho deles.
A reunião de Conselho, assistida pela colega que às vezes vem ajudar nos momentos de estudo autónomo, corre bastante bem.
Os conflitos são pelo menos tratados de forma original: um pedido forte para poderem gozar com a Indira faz com que se vote uma regra que não se pode gozar com os outros. A Indira, embora supostamente protegida pela sua cor branca de cinturão de comportamento, bate todos os recordes de impopularidade e é outra vez quase expulsa do grupo. Vai trabalhar numa mesa sozinha, comigo, até ver.
O problema é que ela sempre perturba, seja onde for que a sentemos...
Problemas com o Adelino (casa de banho e brincar) levam à proibição de ele sair sozinho para ir à casa de banho. Os problemas com o Fábio e o Isaías levam a que eles escolham um responsável para si: para o Fábio fica a Sátia, o Isaías será apoiado pelo Luís (que me parece uma péssima escolha).
Os cinturões de comportamento amarelos são aceites pela

Cláudia e pelo José, que assim passam. Vamos ver que desafios emergem.
A tarde acaba em tarde livre (brincar à escola, pintar e desenhar) e com duas pegas violentas: uma entre o Adelino e a Iolanda, que se resolve com festinhas e beijinhos, outra entre a Jessica e não sei quem, em que a Jessica faz birra comigo. Quando ela me quer agredir, antecipo, imobilizando-a, e ela fica furiosa. Ao chamar-me 'puta', digo que ela se enganou, porque sou menino. Furiosa, sai porta fora e volto a encontrá-la um pouco mais tarde no gabinete da diretora, a escrever uma carta para me dizer que não fará mais birras.
Acabamos o dia com um grande abraço.
Entretanto tive tempo para iniciar o projeto com o Rodrigo.
Somos surpreendidos pela campainha, o que nos acontece de vez em quando nestes últimos tempos.
Os planos revelam bastante produção individual. O meu grande problema continua a ser interessá-los pelo que os outros fazem.

Segunda-feira, 15 de Novembro

O dia começou com uma novidade do José sobre o primo que ele foi buscar na Ajuda, e que já não via há 7 anos (*sic*, ele tem 7 anos), o que lhe valeu também um texto e um livrinho.
O Bernardo tinha também algo para contar, mas perde-se no desinteresse dos outros.
Entrou um novo aluno, o Adilson, Guineense, se não me engano.

A leitura dos planos resultou, elaborar os novos, nem tanto. Terei que controlar, amanhã!
Antes do recreio, trabalhamos um texto do Adelino e do Luís que, devido ao seu conteúdo íntimo, não irá sair no jornal.
Os grupos foram iniciaram o trabalho inscrito nos planos individuais, sem grande vontade, como sempre. Depois entusiasmaram-se e quando tocou a campainha para o recreio, estava toda a gente a trabalhar, inclusive o Adelino e o Fábio. O primeiro fazia anos hoje e estava todo contente.
A Cláudia e o José andam a lutar consigo próprios para vencerem a sua vontade de bater e dar pontapés, mas aguentam o cinturão amarelo — por enquanto...
A Indira foi sentar-se numa mesa sozinha, contrariada, mas respeitando a decisão do Conselho, pedindo beijinhos de vez em quando. Dei-lhe um pouco de atenção extra durante o dia.
Depois do recreio um grupo de meninas foi para a biblioteca, para trabalharem com a responsável; o projeto: as Barbies.
Os que ficaram na sala (pareciam poucos, mesmo assim eram 14) trabalharam razoavelmente bem.
No início da tarde, elaboramos uma parte da «tabuada de 3» com o material Cuisenaire.
O Luís e o Rodrigo pintaram, a Sátia e o Adilson estiveram no computador, houve escolinha liderada pela Cláudia.
A Sátia esteve a preparar uma ficha de trabalho no computador para passar aos outros e foi depois fotocopiá-la.

O Fábio precisou de todo o dia para começar a fazer o trabalho do prédio dos números.
No fim do dia tivemos bolo de aniversário feito pela mãe do Adelino.

Terça-feira 16 de Novembro

Hoje temos uma estagiária do primeiro ano da ESE na turma. Antes do recreio, as coisas correm às mil maravilhas, depois do recreio pior. À tarde, um grupo de meninas vai ter com a Isabel, e o projeto Barbies está a andar.
Recebemos uma segunda carta dos políticos, que poderei aproveitar para introduzir o novo tema de trabalho coletivo: levantamento do perigo na estrada da Portela.
O trabalho coletivo foi a releitura do jornal e a sua venda. A venda teve menos vendedoras do que o primeiro número.
O trabalho de texto está a abrandar. Para o novo jornal, neste momento só há um texto. O teatro vai provavelmente quebrar ainda mais o ritmo de correção de textos. Mais trabalho individual?
A seguir ao recreio tivemos primeiro um momento de Cuisenaire em que alguns não participaram, entre eles o Adelino, o Fábio e a Soraia.
No fim do dia, houve uma situação complicada, porque a Cláudia achou (corretamente) incorreto termos mandado a Aida para Oeiras representar a escola para não sei muito bem o quê sem

termos discutido com a turma. Aleguei que se tratou de uma situação de última hora em que não pude intervir, mas tive que chamar a diretora, para confirmar o que disse. Depois saíram mais calmos. O dia foi bastante produtivo.

Quarta-feira, 17 de Novembro

Todos pagaram o teatro.
A manhã correu bastante bem: puseram as coisas na mesa, trabalharam todos à volta do mapa de presenças durante uma boa hora. A seguir ao recreio foi mais complicado, por causa da excitação da ida ao teatro.
Mesmo assim foram feitos os cartões para se identificar no teatro, e todos estiveram a trabalhar... mais ou menos. Os recortes estão agora na moda.
Não vi ainda se todos tinham o plano feito. Houve algumas 'baldas' na segunda-feira.
A viagem para o teatro correu muito bem. Nada de exaltações. Chegámos lá às duas, e isto foi o pior. Esperar não é com eles. Houve alguns pontapés e conflitos no tempo de espera.
Mas o teatro foi o máximo. Estiveram muito atentos, não fizeram nenhum barulho, o que os destaca positivamente dos alunos de outras escolas e colégios, alguns dos quais francamente irritantes.
Outro comportamento exemplar, durante todo o espectáculo, ficaram presos ao teatro durante quase todo o tempo, só alguns tiveram que ir à casa de banho e beber água.

O regresso correu sem problemas.

Quinta-feira, 18 de Novembro

O l*er, mostrar e contar* começa a funcionar. A Cláudia já leu um livrinho que tinha feito, hoje falaram o Bernardo, a Iolanda e a Indira, e foi possível ouvi-los a todos. Por enquanto a conversa está demasiado virada para mim, enquanto outras não estão virados para mim o suficiente. De manhã toda a gente pôs-se a escrever o seu comentário sobre o teatro, e depois ouvimo-nos uns aos outros. Depois, pegámos no mapa de presenças do mês passado. Fizemos um levantamento de faltas que não foi nada fácil, mas conseguimos. A seguir ao recreio, o trabalho de plano foi invadido pela tentação dos recortes e colagens.
À tarde, grande surpresa: fazemos um trabalho de texto (texto do Bernardo) e toda a gente participou. A discussão é bastante organizada. É o terceiro dia em que há bastantes referências aos cinturões de comportamento, sobretudo aos dos outros. A Cláudia pergunta se a Sátia não poderia passar a amarelo. O plano acaba com praticamente todo o grupo no trabalho de recorte e colagem, mas as anilinas ficam para a história (misturas com outras cores e com cola).

Sexta-feira, 19 de Novembro

De manhã combinamos pegar no trabalho de BD do teatro. Trata-se mais de fazer uns painéis elaborando o reconto do que vimos.
Depois de meia hora, temos nove temas para nove painéis.

A Sátia apanha uma fúria porque não quer trabalhar com um dos Rodrigos e ele já tinha escolhido o painel final que ela também quer: o casamento de d'Artagnan. Só depois do recreio é que ela faz alguma coisa com a Jessica.

As crianças dos projetos dos animais, das plantas e dos aviões foram à biblioteca pela primeira vez. As 'Barbies' já estiveram lá durante a semana toda e vão precisar de mais algumas sessões. Entretanto um novo grupo está em formação: quer trabalhar sobre telemóveis. Será composto por Luís, Sátia, Jessica e Fábio, que assim se estreia no trabalho de projetos.

À tarde, o Conselho correu muito bem. Houve duras críticas (corretas) dirigidas ao José, que se armou muito esta semana. O comportamento dele não foi perdoado pelos outros, e o resultado foi que tem que ficar sentado na sua cadeira durante uma semana. A Indira volta ao seu lugar, mas por enquanto não pode circular na sala (e com razão, ela continua muito perigosa nas suas deslocações, picando e batendo todos na passagem). A Cláudia tinha-me proposto antes do Conselho para mudar a cor de comportamento da Sátia. Como nada ficou escrito no diário da turma, anunciei a minha intenção de propor cinturão amarelo para a Sátia e cinturão vermelho para o Edmar. Propus aos alunos ficarem atentos ao comportamento dos dois, para ver se podem ser promovidos.

Depois do Conselho muitos voltaram para o trabalho sobre o teatro, alguns foram acabar trabalho na biblioteca, e outros

aproveitaram a presença das estagiárias para fazer o que mais gostam: pintar um desenho encomendado ao adulto. Avisei que só na tarde livre se podia fazer este tipo de trabalho.
A arrumação correu muito bem.

Segunda-feira, 22 de Novembro

O dia começou extremamente calmo. Tive mesmo que perguntar se já estavam acordados. A equipa preparou bastante bem as coisas (e à partida pensava que era uma equipa fraca, tendo o Fábio e o Isaías, que esteve fora durante vários dias). Introduzi pela primeira vez a ideia do plano semanal*. Fiz um levantamento de coisas que havia para fazer, para de seguida escolher com as crianças as prioridades para cada dia. O *Ler, Contar, ler e mostrar* tinha algumas coisas interessantes. A Sátia anuncia que tem uma tia em casa. Talvez tenho algum tempo para ser criança e poder descansar das lides da casa. A Jessica continua muito amável comigo. A Cláudia está calma e atenta.
A proposta de material Cuisenaire tendo como pano de fundo as expressões numéricas (construir comboios e controlar a relação entre eles) corre bastante bem.
Depois do recreio, «o grupo das Barbies» desaparece para a biblioteca e volta com um cartaz e uma proposta de inquérito que a Isabel (da biblioteca) propôs passar a limpo.
À tarde, o trabalho de texto. É o texto do Rodrigo sobre o avô dele, que cria animais. A arrumação corre normalmente. Anuncia-se

alguma dificuldade com as roupas das bonecas de cartão, que o grupo do projeto das Barbies estão a fazer.

Terça-feira 23 de Novembro

O dia começa um pouco mais perturbado do que ontem. Depois de algum tempo as coisas acalmam e fazemos um bom trabalho acerca do prédio dos números. Fizeram uma série de descobertas e discutiram entre eles, durante quase uma hora!

Depois do recreio, o José e o Adelino (aviões), o Rodrigo (animais) e a Aida, a Mafalda e a Andreia (plantas) foram à biblioteca, trabalham com a Isabel nos seus projetos. Vieram entusiasmados e com vontade de continuar a trabalhar. Os outros tiveram um trabalho bastante bem organizado, mas também, com quatro estagiários, a colega do executivo e eu, era quase um adulto por criança.

Permiti-me ao luxo de ficar sentado junto do computador e de os chamar um a um para passarem o texto sobre o teatro. As «Barbies» criaram alguns 'esquemas' para furarem o trabalho e começaram a brincar no canto da biblioteca, mas depois de umas observações, considerei que talvez não fizesse mal elas continuarem a recortar roupas. Trabalham eixos de simetria...

O Fábio, o Adelino e o Luís 'apaixonaram-se' por uma das estagiárias. Vamos ver como eles se portam na próxima semana. Talvez tenha de propor mais correspondência...

Entretanto os três vão apresentar muitíssimo trabalho feito esta

semana. Que bom!
À tarde, só conseguimos fazer uma leitura e correção de texto (o texto do José), o que deu bastante trabalho, e não consegui propor nem uma ficha de trabalho. Os bonecos chamaram, os recortes e a pintura também, e o dia acabou algo confuso, com o Adelino a ficar aborrecido duas ou três vezes.
Avaliamos o trabalho em pé, rapidamente, no fim do dia.

Quarta-feira, 24 de Novembro

Hoje tive novamente 4 estagiários na sala. O dia começou muito bem. Boa organização da Mafalda, do Adelino e do Luís (o Rodrigo chegou mais tarde) e depois uma boa ronda de novidades. A Cláudia anuncia a sua mudança de casa para o bairro da Portela (e vai viver perto do professor...). Anuncia também que o pai a levou para a escola, coisa muito rara. Longa conversa sobre a vantagem da nova casa, com um quarto só para ela, já que o irmão se mexe muito.
A novidade do Bernardo sobre os anos que ele vai fazer, coloca-nos numa discussão sobre quando é que ele nasceu. Ele vai fazer sete anos, e acha que nasceu em 1995. Depois de alguma discussão, o Luís diz que é 1992. Ninguém fica com dúvidas que 1992 + 7 são 1999.
A seguir ao *Contar, ler e mostrar* (há mais para contar do que de costume, pergunto-me se não para camuflar outros pedidos e outras histórias que ainda não chegam à luz) pegamos

novamente no material Cuisenaire.
O plano chama, ainda antes do recreio, e acabamos de passar os textos no computador. Os bonecos também chamam.
A seguir ao recreio, as coisas complicam-se. Ataque violento da Indira e do José, que põe todos os adultos em pé de guerra. As coisas acalmam perto do almoço. Razão? As listas de verificação «Já sou capaz de». É um trabalho duro, aquela verificação.
À tarde, as coisas correm melhor. Um bom trabalho de correção de texto (Texto da Iolanda.) e trabalho aplicado. O Rodrigo adoece e queixa-se de dores de ouvidos. Estamos todos um pouco preocupados o que faz com que no fim do dia nem nos lembramos de fazer o balanço do dia.
Mais para o fim da tarde, o José torna-se outra vez insuportável.
A arrumação é um pouco confusa. Por outro lado, temos a sensação que se trabalhou imenso hoje.

Quinta-feira, 25 de Novembro

Começamos o dia com uma equipa a organizar bem os dossiês e os cadernos: Cíntia, Andreia e Iolanda.
Combinamos o trabalho, e começamos com uma ronda de coisas para contar, em que a Cláudia falou de uns sapatos novos, o Adelino e o Luís contaram que vão aparecer na televisão, o Bernardo recebeu um computador a sério e mais algumas histórias do costume sobre ir brincar em casa dos primos.
Lemos em conjunto as respostas que os políticos nos deram, isto

é, o que PCP e BE nos mandaram.
O Bernardo ficou muito interessado quando citei a carta do BE que diz que somos políticos porque vivemos em grupo, em sociedade. “Então as crianças também são políticos?” Voltei a pegar na carta e li-lhes o trecho onde dizem que se algo está mal na escola e que tentam mudar, já estão a fazer política. Conclusão de alguns: quando fazemos a nossa reunião (de Conselho) estamos a fazer política. Puxei para um pouco mais longe: e se pensássemos em coisas que vão mal na escola ou à volta da escola? A estrada era logo um assunto sério: identificam a curva como a parte mais perigosa, a falta de passadeiras e a falta de passeios para os peões.
Propus fazer em um levantamento de crianças da escola que vão para casa pela estrada.
A discussão foi dura de se fazer, pelas constantes interrupções das crianças que não pedem a palavra.
Parámos e pegámos nos planos individuais de trabalho. O trabalho foi um pouco confuso, mas na altura em que tocou para o recreio, estavam todos a trabalhar.
Vieram do recreio bastante agitados. O José e o Adelino, a Aida, a Mafalda e a Andreia desapareceram em direcção à biblioteca, com os seus projetos. O resto do trabalho diferenciado, organizado pelo plano individual de trabalho, correu razoavelmente bem. O Luís que se fartou de trabalhar, pergunta se é amanhã que fazemos aquilo do ‘cumprir, não cumprir e acho que trabalhei

bem'. Quando confirmo, ele fica radiante.
Quando estou a ajudar a Guida a preencher o «Já sou capaz de», ela vira-se para mim e diz: "É amanhã que temos a nossa reunião, não é?" Também confirmo.
Na agenda com propostas para o Conselho, o José propõe ser responsável para afixar e ler a ementa e a Soraia quer-se responsabilizar pelo material das gavetas.
Acabamos a manhã com a apresentação do trabalho do Luís e do Adelino, sobre os carros. O Luís apresenta, contente pelo trabalho, mas muito envergonhado, e a Cláudia tem que boicotar. Depois de algum tempo, melhora... A parte que melhor apresentam é a construção do próprio carro. Lembram-se exactamente como fizeram e onde foram buscar os materiais.
Acabam a apresentação com uma grande salva de palmas.
À tarde, o trabalho de texto é fácil: toda a gente adere a uma proposta de rescrita. A Andreia faz o trabalho para a Soraia (!) e eu descubro mais algumas coisas: o Edmar e a Aida escrevem com letra muito mais bonita do que pensava, o Isaías despacha o trabalho em dois tempos. Parece-me que o Bernardo, o Adelino e a Jessica escondem a sua verdadeira capacidade.
A arrumação corre melhor do que ontem. Pelos vistos, o Rodrigo está doente.

Sexta-feira, 26 de Novembro

Um dia calmo. Só uma discussão com a Iolanda que deu para o

torto durante o Conselho.
Na planificação, que correu muito calmamente com uma equipa constituída por o Edmar, o Adelino e o Luís, em substituição do José, que se juntou quando chegou. Fizeram o papel da equipa de forma razoável.
No plano ficou trabalho de texto depois de uma sessão de «Contar, ler e mostrar» que hoje demorou bastante tempo: a Cláudia com as suas aventuras com a nova casa, a Jessica, a Soraia e o Luís a falarem da sua prevista ida a Cabo Verde durante as férias do Natal.
A Sátia mostra uns brincos novos oferecidos pelo pai depois da Cláudia lhe introduzir a novidade, porque ela tinha vergonha de falar. Continua com uma tia em casa. De facto ela está menos agressiva.
A seguir, o trabalho de texto, com o texto do Adelino, o trabalho foi muito engraçado. Começou por uma daquelas frases de sempre, de ir a casa da tia comer um gelado. Os acrescentos deram ao Adelino a possibilidade de enriquecer com o que ele ainda não sabe escrever: o primo bebé mordeu-lhe na bochecha, pensando que era uma chucha.
O plano começa bem: continuam a trabalhar de forma bastante organizada. Não consegui acabar mais grelhas «já sou capaz de», porque entretanto houve um despertar para as planificações de cubos e paralelepípedos. Fazem dados e caixinhas para os guardarem.

As ‘Barbies' não refilaram pelo facto de a Isabel não poder estar com elas na biblioteca. O Fábio teimou em não trabalhar, o Isaías trabalhou bem e o Luís continua um ‘comboio de alta velocidade’.
Na avaliação do plano, continuam a respeitar as regras. Não se enganam a si próprios, excepto a Soraia que achou que tinha trabalhado muito.
À tarde, a reunião do Conselho foi muito dura com o José. Ele de facto abusou bastante utilizando linguagem grosseira a todo o momento, embirrando com todos e dando pontapés a torto e a direito. O estatuto amarelo que o obriga, agora castiga-o. Terá que trabalhar isolado do grupo, não podendo trabalhar senão num lugar, ficando o Luís responsável por ele. Houve um esforço das crianças para torná-lo invisível, mas tenho algumas dúvidas que funcione. Não me opus, para ver se o peso do grupo já funciona, e se funciona melhor do que o peso do professor. O Bernardo, o Luís, a Sátia e a Soraia tiveram intervenções organizadas, e a proposta de afastamento veio do Bernardo que depois perdoou duas outras críticas.
As demais críticas resolveram-se também todas com perdões em bater palmas.
Entretanto a Iolanda resolveu gozar com a estagiária Inês de tal forma que considerei necessário intervir, o que provocou uma discussão acesa e uma zanga ainda maior da Iolanda. Nas propostas aconteceu algo de previsível: o José que se tinha proposto responsável pela ementa, não foi aceite, e a

responsabilidade foi para a Iolanda. A proposta da Indira ficar responsável pelo armário do papel de recorte deu azo a uma oposição muito forte dos líderes. Fiz valer o meu voto, perante o impasse de 9 a favor e 9 contra. Fiz a mesma coisa para a Soraia, que cobiçava a responsabilidade pelas tesouras e que era violentamente criticada pelo 'clã cabo-verdiano'. Pedi justificação para os votos negativos e responderam que 'ela é bebé'. Argumentei que ela até soube propor-se para uma tarefa à altura dela, e que não era, portanto, assim tão bebé.

Edmar passou para cinturão vermelho a comportamento e Sátia a cinturão amarelo. Os dois muito contentes, embora eu tenha algumas dúvidas sobre o comportamento da Sátia. Mas a cerimónia de colar os círculos autocolantes de cor vermelha e amarela, com aperto de mão, fez umas caras radiantes...

Depois do Conselho, fomos jogar no "recinto desportivo" com pequenas bolas (fizemos alguns jogos de habilidade) e com algumas cordas. Claro que houve pelo menos seis conflitos, mas passaram depressa.

Ao fim da tarde, a mãe do Bernardo apareceu e ofereceu-nos um bolo de anos. Cantámos os parabéns, cantámos a nossa canção «*Segunda-feira*», a Cíntia pediu-me para cantar «*A Fisga*», e fiquei surpreendido por muitos deles ainda conhecerem os primeiros versos. Aliás, o Fábio propôs para recomeçarmos os nossos momentos de música. Prometi que sim.

Pelos vistos, estão a crescer um pouco.

Segunda-feira, 29 de Novembro

Hoje, o grupo estava um pouco agitado. O Luís, o Adelino, o Edmar, a Indira, a Soraia, o Bernardo e a Andreia frequentam uma ludoteca do bairro, à tarde, e estes receberam um convite da SIC para irem à televisão assistirem à gravação de um programa de Natal. Grande excitação...

Além disso, a Mafalda e a Aida anunciam que, à tarde, vão sair mais cedo e no meio daquilo aparece o Sandro aos gritos e aos pontapés, com a mãe a bater-lhe violentamente. Um dia que começa de forma muito sossegada...

A planificação arrancou-se a ferros: «Contar, ler e mostrar», inquérito, trabalho de texto, trabalho de estudo autónomo. Decidimos incluir trabalho para o jornal de escola e de turma. Insisti também para acabar os desenhos da ida ao teatro.

O «Contar, ler e mostrar» é prolongado: Cláudia e a casa, Indira e o tio, Adilson pela primeira vez (o que cai bem, porque à tarde ele não se lembra o que quis escrever no 'texto' (só letras) que tenho dele, e pegamos na notícia de hoje), Bernardo e o Segadrive, Mafalda e Sandro foram ao Aki. Aparecem também dois elefantes de Tarzan...

Das coisas a fazer coletivamente, surgiu em primeiro lugar o trabalho sobre a estrada. Vitória! Expliquei como tinham de apresentar o inquérito aos outros, preenchendo o da nossa turma. Discutimos de novo as nossas saídas e apontámos as horas, fizemos um quadro em giz... que depois apaguei sem

passar para o papel. Horas de recreio.

Depois do recreio, a Daniela[3] trabalha com o Sandro. Ele copia palavras, desenha e recorta uma frase: *Eu fui ao Continente. Sandro*. Vem-me mostrar todo vaidoso, ele sabe. Dispenso-o do trabalho de texto coletivo à tarde, para ilustrar o texto dele. O trabalho corre muito bem. Ele desenha, pinta e copia mais palavras.

Os outros arrancam dificilmente. Esquecem-se às vezes que o José trabalha isoladamente, como foi decidido no Conselho. Guida lembra que ele é 'fantasma'. Aparecem a Carla e a Mafalda de outra professora, que ficam na sala a trabalhar com o geoplano, o computador, depois escrevem um livrinho. À tarde, a Carla ajuda a arrumar e limpar. Já está bem «integrada»...

As 'Barbies' desaparecem para a biblioteca, voltam com um levantamento grande de vários tipos de Barbies e de brincadeiras, com recortes e colagens completadas com desenhos. Um conjunto de trabalhos interessantes que proponho guardar numa capa para fazer o livro do projeto. Elas concordam com muito entusiasmo.

Ao meio-dia saem «os 7 gloriosos» e os outros refilam um pouco. O Fábio quer logo ir para casa. Mas depois fica.

À tarde, temos a sala muito vazia. O texto do Adilson não necessita de muito arranjo. Fazemos uma caça aos verbos e

---

[3] Colega, vice-presidente do Conselho Executivo, que distribui o seu horário letivo em colaborações com colegas interessados.

preenchemos o texto.
A seguir a sala esvazia-se: a dois ou a três, fazem a volta à escola para saber quantos alunos vão pela estrada da Portela para casa. O Fábio começa por não querer (diz que tem vergonha), mas depois achou divertido.
Em 15 minutos recolhemos o material de estudo das turmas em regime normal e em regime duplo de tarde. Amanhã recolhemos as 4 que faltam.
No resto da tarde, o plano é sobretudo preenchido por recortes e colagens, por desenhos e pela finalização de alguns painéis sobre o teatro.

Terça-feira, 30 de Novembro

O dia começou um pouco atribulado. Os «7 magníficos» que foram à gravação vieram com grandes histórias: foi muito bom, foi no teatro Maria Matos, foi com palhaços — não muito engraçados, disse o Luís — e depois foi a recompensa pelo 'sofrimento' de aturar tanta gritaria: um pai natal a distribuir pistas de carros e Barbies.
O trabalho é de muito difícil arranque, muito «Contar, ler e mostrar»: o Fábio vai ver a casa nova, a Jessica vai a Caxias (prisão?), a Cláudia fala outra vez da casa dela, o Bernardo fala dum tio que veio, a Soraia fala de uma tia, enfim, as notícias de todos os dias e todas importantes.
A Indira resolve ser impossível hoje. Ela parece mesmo *Tulius*

Détritus do álbum *A zaragata* na colecção *As aventuras de Asterix*. Basta ela estar para existirem problemas. Nem tem que fazer nada. O pior é que muitas vezes até reforça a dose...

De manhã conseguimos trabalhar o texto da Guida. As perguntas sobre o texto levantam dificuldades. Normalmente disfarçam atrás de 'eu não sei', para que não tenham que ler como deve ser, embora tenham conseguido identificar as palavras no jogo anterior.

Começamos um prolongado período de ateliers*, porque há muito para fazer: são os registos sobre o teatro, jornal, os projetos sobre plantas e aviões, levantamento de utilização da estrada, trabalho no computador, pinturas, etc.

À hora do almoço, oiço de repente que a mãe de um dos Rodrigos transferiu o miúdo para outra escola, sem dizer nada. Mudou de casa, foi para Algés. Nem procurou resolver o problema de horário com o Atelier de Tempos Livres (ATL). Sem bom dia nem boa tarde. Para determinados pais a escola é mesmo como normalmente se apresenta: um repositório de para crianças.

Adeus Rodrigo, espero que sobrevivas na selva, depois de te ter dado uma nova vontade de trabalhar (foi um investimento de 2 meses, bolas, para começares a desbloquear os fantasmas da escola, e agora nem tive tempo para te ajudar a fazer a transferência). Adeus também, projeto sobre os animais, não acabado. De facto, não são só alguns políticos que não respeitam as crianças. Algumas mães, pelos vistos...

Como para contrapor, o Sandro voltou, com vontade de trabalhar.
À tarde, a Cláudia resolve, sem planificar, novamente «brincar à escola». Acaba bem, porque põe uma dezena a fazer trabalho de ficheiro, enquanto outros estão na biblioteca, no computador, no recorte e colagem, na pintura e no desenho.
A Indira continua com as birras e gritarias dela, o José está muito aborrecido porque não goza a liberdade habitual.
Esperemos que desta vez ele aprenda o que é ser cinturão amarelo. A Sátia respeita bem, a Cláudia faz grandes esforços. O Luís foi muito perturbador, mas continua cinturão branco. Cansou-se da responsabilidade do computador. O Adelino trabalha melhor, o Fábio tem uma recaída. O José, o Edmar, a Cíntia, a Cláudia, a Sátia, a Mafalda e a Guida trabalharam bem e com vontade.
Há pequenos progressos no meio da aparente desorganização, da gritaria que ainda se ouve de vez em quando, das minhas exaltações, hoje mais visíveis da parte da manhã do que nos últimos tempos, enfim, algumas dificuldades que surgem e que os colegas põem na conta da chuva, do mau tempo, do Natal que se aproxima e do facto de eles virem de onde vêm... comecei, também, a perceber algum racismo latente nalgumas colegas.
Acabamos em beleza: ensinei a canção *Kumbaya, my lord* e tive um sucesso imediato com a tradução caseira em português.
Não tivemos tempo para fazer o balanço do dia, mas a sala ficou bastante bem arrumada no fim do dia.

Quinta-feira, 2 de Dezembro

Um dia que começa com poucos alunos na sala. Às 10 estão quase todos. Muito «Contar, ler e mostrar» sobre árvores de Natal. A Indira vai passar todo o dia a não fazer o trabalho, perturbando bastante os outros. Depois do recreio 'as Barbies' vão à biblioteca e trazem o início do livro final. Os quadros do teatro estão praticamente acabados. O jornal fica completamente ilustrado e a Soraia e a Mafalda passam a opinião delas sobre o teatro para o jornal. O trabalho gerido pelo plano individual corre bem, salvo para o Adelino que se arma outra vez em bebé, e o José que parece de vez em quando conflituoso.

À tarde, analisamos os dados das crianças que circulam pela estrada da Portela. Começa bem, mas a Aida consegue desestabilizar o grupo dela, portanto a turma quase toda: a Cláudia, a Sátia, a Jessica e a Aida juntaram-se e às vezes é complicado controlar a 'bonecada'.

Quando sinto que o trabalho escapa à atenção de muitos dos alunos, exijo resposta por escrito a várias perguntas. Primeiro é a revolta, depois acabam por acalmar e ver a justiça da minha proposta. Afinal, assim é mais fácil perceber o que há para observar. E a maioria não tem grandes dificuldades em descobrir dados dentro de uma tabela de duas entradas[4].

Ao fim da tarde há trabalho de plano, e, embora tivéssemos previsto inicialmente, não conseguimos arranjar tempo para sair a

[4] Ver infra. *A estrada da Portela.*

cantar. Mas o dia correu bastante bem.

Sexta-feira, 3 de Dezembro

O dia correu muito bem hoje, tirando uma pequena pega com o José e com o Adelino. No «Contar, ler e mostrar», estão dispostos a ouvir-se uns aos outros e algumas histórias relativamente à casa. A árvore de Natal e as primeiras prendas têm bastante atenção.
A seguir vamos trabalhar com o material Cuisenaire.
O plano corre bem. Toda a gente, menos a Soraia, está a trabalhar, embora alguns em tarefas mais ligeiras: geoplano, dominó, puzzle, etc.
Quando peço para arrumarem e agrafarem os trabalhos ao plano, as coisas não correm nada mal. 15 minutos depois conseguimos fazer a avaliação do trabalho. É interessante ver a seriedade com que os trabalhadores mais assíduos avaliam o seu trabalho: os «assim-assim» ou os «maus» são normalmente mesmo isso. Só o Isaías, que trabalhou muito, não reconhece o seu bom trabalho, tal como o Sandro. Mas este último escreveu pela primeira vez um plano, por isso nem sabe ainda do que está a falar.
Aliás, a relação do Sandro com os outros é um pouco complicada. A Cláudia tem mesmo tendências racistas com ele, os outros evitam-no muitas vezes.
A reunião à tarde é um espanto: durante 30 minutos, não se ouve outro além daquele que tinha pedido a palavra. Não acreditei e não percebi muito bem o porquê desta repentina disciplina.

Muito calmamente e com aplausos o José é reintegrado no grupo. A Indira é excluída outra vez, fico eu responsável por ela. Talvez foi por isso que a reintegração do José foi tão pacífica: a Indira passou todos os limites esta semana e está a sofrer as consequências. O que ninguém perdoa é a destruição de duas tesouras. Mesmo assim tenho a minha ideia: isto acontece exatamente na semana em que a Soraia se tornou responsável pelas tesouras, com a oposição de muitos.

Há, no diário, um primeiro «parabéns» escrito por uma aluna: a Guida deu os parabéns à Cláudia, porque ela lhe deu uma folha. Nas propostas há também uma de um aluno: o José propõe-se voltar ao grupo.

No seu todo, um Conselho interessante. Continuamos a ter poucas regras, acerca dos gritos, dos pontapés, mas, há progressos. Vamos ver como as coisas correm quando nos aproximarmos do Natal,...

Depois do Conselho, 'as Barbies' vão acabar o trabalho, os outros lançam-se num painel de Natal. Recortes e colagens para um grande papel de cenário, com tentativas e dificuldades várias, mas lá vamos construindo algo em comum – o que já não acontecia há muito tempo.

Um fecho de semana bem menos cansativo do que a abertura.

A vida, afinal, às vezes, é bela.

Segunda-feira, 6 de Dezembro

Falamos antes das nove de Sara Tavares e Mi ma bô, falamos de crioulo, de flamengo, trocamos palavras, enquanto a Mafalda e o Adelino organizam o dia (o Adilson chega atrasado e não participa na equipa).

Depois temos uma longa conversa de «Contar, ler e mostrar». Corre bastante bem.

Um trabalho sobre um texto da Sátia leva a perguntas de interpretação, que continuam a ter dificuldades em responder.

O trabalho regido pelo plano começa sem grandes dificuldades. Aida, Mafalda, José e Adelino vão à biblioteca trabalhar sobre os seus projetos, e só voltam já perto do almoço.

Tenho uma discussão violenta com a Jessica depois do recreio acerca de tarefas e organização do dia, por causa de uma boca que ela me manda quando lhe recordo que a pintura e o recorte se faz à tarde. A Daniela é de apoio precioso para estabilizar os acontecimentos.

O resto da manhã corre bem e quando chegamos à hora do almoço está toda a gente feliz e contente.

A seguir ao almoço interpretamos os gráficos do tempo de Outubro e Novembro. A Guida está muito atenta, depois de todos terem colaborado a preencher os mapas gerais. Descobre porque há dias sem nada (fins de semana) e também constata que a temperatura na sala é sempre mais alta do que lá fora.

O Luís primeiro tinha dúvidas, mas depois confira.

É também a Guida que descobre porque é que a temperatura da sala sobe muito, depois de um dia muito frio: ligamos os aquecedores.
Ficam um pouco baralhados porque os dias de chuva em Outubro eram mais quentes do que os dias de sol em Novembro. Provisoriamente aceitamos que Novembro é mais perto do Inverno do que Outubro. Ainda não relacionam com a hora em que anotamos a temperatura: de manhã, antes do sol aquecer.
O painel sobre o Natal é muito '*anarco*': muitos objetos de consumo, uma pequena gruta com o menino, um rapaz que se vira de costas para a gruta em direção ao consumo, um trenó com veados, assustados por um tigre, Pais Natais que nunca mais acabam. A sala estava um pouco suja ao fim do dia.
A arrumação correu razoavelmente bem. Um bom dia de trabalho.

Terça-feira, 7 de Dezembro

O dia começa torto. A Cláudia, a Sátia, a Jessica, o Isaías e o Fábio foram às compras no café da Associação de moradores do bairro depois de já terem estado na escola, e vieram para a sala por volta das 9 e 20. Fiz-lhes ver que o horário é algo para cumprir. Comecei de imediato com o trabalho de texto num silêncio religioso, não percebi se porque estavam zangados comigo, se porque acharam que tinha razão. O facto é que o trabalho correu muito bem, até a Jessica e a Sátia resolverem boicotar a ação: foram brincar lá para

fora. Hoje não permiti desvios, fui buscá-las e voltaram para a sala a resmungar, mas foram trabalhar.
Antes do intervalo poucos tinham pegado no plano. Em geral, há uma aderência maior às propostas de matemática do que de língua.
Depois do intervalo, a calma reina na sala. O plano funciona bem e consigo trabalhar bastante tempo com o Fábio. A Daniela trabalha com a Soraia e com a Indira, os outros estão 'em trabalho'. Tenho algumas dúvidas sobre a produção do Luís e do Isaías. O Adelino também deixa para depois às vezes.
O Luís tem sobretudo o problema de não se querer cansar. As coisas não o interessam realmente. Os outros dois ainda têm muito problemas de leitura, o que não facilita a possibilidade de diversificação de propostas.
A hora do almoço é agitada na cantina. Também pelo facto do Pedro (3º ano) ameaçar um colega agarrando-o pelo pescoço e sacando de um x-ato. Tenho que intervir, paraliso a mão dele e tiro a faca. Ele vai desanuviar lá fora, mas os outros estão agitados. Mostro depois do almoço que 'nada se passou'. Vou falar com o Pedro: "Então, estás mais calmo?" "Sim." "Dei o teu x-ato à tua irmã". "Ciao, até logo".
A tarde corre como um comboio: «Contar, ler e mostrar» primeiro (negociados de manhã para compensar o mau começo) em que só se fala de prendas e de árvores de Natal. Quantos já têm, o tamanho da árvore, se é bonita, etc..

Pegamos no material Cuisenaire e comparamos séries.
Sobram aproximadamente três quartos de hora para trabalho de plano: desenho, projetos, postais de natal e o painel '*anarco*'.
A arrumação corre bem, fazemos a avaliação do dia e saímos satisfeitos. Afinal o que parecia ser um mau dia acabou bem. Bué, fixe, bué da bom, bô ca bei entram na linguagem da sala.

Quinta-feira, 9 de Dezembro

Um dia bom, tirando a grande zanga entre a Jessica e a Sátia. Mas começo pelo princípio. No «Contar, ler e mostrar», anuncio que não nos podemos encontrar com os correspondentes na segunda-feira, porque eles estão muito ocupados com a preparação da sua festa de Natal. Digo que vou buscar a correspondência a tarde, e que nos encontraremos no início de Janeiro. O Luís conta que foi aos anos da avó e arrancamos para um problema acerca de idades.
Estamos lançados e depois de uma notícia conjunta da Sátia, Cláudia e Guida que foram ao circo, confirmado por outros que também foram, temos a notícia do Bernardo: "Amanhã vou ter TV-Cabo em casa." Pergunto o que significa. Alguém diz que é o canal dos bonecos.
Eu: Tens a certeza disso?
José: Não, não é bem assim.
Eu: Então como é? Uma televisão pendurada num cabo?
Cláudia: Não, mas o Pascal sabe e quer saber se a gente sabe.

E continuamos a nossa conversa...

O trabalho de texto a seguir também correu bem. Um texto da Cíntia sobre o Zoo fez-me perceber que sete dos meus alunos (um terço) nunca foram ao jardim zoológico.

O trabalho de texto ocupa a manhã. Há pouco trabalho de plano e não há – outra vez – disponibilidade para preparar o trabalho de projeto. Os computadores, os telemóveis e os circuitos de carro terão que esperar mais algum tempo.

À tarde, apesar da chuva, a apresentação do projeto das Barbies é uma maravilha. As apresentadoras conseguem o silêncio necessário na sala para apresentar as suas descobertas. Têm graça na forma como apresentam os diferentes modelos e a seriedade com que respondem às perguntas do tipo "É o que têm, ou é que o sabem que existe?" ("Temos algumas, o resto estudámos e descobrimos") e também com a vontade com que respondem a perguntas do tipo "Porque é que a Barbie se chama Barbie?". Ainda descobrem que a Barbie tem menos dois anos do que eu.

Continuamos o dia com o trabalho de plano. O que parecia ser um dia pacífico (até consegui plastificar cartões de Natal para alguns alunos, enquanto eles estavam a produzi-los) explode em violência: pega entre a Sátia e a Jessica, que não querem explicar porquê, e que arrancam os cabelos. Intervenho. Enquanto a Sátia acalma logo (o amarelo funciona) a Jessica começa a beliscar e a magoar. Estou ocupado com ela durante algum tempo. Tenho os

olhares compreensivos do Luís e do Fábio. O Adelino — a quem dói imenso o olho — até vem ver se está tudo bem. As coisas acalmam, no fim do dia a arrumação corre bem. Vou buscar cartolina para fazer um painel, e pronto: mais um ataque violento. Há ainda um terceiro quando já são quase 15 e 30.

Sexta-feira, 10 de Dezembro

A equipa do dia está reduzida a mim próprio. A Sátia está mais interessada em montar a casa das bonecas, a Jessica só aparece fora de horas. A Mafalda passa o plano do dia.

Por volta das nove e vinte, conseguimos começar. «Contar, ler e mostrar» sem muito desenvolvimento hoje, tirando a Iolanda que conta uma festa de anos, onde a prima fez dois anos. Mais um problema acerca de datas e anos.

Depois do «Contar, ler e mostrar», desembrulhamos a correspondência.

Os desenhos e os postais de natal estão em conta. Depois do burburinho na altura da distribuição, as coisas acalmam e no trabalho a partir do plano muito do que se faz é para os correspondentes.

A seguir ao recreio, a verificação das equações representadas pelo material Cuisenaire não é muito fácil. A Jessica, a Sátia e a Cláudia e por extensão a Aida, não participam e fazem com que o Isaías não faça nada. Depois de algum tempo, a Cláudia reconsidera, muda de mesa e vai participar com os outros.

A avaliação do plano não corre mal. A desorganização do costume, quando toda a gente quer ao mesmo tempo agrafar o seu plano, mas não há brigas nem zangas. A atenção ao plano dos outros é menor do que de costume.

A reunião de Conselho corre bem. Estão mais atentos, e o facto de os assuntos terem a assinatura do autor diminuiu bastante a agressividade: eles próprios reconhecem que tinha razão: assuntos não assinados deixam de ser lidos.

A Indira está a dever uma tesoura (quem se lembra disso é o Edmar, não a Soraia, que como sempre não sabe muito bem de que estamos a falar).

O Luís tem dificuldades em ficar sentado, leva alguns outros atrás.

A Sátia e a Jessica não acreditam (ou não querem acreditar?) no Conselho. Estão sempre do contra e a provocar.

As questões resolvem-se quase todas com desculpas. Só as da Indira e as apalpadelas do José não passam em branco. Há aqui um circuito para analisar: a Cláudia manda o José apalpar a Aida. Há pequenos castigos: 1 dia sem pintura, continuar fora do grupo de trabalho dela (e estar fora do grupo, significa no caso da Indira, um sossego bestial – tanto para ela como para nós).

Ainda aprovamos a responsabilidade do Edmar: o geoplano. Também aceitamos uma regra nova: «no plano, o trabalho colectivo é prioritário» (o que só é instituir algo que os alunos já começaram a fazer: muito trabalho cooperativo aparece em folhas de dossiê em vez de no caderno).

Depois do Conselho temos o resto da tarde livre (pouco menos de uma hora). Interessante. Agora que podem brincar à vontade com a casinha de bonecas que organizaram, não aguentam mais do que um quarto de hora. Depois têm problemas. É sobretudo o caso da Sátia e da Jessica. As crianças que estão com projetos trabalham muito nesta tarde livre (Aida recompensa assim o que não fez durante o resto da semana).
Na altura da arrumação, tenho uma boa equipa a tratar do assunto. Saímos sem avaliação de plano, mas com a sala arrumada e de boa disposição.

Segunda-feira, 13 de Dezembro

A semana promete ser difícil. O arranque do dia é algo confuso, com muita bonecada pelo meio da parte das «meninas Barbie». A Aida continua a ser a criada do grupo, sempre a recortar. «Contar, ler e mostrar». Arrancam com alguma lentidão e demoram-se por caminhos intermináveis acerca de prendas e árvores de natal. Nenhum livro, mas actionmen, batmen, «other»men e roupa de marca. O olho do vizinho também quer algo. O espírito natalício está longe.
Depois do recreio controlamos as contas do jornal da turma, e estas ensinam-nos que perdemos 600 escudos desde o início do ano escolar, o que é pouco, também porque houve um engano ao nosso favor, na última entrega, da parte do Office Centre. À tarde, o plano não corre bem. Há muita confusão, muita lentidão no

arranque do trabalho que se limita a recortes, colagens, postais de natal e roupas para as bonecas de cartão.
No fim do dia, crise: enquanto estamos a arrumar, há – imagine-se – distribuição de gelados – oferta publicitária!! A sala fica virada do avesso, e zango-me por causa da porcaria que deixam no canto da biblioteca.
Levo todos os jogos para casa e a casinha das bonecas de cartão, cheia de nódoas de gelado, acaba no lixo.

Terça-feira, 14 de Dezembro

Pensava que ia ouvir muita coisa por causa da acção kamikaze com a casinha das bonecas, mas não. O Edmar pergunta porque levei os jogos para casa. Refiro a excitação e que não quero ver os jogos estragados. O Edmar concorda quando digo que depois do Natal volto a trazê-los.
Entretanto arrancamos com «Contar, ler e mostrar» (mais prendas e previsíveis mudanças de casa).
O trabalho não corre mal, mas há alguns alunos que nunca mais arrancam. O Isaías está à espera da Guida para copiar, a Indira está à espera de todos, a Soraia não faz nada de muito elaborado.
Trabalham nas provas até à hora do recreio, enquanto já avisei que no próximo dia será até acabar.
Depois do recreio, temos a leitura do jornal, a ilustração e plano. A leitura é rápida, mas algumas crianças não participam. Nem todos querem ilustrar. No plano, um grupo pequeno (Cíntia, Bernardo,

Adelino (cheio de febre) e Soraia) juntam-se a mim para trabalhar no caderno de matemática e fazer «livrinhos».
A Indira vem perguntar algumas coisas para escrever: ela quer que toda a gente tenha uma casa no Natal e manda um feliz natal para todos os meninos pobres.
Vejo do canto do olho o Edmar empenhado na sua tarefa com os geoplanos. A Sátia começa a trabalhar no canto da biblioteca. O Isaías está a olhar para um livro. A Aida, a Cláudia e a Guida estão a fazer fichas. O Luís, o Edmar e o José jogam a tabuada. E são horas para arrumar.
À tarde, o trabalho com o material Cuisenaire é difícil.
Começamos o trabalho de plano, quando há uma nova interrupção: aparece o responsável do ATL para tirar uma parte dos alunos da sala para irem a mais um passeio de Natal (e mais uma prenda e mais uma promoção comercial). Lá saem eles, ficam 6 alunos na sala. Depois da discussão inicial sobre a venda dos jornais e a altura para os vender, autorizo agora que estes seis vão vender. O que fazem com grande mestria. A discussão inicial tinha a ver com a Cláudia e a Jessica que quiseram vender o jornal pessoal para o dobro do preço. No fim do dia ajudam a arrumar – *ma non troppo* – e o dia acabou outra vez sem avaliação do plano. Malvado Pai Natal...

Quarta-feira, 15 de Dezembro

Depois do «Contar, ler e mostrar» sem novidades continuamos as

provas. De repente, todos se despacham até ao recreio. A produção acelerou misteriosamente. Depois do recreio continua-se a trabalhar a partir do plano individual de trabalho que muitos já tinham iniciado.
Um dia sem grandes acontecimentos mas também sem grandes aborrecimentos.

Quinta-feira, 16 de Dezembro

No «Contar, ler e mostrar» continuam a falar só de prendas, embora a forma como a Mafalda conta é engraçada: como se fosse uma adivinha matemática. A Cláudia fala da árvore de Natal, o Luís da bicicleta.
O plano do dia, proposto pelas crianças, inclui trabalho para o plano, avaliação de plano e Conselho. Além das loucuras do Natal, com prendas e prendinhas. Parece-me ambicioso, mas aceito. Fico espantado quando, depois do «Contar, ler e mostrar» todos começam a trabalhar e se instala o silêncio sagrado na sala. Nunca tinha tido um momento de estudo autónomo tão bom.
A seguir ao recreio, não fazemos o Conselho, porque todos querem continuar o plano. Tudo corre bem, até os nossos «amigos secretos» aparecerem para nos oferecer um relógio publicitário da câmara. Agradecemos e cantamos, e temos confusão porque há vinte relógios para acertar.
À tarde, o Conselho corre razoavelmente bem. O Edmar recebe o cinturão castanho na +/-. Damos os parabéns a vários alunos.

Críticas sem grandes importâncias, a não ser sobre o José (apalpar) e a Indira que continua a ser a ovelha negra da turma. A Cláudia acha que me zanguei injustamente com ela. Aceita desculpas. Pequenas pegas ao longo do dia, mas não desmesuradamente.
Depois do Conselho, a tarde livre corre bem até à entrega de mais uma publicidade, desta vez de uma empresa de queques e bolos. O consumismo é demais.
No fim do dia ainda consigo manter a calma nas tropas para irem entregar a prenda aos meninos do 1º ano sorteados «amigos secretos»...
Um natal para recordar.

Com baterias recarregadas: o segundo período

Segunda-feira, 3 de Janeiro de 2000

Começamos. A Sátia já estava na escola às 8 da manhã.
Mudou de casa, vive em Oeiras, mas para já vem para cá.
Às 9 horas estava toda a gente, menos o Adilson e o Luís, que não apareceram o dia todo.
Antes de começar, dei alguns recados acerca dos planos de trabalho, prometi analisar com eles as provas de avaliação e insisti na leitura e no ficheiro de matemática. Antes do «Contar, ler e mostrar» já tinha um grupo a trabalhar!
Depois foi trabalho duro pôr aquela gente a planificar, mas planificamos...

Foi divertido ver que o Adelino e o Bernardo escreveram o que me quiseram mostrar. Aliás o Adelino veio com uma vontade de trabalhar extraordinária. O Edmar percebeu e foi-se sentar ao lado dele. A Aida está também mais a vontade na escrita. Deixou de ser tão perfeccionista e escreve! A Sátia tentou alguma oposição mas depois alinhou. Voltou à carga à tarde mas foi de pouca dura.

A Jessica estava muito mal disposta. Só melhorou depois do almoço. Falta de comida?

A escrita não tinha muito de especial. Interessante é que os tão falados presentes (antes do Natal) não fazem parte dos escritos. Falam de pequenas visitas, de bolos que comeram, e pouco mais.

Depois do intervalo, a Cláudia e a Sátia, acompanhada pela Jessica e pelo Isaías, tiveram dificuldades em pegar no trabalho. Mas enquanto que a Cláudia e a Sátia apresentam muito trabalho feito (começaram a trabalhar logo cedo, antes do «Contar, ler e mostrar»), a Jessica e o Isaías não puderam apresentar nada.

Anunciei uma necessidade de alteração de plano para a tarde, que as crianças aceitaram facilmente: projetos para terça (a Isabel poderá estar connosco) e hoje trabalho para os correspondentes.

No tempo de plano, estive a trabalhar com o Edmar (texto comprido com frases enormes), com o Bernardo e o Adelino (fichas verdes de multiplicação que fizeram bem) além de dar algumas pistas para a Aida e deitar um olho aos quatro furadores de esquemas. A Daniela apoiou a Indira e a Soraia.

O dia acaba calmo, embora sempre com alguma tensão entre a Cláudia e a Aida. Um dia sem conflitos!

Terça-feira, 4 de Janeiro

Hoje o Luís e o Adilson estavam na sala. Só falta o Sandro que nunca mais veio à escola. Teremos de fazer alguma coisa por causa dele.

Muitos trouxeram já a autorização para acompanhar na visita aos correspondentes. O José, o Luís e o Edmar foram uma equipa razoável. O Edmar tratou do plano do dia. Um plano carregado: novidades, texto, problema, plano, a história dos algarismos e organização dos projetos. Mas conseguimos fazer tudo.

O trabalho de texto correu razoavelmente bem. Modificámos um texto do Luís, sobre o Adelino. Um pequeno relato! O Bernardo estava todo contente por ter conseguido trabalhar até ao intervalo e acabar antes de tocar. Na maioria, todos conseguiram responder às perguntas, algumas bem difíceis.

Depois do recreio, tivemos um momento de problema bem bonito.

À seguir houve ainda algum tempo de plano, e a maioria dos alunos cumpriu a regra de trabalhar em língua ou em matemática. Só o Isaías, o Adelino e o Luís passaram dos limites.

À tarde, as tropas entram agitadas. Houve pequenas agressões. Temos dois visitantes* na sala, há uma professora que falta. Um dos visitantes deixa-me um pouco nervoso. Um pequeno

problema no computador, com ele ao comando, enerva-me logo. O Luís resolve o problema.
Na primeira parte da tarde, trabalhamos outra vez números na grelha. As coisas começam a encaixar-se.
Por volta duas, a Isabel juntou-se a nós para trabalharmos os projetos. Depois de ver quem ia trabalhar sobre o quê, e constatar que o grupo dos projetos aviões e do projeto plantas têm as coisas praticamente prontas, decidimos avançar com a planificação dos novos projetos: Telemóveis, computadores, bicicletas, Batman e Pais Natais. A Aida vai trabalhar sozinha no projeto dela.
Todos escolhem um prazo de três semanas para apresentar o trabalho.
Os grupos precisaram de muito tempo para começar a programar o que vão inquirir mas depois conseguiram. A Isabel foi de apoio precioso.
O Luís e o Adelino dificultaram muito o trabalho durante toda a tarde. Situações de conflito, uns 4.
O fim do dia não correu bem: vimos demasiado tarde que eram horas para arrumar, e sofremos as consequências.
Um duro dia de trabalho.

Quarta-feira, 5 de Janeiro

O dia começa bem com um «Contar, ler e mostrar» bastante bem ouvido, em que falam os líderes e o Rodrigo (que mostra os ténis

novos), o Adelino e o José. As outras notícias não têm grande importância.

Depois do «Contar, ler e mostrar», corrigimos o texto da Jessica para o jornal e proponho um trabalho de leitura e escrita. A escrita sobre o animal preferido é que tem algumas surpresas: um poema da Cláudia, um texto enorme do Edmar, um texto engraçado do Rodrigo, e textos interessantes da Mafalda, da Aida e do José. Tenho às vezes a impressão que a Sátia tem algumas dificuldades que não quer mostrar (por vaidade?) e que esconde atrás de uma auréola de provocação.

O trabalho prolongou-se quase até o recreio.

Depois do recreio, começámos um trabalho que os cativou a todos durante algum tempo, com o material Cuisenaire. Fomos descobrir o que dizem os tapetes de uma só cor.

Quando quis concluir, tive que fazer um grande sermão para conseguir silêncio e atenção. A posteriori achei um pouco ridículo, mas na altura teve o duvidoso efeito conhecido de quando o professor se chateia com os alunos. No fim acharam também interessante o trabalho. O que foi estimulante.

À tarde tínhamos programado plano, e foi o que fizemos. A Mafalda acabou bem o teste de +/- vermelho e passa a verde. O Bernardo, a Aida, o José e o Edmar trabalharam muito bem. A Soraia conseguiu o trabalho no computador, como a Cláudia. O Rodrigo escreveu muito (para o correspondente). O grupo da mesa da Cláudia «brincou à escolinha» que é uma forma de fazer

trabalho de plano, embora dum modo um pouco discutível. Hoje fizeram um ditado... (a Cláudia leu o texto).
Arrumámos juntos e cantámos os parabéns à Iolanda (sem bolo).
Às três saímos com a sala bem arrumadinha.

Quinta-feira, 6 de Janeiro

Um dia de reis. Começamos com uma planificação rápida: projetos, plano e avaliação de plano, Conselho e trabalho para os correspondentes.
No tempo de projeto, «os aviões» acabaram o seu trabalho, sem grandes discussões. Como no grupo de Batman são praticamente os mesmos interessados, mudaram depois para este novo projeto. O Bernardo foi ter com «os computadores». O Rodrigo e o Adilson começaram o trabalho sobre bicicletas com o apoio da Isabel. O grupo dos telemóveis vai talvez dar alguns problemas, porque são muitas meninas e querem despachar. Não percebemos ainda muito bem o que de facto querem investigar. É obvio que a Cláudia é a que trabalha mais neste grupo.
No grupo dos computadores, a Iolanda assumiu o comando das tropas. É o grupo mais interessado no seu assunto. «Os Pais Natais» ainda não começaram, porque a Aida está a acabar o trabalho sobre as plantas.
O intervalo demorou mais um pouco porque lanchámos bolo e sumo na sala depois do recreio; o bolo-rei chegou atrasado.
Começámos o período de trabalho de plano, que correu bem para

a maioria das crianças. Verifiquei outra vez que sem o Luís na sala, o Adelino tem um comportamento muito diferente. Trabalhou com atenção, tal como o Bernardo e a Aida até chorou quando tinha que arrumar. A Cláudia fez fichas, a Sátia, a Guida e a Jessica não chegaram a começar. A Iolanda e a Soraia aplicaram-se e a Andreia também. A madrinha dela continua a não autorizar saídas. A miúda não estará connosco amanhã nos correspondentes. O Rodrigo trabalha bem, e o Isaías também fez cópia de língua. O José investiu igualmente na língua. Um bom momento, com uma arrumação bastante calma das fichas no plano individual de trabalho.

A leitura do trabalho realizada foi honesta. A Sátia e o Edmar reconheceram que trabalharam 'assim-assim', a Jessica considera que trabalhou mal (o que é verdade) e em geral, estiveram com alguma atenção para os outros.

Depois a sala foi arrumada num triz, à tarde tivemos um Conselho bem sucedido. Para isso ajudou o facto de haver poucas críticas e uma grande atenção dos líderes. A Cláudia emprestou logo a cadeira à Andreia, para ela ficar ao meu lado, o que lhe valeu uns parabéns.

A Mafalda explicou calmamente o sucedido com o Isaías (agressão sem estar dentro do assunto) o que lhe cortou a autorização de circular na sala. O José voltou a precisar duma chamada à atenção por causa de apalpar meninas, culpado pela Cláudia. Desta vez, pela reação do José, não houve jogo duplo da parte da Cláudia, ou então não transpareceu.

Os parabéns na rubrica «gostamos»* foram rápidos (José, Cláudia) e foram meus, a rubrica «Proponho» limitou-se a uma proposta de Mafalda que muda de cor de cinturão para o ficheiro +/-.
Depois foi aceite uma proposta minha para levarmos um painel de postais de Natal para os nossos correspondentes, para os oferecer.
Tudo muito calmo e organizado. Pasmei. Os mágicos três meses depois, de que Fernand Oury fala tantas vezes?
Despedimo-nos bem dispostos.

Sexta-feira, 7 de Janeiro

Às 9 da manhã estavam 14 alunos presentes. Indira e Andreia não puderam ir, a Soraia também não. O Isaías não trouxe a autorização. O Luís e o Sandro não estavam, a Jessica atrasou-se.
Com o outro 14, o 'bus', fomos então à escola da Voz do Operário na Ajuda, onde chegámos às 20 para as 10. Primeiro contato com a escola: um recreio "muito fixe". Andaram de bicicleta e jogaram matraquilhos. Depois chegaram os correspondentes, que estavam ainda nos tempos livres.
Primeiro contato físico, alguns pares encontram-se. Outros escondem-se ou continuam a brincar.
Quando a minha colega Julieta e eu propomos ir para a sala, para uma troca mais formal, todos vão a correr. Depois, troca de envelopes. Os correspondentes fizeram um bolo, que vamos comer no parque dos moinhos. O senhor Mário, o motorista, leva-

nos em duas vezes.
Durante quase 3 horas sobem e descem, vão visitar o moinho, andam de baloiço, brincam, conversam. Alguns pares modificam se: Mafalda e Sátia entendem se muito bem, Bernardo e Rodrigo também. Bernardo entende-se bem com o seu correspondente, a Cláudia também diz que a Telma é gira (tímida mas gira), a Soraia e a Cláudia também fazem "clique", e na altura da despedida mais ninguém propõe trocas, o que não quer dizer que não possam surgir daqui para a frente. O par Adilson-Filipe não me parece que será para durar, as misturas entre rapazes e raparigas também ainda podem mudar...
O bolo é bom, e comem-no com entusiasmo, apesar do farnel impressionante que alguns trazem como lanche.
Na hora da despedida, há grandes "adeuses", com promessa da escola da Ajuda nos visitar.
Uma tarde tranquila com algum trabalho de plano, algum trabalho no computador, plasticina e desenhos... para os correspondentes, claro!
No fim do dia, têm preguiça para arrumar para a reunião de pais, como eu propus. É simples: têm dificuldade em arrancar, mas nunca têm horas para acabar.
Esta semana concluiu-se bem. Ficou algum trabalho para fazer, mas tirando um sermão na quarta-feira, entendemo-nos à volta do trabalho.

Segunda-feira, 10 de Janeiro

A semana começa agitada. Muitas coisas para entregar, a área da pintura sem condições (alguém deixou os pincéis a secar) e a turma completa de volta, menos o Sandro e a Soraia, mas com 4 meninos de uma das professoras do 1º ano.

O trabalho com o material Cuisenaire na grelha MCDU funciona bem. Chegámos à hora do almoço com só um sermão sobre o trabalho a fazer...

À tarde, o arranque para o trabalho de texto é penoso, mas depois de algum tempo, a participação é boa: aprendemos o significado de ATL, de Nesquick® e reorganizamos o texto do Edmar.

O único problema volta a ser a Indira que provoca a instabilidade. De facto, basta que volte para o seu grupo de trabalho, para haver muitas dificuldades.

O trabalho do momento de plano é estendido às outras atividades e envolve plasticina: fazemos o conteúdo de uma mesa de jantar de festa, aproveito para aprender um pouco de crioulo com as crianças cabo-verdianos. Chegamos ao fim da tarde às 14 e 50 e os dez minutos dão perfeitamente para arrumar e avaliar o dia.

Um dia sem grandes acontecimentos, mas também sem grandes catástrofes.

Terça-feira, 11 de Janeiro

O dia começou com uma equipa bem despachada, e umas meninas à volta da plasticina a fazer jantares.

Uma ronda rápida de «Contar, ler e mostrar» na qual a Cláudia conta que me viu na rua, a Indira a ter uma não-notícia, tal como o Adelino aliás, Festas de anos, idas aos primos e pouco mais.

Um plano carregado: «Contar, ler e mostrar», projeto, plano, trabalho de texto e escrita de cartas, e ainda algum tempo para atividades de expressão plástica.

Depois do recreio, o trabalho de estudo autónomo foi exemplar. Só a Soraia e o Luís não aguentaram a pedalada. À minha volta tinha a Cláudia, a Sátia, a Aida, a Mafalda a Iolanda, o Bernardo e o José a trabalhar.

À volta da Daniela estava a Indira, o Adelino, o Isaías (que se fartou de trabalhar) a Soraia e, de vez em quando, o Luís. O Adilson fez uma proposta do puzzle matemático LOCO (assim não tem de escrever). Um excelente momento de trabalho pelo que felicitei logo os meus alunos.

À tarde a pedalada continua: muito interesse pela escrita das cartas para o Til, para a embaixada da Suíça e o presidente de Portugal[5].

Depois despacharam em 10 minutos a ficha de trabalho acerca do texto do Edmar. Ajudei o José, o Adelino, o Isaías, a Soraia sem que isto intervenha demasiado com o apoio pontual aos outros.

---

[5] Ver infra, "A história de uma proposta pedagógica sócio-centrada ".

Tive tempo para ajudar a Cláudia e a Sátia a fazerem tintas, a Guida, o Adilson e novamente a Sátia no computador e a turma reencontrou-se à volta da plasticina já no fim da tarde, com alguns a pintar.
No fim do dia fizemos o balanço e o Bernardo e a sua equipa arrumaram bem a sala ao meu pedido.
Um dia em cheio e sem zangas apesar dos disparates que a Indira lança de vez em quando.

Quarta-feira, 12 de Janeiro

Outro dia muito comprido. Começámos com um «Contar, ler e mostrar» em que a Mafalda contou uma história de esparregado Iglo mal tratado que tiveram que devolver ao Jumbo. A Cláudia, a Guida, a Cíntia e o Isaías cantaram uma canção que aprenderam no ATL. Depois as coisas do costume.
Relacionámos Pitágoras (tabuada, multiplicação) com o material Cuisenaire[6].
Depois do recreio temos trabalho de estudo autónomo e as coisas correm bem. Somos surpreendidos pelo toque do intervalo do almoço.

Quinta-feira, 13 de Janeiro

Hoje temos duas meninas de outra turma na sala, enquanto o Adilson, a Andreia, a Aida e o Sandro não apareceram. Há muita

[6] Ver Narciso, Miguel e Paulus, Pascal (2005: 84).

gente para o «Contar, ler e mostrar», incluindo as meninas Yolande e Elisabete, vindas de outra turma, por estar ausente a professora. A Cláudia tem vergonha de falar mas encarrega a Guida para pedir à turma se ela pode festejar os anos na sala. Obviamente concordamos. O Edmar fala do irmão que fez 5 anos.
A Cláudia e a Sátia, do projeto telemóveis, aparecem com um telefone de copos de iogurte. Conseguimos falar e perceber-nos de uma ponta da sala à outra, falando baixinho no copo. Grande sucesso! Falta procurar como funcionam os telemóveis, sem fios...
Depois do recreio, dentro do edifício porque chove muito, temos um trabalho de plano de sonho: todos a trabalharem sem barulho e sem confusões tirando a Indira que estraga duas vezes a festa. Uma vez, porque está zangada, não quer entrar na sala, outra vez porque, ao entrar, desestabiliza tudo. Mas todos os outros trabalham sossegadamente e o Luís escreve pela segunda vez um texto rico. Aliás, o Luís tem como grande problema ser esperto e não querer trabalhar. Então só desembucha quando há coisas que considera verdadeiramente importantes. A turma começa mesmo a funcionar, a autonomia ganha novos contornos. Ainda há muitos pedidos de material mas muitas vezes é mais por desleixo e preguiça do que por necessidade.
No diário de turma, as propostas de mudança de cinturão e os parabéns ocupam muito espaço.
À hora do almoço a chuva cai de forma impressionante.
Com algum receio entro na sala à tarde. Mas não. Reina a mesma

calma da manhã. Analisamos um problema no momento de matemática.
No plano, a plasticina chama novamente mas com muito mais calma, há alguns jogos, há pintura, computador, biblioteca e até o Isaías que continua a fazer fichas!
Dez para as três, a equipa do dia (uma boa equipa hoje com Cíntia, Indira e Iolanda) começa a arrumar e um pouco antes das três estamos despachados.
Se todos os dias fossem assim, já não tinha nada para contar...

Sexta-feira, 14 de Janeiro

Todos os dias não são assim... hoje foi um dia fraco e com muitas perturbações.
Já vamos em 6 visitantes de outras salas: com duas professoras ausentes e todos os 'intrusos' a quererem ir trabalhar no computador...
Os meus alunos não estavam a ver isso com bons olhos. Começámos com uma ronda de «Contar, ler e mostrar» bastante alargado mas sem grande conteúdo.
Depois do intervalo, em que escapámos por um triz à chuva, o plano foi bastante atribulado, talvez porque o computador e o canto da biblioteca foram invadidos pelos visitantes. Foi de puxar a ferros. Tenho uma grande discussão com o Adelino por causa de uma identificação de palavras. Não tenho a certeza que o Adelino seja tão esquecido quanto mostra.

Um quarto para o meio-dia, começámos a agrafar planos e a fazer a auto-avaliação. A avaliação corre bem, com uma autocrítica correcta na maior parte dos casos, salvo o Bernardo que atribui a si próprio um «trabalhei mal», para fazer com que os colegas dizem que não.

A equipa ajuda um pouco na arrumação (Luís, Isaías - o José não está) e conseguimos deixar a sala arrumada para o Conselho.

Uma discussão sem sentido sobre a organização da escola, durante a hora do almoço, deixa-me enervado. Entro na sala com pouca paciência e isso faz com que estrago o Conselho. Os alunos demoram a entrar, zango-me e depois é difícil conseguir falar a sério sobre as coisas. A Aida e a Soraia zangam-se logo e a Sátia vem perturbar ostensivamente.

Mas decidimos algumas coisas: há uma nova regra segundo a qual o trabalho de computador tem que ser trabalho original – acabaram-se as cópias. Isto à partir de uma queixa da Soraia acerca da Sátia que não respeitou a ordem de inscrição e foi à sua frente, no computador. O Luís lembrar uma conversa que tive com ele para favorecer os trabalhos criativos relativamente às cópias. A Soraia aceita. O problema é que ela continua a não ser bem aceite no grupo e, por enquanto, este assunto não é abordável.

O Isaías fica radiante por mudar de cinturão na leitura e no comportamento e o Edmar também manifesta a sua satisfação com a passagem a azul na escrita. A Cláudia, a Sátia e a Mafalda

consideram as suas próprias mudanças de cor de cinturão algo de natural.
A Aida fica também muito contente com a subida na escrita. Os parabéns diluem-se um pouco nas discussões finais, mas digamos que na tarde toda conseguimos entender-nos durante mais ou menos meia hora.

Segunda-feira, 17 de Janeiro

A semana começa com uma ronda de «Contar, ler e mostrar» bastante grande, depois de uma equipa um pouco apática — sempre que a equipa com a Sátia tem a sua vez, a Sátia resolve colaborar pouco — ter organizado as coisas. A Jessica propõe-se logo para fazer o plano do dia. Uma longa ronda de «Contar, ler e mostrar», onde é possível ouvir-se, salvo quando a Cláudia e a Sátia desviam as atenções do grupo deles. No «Contar, ler e mostrar» também há pouco de interessante, e devia-se tornar mais claro para as crianças que não vale a pena falar por falar. Aliás, o Luís já percebeu isso e de vez em quando inscreve-se para depois não querer falar.
Depois do «Contar, ler e mostrar», entrego os planos e trabalhos corrigidos da semana anterior e combinamos o trabalho para a semana e o dia.
Temos a leitura do nosso jornal de Janeiro — ainda é em voz alta, mas alguns já começam a ler 'as letras pequenas' por si próprios.
A rotina instalou-se, também no trabalho organizado pelo plano

individual e, de facto, começo a notar alguns comportamentos muito diferentes: há um grupo que cresce através da rotina e da autonomia dada. Vejo a lenta maturação do Edmar, do Rodrigo, do Isaías, do Adelino e da Cíntia; a Cláudia e a Sátia, pelo contrário, fogem ao trabalho organizado.
Durante as atividades, o Luís, a Cláudia e a Sátia fizeram padrões geométricos numa folha de papel quadriculado. Trabalhei com o Adilson (fichas de língua amarelas), com o Bernardo (verde +/-), com o Edmar (verde leitura e depois azul x) além de atender a pedidos da Guida (computador) e da Mafalda (verde +/- preparando se para o teste), da Aida, com algumas dúvidas numa ficha de língua.

Terça-feira, 18 de Janeiro

A mudança na sala (dois grupos de dez, provocado pela observação de terem dificuldades em verem o quadro) é constatada pela Cláudia, Guida e Iolanda, logo de manhã antes de entrarmos o que levanta o comentário filosófico da Cláudia: não sei Pascal, mas isto é capaz de nos fazer conversar mais...
Entram os outros, embora com as baixas da Jessica, da Soraia e do José – este aparece no fim da tarde para dizer que esteve muito doente, no hospital e tudo – para além da eterna ausência do Sandro.
Uma pequena ronda de «Contar, ler e mostrar». Só a Cláudia, sobre os anos, eu, sobre os cadernos de escrita, a Mafalda sobre a

família doente e o Adelino sobre o irmão que faz anos.
A seguir olhamos para os gráficos sobre a estrada[7].
No trabalho de estudo autónomo, reina a calma absoluta. Só o Adelino, o Isaías e o Luís desequilibram-se nos últimos 15 minutos. A Cláudia tem uma birra no meio porque não tem apoio exclusivo.
A Indira trabalha pouco. A Iolanda faz fichas de matemática comigo. O Bernardo também. A Mafalda está à volta do teste verde +/- e o Adelino namora as fichas vermelhas de divisão.
No fim do dia não deu para fazer uma avaliação de plano, porque estavam dispersos em vários sítios.

Quarta-feira, 19 de Janeiro

A entrada do dia é boa: contamos carros à porta da escola.
A entrada na sala é menos boa: muita conversa, muita confusão, uma equipa fraca (Isaías, Rodrigo e mais alguém, já que o Fábio já não está). Depois, a Sátia desestabiliza, escrevendo os nomes de quem ela acha que devem ter coisas para contar no quadro. Tento regularizar, mas o «Contar, ler e mostrar» já tem pouca atenção.
O tempo de plano corre mal. Só sei que trabalhei com um pequeno grupo, o Bernardo que aplica os conhecimentos da grelha com brilho, a Mafalda que está em apuros com o teste verde +/-, o Adelino, muito preocupado em saber se está a trabalhar bem ou mal, despacha duas fichas, o Luís começa a

[7] Ver infra: *Dezembro – Abril: A estrada da Portela*.

trabalhar tardiamente. A Daniela tentou convencer a Guida e a Jessica a trabalharem, a Aida está em baixo, a Indira não faz grande coisa. A Andreia por sua vez está cada vez mais autónoma e foi escrever um texto no computador. Da Cíntia não vi nada. Quando chegamos à hora do almoço, tanto a Daniela como eu temos a sensação – talvez não completamente justificada – que não se trabalhou muito. Esta ideia é principalmente devido ao barulho que se fez e à oposição da Sátia que foi contínua.
À tarde, quando começamos a arrumar, há uma primeira "pega" entre o Luís e o José por causa da mota que o Luís trouxe. O Luís disse que o José lhe destruiu a mola de suspensão. De seguida as coisas parecem acalmar-se. Alguns instantes depois está o Luís a bater com tanta força com a mota na cabeça do José, que as peças voam para todo o lado. O José controla-se chorando baixinho de punhos cerrados. O Luís descarregou e acalmou. O José vem contar carros comigo, e o Luís desaparece. Volto a vê-lo na altura da saída, bem disposto e com um grande "Até amanhã".

Quinta-feira, 20 de Janeiro

Um dia atribulado. Primeiro tinha me esquecido que uma estagiária vinha fazer um levantamento sociométrico para a sua monografia. Isto levou quase o tempo todo até ao intervalo. Estava integrado dentro do «Contar, ler e mostrar», porque eu percebi mal o que ela queria.
Acho que os meus alunos se portaram muito bem nesta seca.

A Mafalda contou uma grande história sobre o gato dela que esteve fora toda a noite e que só voltou de manhã cheio de sangue.
A seguir ao recreio, projeto.
À tarde já vêm com a festa de anos da Cláudia na cabeça. Na meia hora de plano, não se pode dizer que foram muito produtivos ao não ser para fazer desenhos e coroas para a Cláudia.
A festa corre lindamente, a professora do ano passado, que foi convidada, acha os muito mais crescidos e responsáveis. É verdade que, como há muito bolo, não têm tempo a perder em brincadeiras e correrias.
Saem calmamente. Só ficou a avaliação do dia para fazer, tal como nos dois últimos dias...

Sexta-feira, 21 de Janeiro

Um dia que se anunciava lindo, tornou-se extremamente complicado. Às 8.30 uma colega telefona para dizer que está doente, e às 9 tenho mais 13 alunos na sala, porque todos querem ficar com o Pascal. Aviso que vai ser um pouco complicado, mas as crianças insistem, também porque os visitantes dizem que trouxeram o manual que utilizam, e que têm trabalho para fazer. Então programamos: «Contar, ler e mostrar», Cuisenaire e Pitágoras, trabalho de plano, Conselho, atelier de escrita e um resto de tarde livre.
No «Contar, ler e mostrar» não há novidades. Só uma discussão

sobre o conteúdo de cereais e brindes. Os outros meninos não participam.

Na hora do plano, as coisas correm bastante bem. A Daniela vem ajudar e, tirando o facto dos miúdos da outra turma se porem em enxame na biblioteca da sala e à volta do computador, a paz instala-se na sala. A Cláudia trabalha com a Daniela, tal como a Guida, a Ana e dois ou três da outra sala. Tenho tempo para o José, o Bernardo, o Adelino, o Rodrigo, a Cíntia e o Edmar.

Conseguimos parar por volta das 11 e 50 para fazer a avaliação do plano, com mais barulho do que de costume.

À hora do almoço, a equipa ajuda-me a arrumar a sala e a prepará-la para o Conselho.

O Conselho começa muito bem e com muita atenção de todos.

A Cláudia critica uma actuação que tive para com ela, quando a impedi de tirar fichas demasiado fáceis para ela. Explico que acho que é perda de tempo, mas que é possível que tenha razão quando diz que fui bruto. Peço desculpa, frisando novamente que considero que todos têm que trabalhar no seu grau de dificuldade. Ela aceita as minhas desculpas.

Ocorreu um problema entre o Adelino e o Isaías, que o Luís acompanhou de perto e este escreveu no diário o sucedido, pelo Adelino. Ele é acusado de proteger o amigo, que também maltratou o Isaías. Defende-se a si e ao Adelino, dizendo que foi escrever no diário porque o Adelino tinha dificuldades em o fazer (o que é provavelmente verdade). No final, o Isaías e o Adelino

apertam as mãos, e proponho que o Luís passe a amarelo em comportamento, por ter sido capaz utilizar os instrumentos da sala. O Luís aceita a responsabilidade, os outros também.
No «Proponho», tinha inscrita para passar a Aida a amarelo em comportamento, mas há um boicote da parte do 'clã cabo-verdiano'. Voltarei a propor. Nas mudanças de cor para os ficheiros, não há oposição, claro.
Há uma discussão acesa quando a Mafalda se propõe responsável pela pintura. A Sátia sente se atacada. Eu digo que defendo a proposta, já que tivemos que esperar até quarta-feira para termos tintas, e que foi a Mafalda a faze-las. A Guida torna-se ajudante pelos geoplanos (não percebo bem porquê) e a Andreia fica responsável pelos ficheiros de escrita. Há pequenos avanços. No fim, a reunião está um pouco desorganizada, por culpa da Jessica e da Sátia... sempre a Sátia.
Introduzo o atelier de escrita com a invenção conjunta de uma história. A actividade ocupará uma dezena de crianças até ao fim da tarde, enquanto as outras vão fazer outras coisas à medida que acabam.
Por volta das 14 e 50, fazemos o balanço do dia e começamos a arrumar. Todos ficámos espantados vendo o quanto trabalhámos hoje, nestas condições difíceis.

Segunda-feira, 24 de Janeiro

O dia começa com muito «Contar, ler e mostrar» e quatro

visitantes, que monopolizam durante quase todo o dia o computador. A Cláudia vai refilando ao longo do dia mas ao mesmo tempo deixa-os trabalhar, apesar de termos combinado que os alunos da turma tinham prioridade para a escrita de textos.

De qualquer forma, começámos com muito "Contar, ler e mostrar", e depois tivemos toda a organização da semana que nos levou até um quarto para as dez. Depois pegámos no material Cuisenaire.

A seguir ao recreio, tivemos um trabalho de estudo autónomo exemplar. Começo a trabalhar com a Iolanda (e não tenho tempo para acabar) a 'escadinha' Cuisenaire de 10 até 20.

Muitos alunos pegam em propostas de trabalho e, depois de um quarto de hora, o silêncio instala-se na sala, o trabalho é de tal forma intenso, que tenho mesmo que chamar a atenção para a hora de arrumar, 2-3 minutos antes do toque.

À tarde as coisas são um pouco mais complicadas: a apresentação do trabalho sobre as plantas é difícil e lenta, com a Aida a monopolizar por completo a Mafalda e a Andreia.

Depois passamos para o atelier de escrita.

Isto faz com que o trabalho de plano da tarde fica muito curto. É de registar que a Sátia e a Mafalda conseguem fazer tintas, praticamente sozinhas. E a Cláudia controla-se muito bem enquanto espera. Surgem umas flores lindas no fim da tarde. Os rapazes desnorteiam, sobretudo o Luís e o Adelino. O Luís tem de

ser chamado à atenção pela cor de comportamento.
No fim do dia, lemos o plano, concluímos que fizemos tudo, arrumamos e saímos. Um bom começo de semana.

Terça-feira, 25 de Janeiro

Mas a semana é longa. Hoje, o «Contar, ler e mostrar» não foi muito prolongado. Tivemos uma história divertida da Mafalda sobre a comida do gato, que acaba com o gato a levar metade de uma sardinha para o telhado, para "a gata que é namorada dele". A Cláudia anuncia um carro novo, que faz logo surgir perguntas sobre cilindradas e velocidades máximas. Tivemos pouco mais do que isso.
A seguir ao recreio a turma tem dificuldades para instalar o ritual de trabalho. Ao fim de 20 minutos está-se melhor, embora eu tenha que intervir várias vezes junto da Indira, do Adelino, do José e da Soraia para que as coisas se acalmassem.
A tartaruga Logo* já mora na casa dela e o carro já anda.
À tarde há projeto, na biblioteca.
No fim do dia, na altura da arrumação, fiquei zangado por causa das atitudes da Cláudia e da Sátia, que põem a biblioteca de pernas para o ar. A Isabel (responsável pela biblioteca) concorda em estar presente no Conselho de sexta-feira.

Quarta-feira, 26 de Janeiro

No «Contar, ler e mostrar» o Luís anuncia que a mãe está grávida. A Cláudia pergunta logo se é do marido. O Luís confirma e disse

que se for rapaz será Fábio, se for rapariga ainda não tem nome. A Mafalda tem uma história de tigelas de cereais que ninguém percebe muito bem.
O Adilson tem algo para dizer, o que não acontece muitas vezes: a mãe está à espera do abono para lhe comprar um par de ténis da Nike.
Há mais notícias, destaca-se a carrinha nova (?) do pai do José e o amigo do Edmar que ganhou um jogo 10 a 1.
O plano do dia contempla primeiro trabalho de texto para o jornal, que entretanto mudamos para atelier de escrita. Depois há plano individual, apresentação do trabalho sobre os aviões, Cuisenaire e, para acabar, plano. Novamente.
Só que o dia vai ser um pouco diferente.
Depois do recreio o plano corre bem e eu começo a correr mal: dores de cabeça que me fazem parar de pensar. Pouco tempo depois a mãe do José vem pedir-me se o José pode sair para ir ao hospital visitar o avô internado. O José sai, que fica muito aflito por causa da apresentação do projeto sobre os aviões, do qual faz parte. Combinamos que fica para amanhã.
À tarde não me sinto melhor. A Aida avisa-me que estou muito branco, os outros diminuem o barulho.
As visitantes da turma duma professora ausente fazem-me um texto: “Senhor Pascal, nós gostamos muito da vossa sala e de você. Beijinhos da Andreia e da Soraia”.
O Francisco, também visitante, que tinha estado connosco ontem

e hoje voltou, descobriu algumas técnicas para fazer cair peças de dominó.
Trabalho com o Bernardo, com o Rodrigo, com o Adilson. Digo que não me sinto em condições para fazer um trabalho de Cuisenaire. Prolongamos o trabalho de plano, o que só é difícil para o Adelino e o Luís, que desnorteiam. Já no fim do dia estes "contaminaram" o Edmar e o Adilson. As miúdas, pelo contrário, estão a crescer, o Isaías cola-se a elas e torna-se um rapaz muito sociável.
No fim do dia temos tempo para cantar, o que já não fazemos há algum tempo.
Todos eles perguntam se, por favor, não falto amanhã porque há um teatro para acabar. Prometo deitar-me cedo.

Quinta-feira, 27 de Janeiro

Meti-me cedo na cama. Estava tudo bem esta manhã.
A Cláudia, preocupada, vem ver se estou na sala. A Aida deita um suspiro de alívio. O José está preocupado. Ele está com vergonha de apresentar o trabalho sobre os aviões. Digo que as coisas vão correr bem.
Temos as mesmas quatro visitas na sala e uma lista extremamente longa para «Contar, ler e mostrar». A Soraia tem uma longa história sobre a avó que ela quer visitar e que a mãe dela não a deixa ver. O Luís acha que é tudo mentira (eu não tenho assim tanto a certeza e gostava saber mais sobre a história da avó). A Cláudia fala de

compras, tal como a Guida, o Adelino e a Iolanda. O Bernardo foi ao estádio ver a derrota do Benfica. A Indira tem outra história: a avó comprou-lhe um computador... o sonho mistura-se com a realidade...

À tarde, primeiro fizemos a carta para a Câmara[8]. O trabalho é de difícil arranque. A Indira insultou o polícia à porta da escola e há uma disputa entre ambos, que continua no corredor da escola. Depois de algum tempo, ele fá-la entrar na sala, onde ela demora 5 minutos para acalmar. Fica muito calma durante o resto da tarde.

O José, o Adelino e o Bernardo instalam-se para fazerem a apresentação do projeto deles.

No meio da apresentação que tem toda a atenção dos outros, há debates vivos sobretudo entre o Luís, a Sátia, a Guida, a Iolanda e os apresentadores.

Sobra ainda meia hora de trabalho de plano, em que "as meninas da Cláudia" continuam os preparativos para o teatro que inventaram sobre um casamento, enquanto que a Aida, a Mafalda, a Andreia, a Iolanda e o Bernardo continuam a fazer... mais fichas.

No fim do dia, a equipa demora para começar a arrumar. Por fim, os responsáveis das várias áreas controlam a arrumação e as auxiliares felicitam-nos por encontrarem a sala tão arrumada o que lhes facilita a limpeza.

---

[8] Ver infra: "Dezembro – Abril: A estrada da Portela".

Sexta-feira, 28 de Janeiro

O dia começou com uma equipa um bocadinho tosca (o Isaías e o Rodrigo, secundados pela Cláudia e pela Jessica) mas a equipa recompôs-se rapidamente. O Rodrigo escreveu um plano do dia cheio: «Contar, ler e mostrar», problema, um pedido de atelier de escrita, o plano e a avaliação, Conselho e tarde livre.

No «Contar, ler e mostrar», a Andreia contou uma grande história sobre um dinheiro que a 'mãe' lhe deu, e à seguir a Mafalda contou outra história de gatos. O José tem mobília nova. Pouco mais.

A seguir ao recreio instalo-me na mesa 'dos rapazes' e trabalho com a Iolanda, com o Bernardo, com o Edmar e ajudo vários pedidos avulsos (a Mafalda, a Jessica, a Sátia, a Cláudia) e ainda faço um LOCO com o Adelino. Como dizia o Oury "*branché sur 10 antennes*". Estamos surpreendidos quando o relógio nos indica que temos que arrumar para a avaliação de plano. Admiro a calma com que tudo acontece: ficam sossegadamente sentados (!) até eu lhes devolver fichas e capas, não há guerras para o agrafador.

Ouvirem-se uns aos outros é um pouco mais difícil.

A Soraia é o desastre: ela não apresenta nada no plano, mas diz que trabalhou bem. Intervenho – não consigo conter-me – para dizer que não percebo como é que ela consegue mentir tão descaradamente para si própria.

As outras leituras de plano são mais pacíficas.

A grande surpresa é o Conselho. Temos a visita da Isabel, a responsável da biblioteca. Escudado pela Guida e pela Sátia, tenho toda a gente tranquilamente sentada à volta da mesa. A reunião vai durar 30 minutos e só há alguns 'rabos quentes' nos últimos 5.

Abrimos com 5 queixas do José sobre a Iolanda e 4 da Iolanda sobre o José. Os comentários deles limitaram-se a queixas da Iolanda relativamente ao José que lhe tirou um lápis e inversamente do José relativamente a um pontapé da Iolanda. A Cláudia pede a palavra para dizer que a Iolanda pode ser muito desagradável e que ela dá pontapés sem os outros verem. Além disso, continua a Sátia, há meninos que batem, vão escrever no jornal e depois batem outra vez. Avisa para não escrever em lápis porque a Iolanda apaga.

O Luís pede também a palavra e diz que sabe que a Iolanda chateia o José. A Iolanda ouve e não diz mais nada. Digo que penso que o que é claro é que não podem ficar um ao lado do outro. Concordam. Perguntamos quem quer trocar de lugar. Entre vários, há o Isaías que se propõe. Digo que não concordo, já que o Isaías é o único rapaz na mesa das raparigas. Ele ri-se. A Iolanda escolhe a Andreia para trocar.

De seguida a Andreia fala do Adelino; ele desequilibrou a cadeira (ele anda sempre a baloiçar) e magoou-a. Pergunto-lhe se ela aceita as desculpas do Adelino. Aceita, o Adelino formaliza e todos batemos palmas.

A Cláudia inscreveu a Indira, porque estava sempre a chamá-la enquanto estávamos a trabalhar. A Indira justificou-se, dizendo que queria um marcador do armário. A Cláudia lembra que eu disse que só é preciso pedir autorização para o papel de cor. É relembrado por todos.
A Indira não sabe porque colocou o José no diário. A Mafalda fala do Adelino que lhe bateu com um pau na boca, no recreio o que a magoou muito. O Luís tenta dizer que não é verdade, quando o Adelino já tinha assumido. A Cláudia intervém para dizer que não concorda que o Luís defenda desta maneira o Adelino. O Adelino pede desculpa.
A Cláudia inscreveu a Guida no diário por causa de um problema de empréstimo de material que acabou num forte pontapé. A Guida pede desculpa.
Edmar e Bernardo puseram o Adelino no diário porque ele atirou com material Cuisenaire sobre eles enquanto trabalhavam com o puzzle matemático «Loco». O Adelino disse que é verdade e pede desculpa. O Adelino, de facto, continua a ser muito bebé. Até rebola no chão no fim da reunião.
No «gostamos», uma notícia do Adelino: agradece ao Luís pela ajuda que lhe dá.
A Cláudia escreveu Luís. Depois de algum tempo descobre que escreveu no «gostamos» porque não tinha espaço no «não gostamos». E é porque o Luís se riu quando ela deu uma palmada no Adelino. Não percebemos muito bem o rumo da conversa, e

proponho que talvez seja melhor esquecer tudo.
No «proponho», há cinturões a atribuir: Bernardo amarelo a escrita, Aida e Jessica amarelo em comportamento. Quando anuncio verde em comportamento para a Andreia, há grande oposição de todos os líderes. Votam contra em peso. Eu digo que verde é quem trabalha e circula sem perturbar os outros. E peço para justificarem o voto: "*Ela perturba, quando trabalhas?*" Já ninguém se opõe...
A Isabel fala da nossa última ida à biblioteca e explica porque é que as coisas correram mal. A maior parte dos líderes concorda que a última ida não correu bem. Eu conto que estávamos a pensar propor que o grupo deixasse de ir todo junto à biblioteca, porque tinha mostrado que isso não funcionava.
As crianças comprometem-se a cumprir as regras da biblioteca. Votamos que a Isabel e eu temos o direito de decidir impedir a ida à biblioteca sem passar pelo Conselho.
No fim votamos uma proposta de só utilizar papel de rascunho para fazer confetti.
De seguida, temos tarde livre: um fim de dia tranquilo acaba uma semana tranquila.
Crescemos novamente um pouco.

Uns ratos (imaginários?) que parecem terem sido vistos na escola, dão-nos dois dias de folga.

Quarta-feira 2 de Fevereiro

Não houve ratos mortos nas caixinhas de veneno na nossa sala.
Quando colo os textos no caderno da Sátia, descubro um que ela escreveu em casa. Digo-lhe que gostei do texto. Ela fica radiante. Alegria de nos reencontrar e alguma confusão. Combinamos trabalho de texto depois do «Contar, ler e mostrar», plano e depois à tarde a apresentação do projeto sobre os telemóveis, um problema e depois novamente plano. A Guida, a Cláudia e a Sátia anunciam logo que à tarde vão brincar com as 'Barbies' ("Há muito tempo Pascal!").
No «Contar, ler e mostrar» nada de grande relevo. Viram-se, brincaram, o Adelino passou dois dias em casa do José, a Jessica viu a Cláudia que não viu a Jessica. Começam a dar a palavra uns aos outros, durante «Contar, ler e mostrar». Quando digo que vendi 10 jornais em Tomar, ficam impressionados: 500 escudos para a turma!
À tarde, «os telemóveis» apresentam um excelente trabalho de pesquisa! É claro, sabem do que estão a falar (pelo menos a Sátia, a Jessica e a Cláudia sabem. O Isaías e a Iolanda passeiam).
O Adelino, o Luís e (às vezes) o Edmar perturbam, o José está com a cabeça no ar, a Guida conversa, enfim, não ligam.
Estou muito irritado! Digo-lhes que acho uma falta de consideração para com o grupo que trabalhou tão bem. Nada feito. Resolvo insistir: digo que levo a ficha de avaliação do trabalho para corrigir, e que amanhã lhes mostro o que significa a perturbação.

Resmungam, mas a ficha é uma confirmação para mim e uma surpresa para eles. O Luís, a própria Sátia e a Jessica têm um trabalho fraco, 9 alunos têm o trabalho mesmo insuficiente, só a Aida, a Mafalda, a Andreia e a Cláudia apresentam um trabalho razoável. De referir que todas as perguntas eram de escolha múltipla, e todas directamente ligadas à informação do trabalho. A Aida foi a única a consultar o trabalho para uma informação que não sabia.

O fim do dia instala-se com os jogos, o canto de recortes, os desenhos, o trabalho de costume. Parece que foi necessário 'redescobrir a sala'.

Quinta-feira, 3 de Fevereiro

Cantei vitória antes do tempo.

Hoje foi um dia particularmente complicado. Estamos de regresso aos tempos de Setembro...

Tudo começou bem: uma equipa de recurso, porque a equipa de serviço chegou fora de tempo. Depois «Contar, ler e mostrar», com uma história com interesse: o José conta que foi à pesca com o pai. Há muitas perguntas: É peixe para comer? Gostaste? Apanharam muito? Onde foi? Foi numa praia ou no mar? etc. O resto do «Contar, ler e mostrar» ensina-me mais algumas coisas sobre famílias. Acham que tenho poucas filhas – só duas! – e comparam algumas famílias. A Sátia conta as irmãs, os irmãos, os que vivem em Cabo Verde, os que vivem aqui, os que são da mãe,

os que são da amiga do pai, os que são da "tia". Desata a rir por causa de uma coisa que o Isaías lhe disse: que se a mãe tiver mais um bebé, a irmã mata-a para ficar com o bebé. Estranho humor.

Depois proponho um atelier de escrita, que é aceite com entusiasmo por muitos.

O Isaías está com dificuldades de arranque. Quer escrever sobre o menino do mar. Pergunto quem vive no mar. Ele não sabe. Sugiro os peixes. Ele responde: "É, Pascal?". A Jessica confirma. O Isaías disse que então os peixes podem ser os amigos do menino. "Como é que eles falam," pergunto eu. "Não sei," diz ele. "Já viste alguma vez um peixe a nadar?" Não, nunca viu. A Jessica já viu. "Então, como é que o peixe faz com a boca?" "O, O," diz a Jessica. O Isaías diz que então os peixes dizem o, o, o, e isto significa "queres brincar comigo". Mas depois vem o tubarão ("O tubarão também vive no mar, Pascal?") e come os peixinhos todos e depois o menino tem que brincar sozinho...

Apesar do conteúdo dramático do texto, chegamos bem dispostos ao recreio.

À tarde as coisas complicam-se de repente. No início continuamos no trabalho de plano, e não há problemas enquanto as líderes fazem bonecas e os líderes desenham batmans.

Mas quando proponho um problema que inclui procurar a metade de uma quantia, está o diabo solto. Oposição, isto é muito difícil, não sabemos, "Ó Pascal estamos cansados", e tudo mais. Tenho pena de algumas crianças, entre elas a Sátia, o Edmar, o

Luís(!) e a Mafalda que fazem um esforço para seguir o raciocínio mas não conseguem porque eu também não consigo manter os outros atentos. É obvio que o problema era demasiado difícil para muitos, e que não me apercebi disso a tempo. Como as coisas arrastam-se até as 5 para as três, mando-os sair, sem arrumar e sem leitura do plano.

Lá saem de rabo entre as pernas... e eu confesso que é o primeiro dia, desde há muito, que não saio a cantar... quis ser demasiado professor? Mas o mal está feito, não posso voltar a trás. Entretanto, enquanto me irrito, a Cláudia vai delicadamente fechar a porta da sala depois de um "Com licença", para quem está no corredor. No início da tarde tinha-me dito que queria ficar 1000 semanas comigo.

E o dia tinha começado tão bem...

Sexta-feira, 4 de Fevereiro

Hoje é outro dia, e corre de modo muito diferente. Há muito «Contar, ler e mostrar», depois de conhecer a Assunção[9], de quem logo gostaram, como sempre, quando têm visitas. Antes de começar o dia, também já tinha lido a história com letras trocadas do "Pacuchinho Mervelho", lá fora a quem quis ouvir. A Sátia quer uma fotocópia. No «Contar, ler e mostrar» — onde cada vez mais são os que apresentam que dão a palavra, e está a correr bem —

[9] Uma amiga que vem conhecer a sala para posteriormente gravar um pequeno vídeo relacionado com a integração do computador como meio de trabalho na sala de aula.

conto que, como estava zangado ontem, fui ao Jumbo desanuviar e arrumar ideias, em vez de ir logo para casa. Foi assim que encontrei e comprei livros em saldo, bons para a biblioteca da sala. Ficam muito entusiasmados com os livros que lhes mostro e o comentário de Sátia é: "Assim podes zangar-te mais vezes, Pascal".

Temos um plano de trabalho ambicioso: «Contar, ler e mostrar», apresentação do trabalho sobre o computador, problema, plano e avaliação, Conselho e tarde livre (plantas). O José conta com muitos pormenores como construiu uma trotinete com o Edmar, utilizando rodas de um carrinho do Jumbo. O Edmar mostra as medalhas que ganhou nos torneios de xadrez. São duas medalhas de participação e uma de um 3º lugar.

O projeto «o computador» é bem apresentado: a Iolanda domina muito bem a parte que escreveu, o Bernardo explica muito bem as capacidades da tartaruga LOGO e o que sabe "acerca dos números do computador (0 e 1)", o que deixa o Luís incrédulo e leva-me a dizer que mais tarde voltaremos a falar do assunto. A Guida, esperta e despachada como sempre, fala do primeiro computador.

A Cíntia fica um pouco atrapalhada na parte dela, porque não consegue ler tudo o que escreveu. Mas, com alguma ajuda, ela explica que o computador mais velho era o ábaco, que depois foram inventadas máquinas calculadoras e só depois os computadores. As outras informações estão no livro do projeto...

De seguida pomo-nos todos à volta do computador da sala para ver como funciona a tartaruga. Os alunos do projeto voltam a dizer como fizeram o programa e depois descrevem parte por parte o programa, desde a estrada até o carro[10]. Os outros acham interessante.

Demora uns dez minutos até toda a gente estar fora da sala, com uma equipa que não controlou bem a distribuição do pão o que faz com que de repente há falta de pão. A Sátia e a Jessica vêm entregar o segundo pão que levaram...

Cinco para o meio-dia começamos a arrumar, agrafa-se o plano — é a primeira semana que não há dúvidas sobre o que têm de fazer com o plano e com as fichas —, faz-se a avaliação em 10 minutos (temos a pressão do tempo) e a ideia geral é que o trabalho não foi muito e que a semana foi pior que as anteriores.

O Conselho corre bem.

Há uma queixa do Adelino sobre a Jessica que lhe bateu violentamente, ele pede que a Jessica fique um dia a trabalhar sozinha, o que ela aceita sem resmungar. Escolhe a segunda-feira.

Continuam algumas queixas de José–Iolanda–José, mas o assunto fica rapidamente arrumado com desculpas mútuas.

A Cláudia desculpa o Isaías de umas rasteiras que ele lhe fez. O Adelino vê-se privado do computador durante uma semana, por andar a teclar letras avulsas, surgindo por trás dos outros que

---

[10] Programaram em LOGO um cenário de uma estrada com casas, onde circulam dois carros, em direcções opostas.

estão a escrever no computador.
Um aviso para a Guida, a Iolanda e o Isaías?
O Adelino tinha coisas para dizer sobre a Andreia, mas como ela não está, o assunto é adiado.
No «gostamos» nada; no «proponho», uma mudança de cinturão da Mafalda (verde para azul na divisão) e o Bernardo vai ajudar o Edmar na gestão dos jogos da sala.
Depois as regulares propostas de mudança de responsabilidade: a Cláudia propõe-se, com o Luís, para o computador, a Jessica quer encarregar-se do armário, o Isaías também, a Aida está à procura de substituto, a Indira quer deixar os recortes.
A turma está a mexer.
O fim da reunião é um pouco mexido. Arrumamos as mesas e vamos ao trabalho na tarde livre: As «Barbies» voltam... entretanto vão construir duas colagens 3D que representam casamentos: um com os filhos já nascidos, outro com os filhos por nascer. Estamos a aproximar-nos da primavera. E toda a gente fala do dia dos namorados.
No fim do dia arrumamos as coisas e saímos bastante organizados.

Segunda-feira, 7 de Fevereiro

Começamos com uma equipa pouco empenhada. É o José e o Edmar que trabalham, já que o Luís vem mais tarde. Durante o dia, não vejo mais a equipa...
No «Contar, ler e mostrar» há 14 inscritos. A maior parte é para

contar o que viram e fizeram durante o fim-de-semana. Não há notícias muito importantes. Importante é que adquiriram já uma boa atenção em dar e pedir a palavra, e que há mais atenção para o que se conta. Os mais distraídos são o Isaías, a Guida, o Adelino, o Luís, o José e a Aida.

Esquecemo-nos que a Jessica tinha ficado de trabalhar um dia sozinha, ela própria propôs que fosse amanhã.

Explico que há bastante trabalho a fazer para o jornal, para que seja entregue a tempo. Temos que acabá-lo na quarta-feira. O entusiasmo não é muito.

Depois do «Contar, ler e mostrar» abordamos novamente o problema sobre metades.

Depois do recreio também preenchemos o plano, e começamos a trabalhar individualmente. Corrijo textos com o Luís, com o Edmar, com a Sátia e com a Mafalda, textos que vão para o caderno deles (imprimo-os logo). Vejo num canto do olho que há muita leitura, e ainda bem, há bastante trabalho para os correspondentes, e começo a ter dificuldades com a Indira. Estas vão continuar todo o dia e explodem num conflito violento à tarde, em que ela se torna extremamente mal-educada.

As 'formiguinhas', pelo contrário, trabalham sem eu dar por isso...

À hora do almoço arrumamos o essencial para podermos fazer um trabalho de texto a seguir.

O texto é da Andreia. Há uma discussão muito acesa sobre os jogos para os rapazes ou para as raparigas. A Cláudia exagera um pouco.

Como houve pouco tempo depois do trabalho de texto, o plano da tarde não se põe realmente a funcionar e instala-se alguma confusão. Depois as coisas recompõem-se, mas já são horas de arrumar. Deixam a sala um tanto confusa, até porque a equipa não funcionou muito bem. A Mafalda pede para ajudar a fazer tintas e deixa-me depois sozinho, com a pressa de que tem de ir de boleia com a Aida para casa.
E um dia cansativo chegou ao fim.

Terça-feira, 8 de Fevereiro

Hoje o trabalho correu melhor. Menos «Contar, ler e mostrar», e sem grandes destaques. O pai da Mafalda ficou bêbedo, uns viram outros a brincar, a Cláudia explora o jardim, a Sátia vai às compras. Tenho que encontrar uma maneira para dar a volta e estimular outros tipos de intervenções. Trazer eu coisas para mostrar?
A seguir ao recreio temos plano, uns tantos pedem para corrigir os textos que escreveram. Trabalho com o Adilson, o José, a Mafalda, e o Bernardo. A Cláudia, a Sátia, a Aida e a Iolanda trabalham muito pouco e fazem bastante barulho. Chamo à atenção até elas se cansarem e começarem efectivamente a trabalhar. Tenho também de controlar o Adelino e o Luís, que andam muito com o Batman na cabeça e pouco com os ficheiros. A Jessica faz alguma confusão entre fichas feitas e fichas a fazer, e desconfio que continua a copiar respostas.

A Sátia vem-me perguntar pelo teste mas depois não sabe de quê. Digo que quando ela acabar uma série de fichas pode fazer o teste dessa série, mas ela está um pouco baralhada. Tenho de lhe explicar melhor.
No final do dia, não tenho muito apoio dos outros membros da equipa para arrumar a sala.

Quarta-feira, 9 de Fevereiro

Se todos os dias fossem como hoje!
«Contar, ler e mostrar» *pico bello*. Tivemos com muita atenção aos relatos, que incluem idas à bola da Soraia, um amigo do Edmar hospitalizado, as brincadeiras do costume.
A seguir, um momento de recolha de notícias para o jornal. É engraçado ver o que as crianças valorizam na sala e fora dela. A carta para Oeiras, os jogos e os cartazes, mas também o acidente na via rápida (os pormenores no jornal 5).
Estivemos a tarde toda na biblioteca. A Isabel começou por contar uma história, correu muito bem: a menina que queria um gato.
Fizemos a avaliação de plano nas calmas e foi um dia, como dizia a Cláudia, espectacular!

Quinta-feira, 10 de Fevereiro

O dia não foi tão sossegado como ontem, mas foi outro bom dia de trabalho.
Começámos com um «Contar, ler e mostrar» um pouco apagado. Nada de muito interessante, também já estamos a chegar ao fim

da semana e já não há muito para contar. A equipa de hoje é que não é tão bem organizada. O Rodrigo faz um esforço, o Isaías desiste rapidamente.

Proponho a carta individual ao correspondente como atelier de escrita, o que é aceite. Haverá trabalho de plano, com prioridade para o jornal, depois combinaremos os novos projetos, e o dia acaba com o plano alargado.

Recebemos uma carta da Assunção pelo correio.

Combinamos que a Jessica responderá. Quando estamos um pouco mais calmos e de novo no nosso trabalho, chega outra encomenda, desta vez da embaixada da Suíça[11].

Uma amável resposta às observações feitas pelos meus alunos. Traduzo rapidamente a carta principal, que vem em francês, e distribuímos os pósters que vêm como brinde para cada um dos alunos. Voltamos a ter uma interrupção, quase até à hora do almoço.

Sátia refere: hoje é mesmo o dia da correspondência! Somos nós, a Assunção e a Suíça.

Depois do almoço, levantamos hipóteses de projeto. Explico que «os "batmen» têm que primeiro acabar o trabalho, antes de começarem outro, e que isso também é o caso para a Aida. Depois peço ideias. A Sátia propõe «anões», a Jessica também. Depois a Cíntia propõe »livros», a Guida também quer, e a Jessica quer mudar. A Mafalda propõe «fotocopiadoras», o Bernardo

---

[11] Ver infra: *Dezembro – Janeiro: a Suíça*

«máquinas fotográficas». Quando a Soraia se põe neste grupo, o Bernardo quer mudar para «fotocopiadoras». Ainda propõe «pósters», mas eu corto, pensei que só tinha o brinde da embaixada da Suíça na sua mente. O Adilson propõe «rádios», o José «aparelhagens» Proponho que se juntem. O Luís propõe «Tarzan», mas corto. Digo que primeiro têm que mostrar que são capazes de fazer um projeto como deve ser. A Iolanda propõe «roupas» (eu digo que pode ser interessante verem as modas de antes e de agora) e o Edmar diz que também quer. A Cláudia reage violentamente e à gargalhada: um rapaz nas roupas! Digo que alguns dos grandes costureiros são homens e que é, portanto, um assunto para meninas e meninos, mas o Edmar já não quer. Junta-se ao José. O Isaías propõe «os três porquinhos», mas digo que não, propõe «o porco» e aceito. O Rodrigo, que cuida de um porco lá em casa, também escolhe este tema. A Sátia muda para o grupo dos livros. Fico contente. Depois quer mudar para o grupo «Pai Natal», onde a Cláudia se infiltrou, não sei muito bem porquê. Fico menos contente. Digo à Aida que tem tempo para pensar o que quer fazer a seguir, a Indira não sabe o que escolher.

Ao fim do dia, com a Isabel, faço um pequeno esquema, onde falta enquadrar alguns ausentes e para já quadro poderá ser este:

Livros Sátia(?), Cíntia, Guida, Jessica, Indira (?) Proposta: Papiro, Pergaminho, Papel China, Gutenberg, Igreja e Imprensa Estrutura de um livro.	Relógios Luís, Adelino Proposta: comparar a hora digital com a hora analógica; Construir relógios de cartão; observar um pêndulo; fazer um relógio do sol	Porco Rodrigo, Isaías Proposta: A família do porco O que eles comem O que quer dizer leitão Porque é que se cria porco Carne de porco	Fotocopiadoras e máquinas fotográficas Mafalda e Bernardo, Soraia como "apoiante" Proposta: Foto e grafia, Foto e copia; luz e imagem; Fazer uma câmara obscura; Fazer fotografias com uma máquina descartável Como funciona uma máquina fotográfica
Roupas Iolanda Proposta: Moda antes e agora, a partir de uma recolha do museu do traje	Rádio José, Adilson, Edmar Proposta: Em estudo	Pai Natal Aida, Cláudia e Sátia(?) Proposta: Acabar o trabalho	

Tudo isto com o compromisso de, primeiro, acabarem os «Batmen», a Soraia não se comportar como 'melga' para com os dois outros do grupo, esclarecer a situação com a Cláudia e tentar convencer a Sátia a ficar no grupo do livro. Propusemos que se trabalhasse com três grupos de cada vez, os outros três ficando à mesma na biblioteca, mas fazendo trabalho de plano, incluindo ateliers de expressões.

Há uma situação muito desagradável, primeiro com o Luís e um balão, que me obriga a ficar responsável pelo Luís, porque foi o que combinamos acerca dos balões e das brincadeiras de Carnaval. Depois, com a Cláudia, que passou por cima de uma decisão minha de não haver jogo de damas porque há guerras na organização dos pares. Ela foi tirar o jogo da gaveta, sem mais, perante o espanto dos outros e o meu. Teremos um Conselho duro amanhã!

Sexta-feira, 11 de Fevereiro

O «Contar, ler e mostrar» leva a Cláudia a falar duma visita, o Luís a mostrar a chave, porque não tem ATL hoje e vai para casa, a Sátia a falar de uma história de camas, em que o pai juntou todas as camas e dormiram todos juntos e a Mafalda com uma grande história sobre uma cadela abandonada que foi parar a sua casa. A Indira foi ao parque, a Iolanda esteve frente a uma casa fechada, porque toda a gente estava a dormir lá dentro, o Bernardo ganhou um ió-ió e um fato na Galp, a Aida foi jantar fora ao Cacém e a Andreia recebeu um anel da mãe (madrasta).

A Jessica entra depois do «Contar, ler e mostrar» com cara de quem não dormiu. O Isaías anda de balão na mão e provoca um primeiro conflito, quando o deixa rebentar.

Logo a seguir, quando já todos estão aos pares, com elásticos e um geoplano (e sem conflitos), prontos para trabalharem, a Cláudia tem uma grande crise de mandona, o que faz com que a leve ao gabinete da presidente, para acalmar, numa cadeira 'fofa'.

Entretanto começamos a trabalhar com o geoplano.

A seguir ao recreio temos a turma completa, e aproveitei o intervalo para falar com a Cláudia sobre a diferença entre ter liberdade para trabalhar, ser responsável, e mandar nos outros.

O plano é calmo, trabalho com a Aida, a Iolanda, a Cláudia, e a Jessica, e a Daniela ocupa-se do Adilson e do Bernardo. Fazemos a leitura de plano do meio-dia ao meio-dia e um quarto. Continua a haver muitos alunos que consideram que trabalham mal. Às vezes

injustamente. Penso que o Adelino, o Isaías, a Soraia, e o Rodrigo continuam a não saber muito bem o que quer dizer trabalhar bem ou trabalhar mal.

Afinal, o Conselho apresenta-se menos problemático do que pensava. Vários assuntos não podem ser tratados, porque dois dos mais queixosos não estão: o José e a Soraia.

Tratamos de pequenos conflitos que não precisam de muita explicação, com um grupo bastante atento. Surge uma nova regra: «Não se come na sala salvo quando houver festas de anos».

O Luís remata com "ainda não colaste a bolinha amarela"[12], quando relembro-o do comportamento que teve e que está muito pouco relacionado com a cor do cinturão dele. Será que o afixar do dístico é mais importante do que a comunicação da decisão? Combinamos que ele fica à minha responsabilidade para o trabalho de plano, na próxima semana.

Depois temos a discussão com a Cláudia sobre a diferença entre mandar e ser responsável. Uma discussão difícil com um pouco de choramingar pelo meio.

Parabéns para a Aida que muda de cor, para a Cíntia que ajudou a Andreia e trabalha bem (escrito pela Andreia). Parabéns também para o José que está a crescer, mas que não está hoje.

Tarde livre.

Vejo o Edmar quase toda a tarde no computador a escrever

---

[12] Ele refere-se aos pequenos dísticos autocolantes que utilizamos para a tabela de duas entradas onde registamos todos os cinturões de todos.

textos, o Adelino, o Luís, o Adilson, o Bernardo, o Rodrigo e a Andreia a dobrarem jornais de turma comigo, o Isaías, o Adelino, o Luís, o Cláudia e o Bernardo nas damas e a Cláudia a fazer fichas de matemática (!). O Adelino, no fim da tarde, foi trabalhar no livro de matemática comigo, e os outros foram brincar no canto da biblioteca à escola e às famílias.

Segunda-feira, 14 de Fevereiro

O «Contar, ler e mostrar» foi a única actividade que não fizemos até ao fim. Cancelei-a por causa do barulho que houve pelo meio.
Depois lemos o jornal da turma, com um bom aproveitamento: caça à palavra e decomposição de outras.
Começámos o trabalho de plano depois do recreio. Os sermões de segunda-feira funcionam e, de um modo geral, os alunos estão a trabalhar. Continuo a ter dificuldades com a lentidão e a oposição de meninos como o José, a Iolanda e a Soraia, mas com os outros as coisas funcionam mais ou menos.
Instalo-me nas mesas do fundo da sala e trabalho com a caixa de sílabas* com o Adilson, com a Jessica, com a Mafalda e, num certo momento, até a Cláudia vem espreitar e quer acompanhar.
A tarde começa mais complicada, porque há que combinar coisas, e isto é sempre mais difícil. Depois de três tentativas, consigo explicar o esquema de trabalho para os projetos, e os vários grupos preparam os seus contratos de projeto.
No resto da tarde (a partir das duas horas e um quarto) fazemos

trabalho de plano, salvo a Iolanda e a Andreia que se enfiam na biblioteca da sala a brincar.

Terça-feira, 15 de Fevereiro

O «Contar, ler e mostrar» corre muito bem hoje. Calmo. Estiveram a ouvirem-se uns aos outros, depois de eu ter dito que cortava o «Contar, ler e mostrar» sempre que não tivesse a serenidade necessária.
A seguir temos um bom momento de trabalho de geoplano.
No plano, que começa bem, tenho uma discussão acesa com o Adelino, por ele não saber novamente como deve utilizar o prédio dos números. Torna-se claro que as eternas conversas dele o prejudicam no trabalho, e ele parece não se importar com isso.
Estou num impasse: aumento o trabalho de plano para poder trabalhar mais individualmente, sabendo que alguns não vão trabalhar? Ou tento investir nos momentos coletivos, porque, embora não ouçam, eles consideram que isto é que é escola...?
A Jessica escreve a resposta para a Assunção.
À tarde, na biblioteca, a história do macaco de rabo cortado capta bem a atenção deles durante um quarto de hora.
O grupo das fotos e dos porcos arranca bem. O grupo dos livros tem algumas hesitações, mas depois as coisas começam a correr.
O esforço com o grupo do Batman, fá-los acabar o trabalho. Eureka! Os «Pai Natal» 'andam', mas não percebi muito bem o papel da Sátia e da Cláudia naquilo. É de ver o que a Cláudia fará a

seguir.
No fim da tarde, a arrumação é outra vez confusa.
A seguir às aulas, organizo mais uma caixa de sílabas.

Quarta-feira, 16 de Fevereiro

Antes de começarem o dia, adapto o cartaz fora da nossa sala, que relata a nossa intervenção com a embaixada da Suíça.
Uma extensa lista de «Contar, ler e mostrar». O Adilson foi dormir a casa de um tio e não conseguiu adormecer. A Iolanda fala de um beliche e a Guida, que não disse nada, franze as sobrancelhas. Pergunto-lhe porquê a expressão dela e ela diz que não sabe o que é isso. A Iolanda explica rapidamente. A Mafalda fala das duas tartarugas que tem em casa. Não pode dar nomes porque não sabe quem é a fêmea e quem é o macho. O José mostra vaidosamente uma mota que trouxe, mas depois fala de uma visita a um tio.
O Isaías vem mostrar — muito envergonhado — o novo fato-macaco em ganga que ele recebeu.
Depois explico a ideia de juntar as duas propostas de trabalho, a coletiva e a individual num só tempo, para cada um poder fazer o trabalho obrigatório e o trabalho de plano conforme precise de mais ou menos ajuda da minha parte. O primeiro dia desta nova medida não correu mal. O trabalho funcionou razoavelmente bem, tirando o trabalho da Guida, da Iolanda e do Isaías. A Soraia está a começar a produzir um pouco mais.

Já na parte da tarde, demonstraram algum interesse pelo atelier de escrita, em particular alguns alunos até agora pouco envolvidos. O trabalho com a caixa de sílabas teve muito êxito junto do Adilson, da Mafalda, do Adelino e depois foi divertido com a Andreia, que sabe mais do que parece, a Cíntia e a Cláudia. A Jessica, que hoje não esteve, apareceu depois do almoço. Estava a guardar a irmã bebé, e veio buscar leite porque ela estava a chorar.
Só tive que gerir alguns conflitos com os jogadores de damas e com as meninas que estavam a fazer cabeleiras.
Dez para as 3 começamos a arrumar e ainda antes do toque da campainha, deixamos a sala bem arrumadinha.

Quinta-feira, 17 de Fevereiro

O «Contar, ler e mostrar» começa a ser uma maravilha de informação. O Luís conta que quando ele e a Iolanda estavam a ir para a escola, ela chocou com uma senhora, porque estava distraída. A Aida começa a 'trabalhar' a sério no restaurante. Arruma pratos e talheres e ajuda a limpar a cozinha. A Mafalda desenvolve as histórias das tartarugas: brincam juntas e levantam e descem as pedras que têm no aquário. A Sátia passou algum tempo no escritório do trabalho do pai, enquanto estava à espera que arranjassem o carro.
Depois do «Contar, ler e mostrar», proponho continuarmos o trabalho sobre os mapas de presença e fazermos mais um atelier

de escrita. Segue-se o trabalho de projeto e de estudo autónomo, a tarde começa com material Cuisenaire e no fim há trabalho de plano. Começamos bem.
À tarde, o trabalho com o material Cuisenaire tornou-se um pouco pesado. Proponho não o fazer e continuarmos com o que ficou por fazer desta manhã, insistindo que o plano é para todos. Gere-se alguma confusão à volta da Aida que pega em folhas grandes para fazer máscaras e cabeleiras, o que leva a Guida, a Cláudia, a Sátia e a Iolanda para as mesmas brincadeiras.
Obrigo a Iolanda a fazer outra coisa, o que vai provocar discussão durante a tarde toda.
O Edmar escreve outro texto enorme no computador, o José segue-o, mas escreve com muitas gralhas e depois ainda escreve a Iolanda. A pesquisa prometida com a Aida fica por fazer.
No fim do dia, a confusão é muita mas a arrumação funciona. Acaba-se o dia com bastante calma.

Sexta-feira, 18 de Fevereiro

Hoje, dia de greve para (ou contra?) algo que não percebi bem, temos a escola por nossa conta. Aparecem 15 dos 19 (já desisti de contar com o Sandro...). Não está o José, que disse à mãe que não tinha aulas (e a mãe que não pediu por nenhum papel a confirmar, mandou-o para a avó — soubemo-lo por uma das funcionárias), nem a Soraia, que ia ao médico (*sic*!), nem o Rodrigo, que deve ter ficado com as primas por elas não virem à

escola, nem o Bernardo, que ontem à tarde ainda voltou para perguntar se hoje havia aulas, mas que entretanto não apareceu.
O «Contar, ler e mostrar» é longo. O Edmar foi à casa de uma tia e há várias perguntas sobre se dormiu lá.
A Cláudia pede à Aida para dizer que a mãe foi à Makro e que comprou muitos *Pringles*.
A Mafalda tem uma história de um homem que bebeu muito. Mas não percebi a fineza, se alguma tinha.
A Jessica fala de outro bêbedo, este muito real e do bairro, que deu cambalhotas no chão. Desencadeia-se uma discussão sobre as pessoas do bairro, de que vêm ao baile os meninos deficientes da zona. Fala-se do Flávio e de um Adelino, percebo pela conversa que o Flávio deve ser o rapaz que me vem visitar de vez em quando na sala, depois dos alunos saírem. A Guida diz que é primo dela. Mas não sei se estávamos a falar da mesma pessoa.
A Aida conta que o pai pôs um anúncio no jornal para arranjar pessoal para trabalhar no restaurante, até porque um que estava sempre bêbedo foi despedido. Pergunto qual é o trabalho, e ela diz que é para trabalhar na cozinha: descascar batatas e assim. Conta que ela também às vezes descasca alho e ajuda a limpar alfaces.
De manhã, a Andreia vem com a madrasta. Esta está muito excitada porque foi ao tribunal ontem, e toda a gente achou que a Andreia estava muito bem, tinham papeis do professor que diziam bem dela, e que a assistente social disse que ela tinha que

participar também nas saídas. “Mas olha, professor, foi só a senhora dizer isso que a miúda começou a espernear por todos os lados. É como o ATL, mas agora já disse que ela tem que ir, que não quero ficar sem o rendimento mínimo. Isto deve ser das drogas que a mãe passou para ela coitadinha, e que ainda estão na cabeça.”

Quando entramos na sala, a Andreia disse: “Ó Pascal, a minha mãe percebeu mal, porque eu quero ir ao ATL, é onde está o Adelino e o Luís e o Edmar”.

No «Contar, ler e mostrar» conta como fez com que a mãe (a madrasta) perder-se o comboio quando voltaram de Cascais.

O Adilson conta que viu «Olhó Vídeo» com um tio e o Luís esteve a jogar jogos com os tios.

Depois proponho um curto momento de trabalho na grelha com o Material Cuisenaire.

Os alunos que não escreveram nada ontem, escrevem hoje o texto de atelier de escrita, os outros vão ao trabalho de plano.

Este continua depois do intervalo, o que me dá a possibilidade de ajudar a Iolanda num texto, a Aida em fichas de dividir, o Adelino com uma ficha de +/-, enquanto o Luís se aplica no apoio ao computador e a Daniela, a Andreia e o Isaías trabalham com as sílabas.

Entretanto, os caderninhos[13] começam a mostrar a sua utilidade.
Ainda começo a ler um livro para o Adelino, leitura que não acabamos.
Tínhamos combinado trocar a reunião do Conselho com a avaliação de plano, porque a Sátia e a Cláudia disseram que talvez não viessem à tarde.
No Conselho, fico entre a Indira e a Cláudia. A Mafalda começa com uma explicação geral sobre o estado da sala: correr, pontapé, murros involuntários porque às vezes todos andam a correr de um lado para outro. Quando pergunto se ela quer alguma coisa, ela disse que só queria falar disso, porque acha que está mal.
De seguida há uma discussão sobre o José: ele não está, portanto não podemos falar dele, mas desconfiamos que ele não vem porque é sexta-feira e que ele sabe que há críticas sobre ele no Conselho. Já são duas semanas seguidas... e já aconteceu antes ele contar com o facto de quem ia falar não se lembrar 15 dias mais tarde o que ia dizer. Combinamos falar com ele e sobre ele na segunda-feira de manhã (o José que tem todo o ar de se tornar uma personagem 'interessante' já está a explorar os buracos da lei: não aparecer às chamadas e desaparecer antes de ser intimado...).
Há uma discussão acerca da atitude do Luís quando ele é da

[13] Comprei um pequeno caderno, tipo agenda de bolso, para cada um dos alunos, para construírem um mini-dicionário personalizado, em que vou escrevendo as palavras que me pedem para os textos livres deles.

equipa, em que sou o principal interveniente, e depois há uma forte chamada de atenção para a Cláudia acerca da sua agressividade (novamente...).
Hoje a Sátia participou interessada e, de uma maneira geral, as discussões eram muito ordenadas.
Nos parabéns, na coluna «gostamos» do diário, aparece a Cláudia outra vez, pela leitura que faz para os outros, e também a Cíntia pela ajuda dada.
Há uma proposta do Adilson para ficar responsável pelo quadro que é aceite. Esquecemo-nos do desejo da Guida de ser amarelo em comportamento.
E esquecemo-nos também de uma proposta minha para fixarmos lugares na sala.
A hora do almoço é muito longa hoje, porque somos só 12 a comer no refeitório. Temos tempo para conversar mais calmamente. Aprendo que o pai da Indira morreu no carro, por baixo de um prédio que se desmoronou, quando ela era pequenina. A mãe está viva, mas ela não a vê muitas vezes.
Depois do almoço, aparecem a Cláudia e a Sátia na mesma. A Jessica foi a correr para casa, avisar a mãe que afinal comeu na escola, e todos juntos vamos tratar da avaliação do plano. Isto leva uma pequena meia hora. A Cláudia ainda diz que há uma proposta para irmos todos até à Quinta de Sales e eu digo que é uma óptima ideia, mas não tenho a autorização dos pais para a concretizar e prometo pedir uma autorização na semana a seguir.

Depois vamos brincar à bola e saltar à corda lá fora. É preciso uma boa meia hora para conseguirem-se organizar. Cinco bolas no telhado implica que alguém as vá buscar. A Cláudia tenta, mas tem medo e volta para trás, o Luís também, depois é o Isaías que consegue. Grande dia para ele. Jogamos passos de mão e de pé, de repente instala-se uma grande briga entre o Luís e o Isaías. Não conseguimos acalmá-los e uma grande conversa sobre cores de comportamento e diário não dá em nada. O Isaías desaparece, pouco depois o Luís também ("Vou partir-lhe os cornos!") e um pouco depois vêm os dois. Começamos a brincar juntos, mas o Luís avisou-me logo: "Já bati no Isaías."
"*Le coup dans la gueule, la psychothérapie du pauvre*," dixit Fernand Oury.

Segunda-feira, 21 de Fevereiro

O «Contar, ler e mostrar» é como em todas as segundas-feiras, extenso. Anuncio que o Pitágoras (o coelho da minha filha) está moribundo.
Depois do «Contar, ler e mostrar» retomamos o Conselho para podermos falar com o José sobre as críticas que lhe são atribuídas. Ele vai ter que trabalhar sozinho durante esta semana.
À tarde, peço a colaboração para elaborar uns cartazes sobre o nosso trabalho, para a exposição da escola sobre a comunicação. Há muito entusiasmo e alguma participação.
À medida que a tarde avança, cansam-se e trocam a escrita pelo

desenho.
Arrumamos a horas e saímos como deve de ser. Um dia bastante calmo, apesar de uma equipa fraca (Isaías e Rodrigo), e de muitos problemas fora da sala (cabeças partidas, almoços atrasados, vice-presidentes desmaiadas,...).

Quarta-feira, 23 de Fevereiro

Estamos em crise. Há dois dias que não há «Contar, ler e mostrar» por causa do barulho.
Ontem lemos textos, fizemos escolha de texto, organizámos o trabalho: o Luís, o Edmar, a Sátia, a Jessica e a Soraia.
Depois, no plano as coisas não correram muito bem.
À tarde, na biblioteca, muita atenção para a história, depois de insistir bastante. O trabalho de projeto sobre a máquina fotocopiadora e fotográfica correu bem. O trabalho sobre os livros, nem por isso. O porquinho cresceu (balão).
Os outros fizeram trabalhos manuais com a Catarina, a nossa nova aquisição na biblioteca. A arrumação foi confusa. Não fizemos avaliação de plano.
Hoje o dia foi ainda mais complicado. Uma 'boca' malcriada da Sátia fez-me cortar novamente o «Contar, ler e mostrar». O trabalho de texto correu muito calmamente, o plano foi aceitável.
À tarde, o problema foi interrompido por uma conversa entre os meus alunos e a presidente do CE. A Indira teria fumado. Depois de desenvolver o assunto, descobriu-se que afinal, a Indira não

tinha fumado mas apanhado uma beata do chão. Conversa puxa conversa e as crianças referem que os grandes é que os põem a fazer coisas, ameaçando-os. Fala se também de droga, que um primo teria trazido para cá para vender...

Depois é o descalabro. O plano é muito confuso, com gritos e correrias na sala. O Adilson e o Adelino apanham por tabela, e eu fico muito 'chateado'. Pelo meio há agressões com a Indira, por 4 vezes hoje, e agressões entre o José e a Cláudia, que tem um comportamento muito complicado e difícil em relação com ele — e com alguma razão, pode-se bem dizer.

A Sátia e a Mafalda fazem as tintas sozinhas e conseguem.

No fim do dia saímos na confusão.

Afinal, onde estava o problema? Não percebo muito bem. Parece que as coisas funcionam, mas não funcionam: o motor não está engrenado na vida, dizia Freinet. Mas como é que descubro a vida que os interessa? Esta vida está difícil.

Quinta-feira, 24 de Fevereiro

Voltamos para águas mais calmas. «Contar, ler e mostrar», extenso, tinham muito para pôr em dia. A Cíntia vai comer pizza e teve um longo interrogatório à volta disso, a Cláudia tem uma prima que fez anos, a Jessica já escolheu a roupa de Carnaval, o Luís teve um primo a dormir em sua casa, a Mafalda tem uma

grande história sobre os dots[14] da prima, e as perguntas são do tipo "de que cor é o dot", o que leva o Luís a recordar que um primo seu ganhou um carro com o dot. A Guida não tem grandes novidades mas gosta de dar a palavra, a Indira foi ao Jumbo com a mãe que é a avó, a Andreia tem uma saia nova (o tribunal afinal dá resultado...). O Adilson apanhou um susto porque pensava que o gás estava aberto, mas era a mãe que já tinha ligado o esquentador.

O José apanhou com iogurte na cara, de um primo pequenino e a Soraia fala de um homem que "fez porcaria". Registo.

Depois desta longa conversa, o trabalho de atelier de escrita é produtivo.

Depois do recreio, a ida à biblioteca só é perturbada por um conflito entre dois rapazes de outras turmas, que me vejo obrigado a resolver. Depois, já dá para trabalhar. O Adelino e o Luís, radiantes com a construção de um relógio de sol, trabalham com o berbequim, com a chave de fendas, com a tesoura e o x-ato.

O relógio está praticamente pronto.

Entretanto o rádio não avança muito, o José vê-se forçado a trabalhar praticamente sozinho, enquanto o Adilson e o colega não fazem quase nada.

---

[14] Uma das televisões privadas queria, na altura, fidelizar público, dando prémios a quem provasse ver o canal em questão. O "dot" fazia parte da prova.

À tarde, um bom momento de Cuisenaire-Pitágoras.
O plano corre bem: consigo impor respeito à maior parte dos rapazes, arrasando-os em jogos consecutivos de damas. O Isaías até se vê a perder só com uma peça minha capturada.
Arrumamos, distribui a folha de pedido de autorização para os passeios de amanhã e da semana que vem.
E no meio disso tudo, a presidente do CE e eu conseguimos apanhar o presumível passador de droga, durante a hora do almoço.

Sexta-feira, 25 de Fevereiro

O «Contar, ler e mostrar» correu bem hoje, como o Conselho, aliás! A ida para a Quinta de Sales era um bom argumento.
A Andreia recebeu duas camisolas novas das quais mostrou uma (o tribunal continua ainda a ter efeito — ela tinha também a autorização assinada, e gozou bem a saída). A Cláudia contou que a mãe dela me viu. A Jessica anunciou que a irmã dela vai mascarar-se de peixeira (o que não é difícil visto que a mãe dela é peixeira) e o que faz dizer a Cláudia: "*Bolas, a menina só fala de Carnaval!*" A Sátia conseguiu finalmente ver um médico, para lhe tratar o lábio[15].
O Bernardo já tem o seu computador arranjado. A Aida recebeu um dot da BP. Discutem outra vez a cor do dot. A Indira esteve em casa da tia. A Mafalda conta uma história sobre o gato dela e o

[15] Ferido e infectado já desde alguns dias.

José tem um cão: um Bulldog (de facto, o único cão que condiz com o José...) e o Adilson fala sobre as meninas que fazem barulho a noite.

Depois do «Contar, ler e mostrar» corrigimos colectivamente um texto da Aida, e de seguida apresento o problema.

O plano, depois, é mais fraco. Mas como durante a semana houve bastante trabalho feito pelos 'cracks', e o possível pelos outros, dedico-me ao relógio de sol com o Adelino e o Luís e alguns mirones, e depois vou trabalhar umas fichas de trabalho com o Adilson, o Adelino e o Bernardo.

A avaliação do plano faz-se depois de algumas dificuldades iniciais de organização e arrumação (muitos estavam na biblioteca a ler, e não queriam parar e arrumar).

À tarde tivemos um Conselho muito comprido, de 45 minutos, sem problemas: a Quinta de Sales chama.

Temos também uma longa lista de pequenos problemas e de queixas de pequenas agressões, na grande maioria perdoadas.

Quando se chega ao José, muda o figurino. Discutimos mais uma vez as apalpadelas, e surge uma nova lei: "*Quem apalpa as meninas perde o direito ao recreio, e fica ao pé dos professores até o Conselho decidir o contrário*"[16].

A Indira terá que ficar um dia sem biblioteca e canto de pintura. O

---

[16] Novas ocorrências irão obrigar a medidas mais duras. Expliquei que o Conselho não consegue resolver tudo – já que tem o seu espaço legal confinado às paredes da turma.

Luís e a Cláudia consideram que, às vezes me zango com eles, quando são outros que provocam. Contra-argumento que pode ser verdade, mas que, por outro lado, também não vejo, no diário, o que aconteceu e quem os provocou... apertamos mãos.
As minhas três propostas são aceites: voltamos a 5 grupos de 4 pessoas; os momentos alargados para trabalho regido pelo plano conquistam-se; quem não os utiliza para trabalhar, passa a ter um plano de trabalho elaborado sob controlo directo do professor. E o Rodrigo retoma a responsabilidade do José, ficando eu de propor outra responsabilidade ao José.

Segunda-feira, 28 de Fevereiro

«Contar, ler e mostrar» até dizer chega. O pai da Aida raspou o dedo (e rasgou uma veia) durante uma brincadeira e esta notícia 'vale' seis perguntas. A Sátia teve a prima em casa e brincou com ela, o que 'vale' também seis perguntas. A Mafalda brincou com um amigo, sete perguntas. O Edmar foi ao Continente, três perguntas. A Iolanda estava a tomar banho quando faltou a luz, mas não teve medo, por causa da vela. Hoje, vinha com 25 totós na cabeça. O primo do Luís cortou-lhe o cabelo e arranjou-lhe a bicicleta, e o Luís está muito feliz. Mais sete perguntas. A Andreia apresenta um novo 'look', com trancinhas à 'Pipi das meias altas'. O simples facto de a Jessica ter visto o Luís dá direito a oito perguntas. A irmã da Jessica tentou andar de bicicleta, mas não conseguiu.

O Bernardo vai ao Benfica no sábado para um encontro com os futebolistas da primeira liga.
A Indira foi ao Jumbo, sem perguntas. O Adilson lavou o cabelo e a cara e considera que isto é uma notícia digna de ser contada.
Roubaram o carro da mãe da Cláudia. Já o recuperaram mas tem muita coisa partida.
Depois corrigimos colectivamente um texto da Iolanda, e acabamo-lo mesmo na altura do recreio.
À tarde, depois das necessárias acalmias (15 minutos), arrumamos a sala e vamos à cozinha, fazer um bolo para a visita dos correspondentes.
Tínhamos também organizado o trabalho e a maior parte das crianças cumpre à risca. Só a Cláudia quer, como sempre, fazer tudo. O Isaías vai fazendo o que vai apanhando pelo caminho.
As limpezas correm bem, ainda que, durante toda a tarde, tenho de dizer e controlar constantemente o que cada um faz. Aqui ainda não há grande autonomia.
Cinco para as três, os bolos estão no forno, os alunos despachados e a sala limpa. Nada mau, pensando que se trata da última segunda-feira antes do Carnaval...

Terça-feira, 29 de Fevereiro

Continuamos na paz dos deuses, no meio de uma escola cada vez mais desorganizada – Carnaval?
Nós, na sala, tudo bem. Começamos o dia com uma pequena

conversa sobre o dia 29 de Fevereiro. Não sabem quantos dias é que há no ano, muito menos que 29 de Fevereiro é um dia especial. Mas vamos conversando. Pouco a pouco, apercebem-se do estranho da situação: mais um dia de quatro em quatro anos, portanto o próximo 'dia a mais' vai ser quando eles já estiverem na «escola grande».

Depois temos um grande momento de «Contar, ler e mostrar», mas sem grandes notícias.

A Sátia viu a Andreia, o que recolha 5 perguntas. A Jessica ia à tia, mas não foi (Salregos). O dedo do pai da Aida não está melhor. A mãe da Andreia vai fazer um bolo igual ao que nós fizemos. O Luís caiu da bicicleta. A Iolanda viu a Cíntia à janela. Não sabe como estava vestida porque só viu a cabeça (em resposta ao Adelino). A Soraia trouxe uma Barbie. A Mafalda vai fazer um bolo em casa. E o Adilson levantou-se e preparou-se sozinho porque o pai estava cansado.

Houve mais algumas notícias sem importância.

No meio daquilo, uma estagiária, ligada a um projeto de intervenção na escola, vem falar sobre os momentos de recreio. Mas começa com uma série de perguntas moralistas sobre o que temos que fazer, para, no fim, propor uma equipa de controladores de regras. As crianças não perceberam patavina, e ainda bem que não perceberam.

Entretanto, esta conversa atrasa o trabalho. Fazemos uma actualização dos cadernos de texto, o que corre bem. A seguir,

começamos um atelier de escrita, que só vai acabar depois do recreio. O plano é sossegado, tirando o trabalho da Indira. Esta apanha uma crise e desaparece para o recreio. Só voltamos a vê-la já perto da hora do almoço. Compensa o tempo de trabalho perdido, por iniciativa própria, no tempo do recreio do almoço.
A Sátia está empenhada, a Cláudia um pouco menos. O Luís trabalha, o Adelino mete se muito com o Adilson, a Aida com a Guida. Mas, de modo geral, as coisas funcionam.
À tarde, na biblioteca, o Adelino, assustado, conta que perdeu um boneco do irmão mais velho (que provavelmente não sabe que o tinha com ele). O Isaías primeiro diz que tinha o boneco, depois que nunca o teve. Ficamos na mesma, com o Adelino a chorar.
Depois o trabalho de projeto. Com o grupo da fotografia, estivemos a trabalhar arduamente para acabar a 'câmara obscura', que vamos depois testar numa parte mais escura da biblioteca. Funciona! Vemos as coisas ao contrário. Fazemos o relato.
Os outros também trabalham sem grandes problemas, e de repente apercebemo-nos que já passa das três horas.
Bom trabalho!

Quarta-feira, 1 de Março

Hoje tivemos os correspondentes na sala, e a sala a trabalhar para os correspondentes.
O «Contar, ler e mostrar» foi interessante para alguns, aborrecido

para outros e não chegou ao fim, por causa das perturbações da Sátia.
Retomamos o trabalho sobre a Suíça. Dá para falar de legalidade, ilegalidade, de tolerância e não tolerância e de nacionalidades.
Chegam «eles», e interrompemos o trabalho. Troca de presentes, e: "Ó, eles também têm!", etc. E vamos ao parque da Quinta de Sales. Uma referência às seringas que podemos eventualmente encontrar, e entramos.
Primeiro visitamos a fábrica de azulejos. Há muito interesse. Barro líquido, barro (do outro), as várias etapas, os moldes, o problema das bolhas de ar que rebentam com a cozedura, e depois as pinturas.
O bolo foi aprovado. As brincadeiras, como sempre, foram curtas.
À tarde, acabamos a nossa conversa sobre a Suíça. Depois desembrulhamos as cartas, e começamos a responder.

Quinta-feira, 2 de Março

Um dia muito calmo. «Contar, ler e mostrar» em que o José anuncia que tem um estúdio (quarto completo com escrivaninha!), o Edmar que tem um spray para pintar o cabelo de verde(!), a Mafalda que jogou às cartas com a mãe, a Indira que saiu com a mãe[17] para visitar o tio que não está doente mas que não sai do hospital (preso?), a Iolanda para dizer que vai a um

[17] Entretanto sei que quando a Indira fala da mãe ou da avó, ela fala sempre da mesma pessoa: a avó com quem ela vive.

baile no dia seguinte. A Andreia tem duas novidades que ninguém percebe.

Temos um bom momento de leitura de textos, com uma grande fartura de textos... votamos os textos a serem trabalhados colectivamente, combinando que privilegiamos a publicação dos textos de quem ainda não tem nada no jornal. Uma coisa estranha é que os textos mais originais são os menos votados; problemas de concorrência?

Depois, e ainda antes do recreio, observamos os números quadrados da tabuada com o geoplano. A seguir, trabalho de projeto.

Arrumam bem antes de sair.

À tarde o milagre continua. Vêm agitados do recreio, mas depois acalmam depressa. O trabalho de plano começa quase espontaneamente, e imponho pelo menos duas fichas por dia (já falado em momentos anteriores).

Cumprem sem pestanejar, e para muitos ainda sobra "bué tempo" para fazer outras coisas.

Dez para as três, arrumamos e avaliamos e até conseguimos sair sem grandes confusões.

Um dia normal de trabalho: só com uma briga entre a Cláudia e a Indira, a Aida só chorou uma vez, o José só deu três estalos e o Adelino e o Adilson só foram chamados 12 vezes à atenção, tudo funcionou.

Sexta-feira, 3 de Março

Último dia antes da interrupção de Carnaval.

«Contar, ler e mostrar». O Bernardo conta triunfalmente que tomou o pequeno-almoço sozinho, depois de acordar sem a mãe saber. A Guida, a Sátia e o José foram para casas de primos, e o José ainda anuncia que vai pescar com o pai. O Isaías tem um anúncio importante: o pai vai-lhe comprar uma máscara. A Andreia viu a Cláudia, o Adilson viu o Luís, a mãe da Iolanda não a deixou levar o fato de Carnaval.

A Aida constata que faz anos no dia em que está mascarada e que isto ainda nunca tinha acontecido. O Luís foi ao Pingo Doce com a mãe e viu os bolos. Depois, em Abril, poderá escolher um para os anos.

O plano de trabalho coletivo da manhã é, propositadamente, muito carregado. Depois do recreio, temos um curto momento de plano em que se produz bem. Há pouco barulho na sala, até fico admirado.

O Conselho corre bem. Decidimos aguentar mais uma semana o barulho do grupo da Cláudia, a Sátia, o Luís e o Isaías. Eles apontam o dedo ao Isaías, mas eu não tenho bem a certeza disso. Há uma acusação da Guida acerca do José, que o faz exclamar "Aquela miúda não sabe o que diz". Ficamos pouco convencidos com a versão do José.

Nas propostas, há finalmente um nova responsabilidade para o Isaías: as canetas!

E a Sátia anuncia que passa a castanho para as fichas +/-.
Festejamos os anos da Aida. Corre muito bem. Cantamos, distribuímos o bolo e o sumo, arrumamos.
Começam a fazer as suas máscaras, como tinham combinado. Eu vou ajudando para contornos e para olhos.
Quando está tudo apontado para ser o dia mais calmo de Carnaval que já tive, a Cláudia vem me dizer. Pascal, o José "mukou" a Guida. Não percebo, e ela explica: "Fez-lhe este gesto!" e simula uma copulação. Digo para ela escrever no jornal. Ela vai, e quer bater no José quando passa por ele. Este levanta-se e refugia-se atrás do Luís. A Cláudia, já lançada, bate e acerta na cara do Luís. Nunca vi o Luís tão perturbado. Na fúria, ele vira algumas mesas, a Cláudia sai e o Luís sai atrás dela.
Entretanto toca a campainha, e quase todos saem.
A Aida quer que acabe a mascara dela. Quando digo que tenho pouco tempo, e que vou arrumar para me ir embora, ela pergunta: "*mas volta depois do Carnaval?*"
Mesmo assim, um dia muito tranquilo...

Segunda-feira, 13 de Março

Organização até às 10 e 30.
À tarde, trabalho de plano. O MegaLogo® é popular... sobretudo os jogos. No fim do dia, arrumámos e ainda fizemos a correção coletiva do texto da Sátia (preocupação de manhã porque o jornal da turma não vai sair na data prevista).

Bom dia de trabalho. No fim do dia, temos uma visita para anunciar a vinda de estagiários a partir de 4ª feira.

Terça-feira, 14 de Março

Muito bom dia de trabalho.
Problemas com a Indira na hora do almoço, com a Cláudia, um pequeno problema à tarde.

Quarta-feira, 15 de Março

As novas estagiárias chegaram.
O Luís teve que se mostrar um pouco e tive que o chamar à atenção várias vezes ao longo do dia.
O momento foi complicado depois do «Contar, ler e mostrar», um momento mais fácil depois no plano.
A tarde correu muito bem. A Isabel, da biblioteca, contou a história dos três porquinhos, depois o plano também foi bom. Os projetos dos porcos e das fotocopiadoras funcionam bem, os livros trabalharam com a Indira.

Sexta-feira, 17 de Março

Não houve «Contar, ler e mostrar», porque havia uma grande agitação que não permitia a calma necessária.
A leitura do jornal foi o momento alto. Todos a ler e depois a reler.
Também li textos com o Rodrigo, a Soraia, o Isaías, o Adilson e o José, e as coisas prolongaram-se.
Tivemos que fazer a avaliação do plano à tarde.

O Conselho levou-nos a uma discussão de fundo sobre a Indira. O seu grupo não a quer lá, o Edmar está farto dela, nenhum grupo quer recebê-la. Só o Luís disse que aguenta trabalhar com ela. Resultado: o Adelino vai para o grupo da janela, (Sátia, Cláudia, Isaías) e o Luís vai tentar ficar ao lado da Indira.
Não tenho muita fé, mas enfim.
As discussões acerca das críticas são mais ou menos pacíficas.
As propostas são do José que quer apresentar o projeto do Batman, e da Jessica e da Indira que querem ser responsáveis pelo jornal. Proponho a Jessica que, de momento, não tem responsabilidades. Depois aceitamos que a Cláudia e a Aida troquem de responsabilidade entre elas. Finalmente, o fim da reunião. Vamos à Quinta, onde têm que exibir-se um pouco para as estagiárias.

Segunda-feira, 20 de Março

Bom «Contar, ler e mostrar», muita informação:
A Jessica está à procura de caixinhas para fazer um prédio para as bonecas. O pai dela foi assaltado no bairro, mas não tinha dinheiro. (A Iolanda disse que ele às vezes vai pedir dinheiro no café da mãe e a Cláudia diz logo: pois, são os trocos).
A mãe da Guida tirou-lhe um dente. Doeu-lhe um pouco.
O José conta que 'uns rapazes de cor' tiraram o fio de ouro da mãe (o Luís pergunta: 'Eram pretos?') e a Guida conta que já roubaram um anel à mãe. Ela conta que roubaram também o carro do tio e

a pistola dele (que estava dentro do carro) e que encontraram o carro na esquadra, com todos os vidros partidos.
A Cláudia conta que o pai escorregou na banheira e que fez o jantar, bem bom, com os molhos do MacDonalds (ketchup e mostarda).
Boa programação coletiva da semana, onde, pela primeira vez, são os alunos a propor a maior parte das atividades.
O trabalho de plano é muito sossegado; trabalho com o Rodrigo, o Adilson, a Indira, a Cláudia, a Sátia, o José e o Isaías.
O Adelino e o Luís trabalharam bem.
O plano prolongou-se bem pela tarde, com algumas actividades colectivas: casinha do pai natal, desenhos, e algumas brincadeiras no tapete. Correspondência *ma non troppo*, apesar de ser prioridade.
No fim do dia, o José inicia a apresentação do projeto sobre o Batman com alguma piada.

Terça-feira, 21 de Março

«Contar, ler e mostrar».
A Cláudia, que guardou a notícia até ter a certeza não haver estagiários, anunciou que o primo saiu da prisão e que estava muito contente. A mãe do Luís fez bolachas, o Bernardo brincou 'à Serra da Estrela' com o Adelino e o Luís (atiram bolas de lama, uns aos outros, até ficarem sujos). A mãe da Aida fez mal os cortinados para o seu quarto e ficaram um pouco descaídos.

Comeram puré com almôndegas. A Mafalda tirou os brincos, a Soraia, que esteve ausente alguns dias, disse que viu o Pascal no Jumbo, mas não conta que me disse que tem medo de vir para a escola por causa da violência no recreio. A Sátia fala dos anos do irmão.

O resto da apresentação do trabalho sobre o Batman correu às mil maravilhas. Como disse a Aida no fim: "Afinal, sempre trabalharam um pouco, sabes?"

O trabalho de plano foi um sossego. Correu muito bem. O trabalho de matemática está a dar frutos, e o trabalho com a Soraia, o Rodrigo e o Adilson regista pequenos avanços.

À tarde, a história dos Ovos Misteriosos[18] encanta. Ficaram muito presas à Isabel, que contou a história, e depois ficaram encantados com a ideia de fazer uma música para a letra da canção que os filhos cantam para a galinha mãe[19].

Depois o projeto do porco juntou o trabalho para o livrinho final. Isto aconteceu também com o projeto das fotografias, e o trabalho sobre os livros está quase pronto.

A maior parte dos que tiveram outras actividades de plano, estiveram com a Catarina, nos trabalhos manuais.

No fim do dia, a arrumação correu muito bem.

---

[18] "*Os ovos misteriosos*" da Luísa Ducla Soares e Manuela Bacelar, nas Edições Afrontamento.

[19] Esta canção quase se tornou o hino da turma, durante os próximos dois anos lectivos.

Quarta-feira, 22 de Março

Notícias: A prima do José está grávida. Todos sabem que a gestação é de 9 meses. A Guida foi quase atropelada por um carro, o Adilson ficou com a televisão desligada no quarto, porque já era tarde. Com uma pergunta, aprendo que 10 crianças (metade) têm televisão no quarto. O Luís continua a brincar à Serra da Estrela.

Depois do «Contar, ler e mostrar» corrigimos e melhoramos um texto e fazemos uma ficha de língua.

A seguir, plano. A entrada depois do recreio foi, como sempre, um pouco atribulada, mas as coisas correm bastante bem e inesperadamente ficou assim.

Esqueceram-se de encomendar gás na cantina pelo que só almoçamos por volta da uma e meia.

Apesar deste contratempo, à tarde ainda discutimos a contabilidade da sala: as crianças percebem perfeitamente o que são gastos e o que são ganhos e, com o «prédio dos números», fazem rapidamente a conta, procurando de seguida formas para cobrir os gastos até ao fim do ano lectivo.

Dedicamos o resto da tarde, já curta, ao trabalho de plano. A música fica para amanhã.

Quinta-feira, 23 de Março

«Contar, ler e mostrar». A Aida viu a Andreia, perto da SIC. A Sátia veio com o pai, que teve que 'falar com a escola do irmão' onde foi

"despedido" (O Luís corrige: "Suspenso!"). A Mafalda sonhou com a Andreia em cima do telhado do café. O pai do Adelino está em casa de folga do trabalho numa auto-estrada no Norte. A mãe do José caiu da cama e partiu "aquela parte Pascal", que identificamos como um ombro. O Adilson troca atacadores por cordas, a Iolanda tem um carro novo (Luís: "Veio da Suíça, eu vi o chegar"). A Indira viu um gato morto, todo desfeito. Era o gato da vizinha...

Saímos para preparar a horta, um trabalho duro em terra ainda mais dura.

A seguir ao intervalo, o plano correu bem, tirando uma briga violenta entre o José e a Iolanda. Tive que intervir e o José ficou amuado, mas passados uns dez minutos tudo entrou na ordem.

O Luís e o Adelino aplicaram-se na elaboração do livro de projeto acerca dos relógios. Gostei da autonomia demonstrada pela Jessica e a Cíntia no seu trabalho de projeto.

A Iolanda despachou trabalho, mais uma vez sem a Andreia, que está novamente a faltar muito, tal como a Soraia.

O projeto do «Pai Natal» tem que acabar, porque o grupo já está em delírio. A desorganização do canto de pintura, no fim do dia, é prova disso.

Sexta-feira, 24 de Março

«Contar, ler e mostrar». A Cláudia fala dos sapatos que a mãe comprou para o pai. A Andreia tem um dente a nascer. O Edmar

andou de bicicleta com os irmãos. A Jessica recebeu 500 escudos da mãe, para ter com ela de transporte, em Linda-a-Velha. O pai da Sátia vai comprar uma televisão para o quarto dela, porque o irmão nunca a deixa ver o que ela quer, quando estão sozinhos em casa. A Soraia conta que o cão dela saltou-lhe para cima. A 'irmã' do José (uma afilhada do pai) vai casar-se na Suíça no verão. Irão todos ao casamento. A Cíntia descreve em pormenor como viu um cão a fazer cocó.

A Indira está do contra. Como há trabalho, ela não quer trabalhar. Vai complicar a vida a toda a gente, durante todo o dia.

A tarde traz a grande surpresa: um Conselho de mais de uma hora! Há duas discussões muito prolongadas e extremamente complicadas a partir de duas críticas, uma dirigida ao José e a outra à Indira.

Na primeira, o José, originalmente queixoso, torna-se de repente no principal acusado num sem-número de pequenos conflitos. Só vêem uma solução: fora do grupo. Eu sou contra e explico que já o tentaram e que não resultou. Vou ganhando alguns adeptos. Quando pergunto se alguém quer receber o José no grupo, todos se recusam. Traduzo para o José: vais ter que mostrar a vontade de mudar para ganhar a confiança dos outros.

A segunda discussão, com a Indira torna-se mais penosa. Quando ela vê o número de dedos no ar, a seguir à pergunta "Quem tem queixas da Indira?" ela responde: "Tanto me faz, vou mudar de escola". Os outros tentam mostrar o ridículo da sua afirmação.

Pergunto-lhe se ela não gosta de ninguém na sala. Ela responde que não, mas depois afirma que gosta da Cláudia (!), da Sátia, da Cíntia e da Soraia. Só a Cláudia, que algum tempo atrás rejeitou a Indira no grupo dela, quer agora oferecer-lhe uma mão amiga. Parece-me que a situação continua embrulhada e estranha. Não avançamos: a Indira fica no grupo dela, e a Cláudia faz uma promessa 'politicamente correcta'.

Proponho falarmos sobre o canto da pintura. Depois de muita discussão, só o Bernardo apercebe-se que a melhor coisa a fazer, é comprar mais pincéis.

Proponho impor um tempo limite para o «Contar, ler e mostrar», até um quarto para as dez. Há uma contraproposta: falam no máximo 6 meninos por dia e a equipa do dia regista os seus nomes numa grelha, para não haver discussão. Haverá também uma grelha para quem almoça ao meu lado na cantina, já que, aos olhos de muitos, trata-se de uma situação privilegiada.

Proponho ainda que a equipa do dia se sente ao meu lado nos Conselhos, e que um elemento da equipa passe a dar a palavra.

No fim, há algumas passagens de cor de cinturões aceites e vamos descansar no recreio. Não houve tempo para cantar, nem para procurar melhor a carteira desaparecida do José.

Segunda-feira, 27 de Março

«Contar, ler e mostrar» e boa organização da semana.

O Sandro voltou. Se o rendimento mínimo obriga a enviar o

menino à escola, já temos ganhos. A Sátia brincou com amigas, a Cláudia foi à praia da Costa com alguns amigos, a Aida está a aprender coisas novas no computador, a Soraia tem sapatos novos, o Isaías foi a Portela, ver a casa nova, o Bernardo continua a brincar à Serra da Estrela, a Andreia tinha espuma em todo o lado quando tomou banho, a Jessica esteve em casa da tia ao pé da Buraca (Cláudia, cabo-verdiana: "Ó! Lá vivem uns pretos muito maus!") A Soraia caiu na estrada, a Indira foi a festa de anos da prima. Fizemos um esboço de um plano semanal. Foi talvez por isso, que o trabalho de plano teve um caráter muito sério hoje...

Terça-feira, 28 de Março

«Contar, ler e mostrar» de seis crianças. A Aida anuncia que "o avô coitadinho" está velho e já não sabe andar. A Mafalda viu o Adilson, a Cláudia comprou muitas coisas no Jumbo, a Andreia sujou-se de tinta vermelha quando estava a brincar, o Edmar foi a casa do vizinho, o José viu colegas da sala.

À tarde, as coisas complicam-se, durante a apresentação de dois projetos. A primeira, da Andreia e da Iolanda com o apoio da Isabel, corre bem. Existe muito interesse para a história do último rei de Portugal. Aprendo do Sandro que ele já morou na casa que era da família do Bernardino Machado, aqui na Portela[20], e que este é muito mau para as pessoas, porque "morreu lá na casa e

[20] Um palacete que foi ocupado e posteriormente, depois do realojamento, destruído pela especulação imobiliária.

depois voltava…"

A apresentação sobre o Rádio corre pior. Os apresentadores perdem-se e torna-se muito claro que o trabalho é sobretudo do Edmar.

As discussões acerca dos projetos correm mal. Quando acabamos, exijo, influenciado pela atitude de alguns, trabalho obrigatório para o resto da tarde. No fim do dia, estamos todos um pouco tristes, alguns aborrecidos por não termos cantado à tarde, ainda que tenhamos cantado de manhã antes das aulas começarem.

Quarta-feira, 29 de Março

No «Contar, ler e mostrar», passamos dez minutos a decidir quem fala.

A Indira BRINCOU À ESCOLINHA. O Sandro tem um primo que foi dormir a casa dele, brincaram e jogaram às cartas. A Jessica foi ao tribunal de Oeiras, ter com o advogado (não explicou porquê, e não estávamos 'em família'[21]), o irmão da Sátia ganhou canetas num concurso na escola dele. Ofereceu-lhe uma. O José vai ao Algarve durante o fim-de-semana, com o pai. A Iolanda vai ao baptizado da prima Sofia, o que faz a Jessica dizer: "Esta menina tem muitas primas…"

A apresentação do trabalho sobre relógios corre bastante bem, e falamos do tempo, da Babilónia, de relógios de sol e da origem dos nomes dos dias da semana.

---

[21] Há visitantes de outras turmas e… estagiários na sala.

Quinta-feira, 30 de Março

No «Contar, ler e mostrar» a Cláudia conta que os pais foram ver o carro novo, tem 5 lugares e 4 portas. O Luís conta que a mãe está a tirar um curso numa empresa em Carnaxide (Cláudia: "Teve nojo?" Luís: "????". Cláudia: "Ah! Pensei que disseste 'tirou o pulso'"). Ele acompanhou a mãe e fez um puzzle que encontrou lá, enquanto estava à espera.

Adilson foi brincar na rua, porque o pai o mandou sair de casa, e só voltou às nove, quando o pai já estava a dormir. A Sátia viu o Luís na Portela. Pergunto o que ela estava a fazer na Portela e ela responde que foi para casa de uma tia, mas que não sabe muito bem se é tia. A Soraia viu o Adilson. O cão, que normalmente dorme na dispensa, estava a saltar no corredor. O Isaías mostra, meio envergonhado, que o seu pai lhe cortou o cabelo. Depois do «Contar, ler e mostrar» o trabalho de texto, acompanhado pela estagiária Carla correu bem. O Isaías, quase a ser realojado na Portela, vem confirmar comigo se moro na Portela. Quando digo que sim, pergunta-me se na Portela chove dentro das casas.

Os sete novos projetos estão prontos para arrancar: Perucas, Dinheiro, Candeeiros, Futebol, Máquinas de lavar roupa, Páscoa, Desportos radicais.

Trabalhei com o Sandro, combinando que estarei disponível para ele, enquanto houver estagiárias na sala.

O José foi de tratamento difícil hoje.

Sexta-feira, 31 de Março

No «Contar, ler e mostrar» a Mafalda fala do irmão que faz anos, o Edmar anda de bicicleta e a Jessica viu a professora Márcia em Carnaxide. A Aida sabe que o dono da Sumol morreu, e logo alguém pergunta quem é que agora manda na Sumol. Ela diz que ele já não mandava, porque vivia no Brasil.

Depois do «Contar, ler e mostrar» a apresentação do projeto sobre os livros não capta muita atenção.

A seguir, trabalho de plano. Uf! Era necessário! Trabalho tranquilo, em que continuo a apoiar o Sandro, que analisa o segundo texto seu que me ditou, com mais dificuldade do que com o primeiro. Afinal, ler não é assim tão fácil...

A avaliação semanal corre bem, e mostra que houve pouco tempo para o plano individual de trabalho. O rendimento baixou proporcionalmente...

O Conselho corre lindamente. O Luís preside, dá a palavra, os dois secretários vão lendo o que está na agenda. Muita atenção durante toda a reunião. Só tive que intervir uma ou duas vezes.

O conteúdo tem pontos complicados: discutimos mais uma vez a necessidade de escrever as queixas logo no diário para evitar que as coisas se tornem demasiado graves.

Quando, no meio de uma discussão sobre a passagem de cor de cinturão na matemática, digo que algumas cabecinhas têm uma maneira estranha de pensar, a Sátia responde logo: "Não somos malucos!".

Há uma discussão complicada com a Indira, em que a Cláudia e o Luís opinam como é que a Indira está sempre a puxar mais longe. Decide-se que a Indira terá o plano organizado pelo Pascal, e que fica perto do Pascal, também durante os tempos de recreio.
Fica decidido que quem goza com as regras do Conselho poderá sofrer a ironia do professor.
O canto de pintura é novamente alvo de preocupação: está sujo e mal organizado. Decidimos voltar a utilizá-lo como dantes: só duas pessoas de cada vez, e os frascos de tinta não podem ser levados para a mesa.
Há mudança de cinturão de comportamento para o Rodrigo e para a Aida (vermelho). A tartaruga LOGO passa a ser objeto de trabalho e brinca-se com os jogos nas tardes livres.

Segunda-feira, 3 de Abril

O «Contar, ler e mostrar» é dirigido pela Sátia. A Iolanda foi a um baptizado na feira da Nossa Sr.ª da Rocha. O Isaías mudou finalmente de casa e está na Portela. A casa é cor-de-rosa, e ele dormiu bem. A Sátia foi a Talaide, onde encontrou o Fábio que saiu da turma depois de ter sido realojado. Ele já está na outra escola.
A Guida vai ter uma casa nova com 6 divisões, em Mirasintra. Tem uma cama nova. A Aida continua no restaurante: ajudou o pai a fazer filetes e as mãos dela cheiram a peixe.
A Jessica foi obrigada pela mãe a bater na irmã mais velha. Consternação: bater numa irmã *MAIS VELHA*!

O Luís mostra um estojo que a mãe lhe comprou no Jumbo.
A mãe do Adilson comprou-lhe uns sapatos. O Adelino conta que faltou a luz, ontem e Sábado. Falamos dos medos no escuro. A Sátia conta que uma vez, no escuro, pensou ter perdido a irmã, porque ela rebolou da cama para o chão.
A Cláudia foi ao Lidl e viu o Edmar. O Bernardo anuncia que vai "ganhar" outro jogo de Play-Station na Páscoa. A Indira visitou uma tia. A Mafalda conta que a vizinha foi à Serra da Estrela. A Andreia comeu caracóis e a Sátia ainda anuncia que o irmão está quase a fazer anos.
No plano da manhã fiquei toda a manhã com a Indira.
No plano de tarde, trabalhei com a Indira, o Rodrigo e o Adelino.
Dia muito calmo e organizado, excepto num momento de mudança de atividade.

Terça-feira, 4 de Abril

O «Contar, ler e mostrar» é dirigido pela Cláudia, depois de eu apresentar o André, aluno novo, transferido *in extremis* antes das férias da Páscoa[22].
Sátia volta a falar de aniversários, desta vez da prima. A Jessica foi

[22] Foi uma opção da mãe, que não concordou com o plano de recuperação apresentado na escola onde ele estava e que veio falar com a presidente para 'exigir' a inserção do rapaz na turma daquele professor estrangeiro. Foi uma boa opção, já que o André seguirá dois anos mais tarde, com os outros, para o 2º ciclo, sem problemas de maior. O modelo pedagógico foi para ele também, o adequado.

ao Meco e comeu peixe.
O José teve dores de ouvido, por isso não veio ontem. Hoje trouxe um telemóvel verdadeiro, que recebeu do pai depois deste ter comprado outro para a mãe. Pergunto-lhe o que uma criança de oito anos faz com um telemóvel verdadeiro, ele diz "não sei"[23]. Aviso-o para terem cuidado para não o roubarem, mas ele próprio trata de o desmontar em dois tempos...
Indira foi ao Jumbo. O carro da mãe do Luís tem um vidro partido e a chapa amolgada, porque uns rapazes atiraram pedras à vizinha do primeiro andar. O Isaías viu a Iolanda num carro, na estrada. O carro tem matrícula suíça (uns dias depois vejo o «carro-para-vizinho-ver»: um jipe enorme, pintado com cores berrantes). O irmão da Mafalda, disse "mamã". A mãe da Cíntia foi ao Jumbo. A Soraia tirou sozinha um dente a si própria e já pegou no primo bebé. A Iolanda confirma que já andou no "carro do pai"; afinal revela-se ser o carro do primo que trabalha na Suíça e que está de férias. O Adilson fala de roupa nova que a mãe lhe deu. O André faz a sua primeira pergunta.
Um longo plano a seguir com muito trabalho.
Depois arrumámos, e ainda houve tempo para descobrir que a Gata Borralheira e a Cinderela são a mesma pessoa.

---

[23] Foi em 2000. A indústria e o marketing fizeram com que as crianças agora "já sabem": pode-se jogar e mandar mensagens. Ou tirar fotografias às escondidas. A humanidade avançou... bué.

Quarta-feira, 5 de Abril

«Contar, ler e mostrar» dirigido pelo Bernardo.

Isaías viu-me na rua, e eu conheci o pai dele. O José foi às compras e a Cláudia conta que visitou o Pascal em casa. Gostou da sala e de um candeeiro que viu. A Andreia, que ontem não esteve na escola, veio hoje um pouco marcada. Disse-me baixinho que alguém lhe bateu, enquanto que a versão 'oficial' é que foi às compras. A Aida descascou batatas e anuncia que vai ser operada. A Iolanda molhou-se toda com a chuva. A Jessica viu a tia, o Edmar vai passar o fim-de-semana em Coimbra. A Mafalda conta que a Aida caiu por causa da chuva. O Adilson tem uma roda estragada na bicicleta. A Indira contou mais uma vez que brincou com uma irmã e um irmão em casa da tia. Quando a Cláudia pergunta quantos irmãos ela tem, ela diz que tem 4, porque a mãe ficou com outro irmão.

O Luís conta que a mãe trouxe um cão. É macho, pequeno e chama-se Alfa.

O Adelino subiu ao telhado e aleijou-se. A irmã da Sátia caiu da cama.

Dia de trabalho bastante calmo, depois da agitação inicial no arranque dos novos projetos. Projetos de manhã, plano à tarde. No plano, muito trabalho de projeto. Inquérito sobre os candeeiros, sobre as máquinas de lavar, em transposição para gráficos.

Quinta-feira, 6 de Abril

O «Contar, ler e mostrar» é muito bem dirigido pelo Isaías.
A Sátia soube de um primo que morreu em Cabo Verde. O Isaías viu a Cláudia (agora que se mudou para a Portela, tem que promover-se...) Pergunto quem ainda mora nas barracas em Barronhos. Da nossa turma só o Rodrigo. O Luís entra com o cabelo cortado, e fala das prendas que teve. A mãe da Guida caiu. A Jessica viu o Isaías. O André foi ao Jumbo comprar roupa. A Soraia dormiu cedo. O Bernardo vai ao casamento da irmã. Temos uma discussão se é ou não obrigatório ter anéis e de casar na igreja. Quase todos recusam a afirmação que se pode casar sem ser na igreja. Aproveito para falar de outras religiões que não a católica e de quem não tem religião.
José diz que faz anos no dia 16 mas que traz um bolo depois das férias. A Soraia ficou outra vez em casa para tomar conta da irmã mais pequena (esta semana acontece 3 vezes).
As irmãs do Adilson vão ser baptizadas.
Depois do recreio, um belíssimo momento de trabalho de plano, que se prolongará pelo dia todo.
No início da tarde temos uns pequenos problemas no canto de pintura - as tintas acabaram, a Cláudia sujou-se.
Tive tempo para reler muitos textos com os respectivos autores ajudando-os para os colar nos cadernos. O Bernardo ficou surpreendido consigo mesmo porque lê muito bem.
Arrumamos e pronto. Duas estagiárias holandesas (Comenius)

acharam a turma muitíssimo interessante, porque puderam observar como eram as crianças que trabalhavam e se organizavam. Ficaram espantadas com tudo aquilo. Muito entusiasmo também pelas fichas da Raiz Editora – MEM.

Sexta-feira, 7 de Abril

O «Contar, ler e mostrar» é dirigido pela Mafalda e pelo Adelino.
A Mafalda conta que o irmão tem 6 dentes. Pergunto quantos dentes temos ao todo e a Cíntia conta 19. Teremos que confirmar. Aida volta a dizer que vai ser operada. Ficamos encravados com a expressão 'pertenço ao hospital'...
A Andreia fala de uma peça nova para a televisão, o José conta que vai ao Jardim Zoológico e que o Edmar, o Adelino e ele vão mudar para uma casa com mais um quarto. A Sátia conta que vai comer pizza (Pergunta: "De quem?" Resposta: "Do meu irmão!" – quando há festa de aniversário, há pizza).
Depois do recreio, uma corrida contra o tempo: a Jessica está muito envolvida no jornal, muita gente no geoplano 'redescoberto' hoje, e bastante gente que continua nas fichas autocorretivas, tanto de língua como de matemática.
Plano tranquilo, com apoios variados.
Arrumamos os planos, e fazemos uma muito boa avaliação com bons reparos acerca do trabalho de plano, dos textos livres e da exploração de situações problemáticas (matemática). A mudança de cor nos cinturões para a língua e a matemática é cada vez mais

frequente.

À tarde o Conselho começa bem. A presidente, Mafalda, está um pouco distraída, mas o Adelino e o Adilson trabalham bem. Muitas queixas são rapidamente tratadas. Combinamos que doravante se escreva também a razão no «não gostamos» no diário[24].

Há uma grande discussão acerca da Indira que teve um comportamento que a própria considera exemplar apesar de uma disputa muito grave com a Iolanda no computador. A Iolanda propõe que a Indira fique um dia sem ir ao computador e a Mafalda pede logo para votar. Eu voto contra, por não ter a certeza que o problema foi originado pela Indira, e assim pude registar a minha dúvida.

Logo de seguida, a Cláudia propõe que a Indira não saia do seu lugar durante um dia, e outra vez, a Mafalda põe logo a votos. Voto contra pela 2ª vez. Peço a palavra para explicar: a falha da Indira é mais uma falha minha, da Cláudia e do Luís (o professor, a responsável pela Indira, o responsável pelo computador). Estranho que isso seja proposta da Cláudia. Além disso considero-a injusta, num momento em que a Indira se esforçou imenso. Não concordo com duas propostas votadas da mesma forma e que têm a ver com o mesmo assunto. Digo à Indira que estarei disponível para ela, como professor, naquele dia para a atividade

---

[24] Até agora, muitas crianças limitavam-se a escrever o nome de quem querem falar, seguido do seu próprio nome, apelando no dia do Conselho a uma memória nem sempre fiável.

que quiser desenvolver.
Mais à frente há uma discussão interessante sobre a Cláudia. Só três têm coragem para afirmar que têm medo da Cláudia, por ela impor coisas. Discutimos a diferença entre propor trabalho a dois combinando-o no plano de trabalho ou exigir que o outro execute o que lhe é pedido.
Realço novamente como foi bom ter visto tanto trabalho de plano diversificado.
Há uma nota da Guida na rubrica «gostámos», acerca do trabalho da Sátia. Realçamos o seu trabalho de apoio na segunda-feira, dia em que fez parte da equipa.
Depois há propostas de passagem de cor de cinturão.
A Cíntia quer mudar de lugar, porque a Jessica está sempre a pedir para ela fazer os trabalhos dela. A Iolanda troca com a Cíntia.
Acabamos com outra discussão acerca do lugar da Cláudia, que muda constantemente. Ela invoca má visibilidade. Combinamos procurar soluções, até porque ela não convence ninguém com este argumento.
Uma briga entre o José e o Luís obriga-me a anunciar que a tarde livre será dentro da sala, porque não estou a ver-me capaz de controlar outras eventuais brigas, lá fora. Primeiro há alguma oposição mas acabam por concordar.

O terceiro período: águas mais calmas

Tínhamos integrado os primeiros dois dias deste período – uma quinta e uma sexta-feira – no plano de trabalho da última meia

semana antes das férias da Páscoa. Fiquei espantado com a Cláudia: lembrou-se que tínhamos combinado fazer trabalho de texto para hoje; vários lembraram-se que íamos explorar uma situação problemática.

Combinar com o grupo a longo prazo começa a ser possível!

No «Contar, ler e mostrar» dos últimos dias do período anterior, soubemos que o pai da Cláudia não saiu de casa, a irmã mais pequena da Jessica caiu da banheira, os tios da Sátia vieram para a casa dela (o que faz a Cláudia perguntar se a Sátia fez bolos para eles e ela respondeu: "Eu! Não!"), o primo bebé da Soraia foi internado, a mãe da Andreia deu-lhe uma máquina fotográfica mas ela não quer pôr as pilhas para não as gastar.

A Mafalda anunciou que vai fazer oito anos. O bolo deverá ser um "Tweety".

O Luís falou do avô que fez anos, o José tem uma orelha furada e não lhe doeu. O pai dele vai comprar um jipe para ir à Suíça. O Sandro contou que o tio Ramalho foi à casa da mãe. O Adilson mostrou o cabelo cortado pelo pai, o Isaías viu a Cláudia na rua, a Cíntia viu também a Cláudia.

No dia a seguir, a Sátia anunciou o acampamento do irmão, o Isaías viu a Jessica, o Bernardo tinha preguiça de se levantar, a Mafalda foi ao Jumbo com a mãe, a Indira anunciou que vai à casa da tia em Carnaxide, o Adelino tem uma televisão nova. O pai comprou uma câmara de filmar, a Iolanda vai passar férias com a avó em Coimbra, o Luís vai para Almada.

O trabalho de projeto na terça-feira à tarde correu de forma exemplar. Construímos um circuito de candeeiros, fizemos moedas em gesso e construímos uma máquina de lavar em cartão. O projeto sobre o futebol teve pouco desenvolvimento, os outros projetos vão bem.
Discutimos, na sala, uma notícia acerca do bairro, que saiu no jornal[25]: vários ex-moradores de Barronhos conhecem muito bem o referido Mano e alguns outros rapazes do grupo dele. O Adelino pediu para tapar a fotografia porque não o deixava dormir.

Quinta-feira, 27 de Abril

Nada de especial no «Contar, ler e mostrar».
Grande momento de trabalho de projeto: os vários grupos trabalharam com entusiasmo nos projetos. Os «desportos radicais» construíram, com apoio das estagiárias, uma série de jogos com íman. Os «futebol» têm muita literatura e uma série de desenhos de estratégias em campo.
As «máquinas de lavar» investiram muito no trabalho, apoiados pela Sátia, que além disso continuou o seu projeto individual. Fabricou uma peruca, em tecido, bem interessante. O projeto sobre o dinheiro avançou imenso com a resposta do banco (o grupo vai mandar uma carta para agradecer ao bancário que ajudou). O trabalho dos candeeiros está menos desenvolvido. Depois do trabalho inicial muito bem conseguido, abrandaram

[25] Ver infra, "A população".

um pouco e têm menos vontade para irem procurar dados sobre a história dos candeeiros. Logo se vê.
À tarde, o trabalho correu menos bem. Tiveram alguma dificuldade para entrar nos eixos, e o trabalho não rendeu muito para alguns.
A arrumação correu bem, e eles próprios consideraram que a tarde foi um pouco desorganizada. Perdemos o hábito...

Sexta-feira, 28 de Abril

Antes de começar, recolho os textos desta semana, escritos no computador. São 9, dos quais dois do Luís.
No «Contar, ler e mostrar» aprendemos que a Sátia viu a mãe da Guida em Carnaxide, que a Cláudia foi ao Jumbo, que o pássaro do avô do Luís se soltou e foi para o quarto da tia, que a Mafalda foi para casa com do amigo Diogo. A Jessica foi esperar o tio que veio de Espanha, o Edmar viu a prima dele, o Adilson pôs creme na cara sem se lavar, o José conta que o Edmar ficou irritado com a irmã por causa de um par de calças. A Iolanda teve que ir à procura da mãe para poder entrar em casa, a Soraia gera uma confusão com a palavra 'tira' quando diz: "Ontem na associação o meu pai tirou uma caixa de chocolate para mim." A Cláudia começa toda uma conversa sobre tirar é roubar. No fim esclarecemos a diferença entre tirar, roubar e comprar.
A Andreia tem calças novas.
À tarde, no Conselho, as discussões são mornas. O André está

muito atento, mesmo se ainda não percebe grande coisa.

O «não gostamos» só leva a duas discussões mais acesas: a Soraia queixa-se dos murros da Cláudia, o que leva a concluir que seria melhor a Cláudia ter outra pessoa ao seu lado. A Soraia troca com a Guida.

A outra discussão foi sobre a agressividade do José para com alguns colegas em particular o que leva a que o José fique um dia a trabalhar sozinho. Insisto em falar sobre a sua atitude com a Indira de quem se faz uma avaliação positiva do trabalho.

O Bernardo troca de responsabilidade com o Luís, a Mafalda vai ser responsável pelo jornal junto com a Jessica, o José passa a ser responsável pelos recados.

O Luís troca de lugar com o Bernardo, o Adilson com o André, e o Edmar reconsidera e fica no lugar dele. Em geral, os rapazes fogem da Indira.

O novo horário é aceite sem grandes discussões:

	2ª	**3ª**	**4ª**	**5ª**	**6ª**
9.00 10.30	Contar, ler e mostrar Organização	Contar, ler e mostrar Trabalho de texto	Contar, ler e mostrar Problema	Contar, ler e mostrar Trabalho de texto	Contar, ler e mostrar Problema
11.00 12.15	Atelier de língua (plano)	Atelier de matemática (plano)	Atelier de língua (plano)	Atelier de matemática (plano)	Plano/ avaliação
13.15 15.00	Apresentação de trabalhos, ou plano individual de trabalho, incluindo trabalho de projeto.				Conselho Tarde Livre

A apresentação de trabalhos inclui: leitura de textos, leitura do jornal, apresentação de projetos.

O trabalho de projeto inclui: correspondência colectiva, projetos

de turma ou de grupo, actividades várias, trabalho na horta,...

Terça-feira, 2 de Maio

Um dia agradável que começou com uma série de notícias no «Contar, ler e mostrar» em que a Aida, que voltou, se destaca falando da sua operação e seguinte recuperação. Também ela estava bem disposta.
A Andreia fez o seu papel de responsável de dia com brilho.
Anuncio, aproveitando uma novidade da Mafalda, que a Assunção nos ofereceu uma cassete de vídeo com meia hora de gravação.
Até ao recreio os planos estão organizados incluindo um imprevisto: um atelier de escrita dentro do atelier de Língua.
O atelier de língua causa alguma estranheza, porque nem todos perceberam o que se pretende: uma hora e um quarto de trabalho em qualquer proposta que tenha a ver com língua portuguesa. Alguns refilam, mas por outro lado, vejo logo muitos mais a lerem e a ilustrarem os seus textos nos seus cadernos. Foi a injeção necessária para quebrar rotinas demasiadamente instaladas. Todos ficam surpreendidos quando chegamos à hora do almoço.
Depois do almoço, elegemos* textos para trabalhar e publicar.
Eleição feita, decidimos mandar os três mais votados para o jornal, três para trabalharem e dois para o placar à porta da sala.
Durante o resto da tarde, temos trabalho de plano. Não demos pela Indira hoje, que trabalhou, calmamente, só provocada, duas ou três vezes, sempre pelo José.

Quarta-feira, 3 de Maio

Uma estagiária está encarregada do dia de hoje. No «Contar, ler e mostrar» a Soraia afirmou-se. Atrevida, com voz muito mais alta do que normal, contou uma história de bilhar e de tacos.

Bom trabalho da maioria das crianças, interrompido por duas brigas entre a Jessica e o Luís. Como ninguém intervém, a situação complica-se depois do recreio. Numa certa altura a Jessica sai porta fora e o Luís amua. Depois de algum tempo, vou buscar a Jessica, que fica algum tempo sentada a chorar. O atelier de matemática acaba confuso.

À tarde as coisas pioram: o trabalho de projeto gera, com a mesma estagiária no grupo mais complicado, uma instabilidade muito grande e o trabalho torna-se impossível. A gota de água que faz transbordar o balde, é uma luta entre o Adelino e o Luís.

Zango-me, peço para arrumarem tudo, e avaliamos a situação. Como sempre, uma coisa de nada está na origem: um chamou nomes ao outro. Seguem gestos e asneiras, sinais ainda pouco claros para a estagiária, e pronto.

Tento mostrar que a interrupção aborrece os outros. Fazemos um levantamento completo do que é ainda preciso fazer. A maioria sabe exactamente o que lhes falta fazer. Combinamos num silêncio reencontrado que o trabalho será feito amanhã depois do «Contar, ler e mostrar».

Aproveito o resto da tarde para um trabalho coletivo de matemática.

Saímos em cima da hora, depois de uma avaliação de um dia marcado pela minha zanga, pela discussão e à saída por muitos beijinhos dos mais sensíveis. Não são só as crianças que ficam perturbadas com estas crises. O que vale é que o diálogo nunca esteve cortado...

Quinta-feira, 4 de Maio

Outra estagiária e o dia é mais calmo. No «Contar, ler e mostrar», aprendemos que a Andreia foi ao Toys R Us, que as tartarugas da Mafalda têm manchas brancas e não comem, que o José deu banho ao cão e que o pai comprou-lhe dois jogos para a play-station, que a Jessica viu o André quando foi ao pão, que o pai da Cláudia vai tratar do jantar para que a mãe possa assistir à reunião de mães e pais, hoje à tarde, que o Adilson caiu da cama quando se levantou, que a Aida vai fazer uma maqueta da máquina de lavar roupa (mais uma...), que a Guida não pode ir à reunião, porque senão chega muito tarde a casa (Mirasintra), que a mãe do Luís vem à reunião e que a Indira se picou com uma agulha ao fazer roupa para os bonecos.

O trabalho de projeto é impecável. Trabalham muito sossegados, os projetos estão todos quase prontos.

A reunião de mães e pais corre muito bem. Todas as famílias estão representadas, menos as do Isaías, do Adelino, da Guida (estes dois avisaram) e do Adilson.

As crianças são anfitriãs, os adultos olham e fazem perguntas. É

interessante ver como as crianças puxam os seus familiares para as suas coisas, e como os pais estão interessados nos trabalhos sobre Oeiras, a Suíça e nos projetos dos alunos. Muito interesse para os relógios, a máquina de lavar roupa, os ímanes dos jogos no projeto "desportos radicais" e também para o vídeo feito pela Assunção.

No fim, quando as crianças já brincam no recreio, tenho uma longa conversa com a mãe do José sobre os comportamentos agressivos dele. A avó da Indira já tinha falado comigo antes. Percebo agora que eles dão-se muito mal, mesmo fora da escola.

Antes da reunião surgiu também a madrasta de uma das alunas, a chorar por causa da declaração de frequência para a Segurança Social: "Vão-me tirar a menina, é a assistente que está a fazer queixas." Discurso muito incoerente e no fim uma história que cheira a telenovela barata sobre como ela segurou a miúda, filha da irmã, mesmo à nascença, e chegou a Lisboa com a menina com 6 horas de vida.

Sexta-feira, 5 de Maio

O dia prometeu ser calmo e foi.

No «Contar, ler e mostrar» a Cláudia avalia a reunião de pais: correu bem, o pai da Sátia é simpático, e o pai dela não lhe quis dar um ovo ao jantar.

A Sátia brincou com a Cláudia durante a parte da reunião reservada aos adultos, O José fala de ajuste de contas com murros

e pontapés, A Mafalda descobriu que as suas tartarugas gostam de plantas, a mãe da Andreia comprou muitos totós e a Indira tem umas calças novas. O Luís recebeu um primo de 3 anos em casa com quem brincou (junto com o pai).

Fala-se do pai de uma das crianças, e a Iolanda diz que é cego, utiliza sempre óculos. Eu confirmo e digo que ela e eu também utilizamos sempre óculos, só que a nossa deficiência é menos grave.

A Soraia explica que um gelado deu-lhe dores de barriga. Decidimos escrever uma carta para a "Olá" por causa de uma discussão na turma sobre os sabores das pastilhas que vêm no gelado Epá. A Aida anuncia que o pai vai buscar o novo carro e que neste momento tem um carro alugado por causa da caixa de embraiagem que está avariada. A Guida conta que dormiu no autocarro para casa. A Iolanda anuncia que vai tomar banho, e o Adilson caiu outra vez da cama.

O Conselho corre melhor do que o da semana passada. A Jessica preside, a Sátia é secretária, com brilho. Ela anota também as decisões. Muitas queixas são perdoadas, provavelmente porque não se lembram. Também as muitas queixas acerca da Indira são sistematicamente perdoadas. Intervenho e digo que não concordo que a Indira seja tratada como os motoristas infractores: fazem manobras perigosas, mas em vez de pagarem a multa, são amnistiados. Segue uma discussão com intervenções duras da Cláudia, da Jessica, da Mafalda acerca da Indira, para além de uma

tentativa de má-língua do José (logo cortada, e bem, pela Jessica). No final da discussão, a Indira fica com o plano acompanhado, e há um grupo de voluntários que se responsabilizam para que ela esteja sempre acompanhada. Além disso, a Cláudia é designada por ela própria como responsável para ir com ela à casa de banho. Uma disputa entre o Luís e o Adelino (mais uma...) acerca da prioridade da utilização de um livro da biblioteca da sala, leva a uma nova regra: «ler um livro tem prioridade sobre copiar um livro» (que continua a ser um "divertimento" para alguns).

Fica também decidido que o Luís e o José trocam de lugar, por causa dos problemas com a Jessica. O Adelino dá os parabéns à Cláudia, pela a ajuda que ela lhe deu. Reforço, dizendo que ela foi também impecável no apoio dado a Indira, em momentos difíceis, com a minha parceria. Isaías continua a querer passar verde sem saber do teste que tem que fazer, o José está no *status quo*, a Andreia troca com a Soraia, por causa das disputas com a Mafalda. A Mafalda fica no lugar da Iolanda.

Depois da reunião, pela presidência da qual a Sátia e a Jessica recebem os parabéns, temos uma tarde livre pouco agitada com apoio do Prokofiev, e onde os desenhos para o dia da mãe estão em primeiro lugar.

Segunda-feira, 8 de Maio

Finalmente uma semana normal, isto é, de 5 dias, porque, de resto, a normalidade é outra: mais 4 meninos do primeiro ano na

sala, por causa de um avô de uma professora que morreu. Amanhã deverá igualmente haver visitantes, com a greve anunciada da função pública e do sector do transporte.
Na sala há novidades: a Cláudia sabe que um aluno de 4º ano vai entrar na telenovela "SOS Crianças", que vai estrear. A Mafalda continua a saga das tartarugas, agora com dúvidas acerca da mudança de água. O irmão da Iolanda mandou-lhe uma colher de ferro à cabeça. Ela ficou com uma ferida que sangrou. A mãe da Andreia cortou-lhe o cabelo. A Andreia tem ténis novos que aleijam.
O Adelino foi à festa da entrega de chaves das novas casas de habitação social na Portela e ficou muito constipado e doente (queixa-se toda a manhã de dores de cabeça, e à hora do almoço tem que se telefonar para casa para o virem buscar). O Luís pergunta quantas pessoas é que ele conhece (das 205 que vão morar lá). Ele não sabe.
A Aida está quase a fazer a sua primeira comunhão, o carro novo do pai teve um pequeno problema no acelerador, o que faz dizer a Iolanda que o carro da Suíça do pai também anda devagar. O Luís, que mora perto da Iolanda faz-me perceber que além do Jipe que era do primo que já se foi embora, ainda há uma carrinha Toyota mais velha, que eu pensava ser sucata roubada que tinha ficado abandonada na rua. A Aida continua, dizendo que também tem dores de barriga, provavelmente na sequência da operação.
A Jessica cortou o dedo com uma lata de atum. A Soraia tem ténis e calças novas, o José conta que o pai deu 25 contos à mãe para

comprar o seu fato e o vestido dela para o casamento. Ele viu a Aida no Continente. O pai comprou 4 galinhas no mercado, de manhã cedo, que depois matou para fazer arroz de cabidela. A Guida foi visitar a avó.
Depois deste extenso «Contar, ler e mostrar» planificamos a semana, de seguida o dia e por fim o plano individual de trabalho, e vamos ao trabalho.

Terça-feira, 9 de Maio

Hoje, e apesar dos previstos visitantes (greve transportes), os meus alunos apanham um sermão, logo de manhã, antes do «Contar, ler e mostrar» por causa do fraco desempenho de vários responsáveis, e de vários assuntos que não andam a ser bem tratados. Há falhas com a correspondência, há falhas também na arrumação do material e dos jogos.
No «Contar, ler e mostrar» a Iolanda volta a falar do irmão que lhe bate. A tia da Cláudia comprou um aspirador, o que leva a grandes descrições de como se apanha o pó.
A Sátia fala duma prima com o mesmo nome e conta que está quase a fazer anos... no dia 4 de Julho.
O Adelino, que tinha tanta febre ontem, esteve ainda a brincar na rua, com o primo, e hoje parecia que estava bem.
O irmão da Guida caiu do berço. A Aida comprou sapatos bege para a primeira comunhão. Calça 38! O Luís andou de mota de quatro rodas com um amigo. Um outro amigo caiu da mota. O

José anuncia outra vez que o pai vai trocar o carro para um jipe. Gastou 4 contos em 'raspadinhas'.
A Jessica conta que o pai faz anos no dia 1 de Julho. O Isaías, como sempre, pergunta como se chama o pai dela.
O irmão da Mafalda está quase a andar, com 1 ano e poucas semanas. Ela comprou um telemóvel com pastilhas, que custou 100$00.
A Soraia conta que a mãe lhe comprou uma caneta. A Cíntia viu o Edmar na Outurela. A Indira foi a casa de um amigo do qual não se lembra o nome, nem o que fez ou onde mora... O Adilson continua a cair da cama (há muitas formas para pedir atenção). A Cláudia ainda conta que o pai vai trabalhar 15 dias fora.
Depois do almoço, temos uma leitura de textos; os textos do André e da Iolanda são eleitos para o jornal, os da Cláudia e do Bernardo para o placar. Eu gostei muito dum texto da Jessica sobre um gato preto e doente de quem ninguém gostou a não ser a própria mãe que é preta, mas as crianças negras da turma não acharam piada ao texto.
Voltamo-nos para o trabalho de plano, com momentos muito sossegados alternados por outros mais agitados, sobretudo por causa do Isaías e do Adelino, da Indira e da Guida e da Jessica e do José. Conseguimos preparar a apresentação de 4 projetos. Só falta falar dos Candeeiros e do Dinheiro.
No fim do dia fazemos um balanço bastante positivo.

Quarta-feira, 10 de Maio

«Contar, ler e mostrar» cheio: A Sátia fala da falta de luz. O pai não tinha velas em casa, foi difícil encontrar as camas. A Cláudia conta que o pai foi reclamar aos vizinhos, que fazem muito barulho. Imediatamente, o José pergunta pela cor dos vizinhos, pretos ou brancos? São mulatos, responde a Cláudia.

A Guida fala do irmão que caiu novamente. Pelos vistos mais um irmão que aprende a andar.

O André viu o Isaías no quiosque, onde foi comprar gomas.

Falam da dona do quiosque. Agora, quando se fala de uma pessoa, não se pede só o nome, mas também a idade. É uma nova moda...

O José conta que o pai já foi ver o jipe pelo qual quer trocar o carro. A mãe foi buscar a roupa para o casamento.

A Jessica fala de dois tios que vieram da Espanha.

A Indira conta também da falta de luz, e que alguém aproveitou para partir vidros, pelo que a avó ficou muito aborrecida. A Andreia mostra o estojo que a mãe lhe comprou na loja dos 300.

A Aida informa que o pai pode ir buscar o carro. A Mafalda anuncia que vai ser tia, o irmão mais velho vai ter um bebé. A Soraia foi à missa para preparar a comunhão.

O Luís viu o tio dele a chegar com um carro preto.

Temos a seguir um momento de matemática com problemas de medição: estamos a fazer uma planta da sala para os correspondentes e para nós.

No atelier de língua que segue, muitos lêem, bastantes trabalham no ficheiro, também de ortografia; são escritos alguns textos e o computador é muito utilizado. A Indira despacha duas fichas de vocabulário.

À tarde, o grupo do projeto sobre as máquinas de lavar roupa apresenta o trabalho muito bem feito e muito bem percebido. Leva a algumas intervenções do Luís e da Sátia, acerca da electricidade e dos fios de electricidade. Também se fala do antes e do depois, das máquinas sem electricidade e de como era difícil lavar à mão. A apresentação da maqueta da máquina de lavar tem o maior dos sucessos.

A seguir fazemos um levantamento de profissões e lojas que conhecemos tanto no bairro da Outurela como no da Portela.

Avaliamos o trabalho dos responsáveis, o trabalho do dia e do plano.

Quinta-feira, 11 de Maio

No «Contar, ler e mostrar» aprendemos que o pai da Cláudia vai viajar amanhã, por causa de um trabalho numa estrada, no Norte, e que o patrão dele é o tio dela. A Mafalda viu o André e o Luís quando foi ao pão. O Luís conta que o cão dele o mordeu porque se assustou quando ele entrou em casa. Não foi grave. O André faz anos. A Soraia queixa-se de um cheiro a esgoto em casa. A Guida anuncia que vai ao médico. O José foi ver a bisavó dele, que está doente e viu a polícia "à porrada com 'um preto'". A Cláudia

"corrige": "Podias dizer 'uma pessoa de cor'". Depois chegou a polícia de choque que levou o homem.
A Andreia viu o Edmar a jogar futebol, eu falo da ideia da festa de fim de ano, A Indira conta que vai sair com a avó dela e a Aida ajudou o pai no restaurante. Nada de chocante...
Hoje, como ontem, a Indira trabalha e não provoca problemas.

Sexta-feira, 12 de Maio

No «Contar, ler e mostrar» de hoje a Cláudia fala de três pacotes de batatas fritas, e que deu uma "chapada" ao pai porque não lhe dava o ovo. A Sátia viu o pai dela de bicicleta, quando ia para casa. O pai tinha deixado o carro em casa e foi para o trabalho de bicicleta. O Isaías, que não percebeu, pergunta se a Sátia foi de bicicleta para casa. Grande gargalhada dela. O Luís foi com o tio e o pai ao café e recebeu um croissant. A Iolanda não percebe, ele simplifica: um bolo com creme, o que não é exactamente a mesma coisa[26].
O José está todo contente porque já treina no Benfica. A Indira esteve a brincar com o pai que é o avô. Quando pergunto o que brincaram, ela responde que estava a penteá-lo. "Grande brincadeira," diz o Luís entre dentes.
A Iolanda conta que a porta da casa se estragou. A chave partiu-se na fechadura e não era possível abri-la. "Então, como entraste em

[26] Como não associam a palavra francesa "croissant" à forma do pão (lua crescente), muitos alteram a palavra e falam de "coração" palavra que conhecem ainda que não tem aqui significado.

casa," pergunta a Cíntia. "Pela janela, claro!" é a resposta.
A Mafalda escorregou quando brincava com o irmão e foi parar ao chão.
A Soraia viu o Luís do quarto dela - ele estava com o cão. Na Associação[27] viu o Edmar, que veio pedir chocolate. A Jessica viu também o Luís e o Adilson tem a cama mais segura.
O Conselho é uma revelação. O Bernardo secretaria, a Soraia preside, e fá-lo muito bem. Estamos em reunião durante uma hora e 20 minutos. Há duas discussões muito boas acerca da nossa pouca paciência uns com os outros. Isto a partir de uma intervenção da Aida sobre o Luís e o José e outra do Adelino acerca do Isaías. São histórias de bater e de pontapés, que normalmente têm a ver com dificuldades para circular na sala e com dificuldades pontuais com borrachas além de pequenos atritos. Um imbróglio com a Guida, a Aida e a Andreia leva-nos a activar novamente a regra que só podem estar duas pessoas de cada vez na biblioteca, ainda que se possa ir buscar um livro. Aponta-se também que só se joga Xadrez e Damas à mesa. Quando a Cláudia anuncia que não quer continuar a apoiar a Indira, eu pergunto quem se acha capaz: a Andreia propõe-se. A observação do Luís que enquanto nós trabalhávamos, a Guida estava a brincar e não sabia do que se tratava, bateu fundo. A Guida fica a remoer a crítica durante bastante tempo.

---

[27] Associação significa aqui o café-bar da associação de moradores 18 de Maio.

Há muitas propostas e mudanças de lugar. Fica registado que quem não trata da sua responsabilidade não tem livre acesso às atividades da sala que implicam um ou uma responsável e que alguém ficará responsável para ele. A mesma coisa é válida para quem não respeita o toque de entrada. Passa a ser regra que quem faz batota no jogo de Damas, não tem direito a jogar mais, até o Conselho se pronunciar sobre o assunto.
Depois da reunião há 5 minutos de descanso para irem à casa de banho, e de seguida apresenta-se o projeto sobre as perucas, que corre às mil maravilhas. A Sátia conta e mostra como fez as perucas. Falamos de palhaços e reis porcos sem cabelo que viviam em palácios sem casas de banho e saímos em cima da hora.
Quem diria...

Segunda-feira, 15 de Maio

No «Contar, ler e mostrar» a Cláudia conta que foi à piscina e que a mãe lhe disse para tentar vender Tupperware. Ela vinha com o catálogo por baixo do braço. O José foi à feira popular e anunciou que a mãe dele está grávida. Parece gostar da ideia.
A Guida fala do irmão de 2 anos que lhe arranhou a cara.
A Aida fez a primeira comunhão e cortou o cabelo. Andou com vestido, luvas e flores. Recebeu livros.
A Jessica viu como uma menina foi atropelada em frente à casa dela. Foi ver os foguetes na Outurela. O Adelino levou as coisas

para a casa nova e falta desmontar as camas.
A Mafalda anuncia o que toda a gente já sabia: o Sporting ganhou. Ela ficou contente e bateu o pé no chão. Conta que as tartarugas dela continuam sem se mexerem muito.
A Soraia não gostou de ver o Sporting ganhar (pergunto-me como é que os adultos não se apercebem dos estragos que provocam nas crianças ao incutir-lhes determinados comportamentos bairristas e clubistas). A Andreia foi ao baptizado dos primos e recebeu outra vez roupa nova. Será verdade?
A Sátia teve dores de garganta (também durante o dia, o que a fez chorar, coisa rara). A Iolanda tem um dente que está a nascer, a Indira tem uma cadelinha, Estrela, que é preta, bonita, de rabo pequeno e que a tia trouxe. No sábado saiu-lhe pus da orelha.
O Adilson foi à casa da avó. Pergunto se lá também há camas das quais se cai, ele diz que sim. O Bernardo foi a um casamento e viu os noivos beijarem-se na boca. O Luís foi a um baptizado onde o pai foi padrinho de baptismo.
De seguida, organizamos a semana: a Indira preenche a grelha semanal, a Soraia trata da grelha do dia. Projetos, apresentações e estudo do bairro. Nas outras actividades, ler textos e falar da festa de fim de ano. Preenchemos planos de trabalho e começam com o Atelier de Língua.
Trabalho de tarde: combinar entre as duas turmas, a formação de seis grupos para fazer a lista de perguntas para a entrevista aos lojistas do bairro. A explicação, a formação de grupos e a

elaboração das perguntas levará sensivelmente a tarde toda.

Terça-feira, 16 de Maio

O «Contar, ler e mostrar» corre com a calma a que nos habituámos ultimamente. A Cláudia foi com o pai – que a final não foi para fora – ao Jumbo. A Indira conta: o cão mordeu-a quando tentou pegar nele. A Sátia conta que quando chegou a casa, todo o mundo estava preocupado porque o irmão dela ainda não tinha aparecido. Estava a jogar à bola, algures. A Soraia anda nas marchas e foi tirar as medidas para a roupa. A Iolanda viu a mãe da Soraia no café. A Guida ganhou uma prenda quando foi para casa, o Luís tem roupa nova para ir ao baptizado de que já falou, o irmão do André faz anos, a Aida ajudou a descascar alhos, é complicado... a Jessica foi com a mãe ao Jumbo comprar um pacote de batatas fritas, dos grandes, a Mafalda tem uma camisola de manga curta com figuras dos Pokémon, a Andreia foi com a mãe à quinta e os outros perguntam se a mãe é a mãe ou se é a madrinha. Ela responde que é a mesma pessoa. O José tem roupa nova e a Jessica pergunta "quem é que te deu?".
Depois do «Contar, ler e mostrar» fazemos um trabalho de texto.
O atelier de matemática ficou bastante perturbado porque tive que falar com a chefe de gabinete das obras da CM de Oeiras[28]. A Indira começa a mostrar sinais de instabilidade, depois de alguns

[28] É difícil explicar que o horário não letivo é antes das 9 e depois da 15.15...

dias de calma. O balanço da manhã mostra quem trabalhou e quem nem por isso: o Adelino, o José, a Indira, a Guida, a Jessica e a Sátia.

À tarde a Indira resolve fazer entrar uma cadela na escola, mãe do cachorrinho dela. Grande bagunça em todas as salas. Perdemos algum tempo antes de todos entrarem nas suas respectivas salas.

A apresentação do projeto sobre os candeeiros corre bastante bem. Há muitas perguntas acerca da construção do circuito eléctrico. Todos percebem o que é um circuito e o que acontece quando dois fios que não se devem tocar, se tocam: o curto-circuito. Também comparamos a palavra interruptor com interromper. O Bernardo sabe dizer que interromper seria com linha azul, interruptor com linha verde[29].

Segue a uma série de experiências com materiais que conduzem ou não a electricidade. No fim, há um grande aplauso para o grupo.

O grupo do dinheiro apresenta com muita dedicação o projeto. A Iolanda domina bem o assunto. Falam de quase todos os aspectos de que falou o bancário e só não se lembraram que o dinheiro é impresso na Inglaterra.

Depois ainda há meia hora de plano que não corre muito bem, devido ao tempo que precisam para aquecer e para arrumar. No fim do dia a Indira, que mesmo antes foi louvada por todos, por

---

[29] Para facilitar a sistematização, sublinhamos, nos textos que analisamos e corrigimos, os verbos em azul, os substantivos em verde.

causa do trabalho no projeto, torna-se outra vez muito agressiva para o José e para a Cláudia.

Quarta-feira, 17 de Maio

«Contar, ler e mostrar» sem sobressaltos: A porta de casa da Sátia fechou-se com a chave lá dentro, e o pai dela teve que tirar a porta para poderem entrar. Já está arranjado. A Cláudia, que apesar de não ter nada para contar, não quer ficar calada, fala do Jumbo. Não tem muito sucesso.
A Mafalda fala da Aida que fez análises, a Guida mostra os ténis que a mãe lhe deu, a Aida conta que ontem de repente ficou doente.
O Luís anuncia que ganhou 16 vezes o jogo da serpente (MegaLogo®). O José foi ao Carrefour e foi lá passear. Depois foi ao Colombo. O Adilson quase caiu da cama. O André anuncia que vai comer no Pizza-hut. A Indira anuncia os anos dela e que o cão mordeu outra vez. A Andreia mostra uma boneca que fez.
O problema hoje é muito complexo: passar o plano de todos os objectos da sala para um papel quadriculado dez vezes mais pequeno.
À tarde, fazemos uma escolha entre 10 textos.
Depois, temos um resto de tarde muito tranquilo, com trabalho de plano.

Quinta-feira, 18 de Maio

«Contar, ler e mostrar» perturbado hoje, em que nem todos

falaram: havia muito barulho e excitação a dobrar, o que me fez propor acabar mais cedo. Registamos que o José foi à feira popular e teve medo na casa de horrores, que a irmã da Jessica chorou porque perdeu dinheiro e que a Iolanda tomou banho à uma da manhã.

Depois organizámo-nos para sair ao bairro e fazer as entrevistas: cada grupo é enquadrado por um adulto. A mãe da Aida leva um deles ao restaurante e uma hora mais tarde está de volta na praceta de Portela.

A Cláudia, professora colega de ano, vai com um pequeno grupo para Outurela, à procura da papelaria. Eu acompanho o grande grupo com as estagiárias. Os alunos portam-se que nem umas imagens na deslocação até ao bairro. Os grupos dispersam-se para as diferentes lojas, e nós entramos na 'drogaria'.

Estamos de volta à escola, mesmo na altura do recreio.

Depois do intervalo, o atelier de matemática corre às mil maravilhas. A Indira acaba rapidamente o teste de +/-. Domina melhor do que pensava o material Cuisenaire. Esteve todo o dia muito empenhada no trabalho dela com a Cláudia como apoio precioso à tarde. Ela própria trabalhou muito de manhã. O Luís continua lançado.

À tarde, o trabalho de texto é rápido e construtivo.

O resto da tarde há trabalho de plano. Tudo corre muito bem, até que um grupo se apercebe que uma das estagiárias está a fazer um desenho para o Luís. Todos querem fazer a mesma coisa. Os

últimos vinte minutos tornam-se muito agitados.
Mas o dia acaba mais calmo do que começou. Viva o terceiro período.

Sexta-feira, 19 de Maio

Muito «Contar, ler e mostrar» para compensar ontem? O irmão da Cláudia apanhou uma violenta sova do pai, porque "não abriu o livro desde que mudaram para a nova casa" e depois outra da mãe porque bebeu os sumos todos. A irmã da Sátia tem um dossiê novo, o André vai passar férias com um primo de 12 anos que se chama José, o Luís viu o irmão da Sátia no ATL, a Aida acordou cedo e a mãe disse-lhe para voltar a dormir, a Mafalda vai passear com a catequese e limpou o aquário das tartarugas, o Adelino foi brincar à apanhada na quinta, o José deixou o Luís andar na bicicleta dele quando vinha do ATL. A Indira vai à casa do padrinho, o Bernardo viu o Edmar, a Jessica viu alguém com o rabo levantado, foi dar uma palmada, era uma irmã. O Isaías viu a Cláudia, não sabe aonde.
Depois do «Contar, ler e mostrar» voltamos ao problema da planta da sala que nos ocupa.
A seguir, um bom momento de plano. Uma estagiária organiza a avaliação do plano, em que a Jessica afirma ter trabalhado mal, o que não é verdade. A Sátia diz o mesmo e fica muito crispada quando a Jessica diz que não é verdade. Não percebo.
A Iolanda não concorda com o Isaías que diz que trabalhou bem,

porque segundo ela ele copiou resultados de fichas.
À tarde, o Conselho começa às 13 e 20 e dura até as 14 e 15. Com muita organização e pouca perturbação no meio. A Cláudia e a Aida combinam a presidência e o secretariado. Corre bem.
O Bernardo queixa-se de que o Adelino gozou com ele. Lembro a lei que diz que não nos gozamos.
As várias queixas acerca da Indira, mesmo depois de eu afirmar que ela trabalha melhor e que a aposta na equipa de apoio foi uma boa aposta, levam a uma conclusão: ela continua a não saber circular na sala. Acho que temos que dar mais uma oportunidade: A Indira experimenta mais uma semana a circular na sala sem ser acompanhada por um responsável. No próximo Conselho avaliaremos e decidimos se temos que voltar atrás.
Umas queixas, que ninguém se lembra de onde vêm, reforçam a regra de que é preciso escrever uma explicação no diário: fica aprovado que queixas só com o nome deixam de ser lidas em Conselho. A Jessica, o Isaías e o Rodrigo votam contra. Não deve ser por acaso.
Depois de muitas observações no «gostamos» e de ler a rubrica «propomos» vamos apanhar ar na Quinta de Sales. Descubro que o Isaías consegue andar muito tempo nas mãos e que o Adelino é um autêntico trepador de árvores.
Há muitos beijinhos e abraços, no fim do dia.

Segunda-feira, 22 de Maio

É bom estar no terceiro período, mesmo sem tinta para a impressora e com falta de dinheiro para apetrechar a turma como deve ser. Mas hoje o Luís e a Soraia não aparecem, o Sandro também não.

O «Contar, ler e mostrar» correu muito bem e as estagiárias do 2º ano da ESE — elas nem acreditaram no que viram depois de terem estado connosco no início do ano letivo — voltaram hoje para um período de 2 semanas,.

A Mafalda foi passear a Sintra com a catequese, e gostou do passeio. A amiga Catarina, que foi com ela, chorou, quando de repente não viu a mãe. Anuncio a chegada da correspondência. A Cláudia fala do primo dela que foi parar à esquadra, depois de uma disputa com o motorista do autocarro, que lhe chamou preto de m..., porque não mostrou o passe. Os dois foram parar ao hospital, o primo tem o braço partido e aguarda interrogação. Conta também que a mãe dela lhe "distribuiu" (atribuiu? Sim! Atribuiu) a tarefa de passar a ferro.

A Indira anuncia muito feliz que faz anos, e combinamos que cantaremos os parabéns. Desfrisou o cabelo. O Bernardo viu o Edmar. O pai cortou-lhe o cabelo (quem também vem com o cabelo muito diferente é o Rodrigo, com uma cabeça lavada e tratada). O José foi à feira da Rocha, mas não havia grande coisa, disse ele. Não gosta de farturas. Furou a orelha e desta vez como deve ser, junto com o pai. O André anuncia que a mãe vai mudar

de casa e que ele fica com a mãe, enquanto que o irmão fica com o pai. Não sabe porque se separam. Adelino levou pistolas, que não são a sério, para a nova casa.
A Jessica também foi ao passeio da catequese e ganhou uns sapatos. Está toda contente, porque é a primeira vez que tem sapatos verdadeiros dela. Até agora sempre usou sandálias ou chinelas da irmã mais velha.
O irmão da Cíntia faz 15 anos. O Adilson foi a Carnaxide, mas não sabe porque. A mãe fez 28 anos. A Andreia foi andar de patins.
A Aida mostra a camisola nova e uma caneta de muitas cores que ganhou.
A Guida festejou os anos de uma prima que fez 11 anos. O bolo era do Tweety. Deu perfumes e totós como prenda.
A Sátia foi ao parque perto da casa dela, com o pai, fez corridas com o irmão. Disse que "ganhou" uma caneta que ele perdeu no quarto dela.
Depois, o Bernardo faz o plano da semana, a Andreia o plano do dia. A Soraia não está, a Mafalda ajuda. Fazem os planos individuais de trabalho e temos tempo para distribuir e ler a correspondência. A carta coletiva traz fotografias da vinda dos correspondentes ao parque de Sales. Todos têm correspondência menos a Cíntia, que fica aborrecida.
Quando fazemos o balanço da manhã, constatamos trabalho sossegado e muitas realizações.
Durante o almoço, que não acompanho, o José desestabiliza tudo

na nossa mesa do refeitório. Digo-lhe no início da tarde, que ultrapassa o Conselho e que ele não pode mais entrar na cantina sem ser comigo, para eu o instalar numa mesa sozinho. Refila, mas aceita.

A tarde começa com um levantamento de cartas escritas e de respostas recebidas, que utilizamos para uma nova missiva para a Câmara de Oeiras, pedindo porque não recebemos resposta[30].

Depois deste esforço intelectual, o trabalho de plano foca-se nos desenhos e nas "prendas" para os correspondentes.

O José e o Adilson vão acabar o trabalho na biblioteca, a Cláudia coordena o jogo da tabuada (já com as contas e não com as imagens) com mais 4 meninas, o Bernardo e a Jessica jogam às damas, também comigo. Adelino faz fichas de língua, a Aida passa a tarde no computador a inventar uma história.

Terça-feira, 23 de Maio

O «Contar, ler e mostrar» foi menos extenso do que ontem: o Luís foi ao baptizado anunciado, veio tarde, e por isso não veio à escola ontem. A Cláudia está triste, porque, agora sim, o pai foi trabalhar para o Norte e só volta daqui a 15 dias. O André anuncia que muda de casa hoje. O José foi ao jantar da bisavó (85 anos) e o pai faz 38 hoje.

O Adilson viu a Cláudia. A Mafalda foi passear com o senhor do 7º e viu um saco de senhora e um telemóvel que alguém perdeu. A

30 Ver infra: *Dezembro – Abril: A estrada da Portela.*

Guida caiu na estação da Damaia. A Indira recebeu dois totós, uma cassete do Pokémon e mais um totó para os anos. A Iolanda tem um dente que lhe nasceu torto.
Depois do «Contar, ler e mostrar» todos os alunos das duas turmas trabalham acerca das entrevistas que recolhemos no bairro.
Este trabalho e mais 4 alunos na sala fazem com que o clima esteja um pouco mais agitado. Mas o atelier de matemática que segue corre bem, mesmo assim. Continuo preocupado com a Guida que neste momento parou qualquer produção. Não sei se terá a ver com o cansaço das viagens até casa, agora que mora muito longe da escola.
À tarde, escrevemos a carta coletiva para os correspondentes.
O plano a seguir corresponde ao que pensava: muito jogo de matemática, algum trabalho no computador e mais para o fim, algum ficheiro e alguns geoplanos.

Quarta-feira, 24 de Maio

O «Contar, ler e mostrar» foi perturbado porque começámos com menos mesas na sala e com o dia escolar organizado de forma diferente por causa das provas de aferição nas turmas do 4º ano.
O Luís sabe que a mãe saiu mais tarde do emprego, a Cláudia está toda contente porque o pai telefonou, a Guida viu a Aida quando veio para a escola, a Aida teve que tratar dos ouvidos e doeu um pouco, a tia da Iolanda deu a papa ao irmão mais novo. Quando

lhe pergunto se também gosta, às vezes, ainda de comer papa, ela diz muito contente que sim, e há muitos que também gostam.
A Soraia conta que a mãe fez 23 anos e que comprou um perfume de mulher. Foi ao passeio da catequese e por isso não veio à escola na segunda-feira. A Mafalda brincou com a amiga Catarina, a Andreia viu a Ana ao ir para cima, o Adilson tem a cama já em baixo e já não cai, a Indira brincou com uma amiga do bairro.
O problema de matemática continua a ser à volta da planta da sala, onde tentamos reduzir os outros números, não múltiplos de 10 para uma escala 1:10.
Depois temos um curto atelier de língua que corre bem, com muito trabalho para os correspondentes.
À tarde, o grupo do futebol começou a apresentar o trabalho, mas mandei parar, para eles se prepararem melhor. Combinamos em conjunto algumas coisas, mas uma hora depois da hora normal de saída, ainda não está tudo.
Durante o dia, a Indira apaga-se pouco a pouco, e no fim do dia está com bastante febre.

Quinta-feira, 25 de Maio

A Indira não está, nem a Soraia. A Cláudia está contente, o pai telefonou outra vez. A Sátia anuncia que à tarde vai ao médico por causa das vacinas. O Luís foi ao baile da ginástica e exibiu danças cabo-verdianas, com uma rapariga. A mãe da Aida está doente, ela não pode levar a Aida ao médico. A Cíntia conta que a escola

apareceu na televisão, e que ela viu a presidente do CE. O André vai ser novamente operado aos ouvidos. (comentário Sátia: "Para ouvires melhor?" E Jessica: "É por isso que falas mal?" André: "Sim").
O José conta que o pai já tem o jipe e que tem duas alavancas de mudanças, um para normal, e um para quatro rodas.
A Mafalda tem uma história divertida de bolas que foi atirando por cima de uma parede e conta como se fosse um problema matemático. Chegamos à conclusão que ela tinha 16 bolas e ficou com 11 porque perdeu 5. A Jessica foi comprar coisas e comprou palhinhas no quiosque.
O Adilson assustou-se com o pai quando este o veio acordar e a Iolanda feriu um dedo na vinda para a escola.
O trabalho de texto corre muito bem...
Depois, atelier de matemática, onde ajudo a Cláudia com contas com transporte, onde o Edmar me espanta com as contas de dividir, onde o Luís prepara o teste verde de multiplicação e onde de um modo geral as coisas funcionam.
À tarde, temos escolha de textos, brutalmente manipulada pela Cláudia.
Depois disso, vamos ao plano, com música de fundo.

Sexta-feira, 26 de Maio

Um dia sossegado, embora com mais alunos, uma colega está doente. Afastei outros, invocando falta de mesas, porque havia

mais pedidos de outras duas turmas sem professor.
No «Contar, ler e mostrar», interrompido por uma presidente do Conselho Executivo radiante que me vem anunciar que para os alunos da minha turma a prova de matemática seria "canja" se eles estivessem no 4º ano, ouvimos que o pai da Cláudia vem para casa durante o fim-de-semana, e que vai haver uma pequena festa por causa disso. A mãe comprou muitos pequenos frascos de perfume. A Sátia encontrou o irmão do Adelino no médico, o José tem sapatos Nike, pelo que falamos outra vez sobre a origem Grega do nome, a Andreia tem uma ferida, a Mafalda viu o gato lamber a vitrina da carne no restaurante (o que não me parece *a priori* engraçado...) a Guida vai dormir em casa da madrinha, o André veio com a Cláudia, que encontrou no caminho (quando pergunto se não apanhou nenhum estalo, há risos), o Adilson calçou, por engano, um sapato da irmã, a Indira inventa mais uma vez a casa de um padrinho inexistente.
Depois, vamos para uma manhã longa da elaboração da planta da sala.
A avaliação de plano é bem moderada pela Indira, que recolhe os planos e entrega-mos no fim. As leituras são bastante honestas.
À tarde, no Conselho, a Indira não dirige tão bem. A Cíntia secretaria a primeira parte, temos que trocar a Indira pela Iolanda para dar a palavra, e depois corre um pouco melhor. Há uma longa discussão acerca da Indira por causa dum elástico (para os geoplanos) que ela cortou, onde muitos participam, mas muitos

enrolam, e em que só depois de todo um tempo, surge uma proposta da Sátia, que é logo votada: "quem estragar elásticos terá que os pagar".
Outra discussão é novamente acerca do José. Desta vez decide-se que se ele voltar a dar socos durante as suas deslocações na sala, terá que trabalhar em cima da mesa grande.
Há uma grande discussão acerca das trocas de responsabilidades. O Adelino irá para o computador, se entretanto o Bernardo poder ir para as fichas de leitura que dependerá do que a Cíntia escolher, porque a Jessica não se importa de deixar o jornal (Mafalda) para tratar dos ficheiros de matemática...
A Sátia fica responsável pelas compras e vendas, o André entra como responsável da biblioteca, porque a Cláudia só quer ser do papel de rascunho. O Luís e o Adelino trocam, a Andreia e a Ana também.
As mesas vão ser afastadas, para circularmos mais facilmente.
Entretanto são 14.30. Pequena pausa para beber e ir à casa de banho, e depois voltamos ao trabalho: o José e o Adilson têm uma brilhante apresentação do projeto sobre desportos radicais. Aprendemos que wind é vento, que aquático e aquário são da mesma raíz, e que tem água, e a sala tem mais três puzzles, feitos com a Isabel da biblioteca.

Segunda-feira, 29 de Maio

«Contar, ler e mostrar» muito demorado. A Iolanda teve a visita de

tios de Talaide. O Adelino dormiu na casa nova, que fica num segundo andar. O André conta que o pai bateu no irmão mas não sabe porquê. A Andreia viu o José ontem. Ele estava a comer um gelado.

A Soraia foi à Nossa Sr.ª da Rocha ontem. Andou de carrinho de choque. O pai dela não coube no carrossel, porque é muito gordo. Viu um menino a quem lhe faltou o ar. A Indira andou de cavalo com a tia dela, foi longe daqui, teve que ir de camioneta e de barco. No domingo foi ver outro tio. A Mafalda foi à feira da Nossa Sr.ª da Rocha. Encontrou um cão cheio de carraças. O José também foi à feira, e o pai chegou bêbedo a casa e partiu um prato. O Luís conta que foi à feira popular, onde andou nos carrinhos de choque. O José quase que se pega com o Luís por causa dos carrinhos de choque quando afirma que não há carrinhos na feira, mas o Luís tem razão. Não percebi a razão desta disputa. A Jessica fala também da feira da Nossa Sr.ª da Rocha, que visitou. O Adilson foi a casa dos primos que moram perto. A Aida foi ao Jumbo e ouviu "*uma conversa estúpida entre mulheres*", disse ela, "*em que uma dizia à outra que as suas filhas têm cada uma já dois computadores*". A Cláudia conta que a prima[31] teve falta de ar e que ficou completamente parada.

Depois organizamos a semana com muito Pokémon, o fim do ano

[31] Ficará na nossa turma dois anos mais tarde. A "falta de ar" é uma epilepsia grave e regularmente não medicada. Em 2005 estava o problema do encaminhamento da criança resolvida, graças ao trabalho incansável da professora de apoio que reforçou a equipa em 2003.

para organizar e o futebol para apresentar. O Jornal da turma precisa de ser revitalizado. Estamos na organização até ao recreio.
Segue um óptimo atelier de língua, salvo com o José que, à medida que a Indira se acalma, está cada vez mais impossível.
Mas toda a gente trabalha com dedicação.
Depois do almoço temos um grande problema. Uma das auxiliares bateu em algumas crianças com um guarda-chuva.
Analisamos a questão, e passamos nisso três quartos de hora.

1. A Aida e a Iolanda pedem para ir à casa de banho.
2. A auxiliar diz que não, mas deixa entrar outro menino.
3. A Aida volta a pedir para entrar e ir à casa de banho. Juntam-se o José, a Sátia, a Guida, a Jessica e o Luís, embora afirmem que sabem que a regra é "um de cada vez".
4. A auxiliar volta a dizer que não, sem dar explicações.
5. O grupo aproveita a porta aberta para entrar e esconder-se no primeiro andar da escola. Tenta descer às escondidas, para ir à casa de banho.
6. A auxiliar pega num guarda-chuva, depois de dizer "Vão ver" e bate com o guarda-chuva na Aida, na Jessica e na Sátia.
7. Só foram à casa de banho, depois do toque da entrada.

Custa muito fazer ver aos alunos, que estão obviamente revoltados, que eles também não cumpriram regras a partir do ponto 5. Perante o "não" da auxiliar deveriam ter levantado o problema a outra auxiliar, a mim ou à directora.
Depois desta conversa, que, como diz o Luís, parece um

problema, visionamos a cassete da Indira dos Pokémon e do herói Pikachu. Aprendo algumas coisas sobre Pokémon selvagens e domesticados e também percebo o enredo da história: todos querem ser domadores de Pokémon. O rapaz não fica com a primeira escolha porque chega atrasado ao edifício onde se escolhem os Pokémon e fica por isso com o Pikachu que parece ser um pouco diferente. Não gosta da pokébola.
A história não tem grande desenvolvimento. Vamos tentar fazer uma banda desenhada nossa e preparar um pequeno teatro com os Pokémon como principais actores.

Terça-feira, 30 de Maio

No «Contar, ler e mostrar» a Sátia tem necessidade de contar que o pai bateu no irmão com o cinto. Depois fechou-o no quarto porque não foi à escola. A Cíntia viu a Indira, o Luís, a Jessica e a Cláudia a saírem juntos do ATL. O José jantou às 10 porque o pai estava a trabalhar. Desde algum tempo que inventa que vive sozinho com o pai, mas não pode dizer porquê (entretanto já sei da auxiliar não ser verdade que a mãe esteve hospitalizada). O André viu a Soraia no quiosque a comprar cenouras. A Jessica conta que a mãe ficou a dormir no sofá, a irmã não viu e sentou-se em cima dela e a mãe bateu-lhe.
O Luís andou de bicicleta; um parafuso soltou-se e agora a corrente esta solta. A Iolanda foi à mãe do André comprar doces. O Adilson viu a Cláudia. A Indira viu a mãe da Cíntia.

O trabalho de texto corre bem.
À tarde, não consigo interessar os alunos para a proposta coletiva da escola para o fim de ano. Para a nossa turma, fica sem efeito.
O trabalho de plano foi também um pouco barulhento. Um dia sem sal.

Quarta-feira, 31 de Maio

Muito «Contar, ler e mostrar»: o pai da Mafalda fez 51 anos. A Andreia encontrou uma 'bola saltitona' que tinha perdido. A Cláudia anuncia que a mãe vai ao Lidl. No sábado, o José vai para o Algarve com o pai, que vai trabalhar com o patrão. O pai comprou um fato de treino ao José. A Jessica vai com o pai ao Jumbo, amanhã. A Indira brincou em casa da amiga Rute. A Iolanda anuncia que o ATL tem uma carrinha para ir buscar as crianças à escola.
A Aida viu o irmão da Mafalda na ida ao médico. Ia com a mãe e a irmã.
O Luís foi ao Jumbo com a mãe. A Cláudia perguntou em que caixa é que ele pagou. Pagou na 34. "E tinhas mais ou menos do que 34 compras?" "Menos naturalmente!" O Adelino foi brincar na casa do Luís e gostou da casa. Viu um acidente em que um carro bateu com tanta força que perdeu uma roda. A Guida já tem um passe só para 'camionetas'. A Sátia tem mais uma tia em casa, que vem de Cabo Verde. Não sabe se fica ou não.
A Soraia tem uma camisola nova para os ensaios da marcha

popular de Carnaxide, que acabam à uma da manhã (o que explica porque é que ela não aparece algumas manhãs por semana).
O André viu o Pascal na padaria.
O problema que os correspondentes mandaram, leva a uma boa discussão.
O atelier de língua corre às mil maravilhas. A organização da primeira parte da nossa história do Pikachu também corre bem[32].
Depois deste esforço intelectual e na expectativa de desenhar este início de história amanhã, começamos um trabalho de plano exemplarmente calmo, não fosse a violente briga entre a Indira e uma das nossas 4 visitantes do primeiro ano.

Quinta-feira, 1 de Junho

Dia da criança: queque no lanche, desenho à tarde, nada de loucuras, mas com um pouco de música.
«Contar, ler e mostrar». A Cláudia conta, excitada, que a mãe viu o Capitão Roby. A Mafalda subiu a rua com as estagiárias Andreia e Inês. Encontrou-as no caminho. Sátia tem um primo que faz anos amanhã. O José dormiu em casa da avó, na cama dela e quase caiu no chão. O André viu a Soraia ontem e hoje viu o Pascal a comprar um póster no quiosque. Confirmo e mostro o póster com todos os Pokémon e as suas transformações, que comprei

[32] Estava na página www.freewebtown.com/pascalcorner/turma. Mas os freewebs desaparecem quase todas esta também e com ele também a página e o trabalhos

para afixar na sala. A Aida sonhou que estava na França. Os pais dela já tiveram lá, ela não. A Soraia pensava esta manhã que ainda era de noite, mas depois viu que estava na hora para se levantar. A Iolanda conta que o ATL mudou de sítio porque chove no moinho onde está alojado. A Indira foi ao parque. O Luís vai mudar de ATL e mereceu dois gelados ontem.

O Adilson conta que o pai dele entrou na polícia. O que ele queria dizer, é que o pai foi à esquadra.

O trabalho de texto foi interessante. Abdicámos do trabalho previsto, porque temos um assunto mais urgente para tratar: contei às crianças que a revista *Rua Sésamo* da qual a turma é assinante, vai acabar, porque não há dinheiro para lhe darem continuidade.

Ficaram chocados. Decidiram logo escrever uma carta. Sugeri que escrevêssemos à primeira directora da revista, que se chama Maria Emília Brederode Santos.

E no correio da tarde, já ia a carta.

O atelier de matemática fez-se em grande sossego.

A tarde é preenchida pelo trabalho de desenho, recorte e colagem da história dos Pokémon na Outurela.

Avançámos bem, apesar de uma zanga da Cláudia de que não percebi a razão. A maioria aplicou-se no desenho e o livrinho é engraçado.

Avaliamos rapidamente o dia, e saímos felizes e contentes.

Sexta-feira, 2 de Junho

«Contar, ler e mostrar». O Luís foi ao Colombo e ao play-center e chegou a casa perto da meia-noite. O José foi ao Carrefour. A Cláudia caiu do escorrega e esfolou o braço. A Aida recebeu um lenço da mãe que ela comprou em Benfica. A Iolanda conta que a carrinha do ATL ainda não funciona, e que só mudam de instalações na próxima semana. Anuncio que chegaram finalmente as tintas e valorizo o trabalho da história do Pikachu (ao longo do dia, muitos pegarão na história para a reler).

A Andreia mostra o vestido que a mãe comprou. A cadela do André fugiu e ainda não voltou. A Guida pergunta se a cadela já teve filhos.

A Soraia comprou pastilhas, não trouxe os Pokémon porque se esqueceu deles.

A Jessica conta que a irmã fez chichi na cama. A mãe tirou-lhe a fralda há pouco tempo. A Sátia viu o bolo do primo Luís, da turma da professora Márcia. É do futebol.

A Cíntia viu ontem a Jessica. A Mafalda conta que um carro descapotável bateu numa carrinha e foi parar contra a parede da Sumol. Não sabe a marca, mas quando o Luís desenha símbolos de marcas de carros no quadro, diz logo que era um carro desses com uma estrelinha: um Mercedes.

O Adilson teve azar enquanto estava a passar a ferro. Passou uma camisola e queimou o braço. O Bernardo foi ao MacDonalds. Saiu-lhe um pato Donald.

A Guida foi para a casa da Cíntia e viu o Dragon Ball, entre outras coisas. A mãe deu-lhe um puzzle. É um desenho de animais.
No momento de matemática fazemos algo de novo: criar enunciados a partir de expressões numéricas. Fomos inspirados pelo problema que os correspondentes inventaram e mandaram, e temos para já 5 propostas bem difíceis.
À tarde, o Conselho corre muito bem.
Logo no início, há uma queixa da Aida que se sente gozada pelo José. Ele confirma. Quando perguntamos à Aida o que propõe, ela não sabe muito bem. Pergunto quem se sente gozado pelo José. Há 15 braços no ar. A Guida propõe que fique isolado, onde não possa magoar ninguém. Fica votado que na segunda-feira, ele fica isolada dos outros, só tendo o professor para o ajudar, e que ao fim do dia avaliamos se continua assim ou não.
A Indira enfiou-se na sala durante o recreio, para abrir a porta atrás das costas das auxiliares. Ficou combinado que a Indira vai pedir desculpas a todas elas.
Um novo problema com o José vai mantê-lo três dias a trabalhar sozinho. A Cláudia quer trocar de lugar por causa do José, a Sátia troca por causa da Jessica.
Quando falo da Guida e explico porque proponho retirar-lhe o plano, há grande silêncio. Pergunto se ela concorda, e depois de uns longos 3 minutos de silêncio, ela aceita, indicando a Cláudia, a Cíntia, a Jessica e a Sátia como equipa de apoio.
Por fim, a turma decide que vai fazer correspondência com as

estagiárias, que se despedem hoje.
Cinco minutos de pausa, são 14 e 20. Casa de banho, e voltamos para uma escolha de textos.
O José pagou pelo seu comportamento: o Luís pô-lo como último leitor, sabendo que assim terá menos atenção. Além disso, o José, mau diplomata, lê como primeiro de dois textos um que começa com "O Adelino é ganancioso". A partir daí, nada feito para ter um texto eleito...
Acabamos à tarde com 20 minutos de tarde livre, que correm tão bem, que só conseguimos sair da sala já muito depois da hora.

Segunda-feira, 5 de Junho

Uma turma mais vazia novamente... menos 3 adultos, e além disso, só aparecem 16 crianças. O Luís, o Adilson e o José devem estar a recuperar do fim-de-semana. A Soraia vem mostrar um olho negro à maneira, antes de ir ao médico com a mãe. A Aida traz um texto que ela fez em casa, para ler na altura da leitura dos textos. A Cláudia vem dar-me a história que ela escreveu antes de tentar fazer um enunciado com a expressão numérica de sexta-feira.
A Iolanda dá a palavra no «Contar, ler e mostrar» e faz isso razoavelmente bem. À tarde, quando acabamos a história dos Pokémon, será menos fácil porque a Cíntia, está quase a dormir. No fim do dia, a Indira impõe-se mais ou menos para fazer o balanço do dia.

Mas no «Contar, ler e mostrar» a Cláudia mostra o braço dela, todo infectado e com um aspecto de carne viva. Ela conta que foi ao médico e que este disse que era preciso pôr Betadine e uma pomada e que era melhor ir ao hospital se o braço ficasse vermelho... A mim parece-me uma valente infecção de "()*coccos*". Anuncia também toda contente que durante as férias, o pai não vai trabalhar no Norte. A Iolanda viu a mãe da Cláudia. O Adelino conta que o pai dele vai ao Norte (durante o dia escreverá isso no computador). Ela conta também que a porta de casa ficou fechada à chave, e que tiveram que entrar pela janela. Teve que ser o irmão Eduardo, porque todos os outros têm medo das alturas.

A Mafalda mostra os ténis que uma amiga dela lhe deu. Conta que calça o 31/32 mas que os ténis são 33/34. Conta também que no Sábado houve um acidente na Sumol, que explodiu um computador, e que estiveram lá os bombeiros. Edmar anuncia que está quase a fazer anos (dia 13). A Indira conta que "levou porrada" porque partiu um copo e um prato. Foi para a cama a chorar.

A Andreia brincou com a prima de 5 anos. A Guida foi visitar um primo ao hospital que ficou queimado com leite quente no corpo todo (ela indica tórax e barriga). Ela pensa que ele vai ter que ficar muito tempo no hospital.

A Aida mostra as sandálias novas que a avó lhe comprou. Foram a pé da Buraca até Benfica. A irmã de 4 anos tem dificuldades para

largar a fralda.
A Jessica conta que a mãe não se queria levantar cedo para ir ao médico. A avó partiu um pé. Conta também que viu o Luís, na fila, no Jumbo.
O André foi à feira do Cacém. Tinha muitas coisas. Depois comeu no Pizza Hut. A Sátia viu na feira de Oeiras uma das auxiliares com um homem (Soraia: "Tem cabelos brancos?" "Sim." "Então é o marido dela."). Ganharam um mealheiro, um porta-chaves, um isqueiro e baralhos de cartas. Mostra também os ténis que lhe ofereceram como prenda de anos.
Organizamos a semana: lembram-se do trabalho com os Pokémon, da leitura de textos, dos problemas, dos ateliers. Propõem um atelier de escrita para escreverem a carta de despedida dos leitores, quando lhes lembro que terminar o último jornal do ano escolar é algo de importante nesta semana. Lembro também que ainda há o projeto do futebol para apresentar. Cada um faz o seu plano de trabalho para a semana, e sobra-nos 'bué tempo' para retomar o problema na parte em que ficámos na Sexta-feira.
De seguida, arrancamos com um calmíssimo atelier de língua, onde a Cláudia ajuda bem a Guida, substituída depois pela Sátia e pela Jessica. A Cláudia ainda vai ajudar a Indira. Entretanto, eu ajudo a Cíntia na leitura, o Bernardo e o Adelino nas fichas de língua e apoio também um pouco o Isaías, que ao mesmo tempo se apoia na Andreia e ainda vou trabalhar com a Indira. Estamos

todos aborrecidos quando toca para o almoço.
A tarde começa um pouco mais perturbada. Houve problemas no recreio... Mesmo assim, conseguimos, com alguma dificuldade, o resto do guião para a nossa história de Pokémon.
Prometo transcrever o que foi dito, para podermos desenhar o resto amanhã. O resto da tarde fazemos plano. Treino a tabuada com 6 meninas enquanto outros jogam às damas, desenham, fazem fichas de língua e acabam textos no computador. A Mafalda esqueceu-se outra vez do jornal. No fim do dia, a Indira coordena a arrumação e não corre mal. A avaliação é feita já depois das três, algo que ultimamente acontece muitas vezes.

Terça-feira, 6 de Junho

Temos visitas na sala, são quatro. O José entra bem disposto, e indico-lhe o lugar, isolado dos outros, num posto de observação – uma mesa enorme que serve de estrado. Passará a manhã toda lá em cima, a trabalhar sozinho e a ver a turma a funcionar.
No "Contar, ler e mostrar" a Sátia conta que tem uma dor no pé por causa dos sapatos novos. Foi para casa de uma amiga. A Cláudia tem notícias do pai que telefonou. Chegou um tio da Jessica de Cabo Verde. Ri-se muito quando o Luís pergunta como é que ele veio. De avião, claro! Anuncia que na quinta-feira irão ao Jumbo comprar-lhe um telemóvel para levar para casa.
A Guida chegou a casa às nove, mais tarde do que habitualmente. A Aida traz um texto em que fala dos "macacos" dela, umas luvas

de plástico para todo o serviço. A Iolanda já tem 18 canais de televisão nos quais se pode perder. Chegou a TV-cabo! A Mafalda conta a história de uma bola de papel que foi parar ao banho da mãe e que se desfez. O Luís explica que não veio à escola ontem, porque esteve a carregar móveis para a mudança de casa da avó e está muito cansado. O Bernardo foi comprar "coisas" no Jumbo, com o pai. O Edmar sabe que vão ligar a luz na casa nova hoje. O Adilson foi passear ao Norte e viu um porco-espinho. O Adelino viu o Luís ao pé das escadas da casa dele. O André foi à *Fabulândia*, e foi ao Intermarché. A Indira viu o Edmar.

Depois, trabalhámos o texto da Sátia para afixar no placar.

O atelier de Matemática corre bem. Estão muito aplicados nos trabalhos de ficheiro...

À tarde o José tem autorização para participar no trabalho de desenho para o projeto dos Pokémon. O trabalho é menos confuso do que quando fizemos a primeira parte, e no fim do dia, não custa muito organizar e arrumar os papéis da história. Já começam a falar do teatro a seguir. No fim, concordamos que o José pode ficar no lugar dele, na quinta-feira. Um dia tranquilo.

Quinta-feira, 8 de Junho

O «Contar, ler e mostrar» é grande. A Cláudia foi tirar fotografias por causa do passaporte. O André conta que a mãe lhe comprou "isto": é um Pokémon, mas qual? Vão à procura no póster. É um dos menos conhecidos.

A Sátia conta que o irmão dela fugiu de casa sem o pai saber de nada. Ficou muito zangado, porque foi logo no dia em que alguns meninos se afogaram na praia de Carcavelos. Aliás, sabem quem são: moravam na Outurela. A Guida veio com a Cíntia para a escola. O José conta que foi à piscina das maçãs. Conta também que morreram dois tios e uma avó num acidente de carro, com o BMW do tio. Temos algumas dúvidas acerca da veracidade da história. A Indira escorregou na casa de banho e caiu. A Andreia foi a casa da irmã dela. O Edmar conta que o pai já instalou um candeeiro na casa de banho. O Luís informa que o prazo para a mudança de casa é até dia 15. O Adilson assustou-se ao acordar. A Iolanda diz que o irmão vai fazer a comunhão solene. A Jessica anuncia a festa de anos da irmã Mónica. A Mafalda conta que a amiga Catarina lhe emprestou uma boneca. O Adelino viu o filme dos Pokémon em casa de um amigo. A Soraia mostra as sandálias novas que a mãe lhe comprou. A Aida viu uma carroça no Cacém. Deduzimos da história que é uma destas carroças para passeios turísticos. O Luís tomou banho junto com o primo dele.

Trabalhamos o texto da Indira, o último, que fecha o último jornal da turma.

Combinámos juntar o trabalho de atelier de língua e de matemática, por causa do feriado, que nos alterou a rotina. O atelier é muito sossegado. À tarde, fazemos experiências de teatro de sombras antes de começar o tempo de plano individual.

Sexta-feira, 9 de Junho

Outro «Contar, ler e mostrar» grande: o Luís comprou palitos na loja. O Adilson pensava que tinha a camisola ao contrário, mas afinal não tem. A Cláudia anuncia que a mãe vai comprar 5 destas coisas que a Andreia tem na cabeça (lenços). O pai chega hoje do Norte, só Terça é que regressa ao trabalho. O José caiu na rua, não chorou. Viu a Soraia a sair do café. O André anuncia que vai ao Jumbo. A Andreia confirma que a mãe lhe comprou o lenço novo na "*escola nova*". O Edmar viu o Adilson. A Jessica viu o Luís ao pé da tia dele. Foi tirar uma 'bola saltitona' com uma moeda de 100 escudos. A Aida conta que ouviu a mãe dizer à Eleonor para acordar a mana, mas depois parece que estava a dormir na mesma porque foi acordada a sério(?). A Indira tem televisão nova. Os outros perguntam se também tem casa nova. A Mafalda conta que a amiga Catarina comeu em casa dela. Brincou com o irmão. A Cátia também esteve lá.

A Iolanda conta que o café já foi assaltado duas vezes. Mas o que roubam é de menor importância. O Luís considera mesmo que se trata de atos de rapazes que se provam aos líderes dos gangs de adolescentes. O Adelino conta que a mãe lhe comprou uma mala nova.

O resto do dia tem momentos difíceis: primeiro tento lançar a discussão à volta da expressão numérica, que começamos a trabalhar na 2ª-feira, e falho. Os líderes não estão nada interessados, e lembro-me demasiado tarde que 5 alunos não

estavam na segunda-feira.

Recolho as propostas mas é impossível tratar os dados em conjunto. Depois de me zangar, proponho trabalho de plano, e sob o efeito da brusca mudança de clima, o plano é impecável, mas insustentável... Mesmo assim, até ao almoço produz-se, havendo quatro visitantes complicando as rotinas.

À tarde, a reunião de Conselho arranca com dificuldade, mas desenvolve-se muito bem: paz, sossego, discussão bem dirigida pelo André e pelo Rodrigo, com uma tardia intervenção do Isaías também. O André é que tem estilo!

A partir da agenda, decidimos várias coisas importantes:

– O José volta a ficar dois dias a trabalhar isolado do grupo, um dos quais no seu 'posto de observação'. É o resultado duma longa discussão por causa de pequenas agressões à Guida, à Mafalda e à Aida. São sobretudo a Jessica e a Sátia que não perdoam.
– A Indira fica ao lado de quem a apoia no trabalho de plano e de atelier, por causa das picadelas que voltaram a surgir.
– Há várias discussões acerca da Cláudia, e quase sempre porque ela se mete (ou se faz meter) na organização da vida da sala, mesmo se não tem nada a ver com o assunto. Descobrimos que vários alunos recorrem a ela em vez de recorrerem ao responsável. Ela agrada mas perturba. Revalorizamos o trabalho dos responsáveis em geral e o do responsável do geoplano e do controle da utilização de elásticos, em particular.

– Há várias trocas de lugar, tal como em todas as outras semanas, motivadas por pequenos atritos.
– A Cláudia critica quem perturba quando está a fazer-se um teste. Combinamos que, quem estiver a fazer um teste durante o trabalho de atelier, pode-se sentar numa mesa sozinho.

São vinte para as três. O problema é reconduzido para segunda-feira, para ainda podermos fazer escolha de textos.

Segunda-feira, 12 de Junho

Notícias no «Contar, ler e mostrar»: Edmar anuncia que faz anos amanhã. A Andreia foi andar de barco. Iolanda foi à comunhão solene do irmão dela. A Guida, no sábado, foi à catequese e esteve com várias amigas do bairro. Ficou depois em casa de uma tia. O Adelino foi aos anos de um primo. O André foi à praia de Carcavelos. A bandeira estava verde. A mãe comprou-lhe um relógio. A Sátia foi à feira e comprou um lenço bonito que leva na cabeça. Foi o pai que lho ofereceu. A tia estava aborrecida e ficou em casa, enquanto eles foram à missa. Nós percebemos, também, que ela não janta em casa, mas que janta em casa de outra tia, todos os dias.

O Luís foi à praia com o tio e o primo. Foram só tomar banho.

A Mafalda recebeu muita roupa de um amigo. "Outra vez?" diz a Cláudia. "Então, com os pobres é assim," responde a Mafalda! O Bernardo conta que o pai adormeceu no sofá. Vai ao Algarve no próximo fim-de-semana.

A Cíntia conta que a mãe lhe comprou uns sapatos novos. A Jessica foi dormir em casa da madrinha Fátima. Ela ri-se quando pergunto se é fada-madrinha. É só madrinha, diz ela. A Aida conta que a mãe lhe comprou roupa nova no Jumbo. Tem um dente quase a sair (à tarde, o dente cai, o que a faz dizer que a notícia dela vinha mesmo "fresquinha" e a calhar). O Isaías viu a Iolanda, e a Cláudia comprou 5 lenços na feira e anuncia que o Miguel ('o meu namorado') faz anos amanhã.

Depois da organização e da preparação dos planos individuais, temos um bom momento de trabalho de problema, seguido de um atelier de língua muito sossegado, onde vou lendo e colando textos com a Sátia, o Luís, a Cláudia, o Edmar, a Jessica e a Mafalda, todos bons leitores, embora a Jessica hesite em palavras mais compridas.

Chegamos ao fim da manhã sem nos apercebemos.

À tarde, falamos do guião de teatro.

Depois temos um longo plano onde montamos o jornal, onde um grupo de meninas constrói uma nova casa, onde os rapazes do futebol preparam o jornal, onde há bastante trabalho de computador, e onde alguns se tornam mais peritos no jogo de damas.

Arrumar custa, como sempre. O Bernardo faz a avaliação do plano no fim do dia.

Terça-feira, 13 de Junho

Continua a haver 4 ausentes, mas a Indira voltou e desestabiliza muito durante o dia.

No «Contar, ler e mostrar» a Mafalda conta que viu as marchas populares. Falamos da Voz do Operário, mas ninguém viu correspondentes... a Cláudia conta que o pai dela voltou para o Norte hoje, e que só volta no domingo. No fim do dia vai ao Jumbo com a mãe.

O André vai ao médico, à tarde, tratar dos ouvidos. Amanhã a mãe dele faz anos. Faz 49 e terá uma festa.

A Iolanda conta que a mãe comprou sapatos novos e que no ATL vão tomar banho de mangueirada.

A Aida ajudou o pai com os bifes. Também ensina como se faz caracóis: água, pôr os caracóis na água até ferver, pôr orégão, alho, malagueta ou picante e sal. A Jessica também tem sapatos novos, que a mãe comprou. A Cíntia pintou as unhas debaixo da cama, para a mãe não ver.

A Andreia conta que a mãe fez tranças ao pai, e que ela desmanchou as tranças que tinha. A Indira fala da tia que preparou caracóis para o avô. O Isaías viu o Pascal.

Depois do «Contar, ler e mostrar» trabalho de texto.

O atelier de matemática a seguir é confuso. Demoram muito a começar, mas depois, há alguma produção. Tenho que separar a Indira do Adelino, e a Guida foge outra vez para as atividades sem registo.

À tarde, o trabalho de plano mete-se rapidamente em campo, mas sem grande produção.
Um dia um pouco atribulado e muito cansativo...

Quarta-feira, 14 de Junho

«Contar, ler e mostrar». A Cláudia, que anda muito revoltada com o mundo, conta que caiu na banheira ao lavar os dentes. O André foi ao MacDonalds comer, saiu-lhe o Plutão. Viu a Aida. A Iolanda mostra os brincos novos que a mãe lhe pôs. O Luís viu o José, na casa da avó dele. Tomou banho antes de sair de casa. O José tem uma história de um bêbedo que roubou o jantar a alguém no MacDonalds e se pôs em fuga. Ele conta que andou numa mota pequena, uma destas motas para crianças, mas com gasolina. Falamos de motores de 2 e de 4 tempos. Conta que tem um tio que saiu da prisão (?) depois de ano e meio. Foi lá parar lá por ter sido agredido e preso porque a polícia pensou que ele foi o assaltante (?). A Sátia mostra uns cartões que a namorada do irmão dela lhe deu. Hoje faz anos, chama-se Vera, e já deu um beijinho na boca do irmão.
A Andreia mostra a mochila que a mãe dela lhe comprou. É um ursinho, o Bernardo pergunta se ele tem nome e ela diz que não. O Rodrigo viu o Luís ao pé do ATL. O Edmar recebeu 1000 escudos da mãe como prenda de anos. Meti o pé na argola ao perguntar se ele tinha recebido mais prendas: ele responde, um pouco ressentido, que não. A Cíntia sabe que ontem foi dia de St.º

António. A Aida fez alguns desenhos no computador para o projeto do Pai Natal!
A Indira "levou porrada" porque saiu de casa sem dizer nada. Foi com o cinto, doeu e ela chorou.
Proponho como actividade de matemática, fazer um balanço das actividades do ano[33].
O atelier de língua corre bem, tirando a instabilidade mostrada pela Cláudia.
A tarde é completamente preenchida com trabalho de plano, o que sabe bem. Trabalham, de forma geral, bastante sossegados, com a Indira a brigar só duas vezes com os outros.
No fim do dia, a Cláudia explode e torna-se muito malcriada, zango-me com ela e ela vai-se embora, transtornada.

Quinta-feira, 15 de Junho

A Cláudia continua zangada e só entra depois de tocar. A Sátia, por outro lado, está muito cooperante e radiante.
No «Contar, ler e mostrar» o Isaías conta que viu o irmão da Sátia. O José diz que o pai foi-se embora para o Algarve, e que ficou sozinho com a mãe. Vai para a piscina das maçãs durante o fim-de-semana, com um primo, que tem também uma mota de água. Os olhos dele e do Luís brilham ao pronunciar a palavra. A Cíntia conta que os irmãos comeram todos os bolos e rebuçados em casa e não deixaram nada para ela.

---

33 Ver infra.

O André foi ao MacDonalds. Hoje vai jantar fora, de barco, no outro lado do rio.
O Luís foi a casa da avó. O Bernardo anuncia que vai para a praia do Karaté com uma carrinha da associação. A Aida viu uma menina muito gira na catequese, cheia de caracóis, com olhos azuis. (“Era branca?” “Claro!” “Claro, não! Há mulatos com olhos azuis. Até às vezes há pessoas pretas com olhos azuis”). A Andreia vai a praia hoje (?). A Indira recebeu a amiga Domingas que ficou para dormir. (“Porquê?” “Porque não dormiu lá a outra amiga...”). A Mafalda dormiu em casa da vizinha. Pensavam que estava a dormir, mas ela ouviu a conversa toda. (Sátia: “Mas tu moras numa barraca?” “Eu? Não.”)
O trabalho de texto é simples e fácil.
De seguida temos atelier de matemática, em que a Cláudia continua muito conflituosa, metendo-se na vida de quem pede proteção, e depois é ela a visada. Desta vez, foi a Indira que pediu proteção contra o Isaías, e a Cláudia teve que se refugiar, estava a chorar de raiva. Acalmou meia hora depois, e entrou na sala, começando a refazer o teste que ela deitou fora na semana passada. A Guida teve que levar um aperto, para se pôr a trabalhar.
A leitura de textos corre bem. Os textos recolhem votos mais equilibrados e mais em função do texto, do que do autor, como acontecia algum tempo atrás.
Depois voltamos ao plano, com Pokémon, damas, tabuadas,

desenho, recorte e colagem, uma tarde muito calma, apesar do calor e da instabilidade em que vivemos estes últimos dias.

Sexta-feira, 16 de Junho

A Sátia brincou com amigas dela. A Guida quer saber a cor de pele delas. São brancas.
A Cláudia esteve a lutar com o irmão dela, por causa dos Pokémon dele. "Empataram"(?), mas a mãe bateu no irmão. A Guida fez um teatro. A Aida não conseguiu dormir por causa do calor, até dava para dormir no banho... foi ao médico por causa de uma fissura, a Guida pergunta o que é uma fissura. O Adelino andou de skate e caiu. Adilson caiu da cama a dormir, a Jessica ficou em casa da tia e caiu porque escorregou no chão. A Iolanda já se esqueceu do que ia dizer. O primo do Luís dormiu em casa deles, e foram dormir no sofá. Não viram televisão porque estavam muito cansados. No fim do mês o pai dele vai-lhe arranjar a bicicleta. O Isaías viu o irmão da Cláudia. Estava a jogar à bola na Portela, com o Alex, o André e com o próprio Isaías. A Andreia enganou a mãe, disse que não tinha, mas tinha as gomas todas. A Mafalda foi ao Jumbo e o irmão casa amanhã. O José conta que à tarde, o tio vai levá-los à praia. A Indira caiu na banheira. O André acordou à uma da manhã.
O plano, a seguir de um trabalho com o geoplano, é acompanhado pelas ex-estagiárias que estão de visita, e vai tranquilamente em direcção à avaliação de plano, eficazmente

dirigido pela Sátia.
O Conselho corre muito bem, com uma dupla muito eficaz: Sátia e Jessica, as duas extremamente atentas ao que está a acontecer e a intervir maravilhosamente.
O José, a Aida, a Indira e a Andreia ficam por vários motivos fora do grupo. Algumas coisas não são perdoadas, o mais grave foi terem-se fechado dentro da sala.
Depois das habituais trocas de lugar, vamos à Quinta de Sales, no grande calor.

Segunda-feira, 19 de Junho

A equipa da Guida, Cláudia e Aida já tem tudo nas mesas antes das nove. Depois do toque, preenchem o mapa de presenças e os calendários, e propõem primeiro tratar da organização. A Cláudia conseguiu controlar-se até ao meio da tarde. Depois foi diabólica com o José e a Aida.
Na organização, propõem apresentar o projeto "Pai Natal"[34], o teatro dos Pokémon, um problema e fazerem leitura de textos. Concordo, explicando que já não teremos tempo para corrigir os textos lidos. Acaba o ano para a semana...
Preenchemos o último plano do ano. Confirmam que ainda há ateliers de matemática e de língua. No «Contar, ler e mostrar» a Cláudia mostra o lenço que a mãe dela comprou para ela na feira do relógio, também tem umas calças e uma blusa nova.

[34] Em Junho...

A Sátia foi à praia de Carcavelos. Não fizeram corridas e não reparou na bandeira. O André foi à praia da Torre, com os pais dele. Hoje vai ao médico com a mãe. A Guida quer saber como se chama o médico. A Iolanda vem com um vestido bem bonito de batique e bordado com conchas, que o pai dela trouxe de Cabo Verde. A Mafalda andou de barco no mar. Tinha muitas ondas, e quando acostaram, viu peixes, pensava que eram sardinhas, mas não eram. O Bernardo foi aos anos do primo dele, o bolo parecia um índio. A Guida alugou e viu o filme Pocahontas, no sábado. A irmã da Jessica rachou a boca, ela caiu na quinta. Jessica conta também que viu a Cláudia, ontem. A Sátia ri-se muito ao contar que o irmão dela tirou as cuecas ao dormir. Perguntam como é que ela sabe, ela disse que sabe porque dormiu com ele. A Cláudia pergunta se estava a sonhar com o namorado dela.

Antes do recreio, ainda temos tempo para desenvolver um pequeno problema de matemática.

Depois temos um atelier de língua de sonho, com muita produção, e em que a caça a palavra (verbos e nomes) é muito popular e em que a escrita de livrinhos voltou.

A tarde é mais conflituosa, provavelmente porque não tenho muito tempo para me ocupar de alguns problemas que surgem, o que faz com que só temos os cenários para o teatro montados no fim do dia, e que tivemos que combinar continuar o trabalho de preparação amanhã de manhã.

Terça-feira, 20 de Junho

Um dia que corre muito bem. De manhã, falamos em círculo, sentados no chão. A Cláudia mostra a *bandelette* que a mãe lhe comprou na feira do relógio. A Cíntia caiu em casa, o Rodrigo viu o Isaías na Portela, o Luís andou numa bicicleta de montanha de um amigo do pai dele. A Jessica mostra os sapatos que a irmã dela a emprestou, o André achou 100$00. A Mafalda brincou às escondidas com o amigo dela e partiu um prato. O Bernardo vai para o Algarve na quinta-feira, e só volta no Domingo.

Depois fazemos um primeiro ensaio da nossa peça de teatro. A Sátia e a Aida são narradoras, o Luís trata dos acetatos, a Jessica, a Cíntia, a Guida e a Mafalda mexem os bonecos do teatro de sombra, a Iolanda o Pikachu grande, a Cláudia faz o papel de mulher assaltada e de Jesse, o José, o Bernardo e o Isaías são assaltantes, os outros são crianças.

Levamos o ensaio até o fim, com muitas paragens ainda, claro! No meio surgem algumas ideias.

O atelier de matemática tem uma adenda de atelier de língua, mas corre muito bem. Muitas fitas para tirar medidas, fichas e geoplano. Monto os gráficos do tempo com 10 crianças, e de facto, estas sabem bem transpor os dados para a grelha e desenhar um gráfico de linha.

A tarde é lenta no arranque. Combinamos o esquema de trabalho até ao dia 28.

Depois temos uma leitura de textos, sabendo que já não vamos

nem trabalhar nem expor os textos lidos. Mas há bastante interesse.
No plano, os Pokémon atacam novamente. Há duas brigas entre a Cláudia e o José e uma com a Indira.

Quarta-feira, 21 de Junho

O dia promete ser mais difícil, também porque há uma manifestação de desagrado pelo facto dos alunos do 1º e do outro 2º ano irem ao Jardim Zoológico, e nós não. Decidimos uma saída ao Zoo e ao museu da ciência no próximo ano lectivo. Fazemos uma ronda de «Contar, ler e mostrar» dirigida pelo Bernardo. A Cláudia mostra os lápis que a presidente do CE ofereceu à sala, e conta que o pai volta do Norte e fica em casa até as férias, altura em que volta para "acabar a auto-estrada". O Luís sabe qual é a notícia do Bernardo, porque ele contou, e isto é o que tem para dizer no «Contar, ler e mostrar»... O Edmar esqueceu-se da sua novidade. O Adelino viu o Edmar perto do ATL, no carro do pai. A Jessica estava a brincar com uma menina, que brincava com um cão (sem coleira) A menina foi mordida na orelha (Iolanda: "Saiu bué sangue?") A Jessica sabe que levou 10 (!) pontos.
O André conta que o primo dele chega de África do Sul para passar férias e que vai à praia amanhã. A Iolanda esqueceu-se da sua novidade, mas volta depois para dizer que foi ao ATL novo, ver as coisas, mas que ainda cheira muito a tinta, e que continuam no moinho. O Bernardo vai para o Algarve, e vai para uma casa de

um primo, tomar banho na piscina dele. A Mafalda brincou às escondidas.
O problema acerca dos jogos no campeonato europeu de futebol continua a entusiasmar parte do 'auditório'.
Depois do intervalo, no 'último atelier de língua e de matemática', o trabalho já não é muito. O Bernardo ainda começa as fichas castanhas de divisão, a Cláudia recomeça pela enésima vez o teste de azul +/- e as formigas trabalham como sempre.
À tarde temos dois ensaios para o teatro. O primeiro é muito complicado, com muitas interrupções, o segundo já corre muito melhor.
No fim do dia, ainda combinamos alterar o programa de sexta-feira, porque não temos o retro-projetor, necessário para o ensaio da parte do teatro que implica sombras chinesas. Combinamos fazer plano e Conselho da parte da manhã, vemos um filme à tarde.

Sexta-feira, 23 de Junho

Um dia complicado. No «Contar, ler e mostrar» o Luís conta que a mãe deu 150 escudos e que recebeu dinheiro do amigo do pai. A Cláudia conta que os pais vão assinar o contrato do novo carro no representante da marca, hoje. A Sátia conta que a vizinha do nosso antigo aluno Fábio esteve na casa dela. O Fábio escreveu "*puta*" em todas as paredes da casa (vá lá, afinal escreve...). O André recebeu uma vacina em Linda-a-Velha. A mãe do Adilson

comprou um jogo de 4 em linha para ele. A Mafalda comeu caracóis e como gosta bué de caracóis esteve a chupá-los depressa. A Cíntia conta que a escola da irmã dela acaba hoje. Viu duas cobras perto do ATL novo, eram preto e verde.
A Iolanda também comeu caracóis. O irmão foi mais rápido. Comeu mais. Disse que talvez não vem a tarde por causa de um passeio com o ATL, mas depois apareceu, sem nós sabermos se havia ou não passeio.
A Jessica conta que foi ao Jumbo e que a tia foi para Cabo Verde, para Praia.
O plano a seguir não tem muito rendimento, a não ser para a Aida, o Luís, a Sátia, a Cláudia e a Cíntia. Os outros põem-se a desenhar Pokémon. Só arrumamos depois do intervalo.
O Conselho corre mal. A Cláudia e o Luís passam o tempo a provocar, e fazem-me perder a paciência, já no fim da reunião. Estamos no impasse com algumas queixas. Teremos que rever estratégias para o ano, mas já há um certo consenso que "queixinhas não". A intervenção da Sátia acerca da Cláudia não é muito convincente, mas muitos concordam que a Cláudia é de facto muito provocadora. Ela está furiosa quando ouve os colegas, e eu próprio, a realçarem algumas coisas menos agradáveis que ela faz. Uma decisão para vigiarmos em conjunto as provocações da Cláudia passa com dificuldade.
As outras discussões não chegam bem a serem discussões, toda a gente está interessado em despachar. Só acerca do José é que se

volta a falar com mais insistência e tem sobretudo a ver com algumas queixas da Aida. Há algumas trocas de lugar: A Cláudia com a Indira e o Luís com a Soraia. A Iolanda terá que trocar de papel no teatro por ter gozado a Aida.
À tarde, há filme. A Soraia não é capaz de se concentrar no filme, nem o Adelino, o Luís, o José e a Cláudia. Muito atentos estiveram a Jessica, a Mafalda, a Aida, a Indira, a Cíntia, o Edmar e o Rodrigo.

Segunda-feira, 26 de Junho

Uma extensa lista de «Contar, ler e mostrar» hoje. Perceberam que era a última vez, antes das férias? A Cláudia fala do pai que foi ontem outra vez para o Norte, para toda a semana. Ele foi à casa da tia que vive perto de Sintra. A Guida viu a Indira na Outurela, com o amigo dela. A prima fez 6 anos. A Cíntia sabe que houve um incêndio na Portela, foi no alto do Montijo. No meio daquilo houve roubos: roubaram as janelas da avó do Luís. Foram 6 fogos ao todo. Houve um senhor que ficou queimado, várias casas arderam. No dia 2 de Julho vai à feira popular.
A Andreia foi para a praia com uma prima. A Iolanda viu a marcha popular, no bairro. Luís foi brincar às escondidas com amigos e contou até 60. O André foi à praia de Carcavelos. A Aida conta que a irmã já dorme na cama dela, no quarto da Aida. Deixou a fralda. Esta novidade tem muitas intervenientes.
A Mafalda viu as marchas no sábado. O pai dela partiu duas garrafas. E estavam cheias...

A Indira vai à praia e quando acabar a escola, vai para um país muito longe, de avião, mas não sabe qual é. O Bernardo conta que a mãe está quase a fazer anos. O Adelino mostra os calções novos que a mãe comprou.
Adilson foi à casa dos tios, ver o Luís. O José conta que houve um foguete que caiu numa carrinha volta com novas fantasias: o avô comprou um BMW, para o casamento, um pequeno de duas portas. O Rodrigo viu o Adelino, que estava com dois rapazes.
De seguida propus fazer uma avaliação do ano de trabalho[35].
Depois deste momento, que dura até perto das onze e meia, juntamos os materiais de cada um. Muita confusão e muito barulho.
Por volta da 14 e 30 ainda fazemos um ensaio do teatro, que corre pessimamente. Obviamente.

A história de uma proposta pedagógica sócio-centrada

As notas transcritas do meu diário de bordo evidenciam um modelo pedagógico familiar aos sócios mais ativos do MEM, mas estranho às 21 crianças de 7 anos e de 8 origens diferentes, quando começo a trabalhar com elas e que entretanto dei a conhecer.
Essa abordagem permitiu a exploração do currículo do 2º ano de escolaridade, de que descrevo alguns momento nas páginas

---

[35] Ver infra.

seguintes. Não se trata evidentemente dum relato completo. Excluí também, e propositadamente, a parte mais técnica.

O que fizemos este ano

Perante a insistência dos alunos em afirmar "que não fazíamos nada", elaborámos no fim do ano lectivo uma tabela (*ver tabela 1 na página seguinte*), que representa o trabalho realizado em conjunto, ao longo desse tempo. Os planos individuais de trabalho, os registos e os planos diários ajudaram a encontrar os números referidos.

Ficamos todos, até eu, bastante impressionados com a quantidade de trabalho produzido.

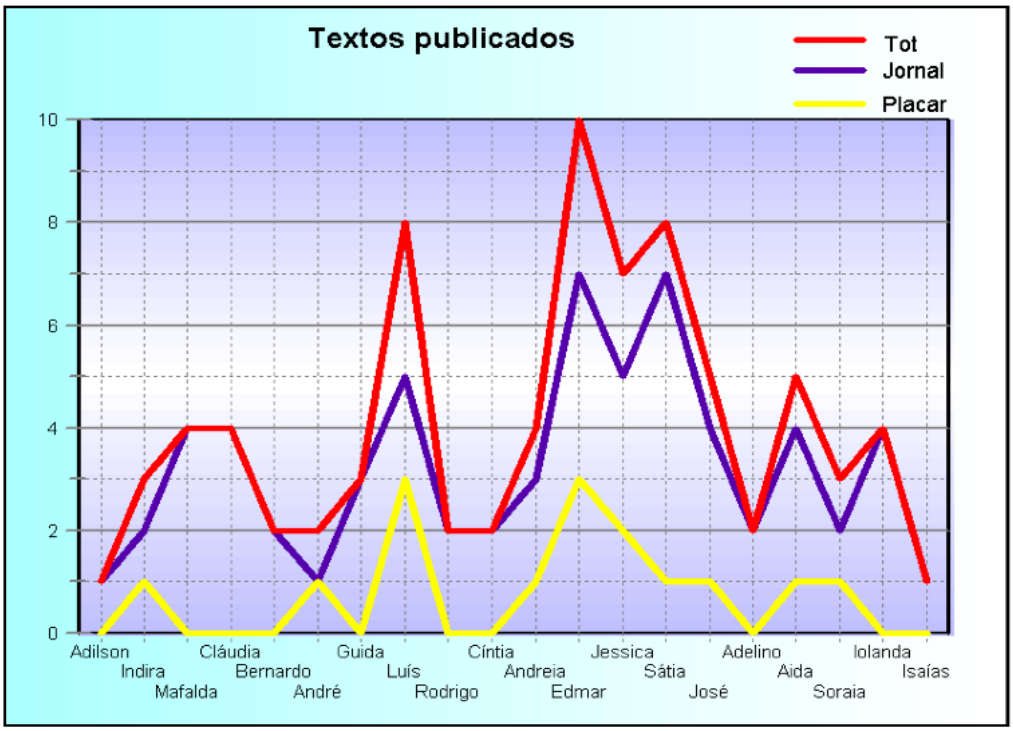
A análise desta tabela foi muito importante, porque as crianças conseguiam visualizar a quantidade de trabalho realizado, ao longo do ano. De facto, privados de manuais – referência utilizada nas comparações entre colegas do ATL –, revoltaram-se algumas vezes por acharem que "nunca trabalhávamos a sério". Ao mesmo tempo, deu para perceber melhor o que se passava no grupo, e como é que cada um se posicionava no conjunto do trabalho realizado.

			médias aproximadas arredondadas		
O que fizemos:	Total	Por aluno	por dia	por semana	aluno / semana
Reuniões de Conselho	35	35		1	
Textos livres no computador	520	26	3	15	0,74
Textos livres em papel	100	5	1	3	0,14
Textos em ateliers de escrita	300	15			0,43
Fichas de língua	2000	100	12	57	2,86
Cartas para os correspondentes	120	6			0,17
Histórias colectivos	2	2			
Jornais publicados	8	8			
Trabalho de texto em conjunto	70	4		2	
Contar novidades	1750	85	10	48	3,09
Ouvir histórias	30			1	
Inventar e representar	*250*	13	2	7	0,36
Ler um livro ou ficha da biblioteca	*1700*	85	10	49	2,43
Problemas em conjunto	65	61		2	1,86
Fichas de matemática	2200	110	13	63	3,14
Problemas individualmente	*800*	40	5	23	1,14
Trabalho individual no geoplano	*1800*	90	11	51	2,57
Projetos (estudo e investigação) pequeno grupo	23	4			
Projetos colectivos	4	4			
Intervenções para fora	13	13			
Pinturas	350	18	2	10	0,50
Desenhos	*2500*	125	14	71	3,57
					os números em itálico são estimativas

Tabela 1: O que fizemos

Um trabalho de socialização, centrado no grupo

Os jornais e o placar



Editamos ao longo do ano oito jornais e tivemos um placar ao lado da porta da sala, para expor o trabalho que quiséssemos. O gráfico *Textos publicados* dá uma ideia da distribuição dos 80 textos publicados.

Cruzando os dados com as «novidades»[36] constatámos que houve de facto quem escrevesse mais e falasse menos (Edmar), quem privilegiasse a fala à escrita (Adilson) e quem escrevesse muito e também falasse muito (Sátia).

---

[36] Ver infra *Novidades – Contar, ler e mostrar*.

A evolução da escolha e da discussão dos textos

Até meados de Novembro, tínhamos uma rotina que constituía em recolher os textos do computador e corrigi-los coletivamente na presença do autor, para os encaminhar para o jornal.

A partir de meados de Novembro, quando já me era possível questionar, sem correr o risco da criança "nunca mais fazer isso", comecei a propor textos para trabalhar em conjunto e outros para trabalhar a pares.

A partir de 22 de Fevereiro, formalizámos um pouco: numa primeira fase, todos os textos eram votados, e trabalhados segundo o resultado do voto. Todos entraram para o jornal. A partir de 16 de Março, havia demasiados textos para o jornal. Tínhamos textos até às férias da Páscoa!

Foi então que combinámos abrir um espaço no placar fora da sala para textos escolhidos e que não tinham espaço no jornal. A partir daí as escolhas de texto implicam tabelas de registo.

Tudo isso contribuiu para que as crianças conseguissem ouvir-se numa leitura de textos, com bastante atenção. O nosso recorde foi uma sessão de 18 textos, para a qual até abdicámos do recreio. É verdade que chovia naquele dia!

Novidades transformadas em «Contar, ler e mostrar»

Como se pude ler nas páginas anteriores, o relato oral foi, durante muito tempo, mais importante do que o relato escrito. Um levantamento representativo e completo de 50 dos 165 dias de

«Contar, ler e mostrar» em vários momentos do ano, serviu de base para fazer os gráficos *Quando tem novidade, fala em xº lugar*[37], que serviram de base para a discussão de balanço, com os alunos. No conjunto de perto de 600 notícias em 50 dias, houve 120 acerca de compras, consumo, trocas de carro, etc.; 161 sobre a família: nascimentos, baptizados, mortos, encontros, etc.; 160 acerca de si próprio: dentes, doenças, pequenos acontecimentos pessoais. Só 3 notícias relatam algo que aprenderam em casa; 11 são testemunhos de assaltos e roubos; ainda há 46 outras notícias, normalmente de teor violento, muitas vezes de acidentes, fogos, bombeiros, 18 falam de violência em casa.

O Conselho

Penso que os extractos do diário na primeira parte deste capítulo testemunham como procurei introduzir o Conselho e pô-lo a funcionar. Até fins de Novembro, havia muitos gritos, interrupções, às vezes bofetadas no meio das discussões. Até 3 de Dezembro, só eu utilizo a coluna «Gostámos» no diário de turma. Neste dia a Guida escreve "*Cláudia – Guida*" naquela coluna. Razão? A Cláudia emprestou-lhe um lápis. Na semana a seguir é a vez do Adelino: "*Acho bem que o Luís me ajudou.*" Só em Março as crianças começaram a escrever sistematicamente frases inteiras no diário, seguindo o meu exemplo.

Preocupei-me em não exigir a escrita cedo demais, para não

[37] Ver infra: *Um balanço...*

arriscar a recusa definitivo do diário[38]. Em Abril torna-se, por decisão do Conselho, obrigatório escrever uma frase completa que explica o assunto colocado.

Sistematizando, refiro as cinco *leis da sala* adoptadas, todas elas decididas em Conselho:

1. Andamos na sala sem correr, quando arrumamos.
2. Só sai para ir à casa de banho quem não perturba os colegas.
3. É proibido gozar com os outros.
4. Só se come dentro da sala quando há uma festa de anos.
5. Quem apalpa meninas fica sem recreio até o Conselho decidir o contrário.

A primeira lei surge no primeiro período, as duas seguintes no segundo período e duas últimas depois da Páscoa.

Além destas 'leis fundamentais' foram tomadas muitas decisões, referidas em acta e do tipo:

– As responsabilidades dadas pelo Conselho são afixadas num placar (19.12.99).

As decisões (85 ao todo) dividem-se, ao longo do ano nestes subcategorias: elaboração de leis fundamentais: 5; combinação de regras de funcionamento: 28; acordos de organização: 45; castigos: 7.

Questões consideradas menores são discutidas e resolvidas,

---

[38] Lembro-me que o Luís me disse: "Ó Pascal, escrevo no diário, mas vou dar a chapada na mesma". Até fins de Fevereiro houve muitas situações em que senti claramente que "aquilo do diário e do Conselho" era tolice do Pascal.

muitas vezes sem as pôr em acta. É o caso do 'pedir desculpa' depois de uma queixa, por exemplo.

O grupo-classe: de dentro para fora e de fora para dentro

Os estudos e projetos que realizamos este ano

Uma simples listagem dos conteúdos dos estudos, que se realizaram em pequeno grupo, mostra um aspeto menos óbvio do trabalho para a cidadania. Trata-se de pequenas pesquisas, em que são abordados alguns temas e utilizados alguns instrumentos indispensáveis para perceber e modelar o meio envolvente.
Além dum projeto de uma folha A4, com o título *Bichinhos de conta* e um trabalho nunca acabado sobre o Pai Natal, os outros trabalhos em pequeno grupo, foram:

1. **Os carros**, Luís, Adelino.
   Construção de carros, algumas marcas e algumas informações "ecológicas".
2. **As Barbies**, Sátia, Cláudia, Jessica, Cíntia.
   Como aparece a Barbie; a idade da Barbie; Porque gostamos da Barbie; Primeira tentativa de inquérito não terminado.
3. **As plantas, cuidar da Natureza**, Aida, Mafalda, Andreia.
   Circuito oxigénio - dióxido de carbono; necessidade de protecção da floresta; reciclagem de material.
4. **Os aviões**, José, Adelino, Bernardo.
   Curiosidades acerca de aviões.
5. **Os telemóveis**, Sátia, Jessica, Isaías, Soraia, Indira, Cláudia.

Como funciona um telemóvel; história da transmissão de mensagens; cultura de comunicação.

6. **Os computadores,** Bernardo, Cíntia, Iolanda, Guida, Andreia, Mafalda.
   Partes de um computador; história do computador; técnicas de cálculo; o que o computador pessoal mudou na vida das pessoas.
7. **As bicicletas**, Rodrigo, Adilson.
   O ciclista; partes da bicicleta.
8. **Os Batman**, Luís, José, Adelino, Edmar.
   Amigos e equipamento do Batman; diferenças entre o Batman e outros super-heróis.
9. **Os relógios**, Adelino e Luís.
   História do relógio; construção de um relógio de sol; organização do dia entre nós.
10. **O rádio**, Adilson, Edmar, José.
    História do rádio; porque é que utilizamos o rádio.
11. **As roupas são lindas**, Iolanda, Andreia.
    História da roupa nos últimos três séculos; modas.
12. **As máquinas fotográficas e as fotocopiadoras**, Mafalda, Aida, Bernardo, apoios: Sátia e Soraia.
    Construção de uma câmara obscura; como funcionam estas máquinas; quando foram inventadas.
13. **O livro**, Cíntia, Jessica, Guida, apoio: Sátia.
    Partes de um livro; suportes para a escrita em diferentes

épocas e culturas; Gutenberg; regras da utilização da biblioteca; invenção da escrita.

14. **Os porcos**, Rodrigo, Isaías.
    Criação do porco; o porco mealheiro
15. **O dinheiro**, Iolanda, Indira, Soraia.
    Como é feito o dinheiro; a diferença entre dinheiro falso e dinheiro verdadeiro; notas e moedas.
16. **Os candeeiros**, Guida, Jessica.
    Como funciona um candeeiro; construção de um circuito eléctrico; inquérito "Quem tem candeeiro no quarto?" e tratamento destes dados.
17. **A Páscoa é para todos**, Cíntia, Rodrigo, André.
    A história do coelho da Páscoa; os ovos da Páscoa; a religião cristã e Jesus.
18. **A Máquina de lavar roupa**, Aida, Cláudia, Andreia, Mafalda.
    História da máquina; inquérito "quem tem máquina de lavar na escola?" e tratamento de dados; construção de uma maqueta de uma máquina de lavar.
19. **Perucas**, Sátia.
    Como são feitas; quem as utiliza; uma história.
20. **Desportos radicais**, José, Adilson, Sandro (numa sessão).
    Desportos da água, da terra e do ar.
21. **Futebol**, Luís, Adelino, Isaías, Edmar, Bernardo.
    História do futebol; organização das equipas; táctica.
22. **O bairro**, Todos.

Informações sobre o comércio local.

23. **Os políticos**, **A estrada** e **A Suíça.**

Foram participados por todos, e vêm relatados a seguir.

Cartas!

Ao longo do ano escrevemos 16 cartas por causa do nosso trabalho na escola e na sala. Fartos de não recebermos resposta da Câmara de Oeiras, elaborámos uma lista, no dia 22 de Maio, para ver de quem tivemos resposta ou não. O saldo foi positivo: em 16 cartas obtivemos 11 respostas.

Todas as cartas tinham um objectivo bem preciso. Seguem alguns exemplos.

I

Como já contei, temos na sala um pequeno puzzle com 12 peças, que são colocadas em função de doze perguntas. Chama-se LOCO, é editado na Bélgica, e sempre o usei na sala. Em Portugal, só aproveito os exercícios de matemática e, em geral, os alunos adoram. É mais uma ajuda para o indispensável e necessário treino do cálculo. Mas 2 jogos para vinte pessoas é pouco. Encomendei mais dois.

A seguir à Páscoa, mostro as novas aquisições e explico que o meu pai, que os trouxe, os ofereceu. Todos ficam muito contentes com esta notícia, já que, como sempre, a turma está com pouco dinheiro. O Bernardo, que já tinha proposto trocar a responsabilidade "jogos" com o Luís (responsável pelo

computador), quer ainda escrever a cartinha para agradecer:

Olá Bob,

Obrigado por nos ter trazido os loco's.
Bernardo

Junto com a carta vão alguns desenhos do Adelino e do Bernardo. E recebemos:

Oostende, 11 de Maio 2000

Aos alunos do segundo ano,
Estou muito contente com a vossa mensagem e os desenhos.
Alegro-me da vossa amizade.

Um abraço,

Bob

Esta carta cruza-se com outra carta, do José, acompanhado de desenhos do Luís:

Bob, obrigado por teres dado os Loco's.
Eu sei que tu vieste passar férias da Páscoa
E depois voltaste para a Bélgica.
Beijinhos, espero que voltes mais.

José 08.05.00.

E no dia 30 de Maio de 2000 recebemos:

Caros amigos,
Recebi a segunda remessa.
Eu também espero voltar ainda muitas vezes a Portugal.
Gosto muito dos desenhos e da história dos três porquinhos.

Tive algumas dificuldades para ler o texto: não conheço bem a vossa língua e não consigo ler algumas palavras ou letras.
O postal incluído mostra vistas da cidade onde moro.
Um abraço,

Bob

II

A Assunção, que esteve connosco na primeira sexta-feira de Fevereiro, para conhecer a turma e ver como trabalhamos, explicou durante o «Contar, ler e mostrar» que está interessada em ver alguns aspetos da organização da sala e da utilização do computador neste contexto de trabalho. Passou todo o dia connosco e participou nas actividades planeadas para aquele dia[39]. Alguns dias depois, recebemos esta carta:

Évora, 7 de Fevereiro de 2000

Queridos amigos Pascal e seus alunos
Venho em 1º lugar agradecer-vos pelo excelente dia que passei na vossa escola e mais concretamente na vossa sala!
Foram todos muito simpáticos comigo. Foi um prazer vê-los trabalhar tão bem.
Gostei muito de ver a forma como todos combinam e discutem os assuntos, resolvendo os problemas falando e ajudando-se uns aos outros.
Se não for abusar da vossa simpatia, gostava de poder voltar um outro dia e filmar com uma câmara de vídeo o vosso trabalho na sala.

[39]Ver supra.

Fiquei também muito interessada nos trabalhos com o computador e gostava de poder mostrar a uns amigos meus a forma como se trabalha na vossa sala. Proponho voltar à vossa sala no dia 22 de Fevereiro. O que vos parece?

Fico a aguardar uma resposta, um beijinho para todos da vossa amiga,

Assunção

Combinamos que a Jessica responderá à carta, o que ela fez no dia 15 de Fevereiro:

Assunção,

Podes vir filmar à nossa sala no dia 22.
Com muita alegria.
Beijinho de nós todos...
Assina a Jessica que fez...

Muito obrigada pela carta que mandaste...

No dia 22, a turma estava um pouco agitada, por causa daquela câmara enorme com que a Assunção circulava. Mas pouco a pouco, esqueceram-se que alguém estava a filmar.

III

Quando as alunas do grupo «dinheiro» começam o trabalho, coloca se a questão: *"Onde é que vamos encontrar respostas para as perguntas que os colegas nos fizeram"*. Estamos na biblioteca da escola, quando pergunto onde pensam que podem procurar.
A Iolanda olha um pouco desesperada para todos aqueles livros à volta e diz:

- Nos livros...
- Achas que vai ser fácil?
- Não.
- Porque não?
- Porque as três não lemos muito bem, e depois os livros não falam bem destas perguntas.
- Então o que propõem?
- Escrever?
- ?
- Sim. Escrever.
- Está bem. Mas para escrever tens que saber o que queres escrever. Quem te pode ajudar, quando se trata de dinheiro?
- O Banco. Ah! Podemos escrever uma carta, como fizemos com os políticos.
- Muito bem. Então, talvez têm que combinar o que querem escrever.

Combinam entre as três o que vão perguntar. A Iolanda e a Indira passam a carta no computador. A Soraia começa a ver livros, 'para saber do dinheiro de há muito tempo'. No momento de trabalho em projetos a seguir, sai:

> *Olá,*
>
> *Somos Iolanda, Indira e Soraia.*
> *Temos 7 e 8 anos e estamos no 2º ano, da turma do professor Pascal.*
> *Estamos a fazer um projeto sobre dinheiro.*

Gostávamos de saber:

- Como vêem quando o dinheiro é falso,

- Alguém já deu dinheiro falso,

- Onde se faz o dinheiro.

Adeus e obrigado.

Uma semana depois, temos uma resposta bem simpática que servirá de base para todo o projeto. Enquanto estamos num atelier de língua a Indira ainda escreve:

Obrigado por nos contar estas coisas para o nosso projeto.
Depois mandamos uma cópia.

Obrigado.

A cópia será entregue, junto com a original 'para ver' duas semanas depois de terem apresentado o trabalho na sala.

IV

Já no final do ano, abdicamos de um momento de treino de língua, porque temos um assunto mais urgente para tratar. Contei que a revista *Rua Sésamo* vai acabar, porque, como escrevem no editorial do número de Junho de 2000, não há dinheiro para a continuar.

Ficaram chocados. "Logo no dia da criança," disse a Cláudia. Desde que comecei a comprar a Rua Sésamo para a sala, devoram aquela revista. Decidiram logo escrever uma carta. Mas como sempre, a pergunta é: *Escrever a quem?*

Sugeri que escrevêssemos a Maria Emília Brederode Santos que foi a primeira directora da revista.

A carta sai em três tempos:

> *Olá amiga,*
>
> *Somos os meninos e as meninas da escola da Outurela e Portela. Somos alunos do professor Pascal. Nós estamos muito tristes porque a "Rua Sésamo" vai acabar, isto porque nós costumávamos comprar a revista. Podes fazer alguma coisa para a "Rua Sésamo" não acabar?*
>
> *Foi o nosso professor que contou que a Maria já foi directora da revista.*
>
> *Um beijinho e um abraço.*

E o correio da tarde leva já a carta. Recebemos um postal da Maria Emília, já depois de acabar as aulas, sugerindo pormos mão à obra para nós próprios fazermos uma revista.

V

Quando os alunos fizeram o levantamento das cartas enviadas e recebidas, consideraram as cartas coletivas dos correspondentes como sendo uma única missiva. Facilitava as contas, e como o Luís disse "*deles sempre recebemos respostas*".

Mesmo assim, não me parece que a correspondência interescolar foi tão importante como para outras turmas com que já trabalhei. Depois da terceira troca, comecei a notar uma certa falta de entusiasmo por parte dos nossos correspondentes para quem os meus alunos devem ter sido parceiros difíceis. Pelo outro lado, tenho a impressão que alguns dos meus alunos ficaram na sua fome: os colegas foram acampar sem nós, adiaram duas vezes os

encontros e não fomos passar nenhum dia na praia com eles, como tínhamos combinado, porque eles estavam muito ocupados com o projeto acerca do acampamento deles e não tinham tempo para nós[40].

Setembro – Novembro: os políticos

23.09.99

Quando colo as fotografias de representantes políticos no quadro, as crianças reconhecem logo Jorge Sampaio, António Guterres, Paulo Portas e Carlos Carvalhas. Não conhecem nem Durão Barroso (mas conhecem o nome PSD) nem Francisco Lousã (nem o Bloco de Esquerda).

São homens que aparecem na televisão e nos cartazes na rua. Quem são? Não são vendedores nem artistas. Eles trabalham muito na televisão ou numa casa grande. Mas quem são eles? Espera: o Luís lembra-se: são políticos.

Políticos? Sim. Mas o que fazem? Surge este pequeno levantamento numa folha de papel de cenário:

Pensamos que os políticos:

- pensam e "puxam pela cabeça";
- trabalham;
- viajam;

---

[40] Esta primeira experiência frustrante foi compensada pelo êxito de dois anos de correspondência internacional, com uma turma de Lovaina, nos anos letivos a seguir e que conhecemos pessoalmente em Maio de 2002 durante uma visita... na Bélgica.

- protegem as pessoas.
- Pensamos que trabalham:
  - na SIC;
  - numa casa muito grande;
  - no escritório.

Proponho escrever-lhes, para saber se as nossas hipóteses condizem com a realidade.

29.09.99

Necessitamos da tarde toda para conseguirmos formular as perguntas que queremos fazer aos políticos. Tive de interromper várias vezes o trabalho por causa de conflitos que explodem e que tenho que encaminhar para o diário, com muita calma e muito tacto.

No fim, o texto, no papel de cenário, resume-se a:

O que queremos perguntar aos políticos:

– *Como fazem todo o trabalho?*
– *Porque são políticos?*
– *Porque trabalham na SIC?*
– *Recebem muito no fim do mês?*
– *Como conseguiram este trabalho?*
– *Onde trabalham?*

30.09.99

Fizemos um gráfico com as sondagens publicadas num jornal: em cada 100, pensa-se que os votos serão distribuídos assim:

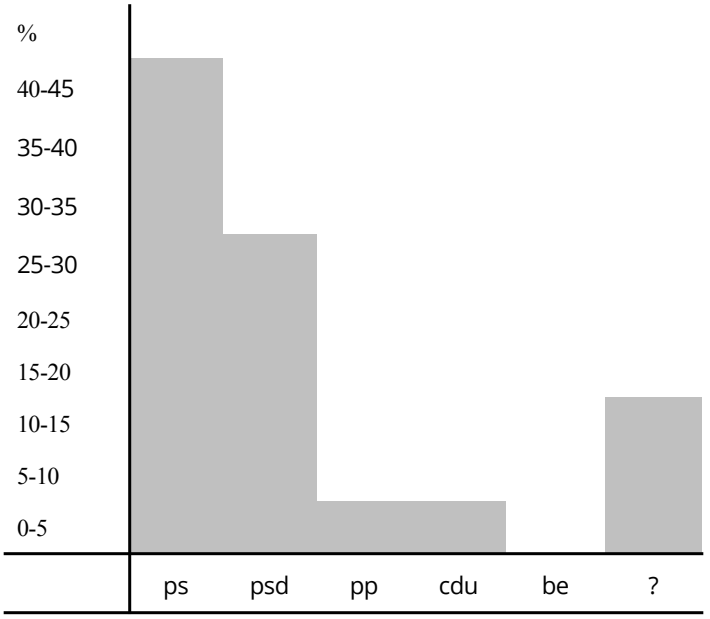


Tabela 2: Simulação de um gráfico

Percebemos:

O PS vai muito à frente; o PSD e o PS são os grandes; mesmo se todos os indecisos votassem no mesmo pequeno partido, ele não ganha aos grandes; isto é só o que os jornalistas pensam.

06.10.99

Mandamos uma carta para os partidos dos quais encontrámos o endereço: PS, PSD, PCP, PP, BE e MPT.

> *Olá senhores políticos,*
>
> *Somos alunos da Escola de Outurela e Portela.*
> *Juntamos perguntas.*
> *Podem mandar as vossas respostas?*
> *Adeus, um abraço e obrigado.*
> *A turma 2º C.*

As nossas perguntas:

- *Como fazem todo o vosso trabalho?*
- *Porque são políticos?*
- *Porque trabalham na SIC?*
- *Recebem muito no fim do mês?*
- *Como conseguiram este trabalho?*
- *Onde trabalham?*

A carta foi acompanhada por um escrito meu.

14.10.99

Como a nossa sala serviu de secção de voto, encontrámos, no dia a seguir às eleições, os resultados desta secção na porta. Com os resultados publicados no dia 13 no jornal, construímos o seguinte quadro, com a menção "em cada 100 pessoas" e comparamos:

Resultados	os jornalistas pensaram	os votos na nossa sala	os votos no país
P.S.	42	50	44
P.S.D.	29	12	32
C.D.U.	5	26	9
P.P.	6	4	8
B.E.	2	1	2
Outros	—	5	1
Indecisos	15	—	—
	(Expresso)	(sala)	(Público)

Tabela 3: Resultados

Descobrimos:

- Na nossa sala o P.S. teve mais 6 votos (em 100) do que no país;
- Na nossa sala o 2º partido foi a CDU, no país não;
- Na nossa sala o PP teve menos votos (em cada 100) do que no país.

No dia 18, recebemos a resposta do PCP.

Recebemos mais uma resposta, no dia 12 de Novembro, desta vez do Bloco de Esquerda. A carta é de mais fácil acesso, porque é curta e concisa. Tinha este parágrafo que se revelará importante:

> *[...] Quando perguntam porque somos políticos, a nossa resposta é que somos políticos porque vivemos em sociedade, junto com outras pessoas, e por isso tentamos melhorar as coisas para todos. É por isso que, se calhar, todos temos que ser políticos e tentar mudar o que achamos que está mal. Se achares que alguma coisa não está bem na tua escola e tentares mudar, isso que estás a fazer já é política, porque política não é só o que se passa na televisão. [...]*

Decidimos não esperar mais tempo por outras cartas, e fizemos uma montagem com as nossas perguntas e as respostas obtidas destes dois partidos:

1. Como fazem o vosso trabalho?

   PC: O nosso trabalho é voluntário. Fazemo-lo porque gostamos de o fazer.

   BE: Tentamos de mudar o que está mal.

2. Porque são políticos?

   PC: Todas as pessoas são políticos. Os partidos juntam pessoas

que pensam mais ou menos da mesma maneira sobre as coisas.

BE: Somos políticos porque vivemos em grupo: a sociedade.

3. Porque trabalham na SIC?

   PC: Os políticos não trabalham na SIC. São convidados de vez em quando para falar sobre o que acontece no país.

   BE: A política não é só televisão.

4. Recebem muito no fim do mês?

   PC: Não. Muitas vezes pomos dinheiro do nosso bolso[41].

5. Como conseguem este trabalho?

   PC: Ajudamos as pessoas no bairro onde vivemos. Quando são muitos podem votar para nós.

6. Onde trabalham?

   PC: Alguns trabalham como empregados no partido. Outros têm os seus trabalhos e fazem política nos tempos livres.

   BE: Trabalhamos em todo lado, junto das outras pessoas.

Este trabalho servira de alavanca para outros trabalhos no mesmo ano e para escrever aos candidatos à presidência em 2000. Recebemos rapidamente uma resposta – escrita a mão! – de Joaquim Ferreira do Amaral e de António Abreu.

Dezembro – Janeiro: a Suíça

Uma notícia publicada no Expresso em Dezembro de 1999, acerca

---

41 Uma resposta que os meus alunos não percebiam. Estavam a pensar no trabalho político de deputados e ministros, remunerados para tal.

de alunos estrangeiros recusados na escola, desencadeia uma discussão acesa.

Introduzo o tema na manhã de segunda-feira, 13 de Dezembro, dizendo:

- Imaginem que a diretora entra na sala e diz: os meninos cabo-verdianos tem todos que sair da sala, os portugueses podem ficar. Os ciganos vão para outra sala e o menino guineense também. O professor belga pode ir-se embora.

Vários: Ela não pode fazer isto!

Eu: Mas é isto que está a acontecer na Suíça: vejam o artigo que trouxe. (Leio parte do artigo).
O que podemos fazer?

Guida: Escrevemos ao Presidente da República.

Eu: Ele não tem muito a ver com isso, mas está bem, podemos escrever.

Sátia: Escrevemos aos políticos.

José: Mas eles são portugueses, e isso é onde Pascal?

Eu: Na Suíça.

Iolanda: Na Suíça? A minha tia vive lá.

Bernardo: É preciso escrever aos políticos suíços.

Eu: Mas como?

Sátia: Quando eu vou para Cabo Verde, vou buscar um papel numa casa que é um escritório e que é de Cabo Verde.

Luís: Já sei. Isto chama-se... (pensa muito tempo)... Já não me lembro!

Eu: Queres dizer embaixada?

Luís: É isso, é isso que o Pascal disse.

Sátia: Também há uma casa assim da Suíça, Pascal?

Eu: Penso que sim, vou procurar.

Depois das férias de Natal, retomamos a ideia de mandar uma carta. Aviso que encontrei o endereço da embaixada (o que é mais fácil do que encontrar os endereços de alguns partidos políticos portugueses...) e no dia 11 de Janeiro, combinamos:

Eu: O que escrevemos na nossa carta?

Isaías: Acho mal que façam isso aos meninos.

Mafalda: Eu também acho mal.

Iolanda: Parece que querem mandá-los para a terra deles!

Cláudia: Têm o direito de ir à escola, porque os outros não são mais do que os outros só por serem suíços.

Luís: Aqui não é assim porque não somos egoístas.

Depois desta pequena discussão, elaboramos a seguinte carta:

Carnaxide, 11 de Janeiro de 2000

Excelentíssimos Senhores,

O nosso professor leu-nos um artigo do jornal que dizia que há uma cidade na Suíça (Rorschach) onde os meninos da escola primária que não são suíços não podem estar nas mesmas salas que os meninos suíços.

Nós temos uma turma com alunos cabo-verdianos, portugueses, ciganos e guineenses e o nosso professor é belga. E não temos problemas com isso.

Achamos mal que façam isto aos meninos. Parece que querem que vão para a terra deles.

Achamos que eles têm o direito de ir à escola que quiserem e achamos que os outros não têm mais direitos por serem suíços.

Estamos contentes que aqui, na nossa escola não é assim, talvez porque somos menos egoístas.

Mandamos esta carta para o Presidente e para a Embaixada da Suíça para dizer que isto está mal.

Um beijinho de nós todos.

Dia 10 de Fevereiro, recebemos uma resposta da Embaixada da Suíça, em francês, com bastante informação acerca da Suíça e com uma explicação porque é que às vezes são tomadas decisões inconstitucionais.

Fiz um pequeno apanhado da documentação enviada fiz um apanhado que fica exposta na sala no dia 16 de Fevereiro.

Resposta à nossa carta à embaixada da Suíça.

Para perceber a resposta:

Na Suíça, não há um ministro de Educação como em Portugal.

A Suíça tem três partes diferentes, com três línguas diferentes.

Cada parte do país organiza a escola como entender.

Só tem que respeitar algumas regras gerais:

Estas regras estão na lei mais importante: a Constituição.

As pessoas podem tomar decisões em Reuniões de Conselho.

Estes Conselhos são da cidade ou da região onde vivem.

Às vezes, tomam decisões que não estão de acordo com a Constituição.

Foi o que aconteceu agora.

A carta:

Caros alunos da Turma 2C,

Recebi a vossa carta. Agradeço muito.

Penso que é muito mau existir turmas separadas para crianças estrangeiras e suíças em Rorschach e em Luzerna.

O Conselho Federal (o nosso governo) já escreveu que isso é ilegal, em resposta a uma pergunta de uma deputada do parlamento suíço.

Junto o texto com as perguntas e as respostas.

Com os meus melhores cumprimentos,

O representante do embaixador suíço,

B.L.

As perguntas e as respostas

Pergunta:

1. *É constitucional?*
2. *Respeita o acordo sobre o direito da criança de não ser descriminada?*
3. *Respeita a Educação para 'sociedade livre, com compreensão, paz, tolerância e amizade entre os povos e grupos étnicos'?*

4. *Não há um acordo internacional que estabelece que a educação não sofre discriminação a partir da língua, religião, origem, etc."?*

[...]

Resposta

O Conselho não concorda com salas separadas para crianças estrangeiras. Pensa que pode ser útil organizar durante algum tempo aulas de língua para os meninos que não a conhecem bem a aprender melhor.

1. *A escola não pode ser fechada para ninguém.*
2. *Fazer salas separadas é ilegal.*
3. *Não respeita o acordo sobre o direito da criança.*
4. *O Conselho acha que criar sala separadas não facilita a tolerância.*
5. *Há este acordo e fazer salas separadas não respeita este acordo.*

[...]

Este apanhado levou-nos a discutir bastante os conceitos de legal, ilegal, tolerância e intolerância, nacionalidade, a partir de uma comparação simples para uma melhor percepção:

Luís: Legal é os que têm papéis.

Guida: Legal quer dizer bom (*Legal em Brasileiro?*)

Cláudia: Há legais que são maus também.

Eu: Ás vezes, não é fácil obter papéis.

Isaías: É? Os maus não têm papel?

Eu: Às vezes depende das leis do país se alguém pode obter papéis ou não. Como há diferenças para a organização da escola, pode haver outras diferenças. Por isso, pode ser mais fácil ir trabalhar num país do que noutro.

Edmar: A Câmara nunca mais responde[42].

Cláudia: Mais vale escrever para a Suíça do que para a Câmara.

Quando, algumas semanas depois, a SIC mostra a reintegração duma criança numa escola de onde tinha sido retirado, os meus alunos quase consideram que foi por causa da carta deles. A Suíça é novamente centro das atenções. E há mais alguns alunos que constatam que de Oeiras "ninguém nos liga".

Durante os próximos dois anos continuámos a corresponder com o conselheiro acerca de novos problemas que surgiram — em Portugal desta vez — enviando-lhe algumas das nossas realizações.

Dezembro – Abril: A estrada da Portela

No início de Dezembro lemos, em conjunto, as cartas que os políticos nos mandaram em resposta às nossas perguntas.

Eu: Na carta do Bloco de Esquerda está escrito que se algo está mal na escola e tentamos alterar, isto já é fazer política.

Bernardo: Então as crianças também são políticos?

Eu: Acho que sim.

Cláudia: Quando fazemos a nossa reunião, estamos a fazer política.

---

42 Ver a seguir.

Luís: Sim. Isto é política.

Eu: Então e o que está mal dentro ou a volta da escola?

Vários: A estrada, a estrada.

Eu: O quê na estrada?

Jessica: A curva.

Aida: Para a Portela não há passeio para os peões.

Eu: Poderíamos fazer um levantamento, como as meninas do projeto sobre as Barbies fizeram para os brinquedos, para saber quem anda pela estrada para casa e para a escola e quantos carros passam por aí.

Mafalda: E depois Pascal?

Eu: Sim, e depois?

Edmar: Depois podemos mandar uma carta para os políticos para ver se nos ajudam.

Começamos por fazer um levantamento nas turmas da escola. Para tal, elaboramos uma carta, que os alunos levarão às turmas, durante os momentos de plano. Ela tem este aspeto:

> *Olá. Estamos a fazer um inquérito para tentar convencer os políticos da Câmara Municipal de Oeiras a proteger melhor os peões na Estrada da Portela. Agradecemos a vossa colaboração.*
>
> *Sala n.º:*

Alunos que vão e vêm da Portela

Horas	8:00	8:30	9:00	12:15	12:45	13:15	15:00	18:00	outra
de 6 anos									
de 7 anos									
de 8 anos									
de 9 anos									
de 10									
> de 10									

Alunos que vão e vêm da Outurela

Horas	8:00	8:30	9:00	12:15	12:45	13:15	15:00	18:00	outra
de 6 anos									
de 7 anos									
de 8 anos									
de 9 anos									
de 10									
> de 10									

As crianças correm a escola toda para recolher os dados. Depois de alguns dias estamos em condições para juntar os resultados, após complicados cálculos, sempre com o Pai Natal à espreita. Nós tratamos dos dados para a Portela.

A contagem de alunos para Outurela fica por conta da outra turma de 2º ano e agradecemos a vinda do resultado, numa grelha parecida, já na última semana de Dezembro.

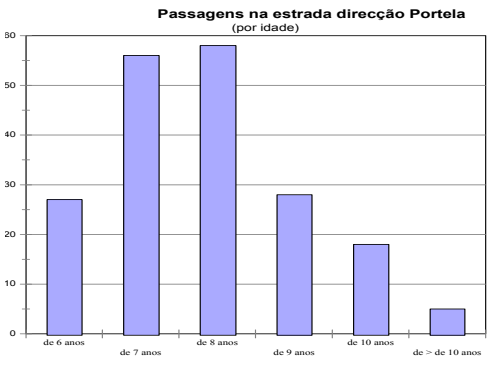
Numero de alunos que vão e vêm a pé para e de Portela

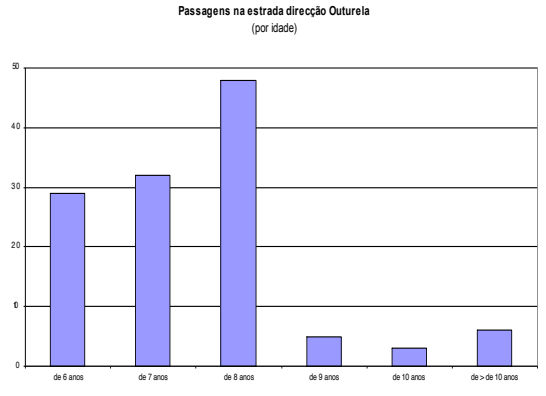
Horas	8:00	8:30	9:00	12:15	12:45	13:15	15:00	18:00	**Total**
de 6 anos			14	3		1	9		**27**
de 7 anos		1	18	10		10	17		**56**
de 8 anos		8	19	2		10	19		**58**
de 9 anos			1	1		13	1	12	**28**
de 10						12		6	**18**
> de 10						3		2	**5**
TOTAL	**0**	**9**	**52**	**16**	**0**	**49**	**46**	**20**	**192**

Tabela 4: Contas feitas pela nossa turma

Ficamo-nos pelas contagens. O Pai Natal torna-se insuportável e anda a desviar sistematicamente os alunos do trabalho, envolvendo-os em festas, festinhas, jogos, joguinhos. As crianças ficam apanhados na festa do consumo e a excitação gera ainda mais conflitos do que os habituais. Por isso tudo, decido continuar o trabalho, só depois das férias.

No início de Janeiro temos tempo para analisar os dados, que apresento em dois gráficos, elaborados a partir das contagens feitas:





Estes gráficos dão início a seguinte conversa:

Eu: Qual é a vossa impressão? Há mais meninos que vão para a Portela ou para a Outurela?

Guida: Mais para a Portela.

Eu: Porquê?

Cláudia: Porque são mais meninos.

Bernardo: Porque são mais estacas.

Eu: De que idade é que há mais alunos para ir para Portela?

Faço uma ronda pela sala e verifico que souberam ler o gráfico e descobrir o grupo etário (8 anos) em questão.

Eu: E qual é a idade menos frequente?

Sátia: 10 anos

Mafalda: Não, mais de 10 anos.

Eu: Qual é grupo com maior diferença entre os de Portela e os de Outurela?

Luís: Os de 9 anos.

Eu: Quantos meninos de 8 anos vão a Portela?

Faço nova ronda na sala. As opiniões dividem-se.

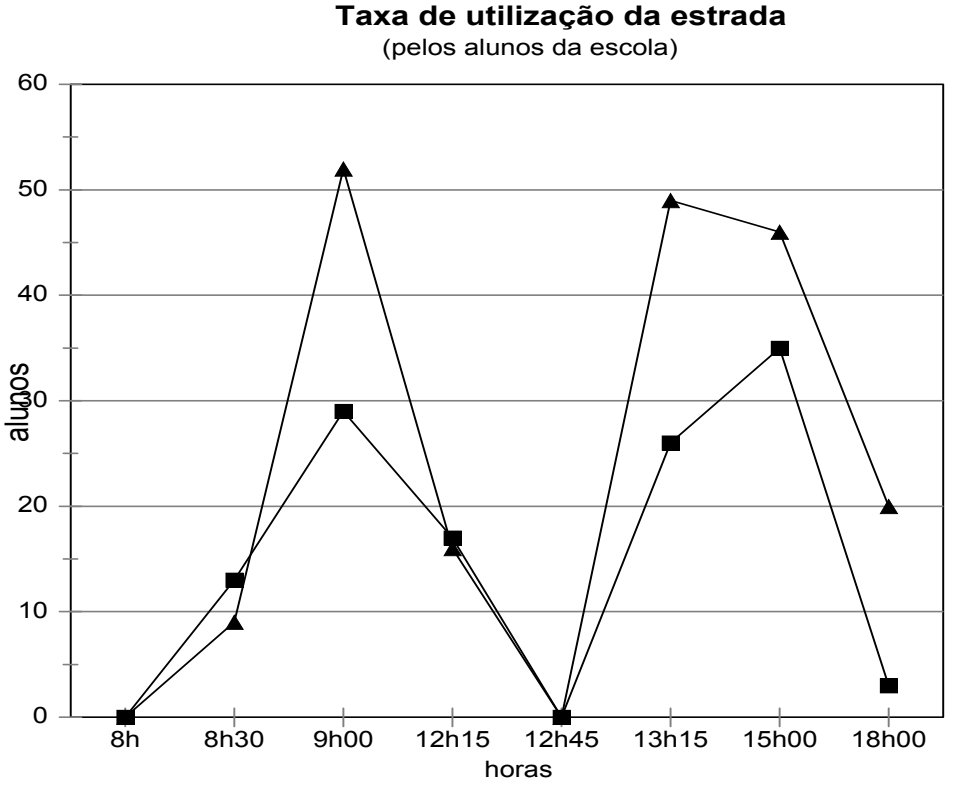
Muitos propõem 11.

Aponto para o eixo vertical.

Agora as respostas variam 11, 55, 56, 60.

A Sátia propõe “entre 55 e 60 alunos”.

Apresento o outro gráfico:



A Aida diz logo: o triângulo é Portela, o rectângulo é Outurela.

Pergunto a que horas há mais meninos a ir para a escola: a conclusão é unânime, com excepção do Edmar: às nove.
Edmar acha que às 9 e às 15 deve ser mais ou menos a mesma coisa. Leva algum tempo a perceber que às 15 os alunos saem da escola, não vão para a escola.

Mas fica claro quais são os três momentos com mais alunos na estrada.Combinamos contar carros no dia seguinte, nestas horas: 8:45-9:00, 13:00-13:15 e 14:45-15:00.

Preparamos uma folha de contagem para os alunos poderem

anotar as passagens.

Quarta-feira, 19 de Janeiro, à entrada contamos carros durante um quarto de hora, acompanhados pela atenção do agente de polícia da equipa “escola segura”.

Começamos os trabalhos da tarde com mais um quarto de hora de contagem de carros, o que desestabiliza um pouco a entrada dos alunos do regime duplo.

Direção Portela	***15 m***	***P/m***	***Dir. Outurela***	***15 m***	***P/m***	***Estrada***	***15 m***	***P/m***
08:45 — 09:00								
carros/carrinhas	75	5,0	carros/carrinhas	49	3,2	carros/carrinhas	124	8,3
autocarros	1	0,1	autocarros	10	0,6	autocarros	11	0,7
camiões	3	0,2	camiões	12	0,8	camiões	14	0,9
motas	3	0,2	motas	0	0,0	motas	3	0,2
total	***82***	***5,5***	***total***	***70***	***4,6***	***total***	***152***	***10,1***
13:00 — 13:15								
carros/carrinhas	45	3,0	carros/carrinhas	47	3,2	carros/carrinhas	91	6,1
autocarros	4	0,2	autocarros	14	1,0	autocarros	18	1,2
camiões	5	0,3	camiões	2	0,1	camiões	7	0,5
motas	0	0,0	motas	0	0,0	motas	0	0,0
total	***53***	***3,5***	***total***	***63***	***4,2***	***total***	***116***	***7,7***
14:45 — 15:00								
carros/carrinhas	42	2,8	carros/carrinhas	45	3,0	carros/carrinhas	87	5,8
autocarros	3	0,2	autocarros	3	0,2	autocarros	6	0,4
camiões	3	0,2	camiões	8	0,5	camiões	11	0,7
motas	0	0,0	motas	1	0,1	motas	1	0,1
total	***49***	***3,3***	***total***	***56***	***3,7***	***total***	***105***	***7,0***

Tabela 5: Resultado de levantamento frequência de trânsito na estrada da Portela 19.01. 2000

No fim do dia, voltamos a contar, e agora são alguns funcionários de um dos ATL a estranhar. Vêm perguntar o que estamos a fazer,

e aproveitam para me lembrar que até agora não mandei trabalho de casa e que assim, não sabem o que têm que fazer com os alunos...

Preparo com dois alunos a tabela de frequência no computador (*ver tabela 5 na página anterior*) para mais tarde gerar mais uns gráficos.

Mostramos tudo aos outros e peço comentários.

Os alunos não têm grandes dificuldades em ler a tabela de frequência: muitos lêem em voz alta os valores respectivos às várias horas e direcções.

Quando analisamos um pouco melhor, surge logo:

Guida: O que mais passa são carros.

Cláudia: Às vezes há mais camiões do que autocarros, às vezes é ao contrário.

Luís: De manhã há mais carros da Portela.

Bernardo: Contámos muitos carros!
A minha mãe vinha numa camioneta e viu-me na rua.

Adilson: Às vezes vinham dois carros ao mesmo tempo.

Eu: De manhã são 10 carros, ou melhor, 10 veículos por minuto. Se levam 5 minutos a virem na estrada, cruzam muitos carros.

Guida: Puxa! São muitos sim!

Eu: Então quantos são?

Grande silêncio.

Depois a Guida, Luís e a Jessica, mais ou menos ao mesmo

momento: 50!

Luís: À tarde são menos.

Eu: Sim, à tarde são uns 35, se levam 5 minutos para irem para casa.

Lembram-se porque começámos com isso tudo?

Guida (entre dentes): Por causa dos políticos.

Eu: Sim, por causa de uma coisa que disseram.

Bernardo: Que todos somos políticos.

Eu: Exacto. E então apontámos a estrada como algo que está mal na nossa escola. E agora?

Olham todos para mim.

Eu: Então, o que vamos fazer?

Cláudia: Ir buscar o meu bolo. (Ela faz anos neste dia.)

Eu: Isso é logo. Antes disso, o que vamos fazer com este trabalho todo.

Edmar: Escrever.

Eu: A quem?

Edmar e Luís: Ao presidente.

Eu: Sim, mas desta vez ao presidente da Câmara.

Voltamos ao assunto no dia 27 de Janeiro; o trabalho arranca dificilmente, porque a Indira insultou o polícia à porta da escola, provocando uma disputa entre ambos que continua no corredor.

Lembramo-nos novamente o porquê do trabalho.

Edmar: A estrada é perigosa.

Jessica: Foi por causa da curva.

Cláudia: E dos carros.

Eu: Mas porque é que começámos.

Luís: Para escrever ao presidente…

Eu: … da câmara, sim. Mas como é que começámos. Quem é que nos deu a ideia?

Aida: Ah! Da carta dos políticos.

Eu: Exato! O que disseram que até o Bernardo ficou muito espantado?

Luís: Que todos nos somos políticos.

Eu: Não te lembras Bernardo, que perguntaste: nós também? E o que descobrimos?

Cláudia: Que de manhã há 55 crianças que vêm da Portela.

Soraia: Que há muitos carros.

Jessica: Que encontrámos 50 carros no caminho.

Eu: Pois. Há 10 carros por minuto de manhã. A tarde há 7. Em cinco minutos, quantos carros é que cruzamos?

Jessica: Então é isso: 50 carros!

Cláudia: Mas à tarde são menos.

Deixamos a discussão por aí, os colegas da outra turma encarregam-se de dar sugestões. Depois juntaremos os elementos.

No fim, proponho às duas turmas a seguinte carta à qual anexamos os gráficos que fizemos com pequenos comentários.

A nossa parte está tratada. Mandamos a carta assinada pelas duas turmas envolvidas. Será que teremos uma resposta?

:

Câmara Municipal de Oeiras
Departamentos de Educação e de Obras Públicas
Largo Marquês de Pombal
2780 Oeiras

Carnaxide, 4 de Fevereiro de 2000

Olá,

Há algum tempo atrás – quando foram as eleições – uns políticos disseram-nos que tentar mudar algo que está mal é fazer política e que assim toda a gente é político, mesmo as crianças.
Por isso, fizemos um trabalho sobre a estrada frente à nossa escola. Ela é muito perigosa e queremos pedir aos senhores da Câmara para nos dar mais segurança.
Descobrimos que 315 crianças da nossa escola vêm todos os dias pela estrada de Portela ou de Outurela.
Descobrimos que no dia que contámos os carros, passaram 10 carros por minuto de manhã e 7 por minuto à tarde.
Descobrimos que quem leva 5 minutos para ir pela estrada para escola, cruza 50 carros!
A parte mais perigosa é aquela curva na estrada, que nem passeio tem. Os carros vêm muitas vezes com muita velocidade. Isso não pudemos medir, mas acreditem que é verdade!
Já pensamos o que se poderia fazer: construir passeios (não há numa grande parte da estrada), fazer uma estrada mais larga, pôr semáforos, pôr lombas, pôr mais sinais de trânsito.

Juntamos à nossa carta os gráficos que o computador fez a partir das nossas contas.

Esperamos a vossa resposta!

Um beijinho de nós todos.

Sem resposta...

A gazeta Urban n.º 11, de Abril, chega à escola depois das férias da Páscoa. Além de um editorial bem bonito do presidente da Câmara, acerca das mudanças que se estão a realizar na Outurela, vem uma página A4 "Notícias da escola EB 1 da Outurela – Portela", focando o plano de atividades, com imagens duma exposição conjunta, na biblioteca da escola.

Mostro aos alunos, que não estão muito interessados. Só Luís diz que nunca mais escreveram da Câmara. No dia 22 de Maio, decidimos escrever uma segunda carta:

Olá,

Desde o início do ano escrevemos 13 cartas por causa do nosso trabalho na escola e na sala.

(incluímos a lista)

Porque é que não responderam à nossa carta com as nossas propostas? Tiveram algum problema?
Mandamos uma cópia da nossa primeira carta, para vos lembrar o nosso trabalho.
Vão pôr lombas ou sinais na curva da estrada? E vão pôr os passeios?
Um beijinho de todos.

Anexamos a primeira carta e mando uma cópia ao Gabinete Urban, com uma carta minha a acompanhar.
A Câmara continua a não responder aos alunos. Vem uma carta do Gabinete Urban, informando que mandámos a carta para o sítio errado e que será reencaminhada.
Quando mostro este escrito aos meus alunos, noto uma grande indiferença. Cláudia diz mesmo: "Ó Pascal, eles não ligam!".
Em Dezembro de 2000, quando já estamos no 3º ano de escolaridade, continuamos sem resposta. Aproveitámos a vinda do *Pai Natal*, na pessoa do presidente da Câmara, para entregar uma cópia 'ao pai Natal', com o pedido de 'fazer o favor de entregar a carta ao Presidente da Câmara'.
Em Janeiro de 2001 há obras na rua em frente à escola no sentido do nosso pedido, mas não tivemos nenhuma resposta escrita...

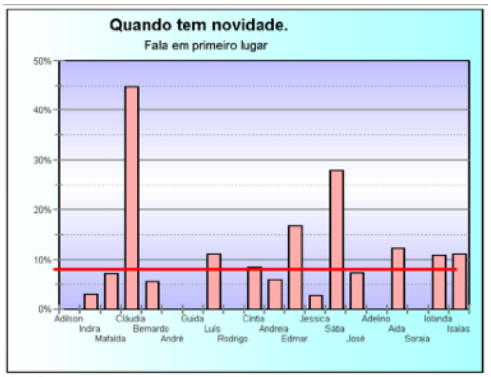
Um balanço...

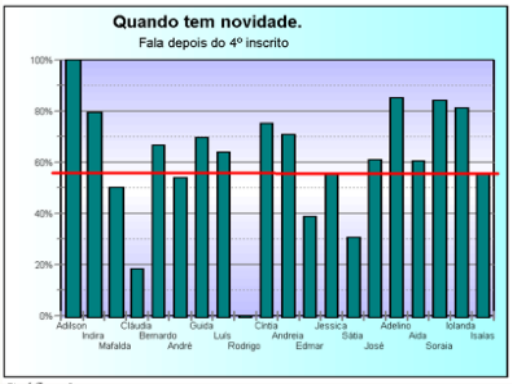
São alguns extractos da nossa avaliação do ano de trabalho, feitos em 26 de Junho.

Novidades – Contar, ler e mostrar.

Cláudia: É para dizer coisas importantes.
Guida: Foi bom ter um momento em que cada um podia falar.
Aida: Houve novidades muito engraçadas.
Jessica: É importante falar das coisas que tens para dizer.
Iolanda: Até serve para escrever no computador.

Analisamos os gráficos "Quando tem novidade..." que fiz sobre quem fala em primeiro lugar.





Em geral, as crianças pensavam que a Cláudia, a Sátia, o André, o Luís e a Aida eram que mais falam no início das «novidades» (quando a atenção é melhor). Ficam espantados com o número de vezes que a Cláudia fala em primeiro lugar. Esta bem tenta dizer que não é verdade, mas acaba por se render perante as evidências. Quando pergunto se acham que temos que continuar com o «Contar, ler e mostrar» para o ano, o Luís propõe substituir o momento por um de ler ou de fazer coisas. Haverá uma solução mista que irá variando nos próximos dois anos.

Projetos

Cláudia: Eu gostei muito do projeto da Máquina de lavar roupa, do computador e das Barbies.

Mafalda: Gostei muito de ir ao Café da Aida e do computador.

Andreia: Gostei muito do projeto da Páscoa.

Catorze alunos acham que são muito mais capazes de trabalhar

sem o apoio permanente de um adulto num projeto do que no início do ano, dois acham que não (Adelino e Indira), dois não disseram nada (Iolanda e Rodrigo), a Sátia e a Soraia não estão.
Os projetos grandes surgem na seguinte ordem de preferência: Estrada da Portela (13), Suíça (11), Bairro (10), Políticos (6).
Todos acham que é importante continuarmos a fazer projetos.

Textos

Guida: É giro ler o que escrevemos.
Mafalda: É importante, por causa de corrigir os textos.
Aida: Alguns já sabem ler bem.
Luís: É mais engraçada a leitura dos textos do que o "Contar, ler e mostrar".
Cláudia: O que é giro é escrever e ler depois.
Todos concordam em continuar a fazer momentos de leitura de texto.

Problemas

Jessica: Os problemas eram difíceis. Às vezes não sabíamos encontrar as coisas e o Pascal teve que ajudar.
Luís: Às vezes eu não percebo à primeira.
Soraia: Para alguns problemas, o Pascal teve que explicar muitas vezes. O Futebol foi o mais fácil.
Aida: Mas também houve problemas fáceis.
Quando nos pomos a relembrar problemas, surgem: a bola, os problemas dos correspondentes, a Páscoa, as moedas, as

medições, os pesos, fazer a planta da sala.

Os ficheiros

Catorze alunos dizem que já percebem bem como é que os ficheiros funcionam. A Indira e o Isaías não percebem bem, a Iolanda e a Cíntia não votaram. Consideram que os ficheiros de contas são mais complicados.

Aida: Dos de matemática, alguns são bem difíceis.

José: Os de língua são mais difícil.

Cláudia: Gostei das fichas de leitura.

Todos querem continuar o trabalho de ficheiro.

Ateliers

Todos os ateliers foram giros, todos são para continuar. No atelier de língua aparecem, por ordem de preferência, o computador, a leitura, a biblioteca e a escrita. No de matemática colocam o geoplano em primeiro lugar, seguido dos ficheiros, o loco e o tangram. Todos gostaram dos ateliers de desenho e do canto da pintura.

O jornal da turma

Iolanda: Foi bom, ganhamos dinheiro.

Aida: É engraçado para dar às pessoas.

Concordamos em continuar a publicar.

O Conselho

Luís: Podemos falar das nossas coisas.
Mafalda: Podemos discutir os nossos problemas.
Andreia: Acho importante discutir.
Todos concordam que continuamos o Conselho.

Transcrevo as páginas 15 e 16 do Jornal n.º 8:
As coisas que mais gostei este ano foram...

1. O canto da pintura, o computador e as fichas. *Luís*.
2. A escola, a sala e o Pascal. *José*.
3. A correspondência, o projeto do Pokémon, os ateliers de escrita. *Sátia*.
4. O projeto do Pokémon, os textos, o desenho do Pikachu. *Mafalda*.
5. O «Contar, ler e mostrar», a tarde livre e os projetos. *Guida*.
6. O jornal, o atelier de matemática, o atelier de língua. *Cíntia*.
7. Os textos, a correspondência e os projetos. *Cláudia*.
8. A correspondência, os projetos e o computador. *Aida*.
9. As leituras, o desenho e as fichas de língua. *André*.
10. Vocês, professor e estagiárias, e a pintura. *Adelino*.
11. A biblioteca, a leitura e a pintura. *Andreia*.
12. As estagiárias e quando o Pascal comprou livros. *Jessica*.
13. Gostei de escrever no computador, de ir à biblioteca e de ir à Portela. *Bernardo*.
14. O computador, a pintura e os projetos. *Edmar*.

15. Os textos e as fichas. *Rodrigo*.
16. Os amigos. *Indira*.

A história, que inventámos, tendo como base os Pokémon, foi outra maneira de nos lembrarmos de algumas das intervenções que considerámos mais significantes.

Naquele dia, o Adilson, o Sandro e a Soraia não estão, a Iolanda está zangada com o Isaías que está zangado com a Iolanda e, por isso, os dois recusam participar na avaliação.

Mais reflexões de um educador – formador

Este capítulo funciona como "close-up". Foca 10 meses num percurso profissional de 29 anos. A turma de Outurela e Portela acentuou preocupações minhas já existentes e possibilitou-me assim aprender mais. Alguns comentários.

Comentários à quente

O grupo-turma é um grupo artificial. Estas crianças, como todas as outras que frequentam a escola, encontraram-se naquela turma porque alguns professores assim decidiram. Todos os problemas que daí advêm terão forçosamente de ser resolvidos dentro deste espaço com todos os seus elementos.

Quando a cultura envolvente ensina que conflitos são resolvidos à pancada, que as hierarquias são definidas como os lobos a definem na sua alcateia, torna-se arriscado forçar o diálogo sem dar espaço e tempo necessários para que ele se estabeleça.

"*Primeiro a pancada, depois falamos, Pascal.*"

Não é por acaso que me lembro da observação de Fernand Oury: "*Não te esqueças que, as vezes, a bofetada funciona como a psicoterapia dos pobres.*" Mas no meio de tanta agressividade, a psicoterapia também se perde... Levei seis meses para tornar os Conselhos aceitáveis espaços de discussão. E ainda houve recaídas, regularmente.

No início do ano, ninguém queria ser responsável por nada, dava trabalho. Mostrar um exemplo, valorizar um produto feito por alguém, fazia logo dizer o próprio "*se é assim, então não faço mais*". Tantas revoltas, tantas recusas.

A aposta nos textos livres e no «Contar, ler e mostrar» serviu sobretudo para ganhar confiança, para dar espaço. Mas serviu-me a mim para gradualmente perceber uma realidade que desconhecia completamente. Aqui, tudo me foi contado na primeira pessoa.

E como estava envolvido, eu também precisei introduzir as minhas próprias notícias no «Contar, ler e mostrar»: ideias de organização primeiro, mas também vivências vindo do outro mundo de fora, aquele que era tão desconhecido para eles, como o deles o era para mim: os políticos, o teatro, a escrita para trocar informações, os livros, os museus, o porquê da exploração e da escravidão, de que eles só conheciam um lado.

O protesto à embaixada da Suíça foi uma ponta de viragem. A carta, a resposta, o ser levado a sério por alguém que consideram

importante, deu força para muitas outras situações de reivindicação ou pedidos de esclarecimento. Foram sensíveis ao facto que, naquele ano, o poder local estar mais afastado do que o poder de outro país.

No nosso placar para afixar a correspondência, as trocas inter-escolares ocuparam cada vez menos espaço, sendo substituídas por uma correspondência ainda mais real. E esta foi portadora de investigação, no ano aqui descrito, mas muito mais ainda nos dois anos seguintes, porque a história não acabava aqui. Ia ter a sua continuação até as crianças deixaram o 4º ano e o professor.

Aplicar a fina camada de verniz a que chamamos civilização e cidadania custa muito. Tratar dela, cada vez que estala, custa ainda mais. E o meio não ajuda muito. Muitos dos eleitos também não, naquele ano escolar 1999-2000, quando decidiram festejar o Natal dos seus filhos com um concerto dum boys-band banal, utilizando para isso um dos espaços-exemplo para o diálogo ao nível da nação: o Senado da Assembleia da República. Ou será que percebo mal a palavra cidadania?

Acerca de isomorfismo

Comecei a escrever esta parte das minhas aventuras pedagógicas quando, depois de ter trabalhado durante alguns anos com adultos, voltei a trabalhar com crianças, espelhando neles o trabalho com os adultos.

Reconhecia-lhes, desde logo, plena voz, o que às vezes complicava

as coisas.

De resto, existe oposição digna de registo: as crianças obrigavam-me de responder de forma mais firme, de lembrar, tal como aos formandos adultos, o cumprimento de regras externas ao grupo, como o horário[43].

Há regras ditas e explicadas que não são negociáveis. Ser formador no grupo de adultos implica lembrar as regras. Mas, ser adulto no grupo de alunos, significa ter a responsabilidade civil sobre as crianças como acrescento.

Porém, a abordagem do trabalho com as crianças revela traços semelhantes ao trabalho com profissionais adultos, que têm de mostrar, comunicar ou vender a terceiros o produto do seu trabalho. Assim, não só se refere as vendas do jornal mas também as confusões que têm que ser esclarecidas, o orçamento que tem que ser estudado, tal como o orçamento da turma, para permitir a gestão do espaço e do tempo.

Os momentos instituídos (Conselho, «Contar, ler e mostrar», apresentação de projeto), garantem a discussão em grupo acerca de tudo que interesse ao grupo, por razões internas e externas.

As novidades, depois o «Contar, ler e mostrar», permitindo a apresentação de pequenas notícias, têm o mesmo efeito que as conversas diárias entre adultos quando chegam ao local de trabalho. Instituir o momento formal, permite porém, utilizar a informação como base de trabalho para aprendizagens escolares

---

[43] Na formação contínua para docentes, por exemplo...

entre outras.

O Conselho, assente nas ideias desenvolvidas pelos práticos dos movimento Freinet e da pedagogia institucional, permite a gestão completa do espaço e do tempo que está definida tanto para o trabalho com crianças como para o trabalho com adultos.

Os projetos, a sua elaboração, execução e apresentação, são dentro do contexto da sala de aula uma forma poderosa para que crianças tomem posse do mundo, enquanto se tornem competentes no que o currículo nacional prevê.

Também servem para dar sentido, significado (Paulo Freire) às palavras.

Do oral passa-se à escrita, como por exemplo com as cartas para os políticos, a embaixada da Suíça, a Câmara Municipal, começando com o "Olá". Trabalha-se a escrita de e com as crianças em contexto real.

Procura-se interessar as crianças, pessoas pensantes, que se estão a alfabetizar, evitando "*os cursos de alfabetização [...] numa perspectiva de escolarização, no sentido mais restrito e não de educação. Nestes cursos a alfabetização é tida como um fim em si mesmo, ou seja, o que interessava era a leitura da palavra e não a leitura do mundo usando as palavras de Paulo Freire*."[44] Não há dúvida que as propostas, desenvolvidas pelas e com as crianças, permitem, aqui sim, esta leitura do mundo.

No primeiro contato, percebe-se como os próprios alunos se

---

[44] Cavaco, Carmen (2002: 98).

consideram dependentes e fazem lembrar os esquemas de assistencialismo. Ao longo do ano vou gradualmente diminuir esta procura assistencialista, propondo uma "*pedagogia que não dicotomiza jamais treinamento técnico, indispensável à formação profissional, de compreensão em torno de como e por que a sociedade opera desta ou daquela forma*"[45].

O formal da turma é nessa caminhada um marco de algo construído em conjunto. O triângulo pedagógico em que aprendentes, formador e formandos, aqui professor e alunos, trabalham conjuntamente em função de um objectivo comum, está presente, não só nos temas abordados, como na própria construção do espaço-tempo que é a turma.

É em Fevereiro que se nota claramente a evolução neste sentido.

Não se ganhou tudo, há outras dificuldades que persistem. Mas à medida que o tempo avança, a turma perfila-se cada vez melhor e os alunos e as alunas ganham capacidade de protagonismo organizativo.

Em Março, vinte crianças de sete anos organizam-se à volta de sete projetos.

O «Contar, ler e mostrar» é dirigido por crianças, os trabalhos são apresentados aos pais. As crianças expõem o produto do seu trabalho, como adultos o fazem em contexto de formação com métodos ativos,.

Quando elabora regras, o grupo começa por ser muito punitivo.

---

45 Freire, Paulo (2002: 119).

Reproduz aqui um esquema bem conhecido dos adultos — e imitado pelas crianças — que consiste em considerar que as regras são para serem transgredidas, e que quem é apanhado tem azar e será multado.

As crianças elaboram e exploram pequenos conjuntos de experiências organizativas, guiadas pelo educador[46].

Em Janeiro, as discussões focam as responsabilidades, que no início do ano ninguém queria.

Em Março, as discussões levam à resolução de problemas com calma suficiente para gerir os passos todos.

Depois das férias da Páscoa, o Conselho está definitivamente instalado como regulador do trabalho. As regras continuam a ser transgredidas de vez em quando, mas a multa é só uma opção, adequada às vezes, bem que se valorize mais a discussão e o consenso.

Facto é que o desejo para a aprendizagem está reencontrado,

---

[46] E a aprendizagem não é só das crianças. "*A aprendizagem dos educandos tem que ver com a docência dos professores e das professoras, com sua seriedade com sua competência científica, com sua amorosidade, com seu humor, com sua clareza política, com sua coerência, assim como todas estas qualidades têm que ver com a maneira mais ou menos justa ou decente com que são respeitados ou não. Por tudo isso dávamos grande atenção, de um lado, à formação permanente das educadoras; de outra, à formação das mães e dos pais*" (Paulo Freire (2002: 126) nos clubes Sesianos no Serviço Social da Indústria).

como acontece com os adultos[47].

No meio desta construção toda, as crianças, talvez mais do que os adultos, questionam e questionam-se sobre o porquê do poder. Toda a organização do trabalho lembra que "*não importa em que espaço escolar trabalhem, na escola básica, na de ensino médio, ou na universitária, no ensino profissional ou na educação popular, informal, não têm, educadores e educadores progressistas, outro caminho senão o da coerência entre seu discurso democrático e sua prática igualmente democrática*."[48]

O contexto formativo de aprendizagem para formandos e formador

Aprendizagem centrada na pessoa

Contrariamente ao que se sabe, desde há mais de meio século, através do trabalho de Vygotsky e da investigação à seguir ao Piaget, muitos adultos teimam em considerar as crianças como quem não têm história prévia à escola ou, e às vezes em simultâneo, como adultos em miniatura, pré-formatadas.

---

47 Meignant (1999: 152) constata: "*Será preciso sublinhar que é quando se encontram necessidade e desejo que as condições de êxito estão melhor reunidas? É esse um dos desafios da cooperação entre responsáveis pela formação e os outros atores: a sua eficácia só se obterá porque a rede de actores funcionais e hierárquicos terá sensibilizado o meio para as evoluções das profissões e do contexto, terá encorajado os assalariados a desenvolver as suas competências, ter-lhes-á dado o desejo de se formar e as indicações para orientar esse desejo de maneira positiva*."

48 Freire, Paulo (2002: 226).

Constata-se, é verdade, que a criança analfabeta, tal como o adulto analfabeto, utiliza a oralidade para construir saber e para conjecturar hipóteses de trabalho ou de problematização. Mas utiliza para tal o vocabulário que lhe é familiar, normalmente mais reduzido do que o vocabulário do adulto e utiliza sobretudo um imaginário diferente, não tão normalizado pela experiência de vida[49].

O trabalho aqui descrito começa com crianças que têm alguma dificuldade em se posicionar e um adulto que ainda não as percebe.

Não me era sempre claro em que momentos a família e o meio lhes confere o estatuto de criança e quando o estatuto de adulto em miniatura. Nota-se que há famílias que consideram as meninas já suficientemente crescidas para assumir tarefas adultas. A Jessica tem assim a responsabilidade do bebé recém-nascido, pelo que não aparece na sala quando tem que ficar com ele, a não ser para procurar leite ou alguma ajuda para a

[49] Há muitos autores que escrevem a este respeito. Entre eles, Oliverio (1986) de forma mais crítica, mas também Jacquard (1991a), ou ainda Gúzman (1990).

administração de uma refeição[50]. A Sátia, que vive com o pai e com os irmãos, e que muda frequentemente de 'tia', tem que se organizar para ajudar o pai nas lidas da casa, como única 'mulher' permanente no agregado. Observo que os rapazes, homens em miniatura, e por isso considerados donos do direito ao ócio, estão menos envolvidos, cuidando só de algumas tarefas 'de peso', como por exemplo buscar à loja, compras feitas pela mãe ou por uma irmã mais nova. São, certamente, crianças com uma experiência de vida em que a vida de adulto intervém, que por isso detêm um determinado saber prático e pragmático, ainda que isto não as torne adultas. Mas são muito sensíveis à infantilização.

O seu pragmatismo também lhes ensinou cedo que, no contexto escolar, o grupo só serve como proteção para o indivíduo. Assim, é grande novidade sentir que o próprio trabalho em grupo não é para benefício individual mas para benefício deste mesmo grupo. Obriga à instituição da ordem democrática e não de liberdade individual absoluta e, claro, as primeiras reacções são de revolta.

Perante a necessidade de instalar um clima de trabalho aceitável, Novembro é o mês da introdução dos pragmáticos cinturões de

---

[50] Dois anos mais tarde, quando estamos longe de casa, na escola dos correspondentes em Leuven, ajudo a Jessica para fazer a ligação diária para casa. O meu conhecimento passivo do crioulo faz com que me é revelado mais uma faceta: é ela, penúltima de quatro irmãs, que organiza a casa, as compras, os recados das clientes da mãe, vendedora ambulante. Na altura, tem 10 anos.

cor, herdados da pedagogia institucional.
O clima no grupo obrigava a choques claros. De facto, existem algumas situações na turma em que a simples deslocação se revela perigosa. E as regras funcionais parecem ter algum êxito quando entendidas como úteis, mas não quando identificadas, ainda que injustamente, como "moralizadoras".
A partir de Janeiro aparecem preocupações mais pessoais, ainda que relacionadas com o trabalho. Avançamos pouco a pouco: só dois anos mais tarde é que a turma assume que consegue trabalhar sem a constante presença do adulto em cada grupo de trabalho, organizando contactos externos para um projeto de grande alcance que estaremos a desenvolver: planear, executar e documentar a visita aos correspondentes belgas.
A relação com as líderes fortes, Cláudia e Sátia, com o líder Luís e com os "anti-líderes" José e Indira esclarece pouco a pouco os vários papéis do educador do grupo. Entre todas as referências que faço às crianças, 10% são à Cláudia, 8% ao Luís e 8% à Sátia. Os anti-líderes José e Indira aparecem com uma frequência de respectivamente 7% e 6,7%. Os outros são mencionados em média com 3% do total. Ou seja, 5 crianças em 20 representam 40% das observações personalizadas.
A relação adulto-criança, misturada com a relação professor-aluno e ainda com a relação co-elemento do grupo com o resto do grupo, no seio do Conselho, provoca esta personalização.
Será ilusão pensar que o professor ou o formador pode utilizar o

poder que lhe é formalmente instituído para, numa súbita inspiração, deixar de o exercer. Porém, é este poder que lhe permite a escolha da forma como organiza o trabalho com os formandos ou os alunos. Mas convém ficar claro quais são os limites da autonomia do grupo e da gestão dele.

Vai-se esclarecendo aos poucos, por causa do José, que o Conselho não controla o espaço-tempo fora da sala, pelo que terá que delegar poder ao responsável civil, o professor.

Mais alunos começarão a perceber como funciona o poder quando analisamos a carta da embaixada da Suíça, ficando claro que o Conselho não decide tudo e que existem leis superiores.

Aliás, a jurisdição do Conselho é novamente focada quando a turma está revoltada por uma auxiliar ter batido uma das crianças com um guarda-chuva.

A discussão torna-se possível quando não se tem que recorrer mais, por norma, ao pouco democrático veto. Funciona então a regulação do trabalho e do grupo, algo que é da competência do Conselho regular, desde que aceite a 'lei exterior' da *Organização curricular e programas* vulgo 'o programa', equivalente à encomenda exterior numa formação empresarial, ou à validação de competências, na formação de adultos.

A lista de desejos para o próximo ano letivo, a partir do balanço e contemplado no projeto curricular da turma, mostrará o pleno significado do Conselho, onde se discutem as linhas orientadoras do trabalho, respeitando o caderno de encargos.

Um aspecto importante, e recorrente, é a ligação da aprendizagem escolar com o exterior. Existe um constante fluxo de informação entre a sala e o meio próximo e distante, que define a própria actividade. Algumas actividades envolvem toda a turma, como a primeira ida ao teatro. Lembro também o fio condutor que se tece, começando com os políticos (Outubro), passando pelo problema da estrada (Dezembro – Abril), que envolverá a Câmara, até a situação com imigrantes portugueses (Janeiro – Março) que envolve a embaixada da Suíça.

Às vezes as relações são práticas e pontuais, a partir de notícias diversas no «Contar, ler e mostrar» e que têm a ver com acontecimentos em casa ou no bairro, mas também com relações como quando a Cláudia transformou *o **preto*** do José em ***pessoa de cor***. Aqui está uma boa ilustração de como é que os eufemismos que disfarçam racismo, utilizados por parte da população branca do bairro, são incorporadas pelas crianças mulatas e negras.

Avançaremos, quando a cor da pele será abordada num estudo acerca da evolução, no ano escolar seguinte. No Sítio na Rede que a turma mantinha na altura[51], apareceram também outras referências ao trabalho acerca do conceito de racismo.

O trabalho não passa só pela alfabetização e a conceptualização.

---

[51] Num servidor que oferecia espaço gratuito, entretanto obviamente engolido por um mundo que considera que informação tem que ser paga e fez portanto desaparecer este serviço.

Ainda passa pela construção real de objectos. Os alunos do projeto dos relógios, constroem um relógio de sol que servirá a turma durante dois anos e meio. Passa pela investigação do bairro. Faz-se um guião de entrevistas, um trabalho de contacto com os comerciantes locais, a produção de um livrinho, copiado e devolvido aos próprios comerciantes[52].

Paulo Freire[53] explica que esta opção pedagógica não é "*a dominante, surda à necessidade de uma leitura crítica do mundo, [que] insiste no treinamento puramente técnico da classe trabalhadora com que esta se reproduz como tal; [é] a dos dominados ou ideologia progressista que não separa formação técnica de formação política, leitura do mundo de leitura do discurso. A que desvela e desoculta*".

Atribui-se a Einstein a afirmação de que o único sítio onde «sucesso» vem antes de «trabalho» é no dicionário. Podemos completar esta ideia com uma nota acerca do tipo de trabalho que leva ao sucesso.

Vários investigadores mostram como continua a imperar, tanto na formação de adultos, como na educação das crianças, o clássico modelo taylorizado que serviu de referência na altura da massificação da escola[54]. Este modelo justifica professores que

---

[52] Já não é possível ver em www.freewebtown.com\pascalcorner.

[53] Freire, Paulo (2002: 118).

[54] Menciono aqui dois entre muitos: Alain Meignant (1999) e Manuel Sarmento (2000)

funcionam como operários especializados que moldam a matéria-prima – os alunos – com o seu saber, a partir de objetivos preestabelecidos. Assim, mais com crianças do que com adultos, confunde-se facilmente a aprendizagem com a ilusão pedagógica baseada na repetição de tarefas e o decorar de factos, tirados do seu contexto[55].

Crianças que são formadas para executar rotinas sem pensar nelas ficam perdidas quando estas mudam. Não pode haver sucesso por parte delas, o que permite manifestar algumas dúvidas acerca da própria existência do trabalho do educador.

O trabalho e o seu conteúdo, a regulação do espaço, do tempo, do grupo, são objecto de reflexão e de decisão, em Outubro, como em Fevereiro, ou em Junho, discutindo no Conselho, adaptando conscientemente – o que não significa pacificamente – às necessidades de todos, rotinas que se não perderiam a sua utilidade e o seu significado.

Angústias, alegrias e estratégias

Não é difícil encontrar, na descrição do trabalho e da construção

---

[55] A este propósito, Manuel Sarmento (2000: 114) afirma: "*A escola sobreviveu não apenas* apesar *dos pedagogos, mas* contra *os pedagogos*". O autor lembra Dewey, Freinet, Kholberg, Makarenko, Sérgio, Lobrot, Decroly e Rogers, aos quais eu gostava juntar Freire e Oury. Sarmento continua: "*todas as proposta pedagógicas potenciadoras da edificação de um modelo alternativo de escola, mais fiel à ideia da formação integral do ser humano que é a criança ou o adolescente, nas dimensões individuais, relacionais e cívicas se reduziram a [...] correntes minoritárias a custo sobreviventes, nas escolas públicas.*"

da relação com as crianças, afirmações que ilustram as minhas angústias que reaparecem periodicamente ao longo de todo o ano. As mudanças de estratégia, pelo contrário, concentram-se nos dois primeiros períodos enquanto as alegrias acompanham as angústias e as mudanças que elas provocam, quase como para as contrabalançar.

As angústias dizem respeito a três factores essenciais: o incumprimento de regras, o professor irrequieto e inquieto e as constantes zangas entre os próprios alunos.

O próprio objeto de angústia muda ao longo do ano: enquanto que no início as afirmações referem as próprias crianças, a partir de fins de Novembro a atenção está gradualmente mais virada para o trabalho. É como se, à medida que as culturas de cada uma das crianças e do professor se vão encontrando, ele ficasse mais disponível para ver o essencial: o trabalho em comum. Isto torna-se ainda mais claro com a preocupação para que as crianças se apropriam da sua cidadania, presente no «Contar, ler e mostrar», no Conselho e no apoio aos projetos que os alunos desenvolvem.

Algumas das primeiras afirmações de alegria são «para sossegar o professor».

Aparecem notas como para convencer o próprio educador como é bom que os alunos se mostraram interessados no Conselho. Mesmo que manifestam alegria, a escolha de determinadas palavras revela uma certa falta de confiança.

As mudanças de estratégia têm motivos muito variados. Pode

tratar-se de mudanças de rotina, outras têm a ver com a forma com é percebida a utilidade de uma actividade.

A visão às vezes diferente que os alunos, a sua família e eu próprio temos da escola, também influencia algumas mudanças.

Isto revela-se extremamente complicado nalgumas situações. É caso para lembrar que "*Uma coisa é tirar uma mesa de um lugar da casa para outro. Basta ter força física para fazê-lo. A outra é mudar um hábito cultural. Convencer, por exemplo, os brasileiros de que feijoada de soja é gostosa.*"[56]

Aprender a elaborar regras em conjunto é um trabalho de infra-estrutura e de conceptualização da infra-estrutura. Não é fácil, e, às vezes, recai-se, utilizando velhas expressões que lembram conceitos de organização anteriores e menos elaborados.

Algumas situações fazem lembrar ou questionar situações que vivi anteriormente com outras pessoas, reflexões feitas com ou pelo Fernand Oury e outros colegas, ou no seio do MEM, permitindo avançar na condução da ação, com pequenos passos e grandes sobressaltos.

Relações que se estabelecem

Procurei evidenciar que, quando se estabelecem relações entre um público de crianças com vivências diferentes das vivências do professor em criança, existe a forte possibilidade para que o adulto aprenda muito. Já foquei como, tanto as crianças como os

---

[56] Freire, Paulo (2002: 225).

adultos que os acompanham, têm dificuldades em verem a escola de outra maneira.

Aqui, o professor encarregado da turma estava, à partida, em vantagem: já concebia a escola de outra maneira, enquanto que os seus interlocutores têm uma visão que corresponde aos modelos austeros que os rodeiam. Significa que processo de ensino-aprendizagem incluía uma proposta de migração para a apropriação de um conceito de escola humanizante, o que se mostrou ser difícil.

Há muitos momentos de aprendizagem.

O adulto apropria-se da língua e da linguagem utilizada pelas crianças e dos contextos que apresentam. É sobretudo com as histórias que contam, os projetos que escolhem, a realidade que trazem, que se percebe a ecoformação[57] do professor.

Sobre a escola castradora, que condena, muitas crianças têm um olhar importado do mundo dos adultos, não muito diferente do que refere Paulo Freire[58] falando da reacção dum patrocinador às educadoras religiosas, num projeto suíço, na década de 1970: "*se esses jovens discutem hoje livremente questões de sexo, que farão amanhã em face das questões de justiça social? Quero operários dóceis, não inquietos e indagadores*." No fundo, pensam que a escola só serve para os domar.

Assim provocam, a partir de um conjunto de vivências antigas e

---

57 Canário, Rui (2000).

58 Freire, Paulo (2002: 117).

ideias não reflectidas, a reflexão contínua do educador. Falam de outros conceitos de família, têm outras formas de exprimir as zangas e a reconciliação, têm convívios complicados, mesmo dentro do bairro, exprimem a sua opinião sobre os 'gangs' e as protecções, modelo que importam para a sala.

Ao mesmo tempo são apoiados para aprender a enquadrar rotinas, algo que a escola, como instituição, muitas vezes não faz. Como não me limito a incutir estas rotinas, mas solicito à participação, há um período em que a atividade livre se mistura com a abandalhada. Oury dizia que esta fase era inevitável, mas foi a primeira vez no meu percurso profissional que a senti com tanta força.

Interessante, claro, é a gradual apropriação que as crianças fazem do modelo de gestão proposto, o que implica aprender a analisar, em conjunto, situações complicadas. Aprendem que trabalhar a informação é uma tarefa complexa[59].

A relação que se vai construindo com os pais, por outro lado, confirma que temos uma visão muito diferente da escola, ainda que tenhamos, entre adultos, a mesma preocupação pelo êxito das crianças na sua aprendizagem escolar e como pessoa.

---

[59] Ou, como diz Paulo Freire (2002: 136) "*A informação é comunicante, ou gera comunicação, quando aquele, a quem se informa algo, apreende a substantividade do conteúdo sendo informado, quando o que recebe a informação vai mais além do acto de receber e, recriando a recepção, vai transformando-a em produção de conhecimento do comunicado, vai se tornando também sujeito do processo de informação que vira por isso formação.*"

Levar os adultos a esta outra conceptualização da escola reforça a aliança para o sucesso social das crianças. Passa necessariamente por investimento nesses mesmos pais para que se apropriam desta escola com sentido e vivem esta turma em construção democrática[60].

Vêm me à memória este testemunho duma outra reunião com outros pais: "*A segunda dificuldade, [...] a exigência que nos faziam para que seus filhos aprendessem com a Carta do ABC, levou largo tempo de debate. [...] A reivindicação que nos desfalcou de vários alunos começou a perder força, quando certo dia, numa assembleia de pais, de repente perguntei: «Quem aqui já viu alguma criança que começa a falar dizendo P, M, F, R?» Ninguém, foi a resposta que o silêncio nos trouxe. Ninguém, na verdade, jamais começou a falar dizendo letras. Quando o neném diz: 'Mamã', ele quer dizer: «Mamã, tenho fome, estou molhado*."[61]

Em suma, este primeiro ano de trabalho na escola da Outurela permitiu-me aprender como posicionar-me entre as crianças e os adultos, no meio deles, para as movimentar e para que se libertam da sua dependência, da armadilha do bem-intencionado e da guetização escolar.

---

[60] O que parece ser crime, se percebemos bem alguns investigadores que trabalham sobre a territorialidade. Paciência (ver comentário ao artigo de Santos e Paulus, (2004) publicado em *Educação, sociedade e culturas n.º 20*).

[61]São palavras de Paulo Freire (2002: 130).

Os frutos do trabalho nos dois anos a seguir

Depois de um ano de elaboração, as rotinas de regulação funcionavam: fazer um calendário semanal, ler o diário de turma na reunião semanal, garantindo a democracia direta. Através desta reunião, componente mais importante do Conselho de turma, o grupo geria então verdadeiramente o espaço, o tempo e a ação da turma. Esta gestão, feita pelos alunos e controlada pelo Conselho, incluía a gestão do dinheiro dos livros e do material de desgaste, além de outros apoios como máquinas de calcular, geoplanos, etc.

A instalação do Conselho mostrou-se difícil e demorado. Observações já referidos do tipo: "Ó! Pascal, escrevo no diário, mas dou-lhe o murro na mesma!", pondo o dito logo em prática, lembrou-me que a afirmação "*aquele que delibera sobre a sua cultura é já cultivado e as questões daquele que crê pôr em questão os princípios da sua educação, têm ainda a sua educação por princípio*"[62] é susceptível a várias leituras... Só muito mais tarde é que as crianças começaram a ver a violência com outros olhos.

Os circuitos de comunicação

Valorizei muito, logo no primeiro ano de trabalho, os momentos que facilitavam a comunicação, nas suas várias formas e sempre

[62] Bourdieu, Pierre e Passaron, Jean-Claude (1970: 61).

no sentido de facilitar a explicitação.

O momento do «Contar, ler e mostrar» teve consequências muito importantes. Foi neste espaço que se falou dos tios e dos primos presos, por assaltos, ou por ter a cor errada no lugar errado. Aqui falou-se dos acontecimentos no bairro e na família.

O que se contou e mostrou tornou-se material de estudo, à medida que os alunos se iam apercebendo que o professor não se perfilava como vigilante, moralista ou terapeuta e que, para parafrasear Ivan Illich, sabia não ter o direito meter o nariz em assuntos particulares dos seus clientes, pregando sermões a um auditório sobre o qual tem poder legitimado.

O momento de «Contar, ler e mostrar» fez nascer muitos momentos de pesquisa. Para saber quem tem máquina de lavar roupa em casa, quem tem um candeeiro ao lado da cama, quem tem telemóvel, mas também para perceber o que quer dizer racismo, quais são as raízes de cada um e porque é que em Cabo Verde, além de crioulo também se fala português, ou qual é a diferença entre um clone e um gémeo.

Central em todo o trabalho esteve a necessidade de publicar, de ser ouvido, de ser lido. Pouco a pouco, através de um jornal da turma, inicialmente só composto por textos livres dos alunos, e depois com notícias das intervenções que a turma tem junto à escola, à comunidade ou a públicos mais distantes, as crianças passaram a existir na história. Quando as crianças perceberam que a palavra escrita permitia a comunicação com outros, vivendo

nalguns casos realidades bem diferentes das deles, a publicação tornou-se uma obsessão: além do jornal que publicávamos mensalmente, a turma manteve uma correspondência, por carta convencional e por correio electrónico, com muitos interlocutores, publicou jornais especiais, escreveu e representou duas peças de teatro e, em meados do segundo ano de trabalho, lançou o seu Sítio na Rede[63].

A gestão deste circuito de publicação, imbricado em toda a vida da turma, continuou sempre a ser da competência do grupo, através do seu Conselho que geria também todo o resto do trabalho. Todos os anos, foram elaborados um plano e um orçamento, controlados nos Conselhos semanais; a condição era pôr a máquina a funcionar, num espaço cultural, espaço de experimentação e transferência, espaço social e socializável. Uma turma da escola pública obrigatória é tão bom ponto de partida como qualquer outro grupo.

Três meses à volta das mulheres do Afeganistão

Os últimos três meses do ano lectivo 2000-2001 foram marcados por duas actividades mestres, no fim de mais um ano de projetos. Enquanto se continuava a preparação da própria adaptação teatral do livro *O olho do Lobo* de Daniel Pennac, surgiu um projeto de solidariedade, que ganhava cada vez mais protagonismo.

---

63 Como referi infelizmente desaparecido quando desapareceu o servidor que permitia colocar gratis conteúdo na rede.

A televisão acionou para mais uma intervenção as crianças que entretanto estavam habituadas a seguir as notícias.

Desta vez, foram algumas meninas da sala que ouviram, nos finais do mês de Março, que num país longe daqui, os Taliban tratavam mal as mulheres. Elas propuseram-se fazer um projeto para saber mais acerca deste país.

Alguma investigação na Rede levou-as às páginas de solidariedade com as mulheres afegãs, e decidiram ajudar. Escreveram uma carta para saber o que podiam fazer.

Três meninas procuraram-me para ajudar a preparar uma proposta para o Conselho de Turma. Queriam juntar dinheiro sem o mendigar, como diziam com insistência: "Pedir esmola, não, Pascal!".

Assim, nasceu no Conselho um novo Jornal Especial[64], "*Os Direitos da Criança – O que nós já fizemos*", em que escreveram coletivamente a história de dois anos de vida na turma.

Combinou-se que íamos vender o jornal, como normalmente fazíamos com o jornal da turma. Como alguns acharam que assim não íamos ganhar muito dinheiro, decidimos avisar conhecidos da turma, e alguns amigos do professor por correio eletrónico, pedindo ajuda para a venda. Quando uma das mães propôs levar alguns jornais para as colegas dela na empresa de limpeza onde

---

[64]O Caderno desapareceu com o sítio: www.freewebtown.com/pascalcorner/turma que tinha o arquivo da turma. Alguma escrita minha ficou em Uma questão de opção ... curricular.

trabalha, as crianças pensaram logo que podia haver mais mães disponíveis. De facto, 4 mães ajudaram na venda dos jornais.
O objectivo que nos pomos de pagar um ano de escola clandestina numa aldeia afegã foi quase atingido: conseguimos financiar 8 meses escolares.

O último ano

No ano letivo seguinte, as crianças apresentaram Lisboa aos pais e às mães. Ensinaram alguns familiares a ler a informação nas plantas da Carris e do Metro. Em simultâneo começaram a gestão complicado do projeto internacional de correspondência.
O Afeganistão ainda voltou para a turma, através de análise de dados acerca da guerra depois do dia 11 de Setembro, e através de uma crónica do jornal o Público. Continuou-se o trabalho de recolha e questionamento com os políticos, desta vez por causa das eleições autárquicas.
Foram publicados mais três jornais especiais: "*A visita a Lisboa*", que servia de guião de visita para a exposição feita para os pais, "*Diário de viagem*", resultante da visita aos correspondentes belgas, e "*Os meninos do contra – contadores de histórias*", com a nossa visão da história da turma escrita sob forma de peça teatro de que só representámos alguns trechos.
Ao todo, a turma publicou em 3 anos 24 jornais mais 6 jornais especiais, um dos quais traduzido em neerlandês. Além dos jornais e dos jornais especiais, colocaram no Sítio da turma todos

os projetos que foram escolhidos para tal. No fim do quarto ano, editaram um CD-Rom com os projetos, os textos, uma cópia do Sítio e uma apresentação da turma, resultante de um trabalho de preparação para o encontro com os correspondentes... encontro que se tornou a actividade principal de mobilização de crianças, mães e pais, mediadora e professor, para uma dezena de reuniões em conjunto além de muito trabalho curricular.

Notas sobre o processo de envolvimento dos adultos

A população

O bairro ganhou alguma fama nos arredores de Lisboa e no país, desde os assaltos na bomba de gasolina da auto-estrada de Cascais, no início de 2000. Uma estação de televisão e um semanário de grande tiragem, recorrem desde então a ex-alunos da nossa escola, meninos entre os 15 e os 17 anos, quando querem ilustrar o que são «pequenos delinquentes».

Um dos grupos que, na altura, andava muito ativo era constituído por ex-alunos duma mesma turma, rapidamente expulsos da escola quando passaram para o quinto ano. Obviamente, são os heróis para parte dos mais pequenos, nossos alunos. E estes fazem tudo para se fazer notar, com a esperança de entrar no «bando» quando tiverem idade.

Mas os sonhos dos adultos para os seus filhos normalmente são outros.

A Escola e as famílias

Durante 3 anos procurou-se dar força a quem quisesse instalar uma associação de pais e vencer a resistência à e a desconfiança da escola que em muitas ocasiões não servia pais e alunos. As primeiras iniciativas foram lançadas por uma instituição com serviço de ATL. Não conseguiu por falta de interesse por parte dos pais. No ano seguinte houve alguns ensaios por parte do Conselho Executivo, apoiado pelo Conselho Pedagógico, igualmente sem sucesso. Depois, houve uma mãe cabo-verdiana de um dos meus alunos que começou a participar, pela minha insistência, nas reuniões do Conselho Pedagógico. Fui nisso apoiado pela mediadora, de descendência cabo-verdiana. Convenci a presidente do Conselho Pedagógico da importância de cooptar a mediadora neste órgão.

A turma e as famílias

Nos três anos juntos, o número de alunos flutuou entre os 16 e os 23. Perdi seis e ganhei três, devido aos realojamentos em curso. Do grupo que me acompanhou sempre, dois alunos têm um dos pais com uma formação além da 4ª classe, oito têm pais analfabetos. Só numa família havia algum hábito de leitura. Dos nove rapazes, sete passavam quase todo o tempo que não estavam na escola, na rua, onde os encontrava vezes sem conta.
Há quatro famílias, onde, desde o primeiro ano, existe de parte da mãe, mesmo se analfabeta, interesse pelo progresso da filha, ou

do filho, na escola. Havia outras mães que, no início, se mostravam pouco interessadas, com má impressão ou vergonha, acerca dos seus filhos, falando comigo, e muitas vezes em frente deles, nestes termos:

– Ele é burrinho, não é?
– Ela não regula muito bem, pois não?
– Mas ele faz alguma coisa certa, com o professor?
– Eu sei o que tenho lá em casa, não sei como o professor faz.
– Olhe, para mim, não há problema! Se for necessário, dê-lhe, se ela merece!
– Quando ele se porta mal, avise, que trato dele!

Viver e falar no bairro é importante

Os momentos de «Contar, ler e mostrar» ajudaram-me para aprender muito sobre as tensões no bairro: as rixas, as famílias envolvidas em negócios ilícitos, as famílias mais organizadas, as famílias onde só entra dinheiro 'honesto'. As crianças falam das bebedeiras, dos roubos, das rusgas da polícia e revelam o desconforto que tudo isto provoca para os outros moradores.

Cruzava a informação todas as manhãs, durante outro pequeno ritual, quando ia comprar pão na padaria do bairro, ao lado do quiosque de jornais desportivos. A padeira, mas também a vendedora do quiosque, mãe de um dos meus alunos, equivaliam uma emissão de *País Regiões*. Ajudavam-me a contextualizar a informação, bastava eu fazer uma ou outra observação.

A padaria também era, no primeiro ano de trabalho, um bom local para começar reuniões de pais. Consegui muitas vezes falar com os encarregados de educação aí, ou na mercearia ao lado. Pouco a pouco, a padaria também se tornou um sítio onde me eram dado recados. Numa fila onde também estava o professor Pascal, falava-se direta- ou indiretamente do problema tal ou tal que aconteceu na escola.

Penso que conseguimos a relação institucional através de dois trabalhos: a mobilização para as lombadas na estrada e as entrevistas aos donos das casas comerciais do bairro[65]. A cada um dos entrevistados oferecemos um livrinho ilustrado com todas as entrevistas.

Reuniões de pais

No primeiro ano, as crianças e eu mostramos os livros de tamanho A4 de projetos que a turma produzia. Depois eu mostrei os planos de trabalho, e — com autorização das crianças — um pouco de um vídeo que a Assunção veio gravar na nossa sala.

Depois de ouvir as famílias, mudei as reuniões de pais de dia e de hora, mas sempre as fiz depois das seis e meia da tarde ou no fim-de-semana. Consegui a vinda de pelo menos um adulto de cada uma das famílias.

Mostrei a resposta de dois partidos políticos, do bancário, da embaixada e de outras pessoas a pedidos feitos pelos meus

[65] Ver supra.

alunos[66].

Alguns ficaram surpreendidos com o trabalho dos seus filhos. Todos ficam surpreendidos por todos os alunos passarem para o 3º ano, no fim do 2º ano escolar.

A nossa exposição: 6 problemas acerca da natureza

No início do segundo ano de trabalho, uma visita ao Jardim Zoológico desencadeou um trabalho muito vasto, realizado em conjunto com a turma da Fátima Monteiro, colega que estava na escola desde há 10 anos. Era um projeto sobre animais e problemas ambientais, mas também sobre a evolução do ser humano e a cor da pele, feito por seis grupos, todos eles com alunos das duas turmas. À medida que o trabalho cresceu, cresceu também a vontade de voltar a fazer o que já fiz tantas vezes: realizar uma exposição para mostrar o trabalho aos pais. Desafiei a minha colega, que aceitou.

Na reunião de pais, marcada para as 19 horas, apareceram perto de 40 pessoas, representando dois alunos em cada três. Houve novamente muitos que desacreditam:

– O meu não é capaz de fazer isso.

– A! Mas fizeste isso sozinho?

– Pois, fizeste com outro, como sempre não deves ter feito nada, tu.

Mas também espanto:

– Eu não sabia que ele sabia isto tudo.

---

[66] Ver supra.

– Ó professor, há duas semanas que não fala de outra coisa: é o buraco do ozono a toda hora.
– Ó professor, acha que isto é mesmo assim, que isto é mau? Então e eu, com esta pele, o buraco do sol também me faz mal?
– Ó professor, agora a minha filha vem-me dizer que não posso vender peixe pequeno.
– Eu não sabia que na escola era assim.

A apresentação foi muito apreciada. Em Fevereiro teve uma outra consequência.

Embrião da associação de pais

Começou a haver várias queixas na escola, por causa das faltas de alguns professores, por causa de insultos racistas entre crianças, mas também vindos de adultos, e... começou o problema do pão do lanche.

O recreio, sempre lugar muito agressivo, era um dos temas de preocupação. Se por um lado, parte do pessoal docente se demitia muitas vezes da vigilância, também é verdade que se fomentou, naquele ano, devido a um corte de subsídios, uma prática angustiante.

Até o fim do ano civil anterior, era distribuído todos os dias, nessa hora do recreio, um pão com manteiga, às vezes com fiambre ou queijo. A despesa era paga por um subsídio vindo de uma instituição, e havia uma contribuição, diria simbólica, da parte dos pais.

Depois de acabar com esta distribuição, por falta de verbas, parte dos alunos começou a trazer lanches, constituídos por sumos, refrigerantes e bolos ou pães industriais com chocolate. Rapidamente instalou-se, entre os alunos, um sistema de cobrança, contra proteção, o que tornou os conflitos no recreio ainda mais insuportáveis e os fizeram entrar de vez no Conselho da nossa turma.

Para manter o Conselho como instrumento regulador da turma, anunciei aos alunos que ia, a este respeito, como adulto, intervir, no Conselho Pedagógico.

A mãe que estava no Conselho Pedagógico, que já sabia da história e que tinha tido "conversas laterais" a seguir à exposição, falou com a mediadora e comigo, e ambos considerámos que era a altura certa para mobilizar mais pessoas. Dissemos à mãe que deveria ser ela a fazer a proposta, mas que a apoiaríamos. Ela aceitou, na condição de estarmos presentes nesta primeira reunião, para as pessoas perceberem que se tratava de um assunto institucional da escola, e que não era algo que lhe passava na cabeça, só por que lhe apetecia.

Na reunião estavam várias mães e 1 pai. Mães da turma com a qual fizemos a exposição, mães da turma com quem fizemos a saída ao bairro, mães da minha sala além de algumas mães com crianças no 1º ano de escolaridade, inseridos num projeto de educação parental fomentado pela Câmara.

Decidiram avançar com a constituição da associação de pais,

quiseram organizar-se para ver se conseguiam um fundo para os lanches, e falaram durante quase uma hora acerca da violência no recreio. Nesta reunião, uma mãe que veio de Cabo Verde, com os filhos já crescidos, frisou em português, com marcas evidentes da sua língua materna, que "*Não é filho do Africano que dá problema não. Filho do Africano é bem comportado. Mais dá problema é filho que nasce cá. Pais vêm de lá, não ensinam como lá, não como cá. Filho anda na rua, vagabunda. Este é que dá problema*". Vão voltar a reunir-se para escolher quem vai assumir a primeira direcção para entregar os estatutos.

A segunda exposição "À nossa volta"

Em cima do fim do segundo período lectivo, acabámos um trabalho longo, com a outra turma de 3º ano, titulada pela Cláudia Cardoso, acerca do tema "À nossa volta". Propus aos alunos e à colega que apresentássemos o trabalho aos pais, numa pequena exposição, como fizemos quando acabámos a investigação acerca do meio ambiente.

O trabalho foi exposto na biblioteca da escola e mandámos um convite aos pais e a algumas pessoas que nos ajudaram a realizar o trabalho: a polícia, a guia da Sumolis.

As pessoas foram aparecendo ao longo de toda a tarde, desde as 18 horas, até às 20.30.

À chegada recebiam um livro que fizemos para acompanhar a exposição.

Dos 34 alunos nas duas turmas, 20 (10 dos então 17 alunos da minha turma) apareceram na exposição, acompanhados pelos seus pais, outros vieram sozinhos. Apareceram dois agentes da polícia em representação do comissário que nos tinha recebido na esquadra. Esta última visita foi muito bem acolhida pelas crianças, sentindo o seu trabalho claramente valorizado. As mães presentes naquele momento, viram com agrado as crianças explicarem aos polícias o que fizeram.
Houve sempre alguns presentes, apresentando o trabalho tanto aos seus próprios pais, como aos pais de colegas, em função dos temas que cada um trabalhou e dominava melhor.

Na sala

No primeiro dia a seguir às férias da Páscoa, expliquei aos alunos que era diferente mostrar o que fizemos, numa exposição, ou do que mostrar como fazemos, no dia a dia. Lembrei-lhes o vídeo do ano passado, e propus que agora mostrássemos "ao vivo" como fazemos.
Alinharam logo, e, na sexta-feira, houve uma reunião de pais feita por todos. Combinámos que, ao entrar, cada um continuava o seu trabalho de plano, que de seguido trabalhássemos um texto em conjunto e que acabássemos com alguns assuntos do Conselho, que íamos de propósito prolongar para o efeito.
Só dois disseram logo que não vinham e que os pais não podiam vir: uma das meninas que tinha trazido a mãe à exposição,

fazendo uma apresentação notável do trabalho e um rapaz que estava muito ausente naquela altura por causa de uma prolongada sessão terapêutica que o fez perder dois dias por semana desde o Natal até meadas do 3º período, e que o tornou um pouco distante de algumas actividades da sala, por muito esforço que os outros fizessem para o manter ao corrente dos nossos assuntos.
O Bernardo e o Isaías fizeram-se representar: vieram só as mães.
O Elson não conseguiu trazer ninguém: veio sozinho.
Mostrámos, em conjunto, o nosso trabalho, a partir do plano de trabalho combinado[67].

Na formação da associação de pais

Por volta do dia 1 de Junho, depois de, sem grande formalismo, terem «normalizado» os lanches, falando umas com as outras, na rua, os pais e as mães marcam outra reunião para formalizar a primeira direção da associação de pais e mães, insistindo novamente para que a mediadora e eu estivéssemos presentes. Estavam as mesmas pessoas, mais algumas novas, que vinham sobretudo para se queixar. O processo era liderado por 3 mães que estavam na reunião anterior, uma de cada uma das turmas já referidas, agora eleitas como membros da direcção. Juntou-se um dos três pais presentes. São três cabo-verdianos, uma portuguesa.

[67] O texto completo está publicado em Paulus, Pascal (2001): "Os pais na escola".

Uma mãe cigana, muito activa, diz que "neste momento" não pode fazer parte da direção.

A discussão mostrava que havia muito para fazer, também com os adultos, encarregados de educação e professores. Registei com 'sentimentos mistos':

– Os professores têm que ensinar as boas regras.
– As crianças têm que andar de bata.
– Os professores têm que ralhar mais.
– Tem que aprender a cantar o hino nacional.
– Temos que botar fora os professores que faltam muito.
– Temos que pôr um processo aos professores que batem.

Festas de fim de ano

No fim do ano lectivo propõe-se uma atividade coletiva para a escola: uma exposição de todas as turmas à volta dum tema central: "Cada livro um amigo". A exposição seria das 13.30 até as 18.00. Fomos 3 a insistir que se prolonga até às 20 horas. E, de facto, até às 18 horas, aparecem ao todo só uma dezena de pais.

O resto veio mais tarde, depois do trabalho[68].

Entretanto, como já referi, tínhamo-nos lançado numa aventura teatral. Por isso, convidámos os pais e os amigos da turma para a

[68] É demasiado fácil pensar que basta dizer que se pode faltar ao emprego para assuntos da escola e que a escola passa uma declaração, quando os pais e os patrões dos pais são pouco letrados: "Quem paga as horas que faltamos?", é a primeira pergunta. Aqui também é preciso alterar representações.

nossa representação de *O Olho do Lobo*. Quando circulou a notícia, ainda durante a preparação, que o nosso correspondente de longa data, conselheiro da embaixada da Suíça, estaria presente, houve até uma mãe analfabeta a ajudar o filho a decorar o seu papel, decorando ela primeiro as entradas que ele lhe lia. E no próprio fim de tarde, os meus alunos recebem com entusiasmo, não só o conselheiro, como também o comissário da PSP da nossa esquadra, enquanto alguns ex-alunos estranham que «a bófia» venha à escola, mesmo depois das sete da tarde, para ver 'coisas de miúdos'. Todos têm família a assistir, menos um dos papéis principais, mas o pai dele esteve à tarde, durante o ensaio geral.

No ano seguinte, a turma mobiliza as próprias famílias, mais algumas de outras turmas, para ajudar na concretização do projeto de correspondência, co-financiado pela Câmara Municipal de Oeiras. Aproveita-se algumas exposições de trabalho e de projetos ao longo do ano, para vender pinturas e para organizar momentos de convívio, com venda de bolos.

Quando se aproxima o fim do ano escolar, a turma, que tinha todos os documentos e as fotografias do projeto «Fomos à Bélgica» para expor, contamina as outras, e propõe uma apresentação geral de trabalhos e projetos realizados ao longo do ano, na escola. No primeiro sábado, depois de terminar o ano escolar, há um mini-arraial, durante toda a tarde, que conta com a presença da maior parte da população escolar, de amigos e

familiares e dos professores e funcionários da escola. As crianças que irão deixar a escola para passar para o quinto ano aproveitaram o dia para despedidas prolongadas, remexendo jornais, projetos e livrinhos, reavivando memórias do tempo passado na escola, conhecida entre elas como a «Escola Velha».

Duas notas finais:

– Vários alunos meus, pequenos machos, tinham e têm dificuldades em definir a quem é que querem "agradar": ao bando, que chama, lá fora, ou ao professor e esta turma com regras, rituais de trabalho, mas também com bastante liberdade e uma relativa calma.

  Interessar as mães e os pais pelo que se faz na sala, cativa também os próprios alunos: querem ter coisas para mostrar aos pais. Já não destroem o que fizeram, só porque eu dizia que achava bonito...

– Os pais manifestavam o interesse pela escola, certificando-se que as crianças vão a escola e que se portam bem. Mas isto não chega. Levou-me bastante tempo para cativar os pais, para que se interessem realmente pelo trabalho dos seus filhos. Um ano escolar não chegou.

  Eu próprio precisei de mais de um ano escolar para perceber as lógicas mais profundas das pessoas e do bairro.

  Por isso, penso que o nosso trabalho com os pais, na nossa escola, obriga-nos a fazer parar a loucura das mudanças anuais do corpo docente, algo que em 2001 parecia impossível.

Modi ke djudam

> *Já conseguiram isolar as pessoas nos seus carros. Encarcerá-las nas suas habitações frente aos seus televisores. Desmantelaram as grandes fábricas. Um dos últimos bastiões onde as pessoas ainda se podem encontrar, falar, unir-se, é a escola.*
>
> *Gérard de Sélys et Nico Hirtt*

Olhar para trás e rescrever, ao longo do tempo, implica cada vez uma nova reflexão. Mudei? Antes penso que ganhei consciência.

"*Eu não era progressista porque a leitura de alguns autores ou autoras me dizia que eu devia ser. Eu era progressista porque me sentia ofendido, como gente, pela perversidade de uma realidade injusta e negadora do que, cada vez mais, me parecia ser a vocação ontológica do ser humano: a de ser mais*."[1]

Centrado sobre a minha experiência com a escola, primeiro como aluno, depois como professor, 'construí-me' rapidamente um olhar muito crítico sobre esta instituição.

Os meus alunos de Outurela e os seus familiares ensinaram-me como eles viam a instituição escola. Juntos — e para mim mais uma vez – reconstruímos o espaço para o adaptar às nossas

[1] Freire, Paulo (2002: 120).

necessidades coletivas de aprendizagem. No fim do terceiro ano do trabalho na Outurela, tivemos uma visita prolongada da Irene, quem nos brindou dois anos mais tarde com o seu livro[2], parte do qual escrito a partir da turma e acerca de nós. Mas antes disso, tivemos muitas conversas que reconstruímos num diálogo.

Apontamentos de algumas conversas[3]

Irene: O que é interessante é a forma como as coisas acontecem. As crianças contam coisas no «Contar, ler e mostrar» e há logo trabalho para fazer.

Pascal: É. O «Contar, ler e mostrar» dá o pontapé de saída para muitas situações de trabalho. Não é muito difícil pegar na vida dos meninos e ver o que se pode desenvolver.

Irene: Os projetos que me mostraste sobre os telemóveis, sobre as máquinas de lavar...

Pascal: ...eram muito importantes para eles. No segundo ano, ainda viviam quase todos em barracas. Alguns tinham acabado de se mudar para a casa durante o verão. Outros mudaram até fins de Janeiro. Aliás perdi alguns alunos em que tinha apostado muito, o Rodrigo que tratava dos porcos, antes de vir para a escola, a Sátia, que me desafiava em crioulo, mas que depois se revelou uma das

---

2 Santos, Irene (2004).

3 Extraído, com ligeiras adaptações, de Santos & Paulus (2004). Abrange o período 1999-2003, incluindo o ano escolar em que os alunos já seguiram para o 2º ciclo.

melhores responsáveis na turma, o Nelson, do seu segundo nome, que nos fez falar de Nelson Mandela. Ficaram muito admirados por saber que, alguém que tinha estado na prisão, podia chegar a presidente da república. Tivemos que falar sobre as várias razões que podem levar pessoas a serem presas. E sobretudo aquela menina, que queria fazer um projeto sobre o dinheiro, para saber quando é que o dinheiro é falso, e se é possível ver quando o dinheiro é fotocopiado. Despoletou também o trabalho sobre as "mães criança", e que perdi no fim do 3º ano.

Mas estás a ver o que é: não tinham casa 'legal', mas muitos têm dinheiro. Foram comprando móveis e mais electrodomésticos para o grande dia. E depois, os miúdos ficaram encantados. Não acreditavam que eu não tivesse máquina de lavar loiça em casa.

Irene: E isto tudo faz parte do currículo.

Pascal: Faz. Só a forma que se dá é que difere. Na minha perspetiva, o currículo define um conjunto de competências a adquirir e um certo saber para resolver situações problemáticas. A escrita, a leitura, as operações aritméticas, a localização no espaço e no tempo, isto é, o que vem referido como conjunto de saberes que os alunos têm que aprender no 1º ciclo, tudo isto são utensílios. À medida que dominam melhor os utensílios, melhor sabem resolver situações. Mais situações resolvem, melhor sabem trabalhar com os utensílios.

Irene: Portanto aproveitas situações, interesses, preocupações que aparecem, mas também há momentos em que 'dás' matéria e

em que crias situações ou formas que interessem aos miúdos.

Pascal: Dou. Isto é, para construir um carro não é necessário inventar a roda. Já estamos num outro nível de conhecimento. Qual é o conhecimento que existe que nos serve para continuar a trabalhar. Isto é a 'matéria' que há para 'dar'. Obviamente, facilita ter objetos de estudo aos quais nos podemos referir: um texto para melhorar, aproveitando o trabalho para introduzir aspetos da gramática; um treino para melhorar competências de cálculo mental — lembras-te dos 'concursos da tabuada' — trabalhar conceitos matemáticos (ou a 'pré–conceptualização' se aceitamos os pontos de vista da investigação na didática experimental da matemática), a partir de histórias, de problemas, às vezes apresentados como situações de investigação do que nos rodeia, às vezes aproveitando acontecimentos. Conheces algumas das histórias matemáticas.

Irene: Não és efetivo aqui na escola. Foi um pouco por sorte que trabalhaste três anos com a turma.

Pascal: Embora em situação de não efetivo na escola, o risco de não ser colocado novamente era muito reduzido, já que nesta escola a mobilidade do corpo docente é enorme. É uma daquelas escolas onde, por norma, os professores efetivos não estão. Neste novo ano, só 2 dos 19 docentes são efetivos da escola. E do ano passado só ficaram 7 pessoas. Destes 7, 3, entre os quais os dois efetivos, formam o Conselho executivo, 1 é o professor de educação física. Em 13 turmas, 10 têm um docente que trabalha

pela primeira vez nesta escola.

Irene: Mas então, o trabalho de formação centrado sobre a escola, a associação de pais?

Pascal: Pois. Torna tudo mais complicado. A formação... é para começar de novo. E sem garantias que de aqui um ou dois anos não temos outra vez uma mudança radical do corpo docente. É que nem sequer conseguimos a fixação de quem está: muitos são contratados e não podem ser fixados. Arriscamo-nos a ver a associação de pais a desmobilizar-se novamente. Neste momento pouca coisa os chama.

Irene: Falas da organização e da avaliação do trabalho. No Conselho, também discutem as responsabilidades e as tarefas. Tarefas como por exemplo a gestão do dinheiro são, neste contexto, muito importantes pelos valores e significados tão diversos que lhes podem estar subjacentes e onde o conflito pode emergir a qualquer instante se as sensibilidades não forem bem acauteladas e trabalhadas. Mas são simultaneamente ferramentas essenciais para a aprendizagem e a própria vida em sociedade. Penso que os pais perceberam o alcance de algumas coisas que tu fizeste com os teus alunos.

Pascal: Pois. Vi os comentários que algumas mães te fizeram enquanto estávamos na Bélgica. Coisas como 'este professor fez muito mais além de ensinar o que há para ensinar'.

Mas não sei se isto é verdade. Penso que o trabalho de professor é mesmo esse. Não me parece ser o mundo que está fora da

escola, parece-me mais ser a escola que está fora do mundo. Às vezes até dá jeito: para simplificar o que vem lá de fora, para o tornar mais trabalhável. Mas muitas vezes, não se sabe o que se passa. Muitas vezes perdem-se pormenores essenciais ou então não se perdendo, não se percebem. A Dulce Pereira, que foi nossa formadora o ano passado, contava que antigamente, em Cabo Verde, não se contavam histórias, a não ser à noite à volta da fogueira. Um hábito que vem, provavelmente, do tempo da escravatura. E por isso há quem diz que não se podem contar histórias à luz do dia, o que explicou a pouca sorte que algumas educadoras tiveram em tentar fazer contar histórias tradicionais pelas avós das crianças. É difícil captar os contextos. Leva tempo. Com ou sem multiculturalidade. Aliás, tentar defini-la é muitas vezes um álibi para não fazer o que há para fazer.

Irene: Eu sei. Estive num fórum onde, numa mesa redonda, um dos participantes propôs definir de uma vez por todas a 'multiculturalidade'. Respondi que não podia concordar, porque a multiculturalidade não é algo que se conceptualiza assim, definitivamente. Pode-se eventualmente arranjar uma definição, mas quando se discutem questões de fundo como a educação das crianças ou em situações de conflito, aí verifica-se que o que é dignidade, respeito, ou a maneira de os exprimir, pode mudar muito, até porque saímos do plano racional. Cada pessoa constrói-se como um mosaico, e constrói a sua multiculturalidade.

Pascal: É, e os mosaicos, às vezes não são fáceis de apanhar e

sobretudo de articular. Aqui no bairro, há um animador brasileiro com quem trabalho bastante. Ele disse-me uma vez que só aqui em Portugal é que ganhou consciência que era mestiço, porque todas as pessoas referiam-lhe constantemente o não ser branco perguntando o que era então. Ele costuma responder: um ser humano. Pode ser isto o essencial. Mas quando estamos a criar laços, temos que saber mais do outro, da sua vivência, da sua cultura. Como definir a cultura de uma criança negra que vem do Brasil. Um cabo-verdiano, que nasceu cá. Uma menina cigana que vem do Norte e está cá há dois anos. Outra que vem do Alentejo e que só começou a viver numa casa de betão há 1 ano. Os meninos brancos que nasceram aqui no bairro. Todos eles têm raízes culturais bem diferentes das minhas. E não é possível perceber estes mundos todos à luz da minha própria vivência cultural. Fechar-me na escola e deixar a cultura deles (e a minha) à porta? Ou então construir pontes. Contar histórias. Inventar histórias. Escrever o que eles me contam.

Irene: Dás muita importância à escrita. Tudo é registado, tens muitos jornais, os jornais especiais.

Pascal: Claro que todo o contexto pedagógico é fruto da ligação que tenho, primeiro com os colegas da pedagogia institucional, na França e atualmente com os colegas do MEM. Muito do que faço está bem melhor documentado por colegas do Movimento[4]. Agora aqui, neste bairro, a escrita tinha qualquer coisa de ainda

[4] Na revista *Escola Moderna*, editada pelo MEM.

mais importante... para dar história. O que não é escrito dilui-se no tempo morre e desaparece.

Irene: Faz-me lembrar aquela cena no filme *Fato completo ou à procura de Alberto* (da Inês de Medeiros, 2001) em que um miúdo fala de si, dizendo: "A minha vida não tem história!"

Pascal: Sim. É verdade que a sua inscrição na história é pouco clara, tanto mais para eles próprios. Ouvi uma conversa entre alunos mais velhos no recreio: "*Ouve, porque é que amanhã é feriado?*" Estávamos na véspera do 25 de Abril e a pergunta tinha provavelmente a ver com um daqueles testes de circunstância, provas semanais ou algo parecido. A resposta foi elucidativa: "*Então, não sabes? Foi a data em que os Portugas deixaram de mandar na gente lá, para mandar na gente cá*". Quem fala aqui? Mas também estão perdidos no tempo e nos lugares. Não estão em Portugal, não estão em Cabo Verde. Nem sabem ao certo que nacionalidade têm.

Irene: Chamou-me à atenção quando um dos miúdos ao ler um texto sobre o vosso 'périplo' por Lisboa, leu Chicago em vez de Chiado. Porque, de facto, o imaginário dele aproxima mais Chicago do que a cidade fisicamente vizinha. A sua geografia é muito plástica e mesmo que isso seja uma tendência em crescimento e que ultrapassa em muito a questão das migrações e reconstruções simbólicas, o que se passa é que a criança tem de saber situar-se face às estruturas formais que não acompanham esta plasticidade. Isso também implica um trabalho pessoal ao

nível da sua história no tempo e no espaço para então se poderem confrontar com a sociedade formal.

Pascal: Claro que há coisas que têm a ver com a idade deles: com a linha do tempo, percebem que, afinal, quem inventou o telefone é mais velho do que o Pascal e o Pascal não conheceu Pitágoras pessoalmente.

Outras coisas são mais difíceis para perceber. A agressividade latente dos brancos para com os negros, por exemplo. Mas também a constante revolta e o desprezo com que alguns jovens falam dos brancos. A difícil relação entre as famílias ciganas e as famílias de origem africana. A difícil relação de famílias ciganas entre si. E depois, provocam: quando os alunos estavam no 2º ano no momento em que me tornei professor deles, desafiavam-me falando crioulo. A resposta vinha logo, em flamengo. Perante o espanto geral, fiz uma primeira negociação: já que trabalhamos em Portugal, a língua de contacto ia passar a ser o português.

Irene: Nunca me tinhas contado isso. Isto quer dizer que tiveste lá um período de adaptação. Mas é engraçado. Numa das reuniões de pais, uma mãe cabo-verdiana preocupou-se quando estavas a falar dos dicionários que estavam a construir quando estavam a preparar a viagem à Bélgica. Ela disse: "*Mas agora andam a aprender Crioulo na escola?*" com ar de revoltada. E tu respondeste: "*Não, eu é que ando a aprender Crioulo*". Notou-se que ela ficou satisfeita mas intrigada ao mesmo tempo. Tu davas valor ao Crioulo, mas a escola não é o sítio habitual para ser abordado e

trabalhado.

Pascal: É. Mas estás a ver: até os pais põem a escola fora do contexto, do seu próprio contexto. Lembras-te do Luís que me disse: "*Estou farto da escola velha do Pascal, quero uma escola nova, moderna*". Como podes imaginar estava interessado em perceber que tipo de escola moderna ele queria. Perguntei: "*O que queres dizer com isso?*" E ele respondeu logo: "*O Pascal nunca dá fotocópias para fazer e pintar!*" É verdade que editar os seus próprios jornais, fazer os seus próprios projetos e livrinhos de projeto de investigação dá mais trabalho que preencher manuais e fotocópias de manuais. Mas estávamos a falar dos pais.

Irene: Há alguns momentos em que se sente que estás a mobilizar os pais: os projetos, as exposições, o teatro, a viagem. Tudo isso teve peso na constituição da associação de pais.

Pascal: Sim. Mas também foi importante termos tido durante dois anos uma mediadora, que ajudou muito. Mas outra vez: tanto o ministério autoriza a vinda da mediadora, como não autoriza. Este ano, não há. Não sei se a Associação de Pais se vai aguentar.

Irene: Disseste várias vezes que o projeto para as mulheres do Afeganistão foi importante. Mas tens mais razões para o dizer, além da venda de jornais que se verificou?

Pascal: O projeto do jornal especial ajudou as crianças a reconstruir e fixar a sua história coletiva. Para os pais... não são muitas. Só o facto de algumas mães terem vendido tantos jornais, se terem envolvido na iniciativa, foi algo que achei importante. E

houve uma funcionária da escola que me disse que achava muito importante, até porque também em muitos lares portugueses acontecem coisas más.

Irene: São linguagens subtis para as quais é preciso ter o 'faro' atento...

Pascal: Mas para voltar aos pais. Não sei o que vai acontecer este ano. Vai ser um ano difícil. Há pouca continuidade, houve novamente uma grande mudança no corpo docente. Eu não tenho turma. E relatamos o trabalho de uma turma, não de uma escola.

Irene: É engraçado como foste articulando uma constante, e crescente, exigência e oferta aos pais e aos outros membros do bairro. Ou seja, sempre centrado no trabalho de aprendizagem das crianças foste buscando colaboração, responsabilizando, mas por outro lado sempre lhes 'prestaste contas' do trabalho que ias fazendo e oferecendo objectos de reconhecimento, como o livro com as entrevistas aos comerciantes do bairro, ou o livro da exposição.

Pascal: Que exagero, não é? Preocupar-se em prestar contas. Preocupar-se e produzir material novo com os alunos. Preocupar-se em montar exposições. Tudo isso parece até excesso de zelo. E para quê? Não aprendem na mesma com o manual? Deixa-me duvidar. Estamos constantemente a remediar. Mas leva tempo, muito tempo.

Irene: Outro aspeto que me parece importante neste trabalho tem a ver com a possibilidade das crianças viverem na escola os

seus vários papéis sociais, além de exercerem o seu 'papel' de alunos, e o que, de resto se pode dizer também dos familiares. Ou seja, os seus 'papéis' de irmãos, filhos, pais, utentes da Carris, miúdos de rua, telespectadores, empregados, vizinhos, etc. têm lugar e são trabalhados no contexto escolar à medida das necessidades e dos ritmos de cada um.

Pascal: Podem viver o seu papel de aluno, enquanto eu faço o meu papel de professor. Uma vez, quando os alunos me perguntaram porque é que me lembrei de organizar o trabalho a partir do Conselho, respondi-lhes que tinha visto outros professores fazerem a mesma coisa e que achei boa ideia. Um deles perguntou-me se o Conselho era para sempre. Respondi-lhe que era assim enquanto eu queria. Que eu tinha o poder como professor de organizar o trabalho em conjunto com eles ou não. Jessica, a mesma que mais tarde considerou a votação democrática, em pessoas previamente selecionadas, pouco representativa, não achou muito justo. Disse-lhe que a escola é organizado por adultos, que eu era responsável pelas aprendizagens deles e por isso tinha o poder da decisão. Voltou a surgir a discussão da 'escola velha'. Um deles continuou a achar que esta maneira que tínhamos dava muito mais trabalho. Respondi que até dava mais trabalho para mim. Ficaram espantados. Vejo ainda aquele rapaz a levantar os braços e a dizer "*Então, porque fazes assim, Pascal*?", com verdadeiro espanto. Respondi que assim aprendiam melhor.

Mas, quando algum tempo depois, houve um conflito muito

grave, que me fez decidir não autorizar a realização do Conselho e tomar algumas decisões drásticas, ficaram muito chocados pela diferença e pelo poder que tinha. E eu fiquei admirado por ver como, mesmo assim, estes grandes contestatários acataram as minhas ordens com relativa facilidade. O choque era por causa da forma, não por causa do conteúdo. Quando, na semana seguinte, lhes propus reintroduzir o Conselho, concordaram logo, com suspiro de alívio. Até porque estávamos em plena preparação da segunda exposição *À Nossa Volta...*, com a Cláudia e a sua turma. E esta preparação obrigava a utilizar os instrumentos de regulação que tínhamos construído na sala, a partir das discussões em Conselho. Eles eram agentes do processo.

Irene: Portanto, para aqueles alunos e os seus familiares, houve um outro olhar sobre eles próprios.

Pascal: Sem dúvida. E penso que isso é o importante. As mudanças fazem-se com coisas pequeninas. E gosto de acreditar que acontecem cada vez que nos organizamos de outra maneira. Mas fiquei um pouco apreensivo, sabes. Como já disse, trata-se de uma turma, não de uma escola. A turma deixou de existir, a perturbação também. Receio que a escola pode reocupar o seu lugar autista. Por mais projetos educativos que façamos. As pessoas são outras. As ligações desapareceram. Espero que não tenhamos que esperar

pelos filhos dos alunos que saíram agora...[5]

Influências de uma prática influenciada

Ecoformação

Em todo o trabalho formativo em que me envolvo, a ecoformação ocupa um lugar central[6].

No caso da experiência em análise no capítulo anterior, é a própria escola que se torna palco desta ecoformação num paradoxo aparente: "*... a escola torna-se um dos lugares onde a unidade e globalidade dos processos de aprendizagem das crianças e dos adultos se pode materializar de modo mais evidente, conduzindo a encarar o processo de formação dos professores e o processo de*

[5] Fiquei afastado da escola durante alguns anos, para coordenar a implementação de um projeto para a Câmara de Cascais. Uma visita preliminar à escola, para preparar o regresso, deixou-me algo esperançado. O grupo de colegas – obviamente sem serem efectivas... – que 'retomou' a escola, procurou o seu caminho, incluindo alguma abertura para a comunidade. A escola está cheia de registos de actividades e de fotografias. O autismo não se transformou em trevas medievais...

[6] Refiro-me aqui ao conceito no sentido de Furter, citado por Mirna Montenegro (2003) e Rui Canário (2000: 140), que o define como 'educogenia' dos processos educativos, em que todas as pessoas envolvidas interagem, independentemente do 'estatuto' que têm, seja ele aluno, pai, mãe, formador, formando, criança, amigo, ou uma combinação de vários estatutos. Assim aparece: "*... o conceito de ecoformação enquanto espaço integrado de relação interdependente e retransformador entre o envolvimento físico e o envolvimento social."* (Montenegro, 2003: 58).

formação dos alunos numa relação de articulação temporal, espacial e metodológica"[7].

Esta centralidade do local de formação existe não só no caso do trabalho com as crianças, mas também com os adultos, quando se definem, em conjunto, as regras instituintes da formação. É exactamente este processo instituinte que permite a todos 'tomar posse' da ação.

A ecoformação torna-se portadora da aprendizagem de todas as pessoas com que trabalho, crianças e adultos. Para mim próprio, ela clarifica 3 aspetos da minha aprendizagem: é clarificadora de pontos de vista, evidencia a necessidade de trabalhar dentro do sistema e serve de reforço à autoconfiança.

Esta formação revela-se aqui em tudo que tem de político, de construção de democracia e de cidadania. Isto obriga à clarificação da posição do formador.

"*Não é possível falar-se em democracia e ao mesmo tempo aceitar-se sem nenhuma reação o descaso a que se relega o espaço educativo a educação mesma de crianças pobres, proletárias, negras, como se elas fossem meros <u>isto</u>, ontologicamente inferiores ou inferiores de nascença. A conivência com um tal destrato os faz solidários com ele, o que nos torna menores do que aqueles ou aquelas que, <u>pequenos</u>, o fazem por convicção ou por opção ideológico-política*"[8].

O meu ganho de consciência aumentou à medida que interiorizei

---

[7] Canário, Rui (2000: 140).

[8] Freire, Paulo (2002: 226).

o trabalho com as crianças na escola pública e com os pais delas. Ajudou a traçar linhas de atuação, a perceber a diferença entre o trabalho laboratorial, bonito, eficaz, na escola-ilha, que se pode fechar sobre si própria e o trabalho sujeito às regras contraditórias da escola pública. Percebe-se aí o problema base quando a plena intervenção de todos obriga o formador ou educador a esclarecer os limites do poder de todos e esclarecer para si próprio como define os limites do seu poder.

António Nóvoa refere-se à máxima atribuída a Bernard Shaw "*Quem sabe faz, quem não sabe ensina*" para depois dizer: "*Hoje em dia, ganha cada vez mais força um novo paradigma: Quem sabe faz, quem compreende, ensina. É esta compreensão, no seu sentido mais profundo [...], que caracteriza a formação de formador, sem dúvida uma das profissões mais difíceis, mas também das mais apaixonantes, das sociedades contemporâneas*"[9].

Gostava de acreditar que os formadores de formadores se apropriam desta afirmação, mas a observação atenta (da falta) das interações entre quem se forma e quem educa, na escola, não me alimenta esta ideia. Parece-me que a escola continua surda e muda, como dizia Fernand Oury em 1977, incluindo a escola que forma formadores e professores.

O contacto constante com as pessoas que se referem à educação e à formação — desde o pai analfabeto do bairro, passando pela mulher que sonha começar uma actividade comercial, até ao

---

[9] Nóvoa, António (1988: 127).

responsável político neo-liberal[10] — obriga a uma constante desmontagem de esquemas que, como me apercebi, são incutidos nas crianças, desde cedo. A desmontagem torna-se necessária porque eles não se baseiam em ideias de educação democrática, mas no completo esvaziamento de tudo que é colectivo, intitulado de liberdade individual, liberdade de escolha, mercado livre e livre escolha.

O trabalho com as pessoas envolve-me nas histórias de vida delas como na minha própria história de vida.

Utilizamos uma vez[11] a imagem entretanto bastante conhecida do atrator de Lorenz (o voo da borboleta) para defender que qualquer intervenção dentro do sistema provoca inevitavelmente uma consequência. As borboletas que assim começam a voar, provocam pequenas perturbações à sua volta. Ilustrámos a ideia com algumas histórias a partir do trabalho com crianças e adultos com quem trabalhámos.

Também argumentei recentemente[12] que tomar mais e mais consciência do fenómeno da reprodução social de que Bourdieu e Passaron falam, não tem que levar inevitavelmente ao suicídio ou

---

[10] Como aquele que decide, repentinamente, sem conhecer por dentro o que deveria conhecer, pela reorganização e pelo reagrupamento, e obriga assim os atores envolvidos a gastar energia na reconstrução daquilo que estava já a ser construído...

[11] Paulus, Pascal & Silva, Romualdo (2004).

[12] No texto "O Grande Irmão cidadão... ou talvez não?" publicado nas actas do 3º encontro da CIED, ESE Lisboa.

ao imobilismo.

"*Não posso, como educador progressista em nome do dever de evitar maiores sofrimentos às classes populares, limitar o universo de sua curiosidade epistemológica a conhecimentos de objetos devidamente despolitizados. Por outras palavras, não posso despolitizar a compreensão do e a intervenção no mundo por achar que devo ser caridoso com as classes populares, evitando que, sabendo mais verdades, sofram mais por não terem condições imediatas de lutar, ou porque me deixei levar pelos 'encantos' da ideologia neoliberal em alta. Ideologia da privatização, jamais dos prejuízos, pois que estes devem continuar a ser pagos pelas classes populares*"[13].

A fragilidade em que o poder instalado coloca as pessoas[14], desinvestindo na educação e formação, afirmando o contrário, passando o ensino para um quase-mercado muito apetitoso aos grupos privados, em que os programas de apoio ao estudante apoiam sobretudo quem já tem largo acesso à formação privilegiada é foco de atenção. A escolha de temas de trabalho com adultos e crianças é disso um exemplo. Para trabalhar com eles, tenho que estar onde o sistema os coloca e não onde

---

13 Freire, Paulo (2002: 119).

14 Este capítulo é escrito na altura em que o ensino português está em crise por causa da reestruturação mal sucedida pelo ministro de Educação, em que o Primeiro-ministro abandona o país, apontando todos os outros como potenciais desestabilizadores, e em que toda a nação se levanta para acompanhar... um jogo de futebol. O poema de Juca Chaves *Brasil é campeão* pode mudar de nação,

gostava que estivessem. Aliás, as escolas privadas por onde passei, as associações e os organismos, também sucumbem parcialmente ao egocentrismo coletivo, próprio da instituição privada — intitulando-o "cultura da organização" — fechando-se em si próprio ou correndo o risco de o fazer, auto-transformando-se numa ilha, longe de outras realidades[15].

A escolha é portanto de uma procura constante para continuar a concentrar-me no essencial: desenvolver *"um conjunto de técnicas, de organizações, de métodos de trabalho, de instituições internas, nascido da prática das classes ativas, coloca crianças e adultos em situações novas que requerem de cada um compromisso pessoal, iniciativa, ação, continuidade. Estas situações — trabalho real, limitação de tempo e de poder — são frequentemente criadoras de ansiedade e levam naturalmente a conflitos; estes, não resolvidos, proíbem ao mesmo tempo a atividade comum e o desenvolvimento afetivo e intelectual dos participantes. Daí esta necessidade de utilizar, além de utensílios materiais e técnicas pedagógicas, utensílios conceptuais e instituições sociais internas capazes de resolver estes conflitos facilitando permanentemente as trocas materiais, afectivas e verbais, a níveis conscientes e inconscientes*"[16].

---

15 Foi exactamente o que as crianças e eu sentimos, na nossa difícil relação com os nossos primeiros correspondentes inter-escolares. Provavelmente percebi mal a evolução que houve nos 'utentes' da escola desde que a deixei como professor, dez anos antes.

16 Oury, Fernand & Vasquez, Aida (1977: V-31).

Procurei mostrar, nestas páginas, a importância que tem para mim a relação com os outros, a intervenção mútua baseada em diálogos verdadeiros, francos e diretos, para desenvolver uma pedagogia de intervenção com pessoas de idades muitos diversos.

Acabar com o faz-de-conta escolar, com a taylorização da aprendizagem é evidenciado na escolha da organização do trabalho, ele próprio gerador do processo de aprendizagem e de construção de saberes.

Trata-se do contraponto para um isomorfismo muito mais vulgar, que tem a sua expressão nas cartilhas e no ensino da língua letra a letra, na instrução de analfabetos, crianças ou adultos, e que continua na 'moda', quase um século depois de Vygotsky, tantos anos depois da Escola Nova, de Freire, do nascimento da pedagogia institucional e de movimentos de escola moderna em vários países da Europa. Infelizmente, parece que o ridículo do 'ensino das letras'[17] nem ofende a própria pessoa[18].

Por isso, mais difícil ainda é o trabalho para repor a percepção da

---

[17] Até houve um ministro de educação recente que se referia ao primeiro ciclo como a escola onde se ensinam as letras e as contas.

[18] Como testemunha Carmen Cavaco (2002: 73): "A Júlia diz «uma das moças tinha uma daquelas cartilhas que tinha uma gansinha que dizia – Cá, cá, era o 'a', tinha uma vaca que dizia um, era o 'u', tinha uma garça que dizia pi pi era o 'i' e eu aprendi essas letras de pequenina e são as que eu sei só [...] veja lá que as letras que estavam lá, ainda hoje me lembro foi as que me explicaram são as que sei»."

aprendizagem no contexto globalizador de onde nunca devia ter saído devido ao 'acaso' da pedagogia e a psicologia durante algum tempo ter sido influenciado por comportamentalistas embevecidos perante a aparente eficácia de Taylor e Ford na revolução industrial.

O que grandes e pequenos ensinaram.

A entrada na escola da Outurela revelou-se-me como um autêntico choque de culturas. Havia aqui pessoas que tinham grupos de pertença muito diferentes dos meus.
Solidariedade mistura-se com dependência e assistencialismo, o bairro anuncia em graffiti que "Preto é bonito", numa clara resposta à guetização à qual "os outros" o força.
Os adultos que sonham uma vida diferente para os seus filhos apostam na escola como meio de mudança. Mas o conceito de escola que referem é de uma escola segregadora, que exclui, em que se têm que se posicionar para vencer. Revoltam-se quando não vêem os mesmos livros escolares, quando não há trabalho de casa, quando, numa outra turma, é colocado um professor negro de origem guineense, porque querem as mesmas condições que os outros: muitos livros, muitos trabalhos, professores da mesma cor.
As crianças importam modelos de ficção da escola. Não percebem que as séries de televisão que caricaturam a escola com um humor grosseiro e duvidoso são isso mesmo: uma caricatura ainda maior do que a escola atual real faz de si própria. Então reinventam a escola, que não lhes parece ser aquela que o professor propõe, a

partir das imagens que lhes são apresentadas.
No início tudo isto choca, porque, apesar de saber que é esta a representação mais frequente, tenho dificuldades de perceber o raciocínio subjacente.
As crianças ensinam-me a ter mais paciência, quando mostro a minha angústia, relativizam quando me espanto perante a agressividade verbal e física, e tornam-se cooperantes na construção dos alicerces da ponte que imaginei.
O trabalho acerca de Lisboa, que serve também para consultar a planta do metro e dos transportes públicos com mães analfabetas, e o projeto de solidariedade com as mulheres do Afeganistão, que lançou a turma durante três meses numa retrospetiva que relacionou a sua própria ação e intervenção com a carta dos Direitos das Crianças são apenas dois exemplos de que esta construção permitiu.
Tão ou mais importante do que a publicação de um caderno especial dedicado às mulheres opositoras aos Taliban, foi o trabalho de consciencialização das próprias crianças, que se tornaram sabedoras confiantes da sua própria capacidade útil e possível de intervir activamente. É aí, na ação, que crianças de quem se dizia precisarem de apoios, de intervenções, de "especialistas" em bairros complicados, se tornaram *políticos*, intervindo na *polis*. Mas tive que aprender a guiá-los nesta descoberta.
Em mais do que uma ocasião, as crianças aprenderam, sem aulas

de cidadania com horário marcado, a perceber a diferença entre a retórica oca e as reais possibilidades de intervenção. Mostraram-me a sua capacidade de intervir para e por si próprio e de ajudar outros para também intervir para si próprios.

Recusaram categoricamente, numa reunião de Conselho de 'pedir esmola' mesmo que seja para oferecer a outros, mas aceitaram partilhar o lucro do seu esforço de trabalho com outros.

Como democrata, considero imprescindível estudar a história nacional, necessária para perceber melhor a minha condição de cidadão. Com os alunos da Outurela, aprendi como o contributo das forças de segurança pode ser útil. As crianças mantiveram uma troca de correspondência e de informação com o comissário da PSP local acerca da história das bandeiras, acerca de aspetos de segurança e convidaram-no para a peça de teatro que prepararam, alterando as lógicas instaladas.

Percebi, com os meus alunos que não consigo estudar os descobrimentos sem só olhar para eles como Europeu, mas também de ser olhado pelo Africano, descendente dos povos escravizados, oprimidos pelo poder que controla as forças de segurança.

Reforçaram em mim a desconfiança crítica, sempre que alguém se concede um poder absoluto, majoritário ou prolongado, seja em que nível de decisão.

As crianças da Outurela e da Portela mostraram-me 'em família' os pontos de divergência e de encontro entre as nossas vivências.

Mostraram-me relações entre pais e crianças diferentes das que tenho como pai com as minhas filhas. Explicaram-me, na prática, os códigos de honra que os move, a hierarquia que regula as relações nas suas famílias.

As meninas da sala puseram o seu saber de vida, a sua experiência como pequenas organizadoras ao serviço da organização da sala.

Pouco a pouco apropriaram-se deste universo cultural por elas desconhecido. Os rapazes seguiram.

Depois de se apropriaram do espaço da turma, as crianças entusiasmaram-se pela apresentação à comunidade do trabalho feito.

Este entusiasmo demonstrado junto com a sua capacidade comunicativa reforçou para mim a perspetiva de que a promoção da intervenção cívica com crianças desde o Jardim-de-infância passa pelos projetos de intervenção, pela construção de documentação de referência a partir daí,.

É esta intervenção cívica por parte das pessoas com quem trabalho, que quero promover, por ter ganho a consciência da minha obrigação democrática de o fazer e por considerar ser necessário haver novas gerações capazes de continuar a obrigar o Poder a respeitar este direito democrático.

Educador ou formador?

Dizia a Marie-Christine Josso que o educador é como um agente

duplo, ora defensor da ordem, indigitado para a fazer respeitar, ora facilitador da aprendizagem, que, assim, reforça a capacidade das pessoas para pôr em causa ou alterar a ordem. Caracterizava quatro tipos de "agentes"; dois do tipo *educador,* dois do tipo *formador*.

O *educador*, pessoa que está ligada à instituição e ao currículo, é caracterizado como *instrutor* ou como *militante*. O *formador*, pessoa ligada a quem se forma, é definido como *mestre* ou como *passador.*

O instrutor é *in extremis* o instrutor militar, aquele que treina a utilização da arma, a montagem e desmontagem. Certifica-se que o instruído conhece a matéria.

O militante preocupa-se normalmente mais com os valores do que com a instrução.

O mestre, detentor de saber, desenvolve trabalho com os aprendizes, certificando-se que estes se apropriam pouco a pouco do seu saber. Está normalmente preocupado como bem-estar dos aprendizes.

O passador facilita o caminho traçado pela pessoa que quer ser passada, como os passadores nas montanhas, na 2ª guerra mundial que ajudavam os fugitivos.

Onde me posicionar? Reconheço traços de mestre, até de mestre a quem agrade que alguns aprendizes continuem as suas pegadas. Porque também o faço? Reconheço também traços de passador, de facilitador: não quero decidir sobre os caminhos

traçados, mas quero ajudar a percorre-los eventualmente indicando os desvios obrigatórios e um ou outro beco sem saída. Há traços de instrutor. É o lado pragmático que surge regularmente, para despachar um assunto técnico ou secundário e voltar ao projeto mais global e colectivo.

Não me parece que seja um militante da instituição. Mas utilizo-a, com convicção, porque ela está lá, disponível apesar dos burocratas, do poder, da 'desvirtualização', dela própria.

De qualquer forma, parece-me confirmado que as minhas estratégias decorrem de uma prática pedagógica[19] isomórfica no trabalho com crianças e adultos, em que se integram ideias da pedagogia crítica de Paulo Freire, sendo a pedagogia institucional, nascida com Jean e Fernand Oury o quadro de referência. É descrito da forma seguinte:

> *"Chama-se aqui instituição a todo o sistema de normas e de regras que rege o funcionamento da formação: obrigação (ou não) de presença, horários, objetivos, emprego do tempo, controlo de relacionamentos, regulamento interno, financiamento, etc. Estas normas dizem-se instituídas, isto é, impostas aos formandos.*
>
> *A pedagogia institucional considera que é importante para o desenvolvimento da aprendizagem permitir aos formandos também serem instituintes, isto é, fixarem eles próprios essas*

[19] Vinte anos mais tarde, diria antes *prática antropogógica*, fruto da minha reflexão posterior à minha intervenção cívica quando já não trabalhava diretamente com crianças.

normas, ou pelo menos, poderem adaptá-las por meio de negociação. Este movimento instituinte, que vai permitir aos formandos participarem na construção da sua formação, negociando, por exemplo, uma redefinição do programa, a vinda de um interveniente não previsto, modalidades de avaliação diferentes, é considerado por essa pedagogia educativo em si mesmo: os formandos fazem a aprendizagem do espírito crítico, dos condicionalismos sociais, da negociação, da mudança, do exercício da liberdade, e, de uma maneira geral, tornam-se actores da sua própria formação. Há dispositivos que permitem que o grupo de formandos influencie a sua própria formação encarregando-se eles próprios de certas sequências, analisando permanentemente a vida do grupo e as suas incidências, decidindo soluções, etc.

Certas formações de formadores utilizam este tipo de iniciativa pedagógica responsabilizando ao máximo os formandos pela construção e mesmo pela gestão administrativa e financeira da sua própria formação."[20]

Aliás, é uma definição que não desvia muito da original, proferida em 1958 por Jean Oury[21], num congresso do Institut Coopératif de l'École Moderne, onde lançou o termo, em analogia com o trabalho dele na Psicoterapia Institucional. Recentemente propôs uma definição actualizada:

"A Pedagogia Institucional é um conjunto não fechado de possíveis respostas a perguntas que, ainda que não foram

---

[20] Meignant, Alain (1999:199).

[21] Ver Oury, Fernand e Vasquez, Aida (1977).

formuladas, se colocam a seja quem for que pretende fazer obra da educação e da aprendizagem. Não se trata de um método... Caracteriza-se tanto pelas perguntas que faz, como pelas respostas que elabora.

Como pô-la em prática?

Se bastava explicar a pedagogia institucional, já se saberia como o fazer. A classe cooperativa não se entrega em "kit" e não existe sem mestre, sujeito conhecedor do seu ofício.

Não tapamos a cara, o que se designa por cidadania, democracia na escola, não são fins, mas uma condição prévia para aprendizagens escolares com êxito. Passa pelo Desejo, o desejo de cada um de estar na turma, de fazer parte da turma. Então as crianças aprendem, ou voltam a aprender. Não tão bem, mas melhor.

Por isso, precisa-se de mestres e portanto de uma verdadeira formação para conseguir a mestria, uma formação contínua, em grupo, com outros: uma transformação pessoal e profissional.

Mudar de profissão ou mudar a condução" [22]*.*

Convém reafirmar aos mais distraídos que a prática da pedagogia institucional tem a sua origem na sala de aula da escola pública, primária, suburbana, com crianças rotuladas de difíceis pelos Sábios da Educação.

---

22 Oury, Jean (1999).

Uma outra educação é possível

> *O sistema educativo transformou-nos em aprendizes de taquígrafos, em fitas magnéticas que gravam e reproduzem.*
> *Que bom é sentir perpassar este alento de liberdade mais ou menos plena em experiência, após muitos anos de silêncio, de opressão!*
> *Entre milhares de ideias, surgirão algumas excepcionais, provavelmente uma genial.*
>
> *Miguel Ángel Santos Guerra*

O legado da democratização da sociedade tem muitos herdeiros.
Os gestores do legado, às vezes inconscientemente, às vezes de má fé, defraudam os herdeiros, cada vez que os põem à margem do processo de aperfeiçoamento deste legado. Estão sem dúvida de má fé quando colocam o legado ao serviço do poder económico, numa visão mercantilista da liberdade, escamoteando a fraternidade e a igualdade.
Uma outra educação, que move, consciencializa e envolve as pessoas é possível, porque existe. Nunca é desejada por quem se quer eternizar no poder. A escolha é do educador.

Campo de reflexão

A escolha que proponho é uma de questionamento, de projeto de

intervenção na vida. Sem projeto, não há questionamento, sem questionamento não pode haver projeto.

> *"O questionamento acerca do projeto incomoda muitas vezes. Como é que você se vê de aqui cinco, dez anos...? «Não sei muito bem, veremos.» é a resposta mais frequente obtida quando se pede aos jovens, ainda inseridos no sistema escolar inicial, para falar do seu projeto de orientação escolar e/ou profissional. Para um público adulto, pelo contrário, a resposta aponta na maioria das vezes um campo profissional, o desenvolvimento de uma carreira, um ofício em particular"*[1].

Penso ter esclarecido para mim próprio que o meu ofício é o de formador, de adultos e de crianças. Aceito acoplar a palavra educador[2], com todas as reservas que a instituição escolar me invoca, tratando se de *"um lugar onde de forma constante e sistemática se colocam perguntas, com a particularidade de as respostas já serem previamente conhecidas*"[3].

A atitude reflexiva esclarece o questionamento. E reforça a

---

[1] Poulain, Martine (2002: 20).

[2] Tenho hoje algumas dúvidas relativo a maneira como a Marie Christine Josso descreve os agentes *formador* e *educador*. Vejo a ajuda que se dá as pessoas para se desenvolver, elevar-se, ir mais longe e construir o seu caminho de aprendizagem, mais como o trabalho do educador aprendente do que do formador. Para mim, o termo formador remete muito para a ideia de "dar forma", retirando ação ao discípulo. Pode ser um problema meu relativo ao modo como entendo a língua portuguesa... Mantive porém a lógica da Marie Christine Josso que na altura da escrita adoptei.

[3] Canário, Rui (1999: 103) cita Philippe Meirieu.

transferibilidade da ideia. Como formador, utilizando a palavra como Josso a define, obrigo-me a pôr os formandos a "*estarem na ação, pensarem sobre o resultado da sua ação, compreender o princípio geral e generalizar a sua ação. Para que a experiência seja educativa, tem que se ter uma atitude reflexiva sobre ela, isto é, analisar e formalizá-la*"[4]. Esta ideia, quando se tornou clara para quem forma, também ganha força para os outros.

Campo de trabalho

Os «outros» nos bairros onde trabalhamos, na escola pública por onde passamos, nos seus grupos de pertença, obrigam a fazer escolhas e opções. "*Professores primários populares, diariamente confrontado com a miséria, a escassez, a violência e a opressão, é nós difícil partilhar o optimismo rogeriano,"* diziam Fernand Oury e Aida Vasquez[5]*.*

A escolha metodológica está feita: estar com as pessoas, trabalhar o significado das coisas, formar para a percepção, inquietar para provocar questionamento. Nada disto é original. É o trabalho de mestre com os seus discípulos. Obriga à clarividência que permite separar a escola política reprodutora de Pierre Bourdieu da escola política consciencializadora de Paulo Freire.

---

[4] Liétard, Bernard (2002: 54).

[5] Oury, Fernand & Vasquez, Aida (1967: 223)

A afirmação de Fernand Oury[6] que no tempo de Taylor, estava fora de qualquer hipótese que o executante tivesse, enquanto vivo, alguma coisa a dizer, data de 1971 e parece ser para escola pública e a população que acolhe, a definição que quem decide na Comunidade Europeia, no início do século XXI, aí quer colocar. A contextualização feita pelo livro *Tableau Noir*[7] acerca da separação da escola pública e privada aponta neste sentido.

O campo de trabalho torna-se para mim evidente:

– O espaço é a instituição pública, a escola pública, os locais públicos na comunidade;
– O tempo é o tempo necessário para instituir com as pessoas o projeto que os move e que irão desenvolver;
– A ação requer a participação ativa de todas as pessoas implicadas no processo de aprendizagem.

Homo Habilis

O carácter isomórfico da prática aqui relatada, é visível na sua vertente de autoformação cooperada. Independentemente da idade, todos os indivíduos do coletivo são instituintes do projeto de trabalho, da organização logística deste projeto, da modelação do tempo e do espaço para o executar. O formador ocupa o papel visível de formando facilitador, ou seja é também aprendente.

---

6 Oury, Fernand & Vasquez, Aida (1977: I 27)

7 ... que De Sélys e Hirtt (1998) escreveram e que vale a pena ler.

Nesta proposta, e independentemente da idade, a aprendizagem faz-se a partir da experiência refletida.

Quando se pormenoriza o saber teórico, descontextualizado da experiência, a transposição didática torna-se inevitável, entrando em contracorrente com a pedagogia, institucional ou outra, levando então o rótulo de "alternativa". A este respeito Manuel Sarmento[8] lembra que *"todas as pedagogias são alternativas, e as que não o são (por exemplo o «ensino por objetivos») não são pedagogias, dado que não contêm uma concepção global da pessoa humana a formar, [...] são antes orientações tecnocratizantes [...] alternativas à pedagogia.*"

Não é com o retoque da maquilhagem, introduzindo o termo androgogia (Knowles) — arte de ensinar o homem, em contraponto com a pedagogia, arte de ensinar a criança ou o adolescente — que se fixa a ideia do trabalho *com* os outros.

Continua a ser um modelo de transferência, de educar para alimentar — eventualmente como consumidor mais informado — um modelo escolar "melhorado", como diz Rui Canário.

Nesta perspetiva, o contributo da androgogia para a pedagogia não passa dum reforço da educação que esvazia a formação (sempre recorrendo às definições de Josso). A sua concretização política comprova-o através da pratica escolarizada, desde o e-learning até à alfabetização por manual... escolar, passando pelo empacotamento das ofertas de formação às pessoas e às

[8] Sarmento, Manuel (2000: 114)

instituições.

É possível traçar outro caminho: educere, criar **conjuntamente** capacidade para se elevar fora de si, de tornar a experiência individual e coletiva fonte de reflexão. É possível fazê-lo em qualquer contexto em que pessoas se encontram, entre parceiros de trabalho com idades que diferem muito entre si, todos na dupla qualidade de formador e formando.

Para mim este lugar de encontro para a formação mútua é a escola, porque me é claro que quando falo de escola, falo de um lugar e um tempo de encontro e não dum modelo, muito menos dum modelo escolar.

A 'educogenia' (Furter), ou seja, o potencial educativo do território onde incide a ação instituída por todos, era talvez o elo que me faltava nos finais de 1999 e que os pequenos e grandes da Outurela e Portela me ofereceram.

Penso que é este elo que facilita a passagem de Cro-Magnon para Homo Habilis (Oury) como provocador colectivo da aprendizagem, tornando possível uma outra educação.

Léxico

A explicação para termos aqui referidos só serve para as contextualizar. Não são definições, nem conceptualizações.

Atelier de língua / atelier de matemática / atelier de música / atelier de desenho e pintura: Tratou-se de uma categorização das atividades incluídas no tempo de estudo autónomo e de trabalho de plano. Permitiu também em determinados momentos do percurso da turma, facilitar a organização do trabalho, restringindo o leque de atividades em determinado momento do dia, para facilitar a interação ou para incentivar o treino de determinados saberes. Um momento de atelier de matemática, por exemplo, inclui as opções de trabalho de ficheiro com fichas de matemática, de investigação matemática, de experiências, de puzzles matemáticos (LOCO), de trabalho no computador com a tartaruga Logo, de xadrez, de damas e de propostas com o geoplano e o tangram.

Caixa de sílabas: Um instrumento de trabalho que permite treinar a leitura e a escrita. A partir de palavras que as crianças conhecem e analisam, organizamos uma caixa com sílabas e letras resultantes desta análise. Algumas propostas de trabalho, permitam depois reconstruir palavras que começam ou acabam todas com a mesma letra ou sílaba.

Computador: Na altura era difícil convencer colegas e superiores que no primeiro ciclo o lugar do computador como instrumento

de trabalho é na sala de aula. Na escola só éramos três a dispor de um computador na sala, embora sem ligação à Rede. Dois anos mais tarde, toda a escola estava equipada e ligada e interligada, com um ponto de acesso à Rede por sala[1]. Continuo a considerar que o computador numa turma em monodocência só tem sentido quando disponível dentro da sala de aula. As «salas de informática» no primeiro ciclo não passam, muitas vezes, de montras para a divulgação de software dito educativo nem sempre interessante.

Conselho: Fernand Oury costumava dizer que se trata do olho, ouvido, cérebro e rim do grupo. O Conselho garante a democracia participativa e direta de todos os elementos do grupo. Na turma aqui relatada inclui vários momentos de trabalho: a planificação semanal e diária, a avaliação do plano individual de trabalho e do trabalho coletivo, a reunião de leitura do Diário são os momentos instituídos. A qualquer altura, por necessidade do grupo, uma discussão coletiva pode tornar-se momento de Conselho.

Contar, ler e mostrar / novidades: Momento instituído no início de cada dia de trabalho, onde conforme uma rotina estabelecida e que pode variar ao longo do ano, todos têm a possibilidade de Contar, ler e mostrar tudo que consideram útil, necessário ou

---

[1] No nosso caso foi de pouca dura. A mudança de diretor fez também desaparecer a Rede e retomamos o hábito de ter clandestinamente velhos computadores na sala para escrever textos para o jornal. As romarias obrigatórias ao templo chamado sala de informática, serviu à turma que seguiu para manter o Sítio da turma...

divertido partilhar com o grupo.

Cuisenaire / Cuisenaire-Pitágoras: Muito do trabalho de sistematização na numeração, incluindo a visualização de números quadrados e não-quadrados, passou pela exploração do material Cuisenaire. Na nossa turma, Cuisenaire foi desde cedo associado a Pitágoras (tabuada). É por isso que a dupla é algumas vezes referido. É também por isso que se fez um trabalho de projeto sobre a vida de Pitágoras: havia dúvidas se tinha sido amigo do Cuisenaire como também havia dúvidas se o Pascal tinha conhecido Pitágoras pessoalmente.

Existe muita literatura sobre este material, desenvolvido por Georges Cuisenaire e divulgado por Gattegno. Uma rápida pesquisa dá pistas.

Diário: O diário consiste numa folha de papel com três colunas «gostamos», «não gostamos» e «propomos», sempre exposto na turma, na parede onde afixamos os instrumentos de pilotagem coletiva. Parte da reunião do Conselho na sexta-feira é reservada à leitura do diário.

Eleição de textos (livres): Sempre que existem momentos de trabalho autónomo, as crianças podem optar para a escrita de textos, recontos, histórias, relatos, a partir do «Contar, ler e mostrar», de propostas de ficheiro ou simplesmente a partir da sua inspiração. Em momentos combinados, cada um apresenta os textos que quer partilhar com os outros. Ao longo do ano foram instituídas e alteradas as rotinas de escolha, referidas como

eleição de textos, encaminhando para o **trabalho de texto.**

Equipa (do dia): Organizamos a turma em grupos de 3 elementos, em que o próprio professor também participa. Cada grupo é uma equipa, que rotativamente tem ao seu cargo a organização do dia de trabalho: elaborar o plano do dia em função do plano semanal, dar a palavra em todos os momentos coletivos, vigiar pela correta utilização dos materiais quando o respetivo responsável não está, distribuir e recolher o material diário e os cadernos e dossiês nos locais de trabalho de cada um. No dia de reunião de Conselho, é a equipa do dia que preside e secretaria.

Estudo autónomo: O estudo autónomo foi integrado dentro do trabalho organizado pelo plano individual de trabalho, que regula também o trabalho a pares e o trabalho em pequeno grupo ou de projeto, fora dos tempos especificamente previstos para o efeito. As crianças têm os **ficheiros**, os instrumentos de pesquisa, o computador, a biblioteca da turma e a biblioteca da escola a sua disposição para este estudo autónomo. Podem, claro, sempre recorrer ao professor.

Fichas / ficheiro: Existem na sala mais de mil propostas de trabalho ou de treino, relacionadas com aspetos do programa correspondente ao plano curricular oficial nacional para o grupo etário envolvido. São propostas de escrita, de investigação matemática, de exploração experimental e exercícios de treino de ortografia, gramática, interpretação de textos e operações aritméticas básicas. Todas as fichas de treino são autocorretivas

e dispõem de um código de cor indicando o grau de dificuldade explicitado com as crianças e em função do programa do ensino básico.

Gostámos / não gostámos: Cabeçalhos de duas das três colunas existentes no diário de turma, em que inscrevemos o que queremos discutir durante a reunião semanal do Conselho.

Grelha "Já sou capaz de": Levantamento do programa do ano lectivo, adaptado ao vocabulário das crianças. A grelha permite a cada um seguir passo ao passo a sua aprendizagem escolar.

Grelha (plano) semanal, diária: O plano semanal é elaborado no início de cada semana, em função do plano curricular da turma, que foi discutido no início do ano letivo, e do fluxo de projetos e momentos fixos de trabalho. É desmultiplicado diariamente para a grelha diária ou plano do dia. As avaliações diárias servem para controlar e reajustar o fluxo do trabalho coletivo e individual.

Jogos: Nos ateliers de língua e de matemática pode-se escolher um jogo de scrabble, boogle, xadrez, damas, tangram, dominó de vários tipos. Existem também alguns jogos de treino de cálculo, loto da tabuada e de cálculo mental.

Jornal da Turma: Editamos mensalmente um jornal A5 de 12 páginas, exclusivamente com textos livres (ver **trabalho de texto**), relatos de acontecimentos em que a turma está envolvida e produtos de atelier de escrita. O orçamento do jornal é elaborado e controlado em conjunto.

Plano / trabalho de plano / plano individual de trabalho: O

tempo de trabalho não coletivo é gerido e organizado a partir de um plano individual de trabalho, em que cada um propõe o trabalho que irá fazer ao longo da semana, em grupo, aos pares ou sozinho. Implica combinar momentos com os outros. O trabalho de cada um é avaliado em conjunto, cada semana, onde todos podem fazer sugestões e oferecer-se a outros para apoio, quando solicitado ou considerado necessário.

Prédio dos Números: Uma proposta de 'arrumação' dos primeiros cem números (0 a 99) que permite uma fácil visualização da estrutura da base decimal. Um bom auxílio para o cálculo mental, muito barato: basta lápis e papel.

Projeto / momento (tempo) de projeto: trabalho — normalmente em pequeno grupo — acerca dum assunto que interessou a turma toda ou o grupo que o desenvolve, depois de ter negociado o conteúdo com a turma. Os projetos podem ter um carácter meramente informativo ou podem ser de ação ou de intervenção. Podem estar relacionados uns com os outros ou não. São apresentados e discutidos em conjunto, em tempos previamente combinados em Conselho na planificação semanal ou do período, quando se trate de projetos maiores. Os projetos servem também de âncora para as aprendizagens escolares definidas pelo programa em vigor.

Quinta de Sales: O parque perto da escola, espaço verde a explorar, já que o espaço de recreio tem poucas árvores e nada de relva. A partir do segundo período, pedimos aos pais uma

autorização permanente, para podermos 'dar um salto' à quinta, cada vez que a organização do trabalho o permitia e que para isso sentíamos necessidade.

Responsabilidade / Tarefa: A gestão da turma, do espaço e do tempo é feito em conjunto, por responsáveis. Aqui há mais responsabilidades do que elementos do grupo, porque a turma é pequena. As responsabilidades são definidas, atribuídas e trocadas em Conselho. Algumas responsabilidades implicam a organização de um sistema rotativo para cumprir as tarefas inerentes. É o responsável que organiza as tarefas e indica quem as executa, em função de uma escola rotativa.

Responsável do dia: Cada um dos membros da equipa do dia.

Tartaruga Logo: O programa para criar micro-mundos virtuais, desenvolvido por Seymour Papert e inscrita no programa de matemática do primeiro ciclo de 1989. A versão que utilizámos (pouco) era o MegaLogo® distribuída por uma empresa portuguesa.

Trabalho de texto: As crianças têm espaço, no atelier de língua e nos tempos de trabalho de plano, para escreverem textos sobre o que quiserem. Depois da **eleição de textos**, todos os textos para publicação recebem um tratamento de edição: são corrigidos, controlados na ortografia e na gramática, melhorados e enriquecidos, sempre com a participação e o acordo do autor. Este trabalho pode ser feito a pares (com o professor), em pequeno grupo ou em tempo coletivo definido como tempo de

trabalho de texto.

Visitantes: Adoptamos entre nós esta palavra para referir aos alunos que ficavam na nossa turma quando o seu professor faltava. No ano descrito aqui, este 'serviço foi muito solicitado... No total de 173 dias lectivos, tivemos visitas em 102 dias. Nós recorremos 1 dia ao serviço de distribuição. Devido a faltas dos alunos da própria turma, no ano escolar todo, só houve 20 dias em que a turma toda esteve presente, sem visitantes.

Referências bibliográficas

BARBIER, Jean Marie (1991). *Élaboration de projets d'action et planification.* Paris : PUF.

BARUK, Stella (1996). *Insucesso e Matemática*. Lisboa: Relógio d'água.

BOURDIEU, Pierre e PASSERON Jean-Claude (1970). *A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino.* Lisboa: Ed. Vega.

BRUN, Jean (2000). *Didática das matemáticas*. Lisboa: Piaget.

CANÁRIO, Rui (2000). *Educação de Adultos. Um campo e uma problemática* Lisboa: Educa.

CARVALHO, Catarina (2000). "Os maus da cidade". *Expresso 19 de Agosto.*

CAVACO, Cármen (2002). *Aprender fora da escola. Percursos de formação experiencial.* Lisboa: Educa.

CHARPAK, Georges (1998). *Enfants, chercheurs et citoyens.* Paris: Éd. Odile Jacob.

CHARPAK, Georges e BROCH, Henri (2002) *Feiticeiros e cientistas*. Lisboa: Gradiva.

CORREIA, J. A. (1997) "Formação e Trabalho: Contributos para uma transformação dos modos de os pensar na sua articulação." In R. Canário (org) *Formação e Situações de Trabalho.* Porto: Porto Editora (pp. 15-41).

COSME, Ariane & TRINDADE, Rui (2001) "O que se aprende nas nossas escolas?", *A página da Educação, ano 10, n.º 106.* p. 20.

DEKEYSER, Cyril (1982). "Methodescholen en hun betekenis – 3. Freinetscholen en institutionele pedagogie". In *Impuls, 12de jg. Nr.4.* Pp. 133-148. Leuven: Acco.

DE SÉLYS, Gérard et HIRTT, Nico (1998). *Tableau noir. Résister à la privatisation de l'enseignement.* Bruxelas : Édition EPO.

DUMONT, René (1997). *Miséria e desemprego. Liberalização ou democracia.* Lisboa: Piaget.

ESCUDERO, J.M. & BOTIA, Bolivar (1994) "Inovação e formação centrada na escola. Uma perspectiva da realidade espanhola". In Amiguinho & Canário (org.) *Escolas e mudança: o papel dos centros de formação*. Lisboa: Educa.

FREIRE, Paulo (1987). *Pedagogia do oprimido, 31ª edição*, São Paulo: Paz e Terra.

FREIRE, Paulo (2000). "Desafios da educação de adultos ante a nova reestruturação tecnológica." In *Pedagogia da Indignação. Cartas pedagógicas e outros escritos.* São Paulo: Editora Unesp. (pp. 87-101)

FREIRE, Paulo (2002). *Cartas a Cristina* 2ª edição. São Paulo: Editora Unesp.

GLAESER, Georges (1999). *Une introduction à la didactique expérimentale des mathématiques.* Grenoble : La pensée sauvage.

GUERRA, Miguel Ángel Santos (2002). *Uma pedagogia da libertação*. Porto: Ed. Asa

GUZMÁN, Miguel de (1990). *Aventuras matemáticas*. Lisboa: Gradiva.

GRUPO DE LISBOA (1994) *Limites à competição.* Mem Martins:

Publicações Europa-América.

HOUSSAYE, Jean (dir.) (1996). *Pédagogues contemporains*. Paris: Armand Colin.

ILLICH, Ivan (1971). *Ontscholing van de maatschappij (Deschooling society)* Baarn: Het Wereldvenster.

JACQUARD, Albert (1991a). *Que é ser inteligente?* Mem Martins: Terramar.

JACQUARD, Albert (1991b). *Voici le temps du monde fini*. Paris: Éd. Du Seuil.

Josso, Marie-Christine (1988). "Da formação do sujeito ao sujeito da formação" In: A. Nóvoa, M. Finger (org.) *O método (auto)biográfico e a formação.* Lisboa: Min. Saúde (pp. 37-50).

JOSSO, Marie-Christine (2002). *Experiências de vida e formação*. Lisboa: Educa.

LIÉTARD, Bernard (2002). "Modèles et orientations: les pistes qui nous conduisent" In Dauberville (dir.) *Vivre ses projets.* Issy : ESF Éditeur.

MAGNUS, Kristiaan (1983), *Basisschool in Beweging.* Leuven: Uitg. Infodok.

MEIGNANT, Alain (1999). *A gestão da formação.* Lisboa: Dom Quixote.

MONTENEGRO, Mirna (2003). *Aprendendo com ciganos. Processos de ecoformação.* Lisboa: Educa.

NARCISO, Miguel e PAULUS, Pascal (2005) *Histórias de matemática. Uma abordagem da didáctica experimental*. E-book em pdf.

NIZA, Sérgio (1997). *Formação cooperada*. Lisboa: Educa.

NIZA, Sérgio (1998). "A organização social do trabalho de aprendizagem no 1º ciclo do ensino básico". *Inovação vol 11, nº 1*.

NÓVOA, António (1988). "A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida no projeto Prosalus." In: A. Nóvoa, M. Finger (org.) *O método (auto)biográfico e a formação.* Lisboa: Min. Saúde (pp. 107-130).

NUNES, Fernando & PAULUS, Pascal (1992). "O Lego - logo e a construção de conceitos matemáticos", In *Actas da Semana Logo.* Bragança.

OLIVERIO, Alberto (1986) *Como nasce um conformista*. Lisboa: Moraes Editores.

OURY, Jean (1999). "Préface" *in* René Lafitte : *Memento de Pédagogie Institutionnelle*. Paris : Matrice.

OURY, Fernand e VASQUEZ, Aida (1967). *Vers une pédagogie institutionnelle.* Paris : Maspéro.

OURY, Fernand e VASQUEZ, Aida (1977). *Da classe cooperativa à pedagogia institucional*. Lisboa: Editorial Estampa.

PAIN, Abraham (1990). *Éducation informelle. Les effets formateurs dans le quotidien.* Paris: Éditions L'Harmattan.

PAULOS, John Allen (1991). *O circo da matemática.* Mem Martins: Publicações Europa América.

PAULUS, Pascal (1987). "Marcs Verhaal"; *Pim, pedagogisch informatieblad Instituut Voortdurende Vorming Middenstand nr. 3* (pp. 3-9). Brussel: IVVM.

PAULUS, Pascal (2000). "A Análise de um problema do dia a dia

como primeiro passo para a conceptualização e construção da linguagem"; *Escola Moderna 5ª Série n.º 8* (pp. 14-20).

PAULUS, Pascal (2001) "Os pais na escola"; *Escola Moderna 5ª Série n.º 12* (pp. 39-45).

PAULUS, Pascal (2002). "Os políticos: como contam e o que nos contam"; *Escola Moderna 5ª Série n.º 16* (pp. 24-43).

PAULUS, Pascal (2004). "Uma questão de opção... curricular". *Escola Moderna 5ª Série n.º 20* (pp. 23-42).

PAULUS, Pascal & SILVA, Romualdo (2004). *O voo da borboleta. Educação e desenvolvimento local.* Lisboa: UL-FPCE.

PENNAC, Daniel (1996). *O olho do Lobo.* Mem Martins: Terramar.

PERRENOUD, Philippe (2002). *Aprender a negociar a mudança em educação. Novas estratégias de inovação.* Porto: Edições Asa.

PESSIS-PASTERNAK, Guitta (1993). *Será preciso queimar Descartes?* Lisboa: Relógio d'Água.

POCHET, Catherine e OURY, Fernand (1979). *Qui c'est l'conseil?* Paris : Maspéro (reeditado Matrice 1997).

POCHET, Catherine e OURY, Fernand (1992). *«L'année dernière j'étais mort...» signé Miloud.* Paris : Matrice.

POULAIN, Martine (2002). "Le cheminement du projet d'orientation professionelle" In Dauberville (dir.) *Vivre ses projets.* Issy : ESF Éditeur.

SAGAN, Carl (1997). *O mundo infestado de demónios*. Lisboa: Gradiva.

SANTOS, Irene (2004) *Quem habita os alunos? A socialização de crianças de origem africana.* Lisboa: Educa.

SANTOS, Irene & PAULUS, Pascal (2003) "Entre Outurela e Portela", *Educação, Sociedade e Culturas n.º 889.* Porto: Afrontamento.

SANTOS, José Hipólito dos (2003) *O desenvolvimento e a mulher. Um outro mundo é possível* Lisboa: SEIES.

SARMENTO, M. J. (2000). *Lógicas de acção nas escolas.* Lisboa: IIE.

SEPÚLVEDA, Luís (1997). *História de uma gaivota e do gato que a ensinou a voar*. Porto: Asa.

SCHWARTZ, Bertrand (1994). *Moderniser sans exclure*. Paris : Éditions La Découverte.

TADEU DA SILVA, Tomaz (2000). "Depois das teorias críticas do currículo". In António NÓVOA & Jürgen SCHRIEWER (org.): *A difusão mundial da escola*. Lisboa: Educa.

VERGNAUD, Gérard (1994). *L'enfant, la mathématique et la réalité.* Berne: Peter Lang S. A.

Índice

Nota de abertura nesta revisão 5
Prefácio 9
O que encontrará... ou talvez não 16
Undi N ta bai.....19
O adulto, formador em formação.....19
A agitação inicial e atual.....23
À procura de um modelo isomórfico de trabalho educativo28
Undi N ta bai? N ta deslokadu.....31
Reflexões de um educador permanentemente deslocado. .31
Confesso que vivo... 32
Acerca deste percurso até 1999.....92
Grandi i Pikinote.....99
Cativado entre Outurela e Portela 99
Mais reflexões de um educador – formador 354
Entre escola, crianças e professores – parte 3 374
Modi ke djudam.....393
Apontamentos de algumas conversas.....394
Influências de uma prática influenciada 406
Uma outra educação é possível.....421
Léxico 427
Referências bibliográficas.....435
Índice.....441

"Uma das coisas que aprecio na sua "démarche" é que fala do que fez, enquanto que há muitos teóricos a ocuparem-se de educação"

Manuel Paiva por e-mail ao autor.

Pascal Paulus nasceu em Oostende (Bélgica) e formou-se como professor de ensino primário em 1977. Trabalhou, na sua terra natal, com crianças e adultos até 1986, quando se estabeleceu em Portugal. Desde então tem alternado a sua intervenção na escola do 1º ciclo com a formação de professores e a participação em projetos de desenvolvimento local.
Pertencia em 2005, ao quadro de escola da Escola Básica Amélia Vieira Luís, na Outurela. Reformou-se em 2024.

O autor faz uma retrospectiva sobre a própria formação, fruto da interacção com outras pessoas em que os papéis de formador e formando se cruzam continuamente e onde a pedagogia institucional e a pedagogia do oprimido deixaram marcas.
Encaminha para a história pormenorizada do seu primeiro ano de trabalho numa escola de bairro, no ensino público português. Relata, sob forma de diário, as angústias, as crises e os sucessos que sente como professor de um grupo de crianças com 7 e 8 anos de idade.
Crítico da escola castradora, defende uma intervenção educativa em que a construção de sentido permita às crianças aprender mais e melhor.